



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Comunicação Social

Carolina Alves Fontenelle

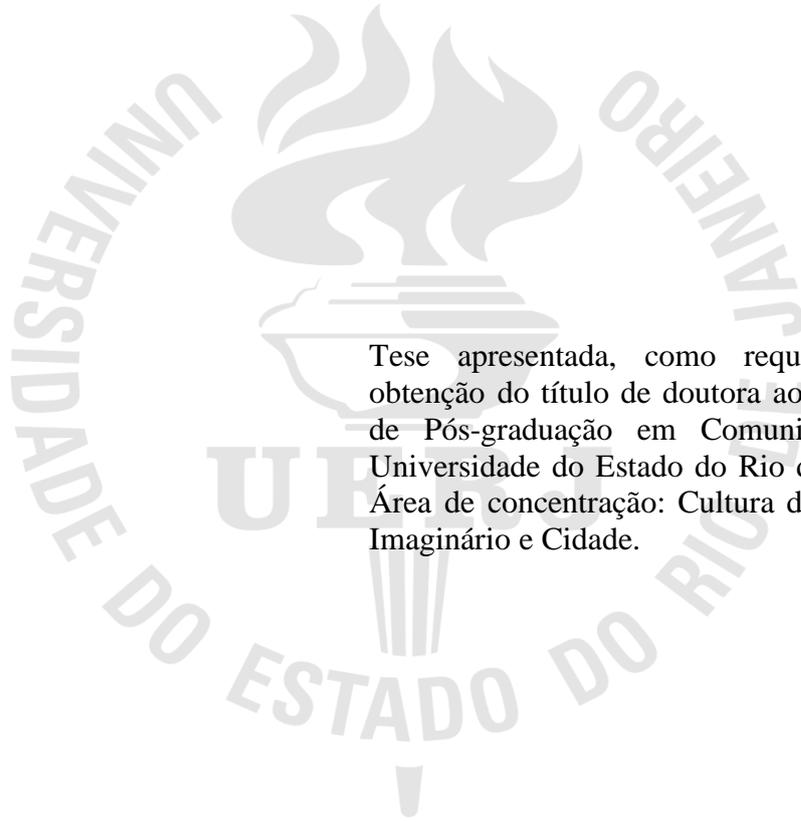
**Inclusão em campo: como tornar a transmissão de futebol acessível
para pessoas cegas e com baixa visão**

Rio de Janeiro

2024

Carolina Alves Fontenelle

**Inclusão em campo: como tornar a transmissão de futebol acessível para
pessoas cegas e com baixa visão**



Tese apresentada, como requisito para obtenção do título de doutora ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Cultura das Mídias, Imaginário e Cidade.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo George Helal

Coorientador: Prof. Dr. Jefferson Fernandes Alves

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

F683

Fontenelle, Carolina Alves

Inclusão em campo: como tornar a transmissão de futebol acessível para pessoas cegas e com baixa visão / Carolina Alves Fontenelle. – 2024.
217 f.

Orientador: Ronaldo George Helal
Coorientador: Jefferson Fernandes Alves

Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Comunicação Social.

1. Comunicação - Teses. 2. Acessibilidade comunicacional - Teses. 3. Pessoas com deficiência visual - Teses. 4. Baixa visão - Teses. 5. Futebol – Teses. I. Helal, Ronaldo George. II. Alves, Jefferson Fernandes. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social. IV. Título.

ml

CDU 316.77

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Carolina Alves Fontenelle

**Inclusão em campo: como tornar a transmissão de futebol acessível para
pessoas cegas e com baixa visão**

Tese apresentada como requisito para
obtenção do título de Doutora, ao Programa
de Pós-graduação em Comunicação, da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Área de concentração: Cultura das Mídias,
Imaginário e Cidade.

Aprovada em: 06 de setembro de 2024.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Ronaldo George Helal (Orientador)

Faculdade de Comunicação Social – UERJ

Prof. Dr. Jefferson Fernandes Alves (Coorientador)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof.^a Dra. Leticia Cantarela Matheus

Faculdade de Comunicação Social – UERJ

Prof. Dr. Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro

Faculdade de Comunicação Social – UERJ

Prof.^a Dra. Livia Maria Villela de Mello Motta

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Rio de Janeiro

2024

DEDICATÓRIA

À minha eterna, linda e deslumbrante vó Diva, que está presente em mim em todos os momentos de minha luta constante por dias melhores para todos, todas e todes.

AGRADECIMENTOS

O percurso até o término de uma tese costuma ser pesado e bem difícil. Somado a isto, tivemos uma pandemia, na qual peguei Covid duas vezes. Além disso, a caminhada contou com muitas e muitas crises de enxaqueca, uma cirurgia de síndrome do túnel do carpo (devido ao excesso de digitação), dengue, zica (2x) e chikungunya. Aliado a todas estas variáveis que não podemos controlar, a certeza de que eu não era a Mulher Maravilha, capaz de passar por qualquer problema, sem muito me atingir. Sim, falhei miseravelmente na ideia de entregar este trabalho em três anos. Desistir nunca foi uma possibilidade, mas foram infundáveis as vezes que me senti de frente ao computador e a lágrima escorreu de tanta dor nas mãos. Mas estamos aqui, fortes (meio cambaleando é verdade – risos), porém, vencemos. Vencemos, porque este trabalho foi digitado a diversas mãos. Obrigada à Karla, Carol, Otávio e Jonathan. Obrigada à Gisele, Otávio (novamente e sempre), Leone e minha irmã Thais, por terem cuidado de mim, das minhas plantas e da minha casa quando mais precisei. Obrigada à Tati, que também cuida da minha casa com tanto carinho. Obrigada, novamente ao Jonathan, por me ajudar a ter fé nas pessoas e contribuir para que a caminhada fique mais leve.

Obrigada ao meu saudoso pai Marco, que me ensinou a amar o Flamengo acima de qualquer racionalidade. Obrigada ao Flamengo, pelos últimos títulos da Libertadores, do Brasileiro e por investir tanto nos esportes Olímpicos, ajudando a todos nós a termos ídolos e a quem nos inspirar. Ao meu tio e padrinho José Antônio, o sujeito mais gente boa que eu conheço: bom pai, bom marido, bom padrinho e bom torcedor – faz as análises com a racionalidade e o ódio que precisamos (ambos na medida certa). À minha tia Sonia, flamenguista que passa mal ao ver jogos importantes, comentarista de jogos pelo Whatsapp, que faz os melhores bolos de café da tarde e é a companheira perfeita para risadas e cervejas. Aos meus primos Rafael e Ligia, pela caminhada juntos, em meio a muito Flamengo e muita cerveja. À minha mãe Maria Dinalva, que contribuiu pelo meu gosto pela literatura, amor aos esportes, bem como quase que devoção a tentativa de escrever bem.

Aos meus amigos de caminhada acadêmica e vida: Conceição, Sheila, Evandro, Rodrigo, Vanessa, Adriana, Denaína, Josué, Karla, Roberta, Aninha, Verônica, Marcio Felipe, João, Thiago, Flávia, Patrícia, Leonardo, Cesar, Marcelo, Vitor. À minha

professora de francês Bia. À minha professora de faculdade e musa inspiradora Patrícia Saldanha.

Ao Denilson, funcionário da xerox da Uerj, pelo sorriso sempre pronto a nos atender e ajudar - o que falar de você, Denilson, entregando cópias de textos, ainda usando máscaras, em domicílio? Como você foi e sempre será importante em minha caminhada.

Às servidoras do PPGCOM Amanda, Eliane, Helena e a todos os professores do PPGCOM que contribuíram para a execução deste trabalho, em especial: Denise Siqueira, Letícia Matheus, Ricardo Freitas, Sonia Virginia, Cintia Sanmartin, Leonardo de Marchi (agora na UFRJ) e Raquel Paiva. Aos companheiros de caminhada no LEME – Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte: Abner, Alice, Anabella, Camila, Clara, Fausto, Filipe, Gustavo e Júlio. As resenhas e o trabalho foram maravilhosos ao lado de vocês. Aos meus queridos do Reneme - Rede Nordestina de Estudos em Mídia e Esporte, meu muito obrigada, em especial Anderson, Bruno e Raniery. À Larissa, por acreditar em mim. Aos também companheiros, do CE Bernardino Melo, em especial: Guilherme, Luiz, Zeca, Kátia, Cecília, Andreia, Ester e Jeferson.

Aos meus colegas de trabalho no Centro Universitário Celso Lisboa. Em especial à reitora Vanessa Lacerda, à coordenadora acadêmica Débora Rueda, por acreditarem em mim frente à Escola de Comunicação – o desafio foi um presente durante este processo de doutorado. À coordenadora de Letras Saraa Mol, pelo olhar à inclusão, lutando para que a educação seja um direito de todos e todas. À Paula, Emiliano, Kelly e Luiz, obrigada pela troca sempre enriquecedora.

Aos entrevistados que contribuíram e muito para este trabalho. Obrigada por terem me ensinado tanto, por estarem dispostos a compartilhar e acreditarem em mim. À Marcia Caspary, obrigada pelos ensinamentos referentes à audiodescrição, bem como por ter realizado, voluntariamente, as gravações. Ao amigo e professor Filipe Mostaro, obrigada pelo olhar atento, criterioso e humano. Ao meu coorientador Jefferson Alves, essencial para a realização deste trabalho. Muito obrigada pela paciência, pelas dicas valiosas sobre audiodescrição - este universo tão novo para nós, da comunicação. À professora e audiodescritora Livia Motta, obrigada por, além de contribuir para este trabalho, formar tantas pessoas como audiodescritores. Ao meu orientador Ronaldo Helal. Ronaldo, sinto que o dever está cumprido. Foram mais de 15 anos na luta por ser orientada por você no mestrado. E olha eu aqui, orientada por você no doutorado e fechando este ciclo. Obrigada por ter topado o desafio de estudar sobre audiodescrição e por todo o apoio durante todo este processo. Foi um prazer e a realização de um dos maiores sonhos da minha vida.

RESUMO

FONTENELLE, Carol. *Inclusão em campo: como tornar a transmissão de futebol acessível para pessoas cegas e com baixa visão*. 2024. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

A acessibilidade comunicacional é um direito de todas as pessoas. Está garantida na lei, mas o que vemos são pessoas com deficiência tendo seu direito desrespeitado. Este trabalho tem o foco no direito à comunicação para pessoas cegas e com baixa visão, na transmissão audiovisual de jogos de futebol. Como sabemos, este é o esporte de maior apelo midiático do Brasil e este público não é contemplado nas transmissões, já que a narração audiovisual tem o suporte da imagem e, por conta disso, não é tão descritiva em comparação ao rádio. Além disso, o recurso de audiodescrição (AD) foi pouco utilizado em transmissões no país, ou seja, são poucos os profissionais com essa experiência e poucos os consumidores deste recurso em jogos. Por meio de entrevistas com pessoas com deficiência visual das cinco regiões do país e, posteriormente, entrevistas em profundidade, propomos uma narração mais inclusiva, bem como a disponibilização do recurso de audiodescrição durante as transmissões. Para isso, é necessário debatermos como as ADs e as narrações devem ser feitas, buscando a inclusão e a garantia ao direito à comunicação. Esta ação pode abrir espaço para que o recurso de AD seja utilizado mais comumente em transmissões ao vivo, inclusive como programas de auditório, telejornais e também na transmissão de outros produtos esportivos.

Palavras-chave: Futebol. Acessibilidade comunicacional. Baixa visão. Cegueira. Audiodescrição. Narração.

ABSTRACT

FONTENELLE, Carol. *Inclusion in football field: how to make football broadcasting accessible for people who are blind or have low vision*. 2024. Tese (Doutorado em Comunicação – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024).

Communicational accessibility is a right of all people. It is guaranteed in the law, but what we have are people with disabilities having their right not respected. This work focuses on the right to communication for blind and low vision people, in the audiovisual transmission of football games. As we know, this is the sport of greatest media appeal in Brazil and this public is not contemplated in the broadcasts, because the audiovisual narration has the support of image and, because of that, it is not so descriptive compared to radio. In addition, the audio description (AD) resource was little used in broadcasts in the country, that is, there are few professionals with this experience and few consumers of this resource in matches. Through interviews with blind and low vision people from the five regions of the country and, subsequently, in-depth interviews, we propose a more inclusive narration, as well as the availability of audio description during broadcasts. For this, it is necessary to discuss how the audiodescriptions and narratives should be made, seeking inclusion and guarantee the right to communication. This action may make space for the audiodescription to be used more commonly in live broadcasts, including as auditorium programs, news reports and also in the transmission of other sports products.

Keywords: Football. Communicational accessibility. Low vision. Blindness. Audio description. Narration.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Símbolo da audiodescrição usado pela Netflix	155
Figura 2- Foto de Messi em atuação pelo Inter Miami	161
Figura 3- Foto oficial dos jogadores da Seleção Brasileira	178
Figura 4- Foto do goleiro Alisson em defesa	178
Figura 5 – Foto do goleiro Alisson	179
Figura 6- Foto de Richarlison	181

TABELAS

Tabela 1	144
----------------	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
INTRODUÇÃO METODOLÓGICA	25
1 FORMAÇÃO DE IMAGENS, SOCIABILIDADE E SUBJETIVIDADES	35
1.1 Subjetividades e vivências: as personagens deste trabalho	37
1.2 Formação das imagens: uma pessoa com deficiência visual total pode ver?.....	43
1.3 A importância da família e dos amigos na socialização e no futebol.....	51
2 DEFICIÊNCIA VISUAL E AUDIODESCRÇÃO: CAMINHOS PARA A ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL	58
2.1 Audiodescrição: possibilidade comunicacional para pessoas com deficiência visual	64
2.2 Acesso à informação: audiodescrição na TV vira lei.....	67
2.3 As etapas e os profissionais da audiodescrição	71
2.4 Critérios de neutralidade e não neutralidade textual	76
3 O RÁDIO E SUA IMPORTÂNCIA PARA O FUTEBOL E PARA O PÚBLICO ENTREVISTADO	83
3.1 A história do rádio intimamente ligada à popularidade do futebol	86
3.2 O sentir e a importância do rádio para os entrevistados	93
3.3 Comentaristas de futebol com deficiência visual: um mercado em crescimento?	100
3.4 Elementos discursivos de uma partida de futebol transmitida pelo rádio	110
4 A TV COMO GRANDE ALIADA DO FUTEBOL NO BRASIL: DIREITOS DE TRANSMISSÃO E DIREITOS À INFORMAÇÃO	119
4.1 A história da TV e do streaming e suas ligações com as transmissões esportivas.....	119
4.2 Elementos discursivos de uma partida de futebol transmitida pela TV	133
4.3 Comparativo dos elementos discursivos da transmissão de TV e rádio.....	139
4.4 Proposta de narração audiovisual inclusiva e análise dos entrevistados.....	144

5 A AUDIODESCRIÇÃO EM JOGOS DE FUTEBOL: ESTUDO DE CASO E PROPOSTAS NARRATIVAS	155
5.1 Como fazer audiodescrição de futebol.....	157
5.2 A audiodescrição como ferramenta para jogos de futebol: casos utilizados no Brasil e no mundo.....	164
5.3 Realização de audiodescrição no jogo Brasil X Coreia, de acordo com os entrevistados.....	168
5.4 Proposta de narração e audiodescrição para os entrevistados.....	177
CONCLUSÃO	193
BIBLIOGRAFIA	198
APÊNDICE A – Questionário da pesquisa	213
APÊNDICE B – Roteiro para entrevista em profundidade	217

INTRODUÇÃO

No clássico *Ensaio sobre a cegueira* (1995), José Saramago nos leva a refletir como os indivíduos de uma sociedade podem se readaptar a nova realidade: eles não enxergam. Agora, trazendo para o cotidiano da vida real: estaríamos prontos, nesse momento, como sociedade brasileira, se a maioria das pessoas ficasse sem enxergar? Nossa sociedade proporciona acessibilidade comunicacional para as pessoas cegas? Podemos dizer que as pessoas nessa condição, historicamente e culturalmente, vivem, de certa forma, ainda na invisibilidade. Garantir que pessoas com deficiência tenham de fato acessibilidade, eliminando barreiras arquitetônicas, mobiliárias, tecnológicas, linguísticas etc. depende de políticas públicas, mas também de todos que são constituintes da sociedade.

É necessário vermos as pessoas com deficiência como pessoas que têm direitos iguais de acesso à informação, à cultura, ao esporte, à comunicação etc. Para isso é urgente que o acesso delas de forma física e intelectual, por meio do acesso à comunicação, seja garantido. Percebi o quanto a comunicação não dá espaço para pessoas com deficiência e assim, resolvi fazer esse trabalho com o objetivo de compreender quais são os maiores entraves que possam dificultar o entendimento das pessoas cegas e com baixa visão ao assistirem um jogo de futebol e entender como a audiodescrição, a narração com elementos descritivos, bem como a tecnologia podem contribuir para que exista um público amplo de cegos que assistam aos jogos de futebol transmitidos ao vivo pela TV/streaming. Além disso, este trabalho pode também abrir caminho para que produtos de outras categorias como telejornais, programas de auditório, de entrevistas etc. também tenham acessibilidade comunicacional para pessoas cegas e com baixa visão.

Minha história com a deficiência visual começou, com aproximadamente 7 anos de idade, quando conheci um menino que deveria ter uns cinco anos na época, na rua da minha avó Diva. Seu nome era Rodrigo e ele era cego. Rapidamente ele foi inserido nas nossas brincadeiras. Lembro de jogar futebol com os meninos na rua (eu era a única menina), e meu primo Rafael colocar sacos de supermercado em volta da bola para que Rodrigo pudesse jogar com a gente, ouvindo o som. Essa maneira inventiva das crianças que éramos na década de 1980, era a forma inocente da gente adaptar e inserir nosso colega. Não me lembro de ter tido conversas com ele acerca de inclusão, dificuldades etc. Éramos crianças e ele era só mais uma criança brincando.

A vida foi mudando os rumos e eu nunca mais tive contato com uma pessoa deficiente visual até que, com 38 anos, me mudei para próximo da UERJ para fazer o mestrado. No elevador do meu prédio, conheci Verônica e, dias depois, seu marido Márcio. Este encontro foi importante para mudar completamente a minha vida. Márcio é um homem cego, apaixonado pelo Flamengo, formado em redes de computadores e os dois ensinam como é a vida das pessoas com deficiência para quem tiver o olhar atento e a escuta tão necessária.

Foram jantares às cegas, passeios vendada e um pouquinho do que é viver sem visão. Após um almoço em sua casa, ele me convidou para assistirmos a um jogo do Flamengo. Perguntei a ele como ficaria em relação ao *delay*, pois sabemos que existe um atraso grande em relação ao que o narrador do rádio fala e a imagem que passa na televisão. Márcio me explicou que a partida seria narrada por Luís Roberto e que não haveria necessidade de ele ouvir no rádio, já que o narrador era descritivo durante a transmissão. Essa afirmação do meu amigo me fez procurar por pesquisas, dentro da comunicação, referentes à inclusão da pessoa com deficiência visual nos produtos midiáticos e poucos trabalhos foram encontrados, como iremos ver no decorrer desta pesquisa. Este foi, como falamos no jargão futebolístico, o pontapé inicial para eu entrar no mundo da pesquisa da acessibilidade. Se são poucos os trabalhos desenvolvidos na Comunicação é hora de mudarmos isso.

Para iniciarmos esse trabalho é necessário entender o papel da pessoa com deficiência na sociedade. Para começo de análise, iremos recorrer ao compilado de artigos organizado por Nair Prata e Sônia Caldas Pessoa, para a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), intitulado *Desigualdades, gêneros e comunicação*, em 2019. Em um dos artigos, chamado *Corpos com deficiência: movimentos de experiências e afetações por uma acessibilidade afetiva*, a autora Sônia Pessoa propõe o que ela chama de acessibilidade afetiva “que diz respeito às relações cotidianas de encontros nos quais a comunicação, por meio de todas as possibilidades de estar com o outro, se faz presente, sem restrições” (PESSOA, 2019, p.26). A autora aponta ainda que um corpo que se comunica se move e também nos leva a reflexão de como fazem então os corpos que não têm funcionalidades para se comunicar e para se mover. Para ela, na trilha dos afetos nos encontramos com corpos diversos e nos comunicamos com eles, em contrapartida aos padrões normalizados que permeiam nossos imaginários, relações cotidianas e comunicação midiática.

Se pessoas com deficiências são por nós reconhecidas como diferentes, as deficiências, então, são tomadas aqui como diferença em articulação com o modelo social já apresentado. As deficiências estariam centradas no campo das interações entre pessoas com deficiência e barreiras comportamentais e ambientais que impedem a sua participação plena e eficaz na sociedade de forma igualitária. Discursivamente, assim pensando as deficiências, estamos em uma posição confortável com o reconhecimento das deficiências como processos de interação. Por outro lado, estão em disputa, experiências cotidianas que deslocam a centralidade da problemática da deficiência de um atributo da pessoa para experiências sociais e comunicacionais complexas (PESSOA, 2019, p.27).

Podemos então entender que as pessoas com deficiência são vistas como diferentes, porque a sociedade não é preparada para este público e isto dificulta ou até pode impedir a sua participação na própria sociedade. Realizar um trabalho que contemple pessoas com deficiência, sem ter deficiência, também é uma inquietação já que a minha relação com meu corpo na sociedade se dá de maneira diferente. Ao continuar lendo o livro *Desigualdade de gêneros e comunicação* me deparei com o capítulo: *Mídia e inclusão: um olhar para o século 21*, de Jairo Marques. O capítulo trata de uma palestra dada por Jairo no Intercom. Me chamou atenção ele comentar que foi convidado por um jornal para dar sua opinião em relação a uma nova estação de metrô, considerada acessível, em São Paulo, próxima à AACD. Marques apontou que o guichê não tinha altura suficiente para que ele pudesse comprar o bilhete, além disso, a lixeira do banheiro apresentava pedais o que faria com que ele tivesse que colocar as mãos no pedal que tantas pessoas colocam os pés. Sabemos que este trabalho não é sobre a deficiência motora, mas é importante esse relato para pensarmos o quanto a acessibilidade só é possível quando o público-alvo é contemplado pelo projeto antes mesmo do início de sua concepção.

Isso ainda prevalece muito na sociedade e na mídia, a desconsideração do legítimo olhar da pessoa com deficiência. A gente continua refletindo como nosso olhar, como andante ou como uma pessoa sem deficiência, pra gente analisar a realidade das pessoas com deficiência. Então, aí acho que vem uma contribuição que eu me atrevo a passar a vocês, tem que ser um campo muito fértil de discussões e de análises (MARQUES, 2019, p,120).

Desta forma, é extremamente importante ouvirmos as pessoas com deficiência e deixar com que o trabalho tome forma a partir do que elas nos ensinam. Como aponta ainda Marques é muito comum a mídia fazer reportagens envolvendo pessoas com deficiência e isso tem repercussão positiva na sociedade, mas para ele a imprensa repete

o modelo “ele e nós” no qual a pessoa com deficiência é vista como herói ou alguém que faz algo extraordinário. Neste trabalho, a interação com estes corpos, também comunicativos, tem a intenção de gerar novas formas de comunicação e isto extrapolar para a TV/streaming.

Devemos ainda levar em consideração que propor recursos para a pessoa com deficiência visual, deve ser alinhado com ações que evitem o capacitismo. Segundo Régis (2013), capacitismo se refere à discriminação com enfoque da deficiência decorrente da crença que as pessoas com deficiência são inferiores. A pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre a Deficiência da Universidade Federal de Santa Catarina Anahí Guedes de Mello (2013), no artigo *Politizar a deficiência, aleijar o queer: algumas notas sobre a produção da hashtag #ÉCapacitismoQuando no Facebook*, explica que o termo capacitismo, enquanto categoria analítica, foi empregado pela primeira vez por ela em um trabalho em coautoria com Felipe Fernandes e Miriam Pillar Grossi, em 2013. Mas a autora explica que o termo apareceu como demanda política em dezembro de 2011, durante a 2ª Conferência Nacional de Políticas Públicas e Direitos Humanos para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (II CNPLGBT), quando foi sugerida, em plenária, a incorporação da palavra capacitismo nos documentos finais da terceira Conferência Nacional de Políticas para Mulheres e da própria II CNPLGBT.

Mello (2013) explica que a utilização do termo é uma tentativa de visibilizar a existência de uma forma de opressão contra as pessoas com deficiência. A pesquisadora e militante (como ela mesmo se autodenomina) explica que a palavra vem do inglês *ableism* e que sua tradução como capacitismo já é utilizada em Portugal. Ela conta que após a referida Conferência o termo ganhou amplitude em diversos movimentos sociais, em especial nos movimentos sociais da deficiência. A autora faz ainda alusão ao artigo de sua autoria *Deficiência, Incapacidade e Vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC*, publicado no periódico *Ciência e Saúde Coletiva*, em 2016, no qual ela categoriza o capacitismo como:

(...) uma postura preconceituosa que hierarquiza as pessoas em função da adequação dos seus corpos à corponormatividade. É uma categoria que define a forma como as pessoas com deficiência são tratadas de modo generalizado como incapazes (incapazes de produzir, de trabalhar, de aprender, de amar, de cuidar, de sentir desejo e ser desejada, de ter relações sexuais etc.), aproximando as demandas dos movimentos de pessoas com deficiência a outras discriminações sociais, como o sexismo, o racismo e a homofobia. Essa postura advém

de um julgamento moral que associa a capacidade unicamente à funcionalidade de estruturas corporais e se mobiliza para avaliar o que as pessoas com deficiência são capazes de ser e fazer para serem consideradas plenamente humanas (MELLO, 2016, p. 3272).

Quando li esta definição pensei em diversas situações que ocorreram durante a realização deste trabalho. Tanto no meio acadêmico quanto fora dele, me perguntaram o porquê de propor que pessoas cegas e com baixa visão assistam jogos pela TV/streaming, como se elas fossem incapazes de entender um jogo de futebol. Ouvi perguntas do tipo: mas cego gosta de futebol? A pergunta é focada na deficiência, ou seja, como bem apontou a autora, sua capacidade é associada à funcionalidade de suas estruturas corporais, como se ela não fosse capaz de entender, sentir, vivenciar a experiência futebolística – experiência esta tão plenamente humana. A corponormatividade também esteve presente quando me perguntavam como eu iria entrevistar essas pessoas de vários lugares do Brasil: “no primeiro momento, com formulários enviados via internet” e ouvi: “mas eles vão precisar de ajuda pra responder, né?” Esta pergunta não é somente capacitista, mas é oriunda da falta de conhecimento, muitos não sabem que pessoas com deficiência podem saber as informações que estão contidas em seus computadores e celulares por meio de leitores de telas que, via voz, passam as informações e, assim, eles conseguem o acesso sem ajuda. Obviamente, sabemos que nem todos os entrevistados têm acesso pleno as funcionalidades do mundo digital, mas igualmente sabemos que esta não é uma condição somente de pessoas com deficiência e dar nome para o preconceito com a pessoa com deficiência possibilita que movimentos e demandas sejam criados e organizados, tal qual foi e é feito em movimentos envolvendo o sexismo, o racismo e a homofobia. Desta forma, precisamos não somente audiodescrever imagens e ações, mas saber se eles têm essas necessidades no exato momento das ações. Por exemplo, em uma partida de futebol, com transmissão pela TV, precisamos saber se a pessoa com deficiência visual em questão necessita ou não de auxílio. Não devemos simplesmente sermos capacitistas e achar que se ele é cego sempre precisará de nosso auxílio.

De acordo com Diniz, Barbosa e Santos (2009), o estudo das narrativas sobre deficiência, sejam elas por meio de impedimentos físicos, intelectuais ou sensoriais, estão entre os mais tardios estudos no campo das ciências sociais e humanas. Para os autores, os teóricos do modelo social da deficiência são herdeiros dos estudos de gênero, feministas e antirracistas e defendem que os conceitos que envolvem a deficiência não são apenas no campo biomédico ou de produtividade e adequação às normas sociais. “A

deficiência traduz, portanto, a opressão ao corpo com impedimentos: o conceito de corpo deficiente ou pessoa com deficiência devem ser entendidos em termos políticos e não mais estritamente biomédicos” (DINIZ; BARBOSA; SANTOS, 2009, p. 65).

Vale ressaltar que, para a leitura deste trabalho, dois livros foram muito importantes. *Angela Davis – a liberdade é uma luta constante*, que trata do racismo, em um compilado de entrevistas dadas por esta filósofa, que luta pela liberdade de pessoas pretas e, em especial de mulheres, desde a década de 1960. Igualmente importante foi a leitura de *A força da não violência* da também filósofa Judith Butler, conhecida autora feminista que aborda, neste livro, reflexões sobre o ideal ético e político da não violência, nas lutas a favor da transformação social.

Entender como se organizam as ideias em torno das lutas sociais e suas práticas na construção de uma sociedade igualitária, me ajudaram a compreender como podem acontecer movimentos similares na luta pela pessoa com deficiência. Davis (2018, p.27) nos ensina que: “à medida que amadurecem, nossas lutas produzem novas ideias, novas questões e novos campos nos quais nos engajamos na busca pela liberdade”. Podemos considerar que o preconceito à pessoa com deficiência ter nome já é uma nova ideia, possibilitando novos campos de análise, já que o léxico é tão importante para a abertura de portas de conhecimento e discussões. Quando falamos da liberdade da pessoa com deficiência, a discussão vai além da condição dada de mover-se, afinal, como já abordamos no trabalho, não devemos focar somente na deficiência. Poder escolher em qual meio de comunicação acompanhar um jogo, fazer isto com autonomia, entendendo as várias nuances de uma partida, sem precisar que alguém esteja ao lado para explicações, é liberdade.

Devemos ressaltar aqui também que, durante muito tempo, se tratava a questão da deficiência usando binômios como deficiência x eficiência, capacidade x incapacidade. Estes conceitos são naturalizantes e de senso comum em práticas sociais e em nada condizem com a real condição de pessoas com deficiência visual, como as que foram entrevistadas neste trabalho (todas cegas ou com baixa visão). Elas trabalham, estudam, têm suas carreiras e vidas não fadadas a ficarem em casas esperando que os demais façam por elas. Devemos lembrar também que Bakhtin (2003) nos ensinou que nenhum enunciado é neutro, já que não expressa apenas a mensagem em si, como também a ideologia de quem os enuncia. Se não estudamos sobre este universo ou não convivemos com estas pessoas, fica difícil o nosso enunciado contemplar a pessoa com deficiência.

Em artigo de Sasaki (2007), que é considerado uma das maiores referências no Brasil em relação à acessibilidade, a primeira vez que foi utilizado o lema das pessoas com deficiência “Nada sobre nós sem nós”, foi durante a palestra *Entendendo a deficiência* do ativista Tom Shakespeare, na ocasião da Conferência Internacional Deficiência com Atitude, realizada na Austrália, em 2001. De lá para cá o lema não somente tem sido utilizado, mas a comunidade científica tem cobrado que as pessoas com deficiência sejam contempladas nos mais variados estudos. Diante disso, como entender o processo de entendimento de ações de uma partida de futebol, sem a visão propriamente dita, sem contemplarmos as pessoas com deficiência visual?

Devemos nos lembrar que as discussões sobre deficiências tiveram seu marco, em 2006, durante a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da Organização das Nações Unidas, que gerou um documento no qual os Estados Partes se comprometeram em adotar medidas que possibilitassem inclusão às pessoas com deficiências, não somente no mercado de trabalho como no acesso à comunicação e aos espaços físicos. O Brasil passou a adotar as medidas em 2008, durante a gestão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, mas elaborou um documento do Ministério da Educação e Cultura (MEC), em consonância com a Convenção, intitulado: Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência - Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Considerando que o conceito de deficiência está em evolução o documento diz que: “a deficiência resulta da interação entre pessoas com deficiência e as barreiras devidas às atitudes e ao ambiente que impedem a plena e efetiva participação dessas pessoas na sociedade em igualdade de oportunidades com as demais pessoas” (MEC, p.14, 2007).

Como podemos perceber, o conceito de deficiência não está focado nas limitações envolvendo a lógica corporal e de saúde, mas sim na sua participação na sociedade. A deficiência, como sabemos, pode limitar estas pessoas na interação e propor barreiras que dificultem o seu acesso físico, cultural e social. Quando pensamos em um jogo de futebol, uma pessoa com deficiência visual pode ficar a mercê da explicação de alguma outra pessoa em relação a uma jogada, movimento de torcedores, comissão técnica etc. e nem sempre esta outra pessoa estará por perto, disponível a orientar ou ainda ter as técnicas que possibilitem um entendimento maior quanto as jogadas e a ambiência do jogo. É muito comum que cegos e pessoas com baixa visão acompanhem os jogos pelo rádio justamente devido ao seu caráter mais descritivo. O ideal é que este público assista aos jogos como a maioria das outras pessoas, de forma autônoma. Além disso, podemos

perceber que a própria interação pode ficar prejudicada, já que a pessoa cega ou com baixa visão pode preferir ouvir o jogo em outro ambiente, pois o acompanhamento pela TV está em outro momento da jogada devido ao *delay*.

Devemos ressaltar ainda que a Convenção também trata, em seu artigo 9, sobre a própria comunicação e prevê que os Estados Partes devem:

Promover o acesso de pessoas com deficiência a novos sistemas e tecnologias da informação e comunicação, inclusive à internet;
Promover, desde a fase inicial, a concepção, o desenvolvimento, a produção e a disseminação de sistemas e tecnologias de informação e comunicação, a fim de que esses sistemas e tecnologias se tornem acessíveis a custo mínimo (MEC, 2007, p.22).

Como podemos notar, desde 2008 é previsto que o Brasil deva proporcionar o acesso das pessoas com deficiência a novos sistemas de informação e comunicação. Durante esta pesquisa, ouvimos alguns entrevistados relatarem a dificuldade de acesso à internet e aos próprios recursos tecnológicos. Iremos abordar alguns destes aspectos no decorrer deste trabalho, mas já vale ressaltar que pouco se faz para que a disseminação de sistemas e tecnologias de informação e comunicação seja implementada, mesmo após tantos anos.

Podemos afirmar que a falta de tais recursos pode reduzir o repertório cultural de pessoas cegas e com baixa visão. Paulo Freire (1981) nos ensinou que o processo de orientação dos seres humanos no mundo envolve a associação de imagens sensoriais, pensamento-linguagem, desejo, trabalho-ação transformadora sobre o mundo, resultando o conhecimento do mundo transformado. Dessa forma, vamos pensar numa pessoa que, desde o começo de sua história enxergou. Suas imagens sensoriais e seu conhecimento do próprio mundo se deu sob a regência de videntes para videntes. Já quem perdeu a visão, passou a desenvolver suas associações por meio de mecanismos próprios, subjetivos, como, por exemplo: associações com as imagens que estão em sua mente e com elas suas cores e formatos, alinhado ao conhecimento vindo de outras pessoas que enxergam. E a pessoa que nunca enxergou? Suas imagens sensoriais se dão a partir da presença do outro em sua vida, assumindo o papel de descritor de imagens, ações e até de sensações. O conhecimento de mundo da pessoa com deficiência vai sendo alterado por meio da ação destes, mas devemos lembrar que o mesmo também acontece com videntes, pois temos contato com outros, o que chamamos de múltiplas visões sobre a vida. Flavia Affonso Mayer (2018), referência nos estudos da acessibilidade comunicacional para

pessoas com deficiência visual, nos ensinou, a partir do livro *A importância das coisas que não existem*, que, ao contrário do que muitos pensavam, a pessoa com cegueira congênita sabe que as cores são diferentes, entre si. A partir da percepção de mundo de outras pessoas, elas vão criando explicações e sentimentos para o que vem a ser vermelho, azul, amarelo e etc. é o seu conhecimento de mundo transformado por pessoas que estão em seu círculo social. Mas, devemos lembrar que o contato com as demais pessoas não ocorre somente de forma presencial. Ou seja, esta interação e a consequente amplitude do repertório cultural também acontecem no meio digital, por meio da internet.

Vale também dizer que, durante este trabalho, não tivemos a intenção de somente procurar profissionais da área de comunicação, mas como o formulário foi disponibilizado via internet, descobrimos profissionais cegos e com baixa visão de várias partes do Brasil que vão desde comentaristas de futebol, produtores e executivos de programas de rádio, que gentilmente responderam ao formulário e nos ajudaram a execução deste trabalho e, descobrimos assim um contingente expressivo de profissionais com deficiência visual atuando no jornalismo.

Esta tese, durante o capítulo 1, vai buscar compreender como as pessoas cegas e com baixa visão entendem um jogo de futebol. Para isso, iremos fazer um percurso do que é ser uma pessoa com deficiência visual, como o futebol entrou em suas vidas, contribuindo para suas subjetividades e como ocorre o entendimento relacionado às jogadas e a própria ambiência do jogo. Além disso, iremos abordar o papel da família e dos amigos na manutenção da paixão pelo esporte.

No capítulo 2, começaremos a nossa busca de uma transmissão audiovisual de jogo de futebol, de forma acessível. Para isto, é inevitável que cheguemos aos estudos da audiodescrição (AD). Este recurso vem sendo utilizado em filmes no Brasil de maneira formal, desde 2003, pela audiodescritora Graciela Pozzobon, no Festival Assim Vivemos, um festival de filmes sobre a deficiência, exibido a cada dois anos, no Rio de Janeiro, com curadoria de Lara Pozzobon. O “Assim Vivemos” é um festival internacional de cinema que acontece bienalmente desde 2003, no Rio de Janeiro e em Brasília. Trata-se de uma mostra diferenciada devido à temática central das produções, com questões relativas à vida de pessoas com deficiência e sua ação na sociedade, em meio a debates.

Desde a sua primeira edição em 2003, um dos pressupostos do Assim Vivemos foi o de disponibilizar os recursos de acessibilidade em todas as sessões. Não parecia lógico aos realizadores, Lara Pozzobon e Gustavo Acioli, exibir filmes sobre deficiências sem que todas as pessoas, independentemente de suas necessidades, tivessem acesso às

sessões. Os recursos que foram disponibilizados foram a audiodescrição para pessoas com deficiência visual, as legendas com indicações de ruídos (Closed Caption) para as pessoas com deficiência auditiva, intérprete de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) em todos os debates e palestras, e ambiente acessível para cadeirantes e pessoas com mobilidade reduzida (COSTA, 2004, p.73).

De acordo com Costa (2014), em tese intitulada “Audiodescrição em filmes: história, discussão conceitual e pesquisa de recepção”, as definições de AD apresentam alguns questionamentos (que veremos mais detalhadamente no capítulo), mas há concordância em relação aos seguintes aspectos:

1. a AD é uma modalidade de tradução audiovisual intersemiótica, que, voltada principalmente para os deficientes visuais, traduz signos não verbais (fundamentalmente imagens) em signos verbais;
2. as ADs são inseridas nos intervalos dos diálogos e de sons importantes para a trama;
3. as ADs devem ser claras e objetivas;
4. as ADs não devem conter inferências e interpretações que acrescentem informações ao produto audiovisual. Em outras palavras, o audiodescritor não deve facilitar a compreensão da obra (COSTA, 2004, p.59).

Como podemos perceber a audiodescrição está no campo de tradução audiovisual (TAV), mais especificamente na área de tradução intersemiótica, que transforma o visual em verbal, sendo uma tecnologia assistiva que amplia o entendimento e o acesso à cultura e informação do público-alvo deste trabalho.

No capítulo 3, iremos abordar as nuances da linguagem descritiva do rádio, fazendo comparações com narrações de TV, que apresentam, obviamente, elementos mais visuais. Elencamos a partida Brasil X Coreia pelas oitavas de final da Copa do Mundo de futebol masculino 2022. A escolha deve-se ao fato de evitarmos clubismos regionais e, além disso, esse jogo teve o placar de 4x1 para o Brasil – a fartura de gols proporcionou mais elementos que pudéssemos analisar. Neste capítulo, um dos grandes questionamentos é: poderia a televisão ser um pouco mais descritiva, sem perder a sua característica, contribuindo para inclusão de pessoas cegas e com baixa visão? Os entrevistados nos deram suas opiniões bem como nos disseram o que entendiam com base nas narrações de jogos. Foram escolhidos trechos de narrações de Galvão Bueno, pela TV Globo e Milton Leite, pelo Sportv, por ser a Globo a detentora dos direitos de transmissão do campeonato.

O capítulo 4 é dedicado à análise de trechos também do jogo Brasil x Coreia audiodescrito e transmitido pela SporTv, no qual os entrevistados nos deram relatos do

que deve ou não ser descrito. Vale ressaltar que, entre o público entrevistado, estão consultores de audiodescrição, profissionais de rádio acostumados com a linguagem descritiva, bem como pessoas que trabalham com audiodescrição.

Já no capítulo 5, temos a análise da gravação realizada pelo professor Filipe Mostaro (Audiolab UERJ). Neste produto, que foi submetido novamente aos entrevistados, temos a intenção de compreender se a narração está contribuindo para o entendimento das jogadas e dando informações necessárias. Vale ressaltar que, durante as entrevistas, o público relatou que alguns narradores de TV, como Luis Roberto, já fazem narração que propicia o entendimento das visualidades do jogo. Também mostramos para os entrevistados a narração de audiodescrição do mesmo jogo, realizada pela experiente audiodescritora Marcia Caspary. A intenção é que o produto final narração tradicional + audiodescrição possibilite acessibilidade comunicacional às pessoas cegas e com baixa visão.

INTRODUÇÃO METODOLÓGICA

Primeiramente, procuramos identificar se, de fato, este estudo teria algum ineditismo no Brasil e também se os estudos da audiodescrição bem como do direito à comunicação das pessoas cegas e com baixa visão estariam aprofundados no país.

Como vimos, a Lei de Acessibilidade foi criada em 2000. Por esta razão optamos por procurarmos trabalhos, nos Programas de Pós-graduação em Comunicação do Brasil, a partir deste ano. Para isso, recorreremos a listagem de programas que consta no site da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação (Compós), onde pesquisamos, um a um, nos sites dos 57 programas cadastrados, incluindo mestrados e / ou doutorados acadêmicos, profissionais e ainda ligados à área de tecnologia da informação. Alguns destes sites não têm repositório ou ainda levam para o link do banco de teses e dissertações da universidade. Vale ressaltar que fomos no site de cada uma das universidades e que iremos seguir a mesma ordem de disposição dos cursos presentes no site, que ocorre pela cronologia de criação.

Elencamos aqui trabalhos nos quais apresentam os indivíduos com deficiência visual abordados de forma prioritária. Além disso, demos destaque às teses e dissertações que tratam da questão da deficiência de forma ampla e/ou que tenham capítulos ou subcapítulos que tratem sobre o público pesquisado. Trabalhos que abordem a publicidade para ou de pessoas cegas / baixa visão.

Na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), trabalho de mestrado de Arthur Acosta Baldin, em 2020, intitulado: *A deficiência, o corpo e a mídia*. Como hipótese, o autor acredita que o fato de a mídia hoje divulgar mais notícias com pessoas com deficiência proporciona falsa percepção de que está em curso o apagamento de preconceitos. Desta forma, para o autor, ocorre um processo de re-estigmatização, ou seja, a produção de um estigma disfarçado em visibilidade pseudo-inclusiva, onde Baldin questiona este conceito de inclusão. Este trabalho não tem ligação direta com esta tese, mas por trazer um panorama geral das pessoas com deficiência, acreditamos importante elencarmos.

Na Universidade Federal da Bahia (UFBA), temos a tese *A cidadania digital de pessoas com deficiência física: estratégias, práticas e associações heterogêneas*, de Vivian Maria Corneti de Lima, de 2019. Apesar de não tratar especificamente a questão da cegueira, este trabalho nos traz um panorama das práticas de cidadania das pessoas

com deficiência por meio dos recursos tecnológicos. Além deste trabalho, não encontramos mais nenhum, nem de mestrado e nem de doutorado.

Na ECO / UFRJ procuramos trabalhos em duas linhas de pesquisa. Em Comunicação e Cultura, encontramos a tese: *TV Acessível: a audiodescrição e as pessoas com deficiência visual*, de Kelly Scoralick, em 2017. Este é o mais importante trabalho na área de comunicação, justamente por trabalhar a audiodescrição no contexto da TV acessível, como ferramenta de inclusão da pessoa com deficiência visual. Não encontramos trabalhos de mestrado.

Na linha de pesquisa, Ciência da Informação, em 2016, dissertação de Sarah Marques, intitulada *Sinestesia das pessoas cegas: novas possibilidades de informação*. Nela são abordadas questões referentes à subjetividade, sinestesia e cultura visiocêntrica. O trabalho nos dá um panorama de como a pessoa cega percebe e constrói o mundo. Em 2015, trabalho de Gustavo Caran, chamado: *O acesso à informação pelo deficiente visual e suas implicações para a promoção da saúde*, onde podemos perceber como a informação é disponibilizada, suportes tecnológicos, facilitadores e dificultadores no acesso à informação. Em 2012, trabalho de Verônica Mattoso, *Ora, direis, ouvir imagens?: um olhar sobre o potencial informativo da áudio-descrição aplicada a obras de artes visuais bidimensionais como representação sonora da informação em arte para pessoas com deficiência visual*. Neste trabalho, o foco é nas obras de artes bidimensionais e, apesar de não termos neste escopo imagens em movimento, esta dissertação é importante para entendermos como a audiodescrição pode proporcionar obras acessíveis e acessáveis.

Na Universidade Metodista de São Paulo, encontramos o trabalho de mestrado de Catherine da Silva Haase, intitulado *A inclusão social e as mediações na recepção da comunicação mercadológica televisiva por pessoas com deficiência visual*, de 2014, no qual foram entrevistadas 18 pessoas, residentes do município de São Paulo, com o objetivo de compreender como as pessoas com deficiência visual decodificam e reagem às categorias de comerciais de televisão, com base em suas percepções e vivências de mundo. Este trabalho, por se tratar de um estudo de recepção, nos chamou a atenção, já que são poucos os na comunicação com este caráter e também por abordar justamente a televisão.

Na Universidade de Brasília (UNB) só é possível acessar dissertações a partir de 2009 e teses a partir de 2007. Não encontramos trabalhos de mestrado, mas encontramos um de doutorado: *A experiência artística das pessoas com deficiência visual em museus*,

teatros e cinemas: uma análise pragmaticista, de Helena Santiago Vigata, defendido em 2016. Na tese ocorre um interessante percurso metodológico sobre o que é ser deficiente visual, como se dá a experiência artística, bem como a experiência dos entrevistados em museus. Foram propostos recursos que possibilitem maior e melhor acessibilidade, dentre eles, a audiodescrição.

Não encontramos trabalhos na base de dados da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade de São Paulo (USP).

Na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC- RS), encontramos o trabalho de mestrado de Bruna Marcon Goss: *Informação móvel para todos: acessibilidade em aplicativos jornalísticos para dispositivos móveis*, de 2015. Apesar do trabalho não tratar especificamente da acessibilidade para deficientes visuais, mas sim para pessoas com deficiência de maneira geral, este trabalho foi importante para entendermos um pouco mais sobre a usabilidade de aplicativos – o que também faz parte de nossa proposta quando falamos de deficientes visuais assistirem jogos de futebol com recursos da tecnologia.

Na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), encontramos o trabalho de doutorado de Marco Antonio Bonito: *Processos da comunicação digital deficiente e invisível: mediações, usos e apropriações dos conteúdos digitais pelas pessoas com deficiência visual no Brasil*, de 2015. Já em 2020, encontramos o trabalho *Audiodescrição e cidadania: processos comunicacionais de sujeitos cegos vinculados aos usos e apropriações da rede social Whatsapp*, de Marcela Ribas Campanhã. Por mais que nosso trabalho não passe por tal rede social, é importante perceber, neste trabalho, os aspectos de socialização e de cidadania comunicativa.

Na Universidade Federal da Minas Gerais (UFMG), não encontramos trabalhos de doutorado, mas achamos, em 2020, a dissertação de Mariana Silva: *Eu, elas, nós mulheres com deficiência: observações afetivas em vídeos de Youtube*. Novamente, não se trata especificamente da cegueira neste estudo, mas se faz muito interessante devido ao recorte de gênero e ao sensível trabalho de uma pesquisadora que é uma pessoa com deficiência. Por meio de incursões etnográficas e autoetnográficas, em vídeos disponíveis no YouTube, Mariana Silva discute como as mulheres com deficiência são percebidas por elas mesmas e por demais pessoas nas redes sociais.

Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na Universidade Federal Fluminense (UFF), na Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) não encontramos trabalhos.

Na Faculdade Cásper Líbero, interessante trabalho de mestrado, de Giselle Freire Borges Coelho, de 2019: *Jornalismo, interpretação e compreensão: Caminhos para inclusão de crianças com deficiências nas narrativas midiáticas*, que passa, além pelo histórico da deficiência, para a questão da invisibilidade destas crianças em revistas especializadas em infância. Também destacamos a dissertação de Fernando Augusto Simões Saker, de 2010: *Jornalismo e pessoas com deficiência - Construção de conceitos e superação de estigmas por meio da comunicação*. Nele, é possível observar o tratamento dado pelo jornalismo às pessoas com deficiência, com foco principal nos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, em 2008, nos períodos que compreendem às Paraolimpíadas de Pequim, ao Dia Nacional de Luta da Pessoa com Deficiência e ao Dia Internacional da Pessoa com Deficiência.

Na UFPE não encontramos trabalhos.

Na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), encontramos o trabalho de Marcio Alves de Albuquerque: *A pessoa com deficiência e suas representações no cinema brasileiro*, de 2008. Por mais que não aborde a temática desta tese, este trabalho traz um apanhado do que é ser uma pessoa com deficiência.

Na Universidade Estadual Paulista (UNIP), na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) não encontramos trabalhos de mestrado e doutorado.

Na Universidade de Sorocaba (Uniso), temos o trabalho de mestrado de José Luiz Pinotti, de 2014: *Comunicação e audiodescrição: estudos contemporâneos*. Nele, temos subcapítulos sobre a importância da televisão e dos dispositivos móveis na acessibilidade, bem como a característica da audiodescrição, como são realizados os roteiros e como são formadas as imagens – este foi um dos trabalhos mais importantes, dentro da Comunicação, que encontramos sobre o tema.

Na Universidade Anhembi Morumbi não encontramos trabalhos.

Na Pontifícia Universidade de Minas Gerais (PUC – Minas), encontramos o trabalho de Flávia Affonso Mayer, de 2012: *Imagem como símbolo acústico: a semiótica aplicada à prática da audiodescrição*. Esta é uma das principais autoras na Comunicação, que pesquisa audiodescrição. Nesta dissertação, foram apresentadas algumas das impressões colhidas no projeto Cinema ao Pé do Ouvido em que, a partir da seleção e audiodescrição de curtas-metragem, foram experimentadas diretrizes de roteirização e locução junto a um público formado por deficientes visuais. Em 2017, dissertação de

Anita Menezes de Rezende: *Os sentidos do cinema para as pessoas com deficiência visual: as relações do espectador com deficiência visual com o cinema, a partir da audiodescrição*. Atenção especial para o capítulo “Experiência da recepção”, no qual a autora trata a relação da audiodescrição com as imagens, com os sons, com o tato e com os outros sentidos e aborda também questões de afeto de identificação, identidade, referências socioculturais e audiovisuais.

Na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), encontramos a dissertação *Telejornalismo, Identidades e Deficiência Visual: representação e recepção midiáticas junto a pessoas com deficiência visual*, de 2013, de autoria de Marcello Pereira Machado. Na pesquisa, o autor analisa que representação o Jornal Nacional - Rede Globo faz do deficiente visual, com base em análise textual de TV aplicada a 16 matérias sobre o assunto, veiculadas durante o ano de 2011. Além disso, o pesquisador realizou pesquisa de recepção com grupo focal formado por oito deficientes visuais, com o objetivo de verificar como estes interpretam tal representação, observando, por exemplo, se eles se sentem identificados com a mesma e respeitados pelo referido telejornal. Em 2011, encontramos na base de dados da UFJF, dissertação de Kelly Scoralick: *Mídia e cidadania: a representação das pessoas com deficiências no telejornalismo*.

Não foram encontrados trabalhos na Universidade Federal de Goiás, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Estadual de Londrina (UEL), na Universidade Federal de São Carlos (Ufscar) e na Universidade Católica de Brasília (UCB).

Na Universidade Federal da Paraíba, encontramos o trabalho de mestrado de Livia Moreira Barroso: *Rádio e cotidiano: a construção de socialidades dos deficientes visuais da Associação do Cego do Piauí (ACEP)*, de 2014. Este estudo foi relevante para nosso trabalho, pois busca compreender a relação da pessoa com deficiência visual com o rádio, e como os conteúdos veiculados são determinantes nas relações sociais e cotidianas de um grupo de 100 pessoas da ACEP.

Não encontramos trabalhos na Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade de São Paulo (USP) - Programa de Pós-graduação em Meios e Processos Audiovisuais, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal do Piauí (UFPI), Programa de Mídia e Cotidiano (PPGMC) da Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), na Universidade Estadual e Ponta Grossa (UEPG), Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Universidade Federal do Tocantins (UFT).

Na Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), encontramos a dissertação *A deficiência desfocada: inovação na representação da deficiência física no documentário brasileiro*, de Almir Bonfim Junior, de 2021. Por mais que o trabalho não seja, necessariamente, sobre a temática da deficiência visual, julgamos interessante, pois traz a problematização de que os documentários, em especial os brasileiros, apresentam personagens com alguma deficiência física no qual o foco seja a própria deficiência. Para o autor, este fato enfraquece debates sobre inclusão reforçando estereótipos, estigmas e rótulos. Pensando no nosso trabalho, nos deparamos, em alguns momentos com indagações do porquê produzirmos uma tese pensando em um público que já costuma acompanhar futebol pelo rádio, como se a pessoa com deficiência visual tivesse que ficar satisfeita por já ser “contemplado” por esta mídia. Além disso, nosso trabalho também pretende, com a discussão no capítulo 2, justamente debater os estigmas de que a pessoa com deficiência visual não é capaz de exercer funções que pessoas sem deficiências conseguem.

Não encontramos trabalhos na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), encontramos a dissertação *Recursos de Acessibilidade nas emissoras/retransmissoras de televisão e no rádio: a prática e as possibilidades nos veículos de Campo Grande*, de Amanda Brito Sampaio, de 2017. No trabalho, a autora verifica a qualidade da acessibilidade, com base em critérios da Associação Brasileira de Normas Técnicas ABNT para recursos em rádio e TV. Nele há ainda um subcapítulo que discute justamente a audiodescrição na TV e, desta forma, também contribuiu como referência bibliográfica para esta tese.

Não foram encontrados trabalhos no Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense (UFF), no Programa de Pós-Graduação em Informação, Comunicação e Saúde – PPGICS, da Fundação Oswaldo Cruz.

Na Universidade Federal da Paraíba, encontramos a dissertação *Leitores Especiais de Jornais: Um Estudo Sobre Estratégias de Acessibilidade de Pessoas Cegas ao Webjornalismo Paraibano*, de Valter Barbosa de Araújo, em 2015. Trata-se de um estudo que visa compreender o mercado de webjornalismo na Paraíba, destinado às pessoas cegas, com foco na problemática de acessibilidade dos leitores cegos de jornais, envolvendo aspectos relativos à concepção de midiatização e à linguagem jornalística. Em pesquisa de grupo focal, o autor consegue identificar a frequência de uso da internet

como um dos meios mais utilizados pelas pessoas com deficiência visual. Como pesquisa de recepção, este trabalho foi interessante referencial teórico.

Também encontramos a dissertação *Dispositivos móveis e acessibilidade: um estudo sobre o uso do Flipboard por pessoas com deficiências visuais*, de 2018, de autoria de Leonardo Burgos. Este trabalho, também de recepção, discute a usabilidade e funcionalidade do aplicativo de notícias Flipboard, por meio da participação de voluntários de baixa visão e cego. É interessante perceber como a questão da visualidade e da própria formação da imagem se dá de maneira diferente para os dois públicos.

Não encontramos trabalhos na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade Federal de Roraima (UFRR), Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) e Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), encontramos a dissertação *Aplicativo de notícias ao pé do ouvido: inclusão digital e garantia de autonomia nas apropriações de notícias online por pessoas com deficiência visual*, de Mariana Clarissa da Conceição Silva, de 2021. Como trata-se de um mestrado profissional, o trabalho apresenta discussões de como proporcionar comunicação acessível e construir um produto que permita a inclusão digital e o acesso aos materiais jornalísticos com autonomia às pessoas com deficiência visual.

Na Universidade Federal do Pampa (Unipampa) não encontramos trabalhos. Na Universidade Feevale, temos a dissertação *Como narrar nosso olhar? a (re)existência política e poética de personagens com deficiência visual em contos da literatura brasileira*, de Bianca Reis de Moraes, de 2022. O trabalho incidiu sobre narrativas da literatura brasileira, como os contos *Amor* (1960), de Clarice Lispector; *A estrela branca* (1981), de Lygia Fagundes Telles, e *O cego e a dançarina* (1986) de João Gilberto Noll e este estudo objetiva refletir sobre a existência política e poética das personagens com deficiência visual na Literatura Brasileira. Para tal, a autora apresenta o contexto histórico de in/exclusão, atrelado às identidades das diferenças. O enfoque da autora foi importante para nosso trabalho, pois a maneira como o mundo é narrado na própria literatura faz parte das narrativas que nos constituem como sociedade, onde há a incidência de local de capacitismo às pessoas com deficiência.

Como podemos observar, dos 57 programas pesquisados, 36 não apresentam pesquisas relacionadas às pessoas com deficiência visual ou baixa visão. Se levarmos em consideração a pesquisa acadêmica da área em décadas, de 2000 a 2010 somente dois trabalhos foram realizados. De 2011 a 2020, foram idealizados 22 trabalhos entre teses e

dissertações. Nos anos de 2021 e 2022, três trabalhos foram apresentados. Desta forma, podemos concluir que o interesse pela temática, ainda muito pequeno, na comunicação, tem sido crescente.

Recorremos ao Google Acadêmico e, ao buscarmos pelos jogos de palavras "cegos futebol", "cegueira futebol" só encontramos artigos relacionados à prática do esporte por este público. Ao buscarmos por "cegueira televisão", encontramos artigos relacionados à tecnologia assistiva ou audiodescrição, mas nada que tivesse o foco no futebol. Ao digitarmos "deficiência visual futebol", "deficientes visuais futebol" encontramos um trabalho relacionado à telejornal. O mesmo fizemos na lista de periódicos do portal Capes, onde também não foram encontradas publicações que tivessem a relação futebol / pessoas com deficiência visual.

Também vale ressaltar que procuramos produções acadêmicas fora da área de comunicação e encontramos três grupos com destaque: o LEAD (grupo de legendagem e audiodescrição), que tem como um dos grandes nomes a professora Vera Santiago da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Também têm notoriedade os grupos de pesquisa em Tradução Audiovisual, coordenado pela professora Soraya Ferreira Alves, da Universidade de Brasília (UNB) e o grupo Tradução Mídia e Audiodescrição (TRAMAD), onde atuava a professora Eliana Franco, na Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Vale lembrar que as pessoas com deficiência visual e com baixa visão fazem parte do grupo social que mais recentemente se organizou na luta de equidade. Podemos concluir também que parte da população hoje entende que as pessoas cegas e com baixa visão são capazes de realizar suas atividades cotidianas, intelectuais e profissionais e a visibilidade de suas lutas, bem como de recentes políticas públicas, como a Lei Geral de Acessibilidade, possibilitam que elas sejam contempladas em produtos, como os audiovisuais.

Após o referencial teórico, tivemos uma ideia das produções referentes não apenas a comunicação audiovisual e acessibilidade, como também em relação à audiodescrição no Brasil. Tomamos a decisão da realização deste trabalho justamente por esse tema ser pouco pesquisado e pela urgência das pessoas cegas e com baixa visão serem contempladas quando falamos da comunicação de massa.

Submetemos, em maio de 2022, o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética da UERJ e tivemos a aprovação sobre o CAAE: 59558022.6.0000.5282. Após, realizamos um formulário com perguntas visando entender se estes indivíduos acompanham futebol,

com que frequência, se assistem televisão/*streaming*, se estão acompanhados quando assistem jogos de futebol, bem como suas opiniões referentes ao uso da audiodescrição, quando falamos da transmissão de partidas. Tivemos 56 respondentes ao formulário. Encontrar pessoas cegas e com baixa visão para responder não foi fácil. Além de acionar a minha rede de contatos com pessoas cegas e com baixa visão que divulgaram a pesquisa, precisamos entrar em contato com instituições. Como este trabalho tem a intenção de envolver pessoas de diferentes estados, entramos em contato com instituições de todo o país por e-mail ou redes sociais. Algumas sequer responderam, sendo que todas que responderam afirmaram que compartilhariam o formulário. De forma geral, ficaram felizes com a pesquisa e solicitaram que os resultados posteriormente fossem compartilhados, o que será feito.

As instituições procuradas que compartilharam o formulário são: APEC (Associação Pernambucana de Cegos), Instituto Benjamin Constant (IBC), Fundação Dorina, ACIC (Associação Catarinense para Integração do Cego), ADVEG (Associação dos Deficientes Visuais do Estado de Goiás), Instituto dos Cegos da Paraíba (ICPACPB), União dos Cegos no Brasil, ICENO (Instituto dos Cegos). Ao realizar o curso *Filmes que Voam*, também tive o apoio, na divulgação da pesquisa, do cineasta Chico Faganello, diretor da instituição, que trabalha com acessibilidade de filmes não somente para pessoas com deficiência visual, como também com deficiência auditiva. Além disso, contamos com o apoio dos próprios entrevistados que, empolgados com o trabalho, indicaram novos entrevistados e também divulgaram a pesquisa.

Um dos campos de resposta do formulário era se o entrevistado gostaria de participar da próxima fase da pesquisa, deixando assim, seus contatos de e-mail e telefone.

A próxima etapa do trabalho consistiu em entrevistas em profundidade, que ocorreram via *GoogleMeet*, de forma individual, com dez pessoas, durante os meses de dezembro de 2022, janeiro e fevereiro de 2023. Em média, cada entrevista durou cerca de uma hora. Após responderem sobre sua infância, carreira profissional e ligação com o futebol, os entrevistados analisaram algumas jogadas do jogo Brasil x Coreia pela Copa do Mundo de futebol masculino 2022. Nesta etapa escolhemos duas narrações: alguns entrevistados analisaram jogadas do narrador Milton Leite, da Sportv, enquanto outros do narrador Galvão Bueno, da TV Globo. A escolha se deve ao fato de a Globo ser a detentora dos direitos de exibição no Brasil. Além disso, também escolhemos a Sportv, pela audiodescrição, com o recurso de *QR code* ter acontecido durante a sua transmissão.

Os entrevistados também analisaram trechos da audiodescrição do mesmo jogo onde tivemos a intenção de observar se, de fato, as informações descritas são relevantes.

Após essa fase de entrevistas, desenvolvemos dois roteiros: um de narração de jogo de TV, onde o professor de radiojornalismo e coordenador do Audiolab da UERJ, Filipe Mostaro, realizou a narração, com o objetivo de ainda mantermos a linguagem televisiva, mas sendo mais inclusiva, e um segundo roteiro de audiodescrição (este submetido ao crivo da audiodescritora Márcia Caspary) que também realizou sua narração.

Passada essa etapa, apresentamos essas gravações a alguns dos entrevistados que deram sua opinião sobre tanto a linguagem (no caso o texto produzido tanto da narração quanto da audiodescrição), bem como em aspectos como timbre, cadência da narração, dentre outros.

1- FORMAÇÃO DE IMAGENS, SOCIABILIDADE E SUBJETIVIDADES

Entender como as pessoas cegas e com baixa visão vivenciam a experiência de acompanhar jogos de futebol passa pelo entendimento de como essas pessoas experienciam a própria vida. São poucos os estudos que buscam desvendar como pessoas cegas e com baixa visão têm sua compreensão de mundo, sua percepção não somente sobre produtos midiáticos e culturais, mas também em como elas se apropriam da própria imagem que é construída através de sua vivência.

Conforme explica Mayer (2018), em certos segmentos há o pensamento de que, como as pessoas com deficiência visual não podem ver imagens oculares, elas não têm nenhum conhecimento sobre as informações. A autora cita o conto de *The country of the blind*, de Herbert George Wells. Nele é contada a história do alpinista Nunez. Ao escalar montanhas no Equador, ele cai de uma grande altura e acaba por chegar a um vale. Ao caminhar, percebe que as casas não combinam em estilos ou cores. Então se recorda de uma velha lenda da região. Segundo ela, existia no vale uma comunidade assolada por uma doença, que levou os seus moradores a perderem a visão e esta condição era passada de pai para filho. Um grande terremoto bloqueou as principais estradas que ligavam o povoado às montanhas, isolando os habitantes por várias gerações. Ao reconhecer o povoado, Nunez lembra do velho ditado: “em Terra de cego quem tem um olho é rei”. Assim ele vislumbra um futuro maravilhoso no vale, já que poderia relatar as belezas do mundo perante a visão ocular. Ao contrário do que imaginava, os hábitos e a harmonia entre os outros sentidos daqueles indivíduos estavam adaptados às dinâmicas do vilarejo, e a visão por mais que ele tentasse explicar suas maravilhas, não apresentava vantagem para a estrutura de vida daquelas pessoas. Ou seja, naquela comunidade a sua deficiência era enxergar. “O conto de Wells subverte a ideia de incapacidade, demonstrando que uma “ausência”, por si só, não define uma deficiência, colocando em relevo uma questão bastante cara a esta investigação: o que, afinal, é deficiência?” (MAYER, 2018, p.33).

Buscando definir e encontrar respostas para a sua indagação, a autora apresenta os quatro modelos para o conceito de deficiência definidos pelas pesquisadoras Enfield e Harris, em 2003. As autoras propuseram quatro modelos para o conceito de deficiência: Modelo Caritativo, Modelo Médico, Modelo Social, Modelo Baseado em Direitos. No Modelo Caritativo, entende-se a deficiência como um déficit. Conforme explica Meyer, a pessoa com deficiência é vista como vítima de sua incapacidade e, por isto, precisa da empatia e ajuda das demais pessoas. No Modelo Médico, as pessoas com deficiência têm

problemas e precisam ser curados, sendo fadados a terem somente o papel de paciente, à espera de uma cura. No Modelo Social, a deficiência é analisada a partir das características e possibilidades que o meio social proporciona para a pessoa com deficiência, onde temos possibilidades capacitadoras ou limitantes, de acordo com a própria sociedade. Mayer faz um paralelo interessante com a história de Wells.

Dentro desta perspectiva, há que se pensar, por exemplo, se os cegos da história de Wells seriam de fato considerados como pessoas com deficiência. Com uma estrutura social completamente adaptada às suas necessidades, os habitantes do lugarejo atuam ativamente em sua comunidade, sem necessitar da visão ocular de Nunez para realizar suas tarefas" (MAYER, 2018, p.33).

Ainda dentro do Modelo Social, esta análise me fez lembrar de alguns relatos de entrevistados durante a realização desta pesquisa. Eles contaram que algumas pessoas duvidavam da capacidade deles em comentar jogos de futebol (seja de maneira profissional ou não), mas ao se depararem com os comentários observaram que eles eram capazes de não somente fazer análises, mas também terem opiniões em relação a situações de campo que quem enxergava não havia percebido.

Já aconteceu de estar acompanhando o jogo. Eu falei "meu, tal jogador não tá legal" E eu ser indagado do porquê. E eu respondi: porque ele tinha que cair para o outro lado ali, ou ele cai para o outro lado ou o técnico substitui. E acontece o que eu falei, o técnico colocar, dá o resultado e as pessoas falarem caramba: " pior que você tinha razão mesmo e era isso que tinha que ter acontecido mesmo, por que não"? Eu me considero não só um ouvinte de futebol, de esporte, de rádio, mas um estudioso. Eu procuro estar sempre aprendendo, sempre ouvindo e pegando essas referências. Então isso me ajudou bastante. E, esse fato que eu contei, aconteceu várias vezes, várias vezes mesmo (OTÁVIO, entrevista à Carol Fontenelle, online, 14 fev. 2023).

Como vimos neste modelo, existem crenças limitantes quanto à capacidade da pessoa com deficiência e o meio social pode proporcionar até que as habilidades destas pessoas não sejam trabalhadas, por ele ouvir e vivenciar sempre de que não é uma pessoa capaz de realizar determinadas atividades.

Já o Modelo Baseado em Direitos é bem similar ao Modelo Social, sendo que aqui é refutada perspectivas de caridade ou atos de bondade. Além disso, no Modelo Baseado em Direitos ocorre uma perspectiva de cumprimento de direitos democráticos de acesso à informação e à cultura.

Tal qual Meyer, iremos adotar este modelo na execução deste trabalho. Afinal, cabe a nós, como sociedade, oferecer recursos para que as pessoas com deficiência visual possam ter acesso aos aparelhos culturais e comunicacionais.

1.1- Subjetividades e vivências: as personagens deste trabalho

O formulário da *Pesquisa transmissão de jogos de futebol para pessoas cegas e com baixa visão* ficou disponível de dezembro de 2022 a fevereiro de 2023, por meio do Google Formulários. Nosso objetivo, esta etapa, é de compreender como o futebol afeta as pessoas com deficiência visual, bem como entender um pouco sobre quem são essas pessoas. Ao todo, 56 pessoas de todas as regiões do Brasil responderam. 53,6% são da Região Sudeste; 21,4% do Sul; 12,5% do Nordeste; 10,7% do Norte e 1,8 do Centro Oeste. Diante disso, conseguimos atingir nossa intenção que era de ter respondentes de todas as regiões.

Entre os respondentes, 73,21% se identificaram como homens. Podemos perceber o quanto o futebol interessa mais homens que mulheres, dentre o público pesquisado. Suspeitamos que esta preferência se deve ao fato de homens serem mais estimulados a gostarem de futebol desde a infância.

Em relação aos 56 entrevistados, quando perguntados, qual veículo de comunicação costumam utilizar para assistir jogos de futebol, 57,1% responderam televisão, 28,6% rádio e 14,3% *streaming*. Desta forma, a televisão é o veículo mais procurado pelo público entrevistado, contradizendo a ideia de que a pessoa com deficiência visual só acompanha futebol pelo rádio.

41,1% informou que assiste jogos sozinho. 23,2% com familiares, 32,1% com amigos e familiares, 3,6% com amigos. Podemos perceber aí a importância do silêncio para as pessoas com deficiência visual, pois elas estão prestando atenção no jogo, sem ter a imagem, então o silêncio é marcador para que possam acompanhar a partida. 57,1% informou que pede informações sobre o que está acontecendo no momento em que estão assistindo à partida, o que contribui para nossa suspeita do quanto o futebol é importante na própria interação entre estes indivíduos. 42,9% informou que não há necessidade de pedir informação.

Em relação à frequência, 33,9% afirmou que se interessa sobre assuntos relacionados ao futebol todos os dias e várias vezes ao dia. 19,6% disse que se interessa todos os dias. 28,6% informou que raramente, enquanto 5,4% afirmou que de 3 a 4 vezes

na semana e o mesmo percentual disse que 1 vez na semana. 3,6% afirmou que se interessa 2 dias por semana e 1,8% informou que 5 ou 6 dias por semana e o mesmo percentual para quem respondeu uma vez a cada 15 dias. Os percentuais nos indicam que a maioria do público participou da entrevista justamente por se interessar bastante pelo tema.

92,9% informou que torce para algum time de futebol.

Em relação à deficiência visual, 35,7% dos entrevistados afirmaram ter cegueira adquirida, 30,4% cegueira congênita, enquanto 33,9% baixa visão.

Em relação à frequência, 58,9% afirmou que assiste jogos de futebol de uma a duas vezes na semana. 33,9% disse que só acompanha Copa do Mundo e Olimpíadas. 5,4% acompanha a cada 15 dias e 1,8% assistem uma vez ao mês.

O critério utilizado para responder a entrevista em profundidade foi justamente o relacionado à frequência e somente duas mulheres responderam que acompanham de uma a duas vezes na semana. Elas foram contactadas para as entrevistas, mas não nos retornaram. Trinta e um homens responderam que assistem jogos de uma a duas vezes na semana e também foram procurados via Whatsapp até chegarmos ao número de 10 entrevistados, conforme determinamos pela metodologia.

Primeiramente, vamos apresentar os entrevistados. Neste momento, dados relacionados a quem são (profissão, idade, onde moram) e informações prévias sobre deficiência visual. Optamos por usar nomes fictícios para reservar sua identidade.

Thiago

Tem 49 anos, mora no Rio de Janeiro, é consultor em tecnologia assistiva, tecnólogo em rede de computadores em nível superior. Começou a perder a visão após um acidente. Ele estava jogando futebol, de maneira amadora, quando um colega caiu em cima dele, esmagando o nervo ótico. O episódio aconteceu quando tinha 17 anos e foi perdendo a visão de maneira progressiva.

Vai fazer 24 anos que sou cego. Aconteceu um acidente jogando bola. Um amigo caiu em cima de mim e, assim, veio a trazer um problema que eu não sabia que estava acontecendo. Passou esse período, servi ao quartel, mas eu tive vários desmaios e convulsões e eu não sabia que essa queda que eu tive veio trazer problemas para minha visão na parte neurológica. Quando fiz um exame de imagem, de tomografia, eletroencefalograma, não dava nada. Aí eu tive que fazer uma ressonância magnética nuclear, que indicou uma atrofia no nervo ótico. E, assim, vim degenerando a visão. Hoje ainda tem resíduo de luz.

Então, o nome disso é cegueira legal. É o nome informal que chamaram, porque eu tenho resíduo de luz, consigo ver a claridade do cinza e quando estou em um lugar escuro, os cinzas escuros. Ali que eu identifico que tem claridade ou tem um lugar escuro. Mas não vejo nenhum foco, não vejo silhueta, não vejo nada, tudo cinza (THIAGO, entrevista à Carol Fontenelle, online, 20 jan. 2023).

Fábio tem 31 anos, mora em Curitiba, é angolano, bacharel em Direito, jogador de futebol de 5. Nasceu enxergando e começou a perda progressiva da visão com cinco anos, após contrair sarampo. Quando era criança, seu país passava por guerra e era comum as pessoas não se locomoverem muito devido às minas, em meio a quase 30 anos de guerra civil.

Eu não sei precisar com quantos anos eu parei de enxergar. Até 2013, 2014, eu enxergava algumas cores mais vivas, sabe? É até complicado de explicar porque na minha cabeça, quando eu comecei a perder a visão, já me colocaram que eu já tava (sic) cego, entendeu? Então o pouco que eu enxergava, vamos dizer assim que eu nem usava, entendeu? Só que às vezes eu via os amigos brincando, querendo que eu adivinhasse a cor de roupa. Eu acertava tipo todas as cores, mas pra mim eu não estava enxergando, eu tava (sic) adivinhando. Hoje em dia, pesquisei um pouco, estudei um pouco é que eu fui chegando a conclusão que eu via a cor de roupa deles, mas pra mim era uma adivinhação. É complicadinho explicar. Hoje em dia não tenho mais nada, não vejo nem a silhueta (FÁBIO, entrevista à Carol Fontenelle, online, 29 dez. 2022).

Jonathan

Mora no Rio de Janeiro, tem 59 anos, professor de Educação Física aposentado, cego há 10 anos. Sofreu um acidente de carro em 1984, quando tinha 21 anos de idade. Machucou muito o rosto, os dois olhos e ficou cego.

Passei por cirurgia de emergência no Hospital Miguel Couto (RJ). Passado a fase de recuperação, cirurgia de catarata, um transplante de córnea e comecei a enxergar de um olho no olho direito e via bem. Terminei minha graduação e sou formado desde 88 pela UFRJ, na Escola de Educação Física. Mas, infelizmente, em 2003, veio o glaucoma. Descolei a retina, alternei algumas cirurgias, na verdade muitas cirurgias. Voltei a fazer cinco transplantes de córnea nesse olho para tentar não ficar cego. Mas fiquei cego. E em 2012 fiz uma cirurgia, em São Paulo, já sai cego e nunca mais voltei a enxergar (JONATHAN, entrevista à Carol Fontenelle, online, 08 fev. 2023).

A nova realidade de Jonathan o fez unir a Educação Física com a mobilidade. Atualmente, coordena o projeto Pedala Junto.

Não somos caroneiros, o cego pedala também. E a proposta é que façamos isso com segurança e com audiodescrição. A gente pede para o voluntário fazer essa imersão, dizer o que está acontecendo, como é que tá o tempo, o clima, onde está, a gente já fez Paquetá, Boulevard Olímpico, Museu do Amanhã, roda gigante, Praia do Flamengo e Copacabana, por exemplo (JONATHAN, entrevista à Carol Fontenelle, online, 08 fev. 2023).

Durante a pandemia, Jonathan inconformado com o fato de não poder contribuir para a saúde das pessoas, começou a dar aula de dança de salão de casa, pelo Google Meet, em parceria com o Projeto Dançar sem Ver. “E a galera sabe, curtindo, tentando aprender dança de salão, alguns passinhos. Muita gente do Brasil inteiro, você não tem noção, tinha gente de Natal, gente do Rio Grande, do Sul, do Centro-Oeste. Quer dizer, proposta era dar um start, fazer alguma coisa, se mexer”.

Miguel

Tem 37 anos e é jornalista. É considerado pela Medicina como uma pessoa cega, já que não enxerga pessoas e objetos, apenas um resíduo de luz. Como foi uma condição de nascença, já foi alfabetizado em Braille.

Tenho microftalmia. É um caso relativamente raro, ou seja, meu globo ocular não desenvolveu. Ele parou como se estivesse, mais ou menos, no terceiro mês de gestação. Apesar de ter esse problema, do meu olho esquerdo eu ainda consigo enxergar claridade, vulto, cores, as cores mais fortes, eu consigo ver alguma coisa. Claro, pra quem é cego, é aquela história, quem consegue ver um pouco é rei, mas não consigo ver uma pessoa, eu vejo um vulto, uma luz. Se piscar uma luz, eu vejo. Sei lá, está chovendo, se cair um raio, eu vejo um clarão. Mas, eu não consigo ver uma pessoa, ver um carro, esse tipo de coisa não. Então, assim... mas pra Medicina, eles achavam até isso uma coisa descartável, que não era viável e tal, mas o fato é que eu ainda tenho esse resíduo, né? A causa também não se tem o motivo explicável. Quando a minha mãe estava grávida de mim, ela trabalhava no SESI teve crianças que tiveram Rubéola. Porém, nos exames da minha mãe nunca deram nada. Então, ficou uma causa assim... não tenho o motivo definido, mas o fato é que eu sou muito feliz assim. Eu tenho todo o aparato da minha família, tudo o que eu precisei nesses 37 anos de existência, a nível estrutural, psicológico, enfim. E, tocamos a vida (MIGUEL, entrevista à Carol Fontenelle, online, 30 dez. 2022).

Otávio

Mora em São Paulo, é radialista e trabalha em três programas de web rádio atualmente, dois esportivos e um especializado em MPB. Também atua como guia cultural em exposições e é facilitador líder no workshop Diálogo no Escuro, onde são apresentadas dinâmicas para empresas, gestores, profissionais de RH e colaboradores de empresas em geral, para uma sensibilização maior em relação às pessoas com deficiência visual. Enxergou até os 27 anos, quando teve um tumor cerebral e perdeu a visão.

Nasci com o tumor. Sem saber, ele foi desenvolvendo durante a minha vida e com 27 anos, ele começou a causar lesão no nervo ótico. E aí, já quando eu fiz a cirurgia para retirada desse tumor, eu já tinha perdido a visão (OTÁVIO, entrevista à Carol Fontenelle, online, 14 fev. 2023).

Rodrigo

Mora em Pernambuco, tem 26 anos e trabalha com locução publicitária e locução de rádio. Tem sua própria web rádio e trabalha em três emissoras de rádio em Natal, Minas Gerais e João Pessoa. Não enxerga, nasceu com glaucoma congênito e coloca seu programa de rádio no ar com total autonomia, graças à tecnologia.

Uso um programa chamado Nação Rádio Boys, não sei se você conhece, ele me dá autonomia de dirigir o programa, esse programa posso, eu mesmo, sem ajuda de ninguém que enxerga, eu posso mudar de *playlist*, eu posso agendar, posso tocar ali a música que eu quero com total acessibilidade (RODRIGO, entrevista à Carol Fontenelle, online, 5 jan. 2023).

Ricardo

Tem 46 anos, mora em Caxias do Sul. É técnico de informática, prestando suporte de TI, em um hospital. Nasceu prematuro, com 6 anos e tem retinopatia da prematuridade. Conseguia ver detalhes em roupas e cores até 2015, quando deve catarata e operou em 2017.

Como eu tenho um estágio intenso foi difícil de fazer uma lente adequada pra mim. Então a gente teve que improvisar no meio da cirurgia, eles tiveram que introduzir um calço, um extensor pra poder manter a lente parada. Só que o médico falou, olha, a gente improvisou aqui, isso aqui tem que evitar o máximo pancada e tal e tal. Só que a gente sabe que nem todo mundo tem um cuidado na hora de atravessar a rua. Eles te ajudam. Mas eles olham pra tu não bater o tronco. Mas eles esquecem que vai ter uma placa em cima da tua cabeça. Então eu

bati na placa de um poste. Mas o detalhe: a placa bateu na minha na minha cabeça, bem em cima do olho que eu operei. E aquele calço que eles tinham colocado se deslocou e eu tive que fazer outra cirurgia em 2018 e aí enfim, a gente conseguiu restaurar então eu vejo, por exemplo, que você está com a câmera ligada e teu vulto na frente, você está de câmera ligada. Né? Então alguns detalhes eu vejo pra desviar. Um poste. Se a pessoa que está na minha frente está de roupa clara ou escura, mas aí se tem detalhes, não isso eu não consigo mais. Mas eu acho um lucro você tem uma percepção defensiva. Né? Pra desviar de obstáculos que possam te machucar. Uma árvore por exemplo. Um poste. Então, isso pra mim já é muito satisfatório. Agora, pra ler não consigo mais. Nem ler, nem nada (RICARDO, entrevista à Carol Fontenelle, online, 10 jan. 2023).

Como não nasceu cego, não aprendeu Braile desde cedo e agora está tendo que se adaptar aprendendo. Participa de uma associação na qual professores trabalhavam a mobilidade e acessibilidade da seguinte forma: quem não enxergava estudava Braile, já quem tinha baixa visão, trabalharia com materiais didáticos tradicionais. “Hoje então eu estou passando um perrengue porque eu vou ter que me adaptar. Agora estou aprendendo braile, mas eu tenho que adaptar muito o tato, porque quando você perde a visão o teu tato não é apurado quando como desde criança que você vai estimulando né?” (RICARDO, entrevista à Carol Fontenelle, online, 10 jan. 2023).

Leone

Mora no Pará. É graduado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará. Antes disso, passou quatro anos tentando vestibular pela UFPA em Jornalismo, mas como o curso era, na época, muito concorrido, resolveu fazer Letras. Concluiu a faculdade e logo passou no concurso da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, a SEMEC, como professor de língua portuguesa.

Pela expertise em braile, acabei me tornando coordenador no Centro de Referência daqui que é o CRI, na questão de se trabalhar com os estudantes com deficiência visual matriculados na rede municipal. Também me especializei em Educação Inclusiva, atendimento educacional especializado. Hoje sou mestre em educação matemática e inclusão pela Universidade Federal também (LEONE, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 9 jan. 2023).

Como trabalhar com jornalismo esportivo sempre foi o seu sonho, trabalhou 10 anos como colaborador na Rádio Clube do Pará e atualmente trabalha como comentarista nas próprias redes sociais no Youtube, Facebook e Instagram.

Sem vaidade nenhuma, eu digo que eu sou um profissional de fato múltiplo como o sistema quer, né? Porque trabalhar com educação, na

educação matemática, língua portuguesa, braile, né? Sobra um tempo, nessas vinte e quatro horas pra sem comentarista esportivo, pra gostar de futebol, é algo que eu não sei como acontece (LEONE, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 9 jan. 2023).

José

Tem 61 anos, é jornalista, radialista, gestor de Recursos Humanos e professor, mora em São Paulo. Estudou na escola de Comunicação da UFRJ, tem mestrado em Comunicação pela UFF e trabalha na área há mais de 40 anos. Passou pelas rádios Tupi e Globo /CBN. Dezoito anos foram dedicados à área de esportes, onde em seis foi setorista em clubes de futebol no Rio. Tem baixa visão e não tem o globo ocular direito desde os 7 anos (no lugar tem uma prótese estética). Desta forma, enxerga do olho esquerdo:

A prótese é algo que se tira para lavar igual uma dentadura (...) A minha visão funciona assim: eu vejo a vida pequeninha e em alguns momentos treme, para, treme, para. E em outros mais devagar, treme e para. Se eu ficar sentado perto da tela eu enxergo, uso uma espécie de óculos com uma lupa presa para enxergar e nas casas que eu morei sempre teve uma cadeirinha próxima à tela da TV e que não precisava de audiodescrição, porque sentado eu via (JOSÉ, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 26 jan. 2023).

Durante a entrevista, fez questão de firmar sua identidade como pessoa que veio de origem humilde: Complexo do Alemão, zona norte da cidade do Rio de Janeiro.

Rafael

Foi o entrevistado mais novo, tem 19 anos. Por meio do álbum de figurinhas da Copa do Mundo 2022, passou a se interessar pelo futebol. Afirmou que, quando criança, enxergava tudo, mas não soube precisar quando passou a ser uma pessoa com baixa visão e em quais circunstâncias. Pareceu ser uma pessoa muito tímida e pouco falou quando foi entrevistado.

Após entendermos quem são nossos entrevistados, vamos elucidar como acontece a formação das imagens, bem como a importância da presença dos amigos e da família na vida das crianças e as peculiaridades referentes às crianças com deficiência visual.

1.2- Formação das imagens: uma pessoa com deficiência visual total pode ver?

Quando a pessoa com deficiência visual é criança precisa de pessoas disponíveis para lhe descrever o mundo, falar o que acontece, contar como agem outras pessoas, interpretar situações, descrever pessoas, objetos e cores. Além disso, devemos considerar que os ruídos e eventuais ambientes barulhentos podem causar confusão e desorientação e cabe as pessoas responsáveis por cuidar desta criança proporcionar a acolhida necessária para que isto seja atenuado. Também tem papel fundamental neste processo a escola, pois é lá que estarão profissionais que também devem descrever o mundo para estas crianças.

Sabendo da importância da inserção das crianças com deficiência na escola, o Governo Federal, por meio do Ministério da Educação (MEC), em 2006, disponibilizou aos sistemas de ensino a Coleção Saberes e Práticas de Inclusão- Educação Infantil. Em oito volumes, a coleção traz temas específicos sobre o atendimento educacional de crianças com necessidades educacionais especiais, do nascimento aos seis anos de idade e, no caso das crianças com deficiência visual, há o livro *Dificuldades de comunicação e sinalização – deficiência visual*. Escrito pela professora Marilda Moares Garcia Bruno, o livro, além da versão impressa, está disponibilizado, em acesso livre, na internet em PDF.

Bruno (2006) destaca, na publicação, que o professor e os colegas de escola podem ajudar a criança a construir suas próprias experiências e significados, até por meio de brinquedos. Ela nos afirma, ainda, que a criança precisa aprender a fazer coisas como: pegar mamadeira, copo, biscoito, fruta; descobrir como eles chegaram ali; participar da rotina da casa; conhecer o mundo real e construir um sistema de significação e linguagem. Além disso, precisa de alguém que lhe mostre o próprio corpo e como são os gestos sociais como jogar beijo, cantar parabéns, bater palmas, etc.

A criança com deficiência visual, quando pequena, utiliza muito o canal auditivo para interação e controle do meio. Talvez por isso desenvolva logo cedo boa capacidade imitativa da fala, que nem sempre é constituída de significado. O professor deve estar atento para o verbalismo, que é fala repetitiva, descontextualizada, destituída de significado (BRUNO, 2006, p. 25).

Podemos perceber o papel do professor na identificação de potencialidades e dificuldades da criança com deficiência, inclusive na aquisição da fala, contribuindo para que sua verbalização seja assertiva, já que ele precisa aprender a falar sem a visão, ou seja, repetir ações e falas será de acordo com a sua interação com o meio por intermédio do canal auditivo.

Corroborando com Alves (2012), a audiodescrição deve estar na discussão do próprio projeto escolar:

(...) a emergência da audiodescrição ou, pelo menos de seus princípios, no contexto escolar deverá ter como referência os desafios curriculares entretecidos nas demandas do processo (e da problematização) da inclusão escolar de alunos com deficiência e nas abordagens das múltiplas linguagens imagéticas (e das diversas formas como elas se manifestam na realidade escolar), considerando, acima de tudo, o direito cultural e educacional de todos em relação aos acervos imagéticos como objetos de fruição, de construção do conhecimento e do desenvolvimento de experiências estéticas e artísticas. Se a audiodescrição, em suas diversas possibilidades de tornar acessíveis bens e práticas culturais, ainda é objeto de investigações em função, entre outras coisas, de ser um procedimento intersemiótico recente, sua presença sistemática no contexto escolar se coloca como uma possibilidade promissora de estudos e de utilização no campo das práticas pedagógicas que concorram para a mediação da aprendizagem de alunos com (e sem) deficiência visual (ALVES, Jefferson, 2012, p.100).

Sendo assim, é imperativo que a comunidade escolar esteja pronta para acolher alunos com deficiência e saiba trabalhar as suas potencialidades, sendo muito comum o ensino de leitura de imagens. Ou seja, os alunos recebem, por meio da audiodescrição ao vivo, informações de livros, exposições, vídeos, a própria estrutura física da escola e das pessoas da comunidade escolar etc. De acordo com Motta (2016), é a própria diversidade que obriga que escolas e professores repensem as dinâmicas e insiram ferramentas, promovendo o acesso das imagens a alunos com deficiência visual, com dificuldades de aprendizagem e ainda aqueles que não conseguem compreender aquilo que leem. “Aprender a ler imagens pode colaborar para a formação de alunos mais críticos, mais capazes de compreender os aspectos culturais, históricos e sociais contidos nas informações visuais. Aprender a ler imagens terá um impacto na leitura do próprio texto” (MOTTA, 2016, p.2).

A leitura de imagens não será benéfica somente para alunos com deficiência visual, mas para todos que estiverem na sala de aula. Trata-se de um exercício de observação, de ampliação de vocabulário e de observação de mundo. Corroborando com Alves (2012, p.96), a audiodescrição deve ser inserida em uma abordagem pedagógica: “na qual a palavra, como mediadora dos processos de ensino-aprendizagem, permita que todos os agentes implicados em tais processos possam dialogar, a partir dos saberes e das experiências construídas interativamente”.

Vergara-Nunes (2016), em sua tese Audiodescrição didática, ao citar Vygotsky (1997) diz que as crianças cegas aprendem da mesma forma que as demais crianças, já que o que diferencia esses alunos dos demais não é o processamento das informações, mas sim a forma de acesso às informações que rodeiam o ambiente escolar. “Ou seja, as

diferenças não ocorrem no processamento das informações, mas acontecem nas relações com o ambiente, com os agentes não humanos e com os demais sujeitos “(VERGARA-NUNES, 2016, p.59).

Conforme o artigo 2º, item II, da Lei 10.098 (BRASIL, 2000b), barreiras são “qualquer entrave ou obstáculo que limite ou impeça o acesso, a liberdade de movimento e a circulação com segurança das pessoas” e são classificadas como: arquitetônicas (urbanísticas, em edificações e nos transportes) e de comunicação. Quando falamos do ambiente escolar são diversos os obstáculos encontrados. Boa parte delas não está preparada, por exemplo, com rampas para usuários de cadeiras de rodas, sinalização de piso tátil para pessoas cegas, portas são estreitas e não possibilitam que passe uma cadeira de rodas, há ausência de materiais didáticos material em braile e para pessoas surdas e ensurdecidas etc. Desta forma, muitas vezes os professores precisam se reinventar em meio à falta de estrutura, estrutura esta que é garantida por lei. Ou seja, as pessoas com deficiência não têm garantidas seus direitos à liberdade de movimento, bem como à comunicação, desde quando são crianças.

Devemos problematizar ainda: como professores vão se reinventar sem estrutura e muitas vezes sem acesso à informação ou novas fontes de aprendizagem? Motta (2016) afirma que a escola, como *locus* de construção de saberes e de formação de cidadãos, precisa preparar professores capazes de fazer a leitura de um mundo, como ela mesmo adjetiva, caoticamente imagético. Afinal para que os alunos sejam capazes de ler o mundo o professor precisa antes aprender.

(...) no contexto escolar, filmes, cartazes, eventos, os livros didáticos repletos de fotografias, charges, desenhos, gráficos, tabelas, mapas, tirinhas e histórias em quadrinhos, fazem sistematicamente parte da rotina pedagógica. Tanto as imagens estáticas como as dinâmicas são utilizadas não somente para ilustrar, chamar a atenção e tornar as aulas mais atraentes, mas também para complementar o entendimento do texto, do tema em estudo e torná-los mais facilmente compreendidos ou assimilados. Todas têm significado, daí a necessidade de fazer a leitura e traduzi-las em palavras, considerando principalmente a diversidade de alunos em sala de aula e as possíveis barreiras comunicacionais (MOTTA, 2016, p. 1-2).

Bruno (2006) traz ainda a informação de que se a criança tem a deficiência visual após os cinco anos de idade, ela já terá desenvolvido praticamente todo seu potencial visual, podendo assim conservar imagens e memória visual.

No caso de nossa pesquisa, dos dez entrevistados, dois são cegos de nascença, dois têm baixa visão e seis perderam a visão por acidentes e/ou enfermidades, ou seja,

estes conseguiram manter memória visual e isto colabora para o entendimento de uma partida de futebol. Os dois que têm baixa visão têm capacidade de enxergar algumas ações, cores e gestos, enquanto os dois entrevistados que nasceram cegos, formaram imagens a partir das vivências com outras pessoas, já que nunca enxergaram.

Devemos destacar que a neurobiologia tem ajudado na compreensão da formação da imagem visual - esta área abarca o estudo do sistema nervoso e do funcionamento do cérebro humano, buscando compreender a atividade cerebral e as áreas cerebrais responsáveis por suas funções.

Conforme a neurobiologia, a formação da imagem visual depende de uma rede integrada de circuitos neuronais, onde os olhos são apenas parte do sistema, envolvendo aspectos fisiológicos, sensório-motores e psicológicos. Bruno (2006) nos explica que as imagens visuais se formam com a excitação pela luz das moléculas fotossensíveis na retina, ocasionando reações físico-químicas e elétricas que, por sua vez, geram impulsos nervosos, conduzidos pelo nervo óptico ao córtex visual e demais sistemas no cérebro. A autora nos conta que estudos sobre a plasticidade neuronal da visão apontam modificações nas estruturas e no desenvolvimento visual em resposta às experiências e estímulos contínuos. Vale considerar o Estudo nº1: O impacto do Desenvolvimento na Primeira Infância sobre a Aprendizagem, do Comitê Científico do Núcleo Ciência pela Infância¹ (2014), que afirma que a plasticidade cerebral é a capacidade constante de remodelação, não somente na função, mas de sua estrutura, influenciada pelas experiências que ocorrem ao longo da vida. Ou seja, o cérebro se modifica em resposta aos estímulos aos quais está exposto e o processo de desenvolvimento neuronal ocorre gradualmente sobre aqueles já estabelecidos – aí temos a importância dos estímulos dados às crianças já na primeira infância (0 aos 6 anos de idade).

Corroborando com o trabalho *Multisensory perceptual learning and sensory substitution*² (aprendizagem perceptiva multissensorial e substituição sensorial), do professor Michael Proulx et al, do Departamento de Psicologia da Universidade de Bath,

¹ O Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância é um organismo colaborativo multidisciplinar que objetiva levar o conhecimento científico sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância para tomadores de decisão em geral. Criado em 2011, o Comitê é comprometido na construção de uma base de conhecimento para a sociedade. Para mais informações acesse www.ncpi.org.br.

² O texto original é To allow a form of functional 'vision' to occur in the absence of visual input through the eyes, visual information can be transformed by a sensory substitution device into a representation that can be processed as sound or touch, and thus give one the potential to 'see' through the ears or tongue (Bach-y-Rita et al., 1969, Meijer, 1992). Investigations of auditory, visual and multisensory perceptual learning can have key benefits for the advancement of sensory substitution, and the study of sensory deprivation and sensory substitution likewise will further the understanding of perceptual learning.

no Reino Unido, a 'visão funcional' ocorre na ausência de entrada visual através dos olhos. Por sua vez, esta informação visual pode ser transformada por um dispositivo de substituição sensorial em uma representação que pode ser processada como som ou toque, e assim dar-lhe o potencial de 'ver' por intermédio das orelhas ou da língua. Desta forma, podemos inferir que a pessoa que não tem a visão ou ainda tenha baixa visão, consegue ver um jogo de futebol, já que a partir da plasticidade cerebral novos mecanismos internos no cérebro são criados para compensar a “ausência da imagem”.

Quando pensamos nas crianças que nasceram cegas, devemos nos atentar ao fato de que elas precisam ter informações diferentes das que têm baixa visão, como também das que enxergam. Conforme nos explica Bruno:

Deve-se considerar, no entanto, que o desenvolvimento neuronal, a mielinização³ da retina e nervo óptico ocorrem rapidamente nos primeiros dois anos de vida, desenvolvendo-se mais lentamente até os sete anos de idade. Por isso, torna-se imprescindível uma avaliação da visão já nos primeiros meses para que se possa compreender como a criança funciona visualmente e o que lhe desperta atenção e interesse, quais os mecanismos, estratégias e recursos que podem potencializar e melhorar suas respostas visuais. Para ler visualmente o mundo e decodificar letras por meios visuais, é necessário ter o nervo óptico e a retina intactos. A retina é formada por células fotorreceptoras denominadas cones e bastonetes. Os cones são responsáveis pela visão central, percepção de cores e detalhes. Os bastonetes são responsáveis pela visão periférica, formas e adaptação à iluminação. A concentração das células nervosas na retina passa a constituir a mácula, responsável pela acuidade visual, imagem nítida e visão de detalhes. As terminações dessas células nervosas constituem o nervo óptico, que conduz o estímulo visual ao cérebro, onde as imagens são interpretadas. O sistema nervoso é composto por neurônios sensoriais, motores e de associação. As informações provenientes dos receptores sensoriais aferem ao sistema nervoso central (SNC), onde são integradas (codificação, comparação, armazenagem, decisão) por neurônios de associação, ou interneurônios. Essa rede intrincada de circuitos neurais conectados em áreas sensoriais, motoras e de interpretação, funcionam em interdependência e constante integração, o que permite atos conscientes, pensamentos e possibilidade de novas associações e aprendizagem. O córtex visual é responsável pela decodificação, interpretação e associação de imagens (BRUNO, 2006, p.31).

³ Devemos considerar, segundo o Estudo nº1, do Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância, que o processo conhecido como “mielinização” acontece principalmente após o nascimento. A mielina é uma substância composta por proteína e gordura que envolve o prolongamento dos neurônios, facilitando a condução do impulso elétrico e, desta forma, melhorando a comunicação neuronal. O somatório desses processos ao longo dos primeiros anos de vida modifica a estrutura do cérebro, sob influência das experiências vividas, resultando no desenvolvimento neurológico que permite que a criança gradualmente adquira novas capacidades como emitir os primeiros sons até falar, por exemplo.

Sendo assim, devemos afirmar que a comunicação neuronal depende dos processos internos que acontecem no cérebro e das condições das células nervosas que constituem o nervo ótico, que conduz o estímulo visual ao cérebro, interpretando as imagens. O sistema nervoso tem uma rede integrada de neurônios e cabe ao córtex visual a decodificação, a interpretação e a associação de imagens. Vamos pensar numa criança com baixa visão que não tem a percepção clara do que é uma nuvem, por exemplo. A maneira como as pessoas explicam para ela influencia na decodificação do seu córtex visual. Ou seja, a construção dos circuitos cerebrais é influenciada pelas experiências mediadas pelas relações socioafetivas que acontecem nos primeiros anos de vida.

Trazendo para nossa realidade de pesquisa, vamos pensar nos dois entrevistados que nasceram cegos. Os estímulos dados a eles foram diferentes dos que perderam a visão. Por exemplo, eles aprenderam muito cedo o poder que tinha o uso de suas mãos para a comunicação: seja para tocar pessoas, objetos ou ainda na aprendizagem do Braille. Ou seja, o desenvolvimento neuronal para esta atividade (uso das mãos) foi contínuo e gradual, enquanto os entrevistados que perderam a visão tiveram que, “remodelar” as atividades cerebrais, buscando desenvolver esta habilidade, que antes não tinha a mesma importância.

O Estudo nº 1 do Comitê Científico do Núcleo Ciência pela Infância (2014) também nos explica que para determinadas funções, a plasticidade é máxima nos períodos iniciais da vida - os chamados Períodos Sensíveis são momentos nos quais os circuitos cerebrais específicos para formação de determinadas habilidades têm maior plasticidade e as capacidades sensoriais são exemplos disso. Para o desenvolvimento das áreas cerebrais, que irão permitir a visão, é necessária a presença do estímulo luminoso. Caso exista algum obstáculo para que a luz penetre no olho, como a catarata congênita, a acuidade visual será deficiente ou não irá se desenvolver. “Se a catarata for removida cirurgicamente nas primeiras semanas de vida, a plasticidade cerebral na área da visão permitirá que esta possa se estabelecer com maior efetividade” (Comitê Científico do Núcleo Ciência pela Infância, 2014, p.5).

Desta forma, quando falamos de pessoas que perderam a visão após a primeira infância, a capacidade de rearranjar o cérebro é maior, já que as sinapses já foram criadas. Além disso, ela tem as possibilidades de aprender com base de um ensinamento anterior. Por exemplo, o entrevistado Jonathan é professor de Educação Física aposentado e perdeu a visão. Diante disso, fez cursos de orientação, mobilidade e reabilitação, no Instituto Oscar Clark - organização municipal, situada no bairro Maracanã, no Rio de Janeiro.

“Esperei o milagre de voltar a enxergar e o milagre da minha vida foi a aceitação, quando eu me aceitei cego e resolvi viver a vida que eu tinha (...) Eu me dei conta que eu tinha o direito de viver essa vida e eu faço ela da melhor maneira possível” (JONATHAN, em entrevista à Carol Fontenelle, 8 fev. 2023).

Diante da fala de nosso entrevistado, é importante entendermos o que vem a ser, na prática, um curso de orientação e mobilidade. Para isso, recorreremos ao manual *Caminhando juntos: manual das habilidades básicas de orientação e mobilidade*, do professor João Álvaro de Moraes Felipe, coordenador de Programas Especiais e Gestão Técnica, da Laramara - Associação Brasileira de Assistência à Pessoa com Deficiência Visual. De acordo com Felipe (2018), a orientação é sabermos onde estamos e a mobilidade é a capacidade de nos movimentarmos.

A Orientação para a pessoa com deficiência visual é o aprendizado no uso dos sentidos para obter informações do ambiente. Saber onde está, para onde quer ir e como fazer para chegar ao lugar desejado. A pessoa pode usar a audição, o tato, a cinestesia (percepção dos seus movimentos), o olfato e a visão residual (quando tem baixa visão) para se orientar. A Mobilidade é o aprendizado para o controle dos movimentos de forma organizada e eficaz (FELIPPE, 2018, p.8).

A partir destes dois conceitos é possível imaginarmos como uma pessoa que nasceu enxergando, como nosso entrevistado, e perdeu a visão precisa se readaptar ao mundo e, desta forma, reconfigurar seu cérebro para ações tanto do cotidiano, quanto mais complexas. Podemos ainda considerar que, ser professor de Educação Física e lidar com o corpo e sua consciência corporal (conhecimento prévio) contribuiu para os rearranjos em seu cérebro.

Ainda de acordo com Felipe (2018), a pessoa com deficiência pode se movimentar com a ajuda de outra pessoa (guia vidente), usando seu próprio corpo (autoproteções), usando uma órtese (bengala longa), usando um cão guia, ou ainda utilizando a tecnologia, por meio de ajudas eletrônicas. Devemos considerar ainda que a tecnologia contribui muito para as pessoas com deficiência visual, já que, no caso dos celulares, existe o Talk Back (leitor de tela para Android) ou o Voice Over (leitor de tela para Apple) e, assim, a localização espacial é beneficiada, pois ele pode se locomover na rua utilizando os aplicativos de localização, ou ainda estudar, pagar contas, etc., tendo assim, autonomia. No caso dos computadores, o NVDA (Non Visual Desktop Access) é um programa que pode ser instalado e tudo que está na tela ser lido para a pessoa cega.

Na minha opinião, você pode se virar muito bem com a tecnologia. Tanto é que eu aprendi principalmente pontos brailes pra me localizar muito em elevador, por exemplo, que é onde que eu acho que eu mais preciso, assim. Porque às vezes tu não sabe (sic) onde você está indo, né? Porque o resto assim, onde estiver digitalizado, por exemplo, faturas de banco, faturas de cobrança já vem tudo em PDF e os aplicativos de voz lêem em PDF, tanto em celular quanto no computador (RICARDO, entrevista à Carol Fontenelle, online, 10 de jan. 2023).

Podemos perceber assim, que há uma infinidade de ações que as pessoas que perderam a visão podem realizar e que isto, de certa maneira, faz com que elas “vejam” as informações que buscam ou necessitam de outra maneira.

Devemos pensar ainda que, quando uma pessoa nasce cega, já aprende desde cedo a “ver” o mundo de outra maneira e realiza compensações a partir do toque, audição, olfato e cinestesia. Devemos nos atentar ao fato de que ela precisa ter informações diferentes das que têm baixa visão, como também das que enxergam. O mundo não está dado plenamente, ele precisa ser decodificado e é necessário que todos tenham experiências visuais significativas, integradas às demais vivências sensorio-motoras que permitem atribuir significados. Diante disso, quanto mais elementos essa pessoa cega tiver – mais amigos, familiares envolvidos, cães guia, bengala e demais recursos tecnológicos, mais autonomia, não somente no tocante à mobilidade, mas também para, por exemplo, ler, estudar e etc.

Trazendo para a realidade de nossa pesquisa, oito entrevistados tiveram a possibilidade de assistir jogos de futebol seja até a vida adulta ou ainda tendo a condição de baixa visão. O entendimento, por exemplo, do que é um pênalti, foi visto e não somente explicado para estes indivíduos. A partir do momento que foi visto várias vezes, o desenvolvimento neuronal cria a memória do que é um pênalti. Para aqueles que nasceram cegos, o mesmo acontece, mas não a partir da visão propriamente dita, mas da imagem criada a partir das cenas contadas pelos familiares e amigos.

1.3- A importância da família e dos amigos na socialização e no futebol

A primeira fase de socialização de qualquer indivíduo ocorre na família e devemos pensar que, no caso dos que nasceram com deficiência visual, existe um processo de adaptação à realidade daquele novo membro familiar. Como em qualquer família, cabe aos pais (ou quem cuida da criança) inseri-la na sociedade. A terapeuta ocupacional Karine Krameck e a professora do Departamento Terapia Ocupacional da Universidade

Federal do Paraná Gabriela Cordeiro Corrêa do Nascimento (2015) explicam que a deficiência visual gera várias implicações para os indivíduos, dependendo da etapa de vida de acometimento, do tipo de deficiência e da forma de instalação. As autoras afirmam que cada família tem suas dinâmicas e relações diversificadas e que o funcionamento muda em decorrência de qualquer alteração de um de seus membros ou no próprio grupo.

Historicamente, com o predomínio do modelo clínico-terapêutico, o conhecimento sobre saúde e educação era delegado aos médicos, professores e terapeutas e os pais eram simples espectadores das ações referentes aos seus filhos. Após a década de 80, emergiu um novo modelo de assistência à saúde da pessoa com deficiência, o qual passou a considerar como fundamental o enfoque sociocultural e ecológico. Esse paradigma engloba a participação da família, microsistema que passa a ganhar importância devido a sua relevância na participação e no desenvolvimento dos seus membros.

Reconhecendo que o sistema familiar é o eixo primário na contribuição para o desenvolvimento, a educação e a inclusão dos seus membros, é imprescindível que os pais ou os cuidadores sejam protagonistas do processo de habilitação e reabilitação de pessoas com deficiência visual (KRAMÉCK; NASCIMENTO, 2015, p.129).

Sendo assim, percebemos a importância dos pais/cuidadores das crianças com deficiência no seu desenvolvimento. Corroborando com os sociólogos Berger e Luckmann (1985), o indivíduo não nasce membro da sociedade, nasce com a predisposição para a sociabilidade e assim torna-se membro da sociedade. Podemos entender que o indivíduo experimenta na infância a socialização primária e nesta fase não há muitas escolhas, já que os cuidadores / família se encarregam desta socialização e, assim, o insere na sociedade. Em relação às pessoas com deficiência, devemos pensar nos estímulos que são dados ou não pela família. Nesta fase, é essencial entender que a criança necessita de outros suportes, como o aprimoramento do uso do tato, para construir o mundo pelas mãos ou ainda para aprender Braille. Os nossos dois entrevistados, que nasceram cegos, aprenderam Braille desde a infância, ou seja, as famílias tiveram o entendimento e a importância desta aprendizagem.

Quando pensamos no futebol, vemos a importância que o esporte apresenta na vida de cada um dos entrevistados e esta relação foi construída a partir da relação com a família e amigos.

Meu pai sempre morou no interior e aí a diversão das pessoas que moravam no interior era o quê? Era se reunir na comunidade, né? Que é a única diversão que tinha ou era futebol mesmo ou era esportes de

grupos, por exemplo, que é alguma coisa de corrida e tal e o pai sempre gostou muito de futebol, que era o que era mais oferecido assim, e aí ele, vez ou outra, assistia. E aí eu começava a achar legal, né? E por nós termos as rádios, pegavam poucas rádios, então quando tinha alguma transmissão de rádio, principalmente nos domingos, era futebol, tanto era obrigado a escutar futebol e aí eu comecei (a jogar) na escola e eles estimularam por causa da Copa, das Olimpíadas e tal e aí tu (sic) começa a ser inserido nesse meio. E aí tu (sic) vai acompanhando (RICARDO, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 10 jan. 2023).

Um dos depoimentos que nos chamou muito a atenção foi de Leone, que usou o tato, desde cedo, por intermédio de seu pai, para entender o posicionamento tático dos jogadores de futebol:

Meu pai, infelizmente, já não está mais comigo, eu sinto muita falta dele, porque ele me explicava como estavam os times posicionados em campo, ele pegava a minha mão, fazia um desenho tático digamos assim e dizia olha, aqui nas zagas estava do lado esquerdo, do lado direito está alguém, meio de campo, aqui está funcionando dessa forma isso aqui, ele volta pra marcar isso aqui, tem liberdade pra jogar e aí eu fui conhecendo como funcionava, né? Os aspectos táticos do futebol, e como se desenvolve um time dentro de campo, quando o time é defensivo, quando um time é ofensivo ou como modernizaram os termos hoje, né? Quando o time é reativo ou propositivo, então eu fui conhecendo esses termos assim por meio dele e aí a paixão, não só pela questão de torcer por um clube, mas por conhecer né? Mas o futebol, surgiu daí nessa descrição leiga, porque não era uma descrição profissional, era algo que ele fazia sem aquele entendimento e dizer meu Deus será que está será bom ou não? Fazer pra ele importava que eu entendesse da forma que ele explicava, do modo leigo como ele queria garantir essa descrição (LEONE, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 9 de janeiro de 2023).

Otávio nos mostrou o quanto sua paixão pelo futebol foi também estimulada pelo seu pai. Ele conta que quando tinha de sete para oito anos, assistiu pela TV a final do Campeonato Brasileiro, entre Flamengo X Santos, com seu pai:

Desde pequeno, eu digo que é uma paixão de herança, de pai pra filho. (...) O meu pai, santista, José Ferreira, santista de nossa, é apaixonado pelo Santos, “pelezista”, como falava, ele acompanhando o jogo final e o Santos perdeu pro Flamengo de 3 a 0. Eu vi a reação do meu pai tudo. Falei Pô, papai, você está triste? Ele falou tô triste, mas com esse time que perdeu hoje e começou a contar a história do Santos e ali nasceu a minha paixão não só pelo Santos, mas pelo futebol (OTÁVIO, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 14 fev. 2023).

Os papéis de quem ensina e quem aprende também vão mudando com o tempo. Jonathan está cego há 10 anos. Seu filho tem 18 anos e agora é ele quem faz as descrições.

O meu filho está com 18 anos e eu estou cego há dez, onze, então ele já se acostumou a fazer audiodescrição. Já tem alguns filmes que assisti com ele, fala alguns comentários do que está acontecendo. E no futebol não é diferente. Uma jogada, um chute de voleio, ou uma bicicleta, ou uma trapalhada. Ele sempre faz um comentário, para que realmente eu participe da narrativa. Com ele eu posso contar sempre, até no cinema. Ele é meu parceiro (JONATHAN, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 8 fev. 2023).

Além da família, devemos considerar que a socialização acontece também sob outros aspectos da sociedade. Ainda segundo Berger e Luckmann (1985), após a socialização primária vem a secundária, que é qualquer processo posterior que inicia um indivíduo já socializado em novos setores da sociedade. No caso de nosso estudo, podemos considerar que a escola faz parte desses novos setores onde ocorre a socialização secundária. No caso das pessoas com deficiência, existem ainda os centros de reabilitação ou associações, que são locais onde elas se encontram para aprender esportes adaptados, podem desenvolver coordenação motora, ou no caso das pessoas cegas, o Braille. Mas, infelizmente, nem sempre existe uma estrutura para que as pessoas com deficiência possam realizar a reabilitação e sequer estudar. Fabio chegou ao Brasil sem ter se alfabetizado e em sua casa não tinha TV e nem rádio. “Era bastante complicada a situação, né? Era tipo escolher: ou era comprar comida, ou era comprar TV, rádio. Ter TV era ter algum luxo”. Desta forma, as informações não chegavam para ele por intermédio dos veículos de massa, o que chegava era por intermédio da tradição oral.

Tudo que eu ficava sabendo e pegando pelas conversas das pessoas, pelos comentários mesmo. Eu era quieto, mas prestava atenção em tudo que estava acontecendo ao meu redor. Então pegava as informações, tipo, estava lá no meio de adultos, principalmente eles conversavam. Eles falavam do Brasil, principalmente das novelas e do futebol. Aí quando a gente fazia uma rodinha de crianças, que a maioria também não tinha televisão, vamos dizer que eu era o mais antenado. Eu era o que passava as informações para essa rodinha de criança (FÁBIO, entrevista à Carol Fontenelle, online, 29 dez. 2022).

O entrevistado chegou no Brasil em 2001, junto com outras 23 crianças cegas, por meio de um convênio entre os governos de Brasil e Angola. Durante alguns meses, eles moraram em Juiz de Fora (MG), depois ficaram 10 anos no Instituto Paranaense de Cegos (IPC). Lá foram alfabetizados, tiveram aulas de informática, de mobilidade, de Braille e praticaram esportes. No momento da entrevista, Fábio era jogador profissional de futebol de 5 e foi atleta da Seleção Brasileira, que ganhou medalha de ouro nas Olimpíadas do

Rio. Devemos pontuar que ele enxergou até os 5 anos de idade, mas não chegou a ser alfabetizado devido às condições sociais em meio a um país em guerra e miséria.

Podemos considerar, assim, que aos poucos os indivíduos apreendem, primeiramente, utilizando como base o mundo que lhe é dado, o mundo no qual os outros já vivem. “O mundo, uma vez ‘assumido’ pode ser modificado de maneira criadora ou (menos provavelmente) até recriado (BERGER; LUCKMANN, 1985, p.174). Ainda de acordo com os autores, os indivíduos escolhem aspectos do mundo de acordo com sua própria localização na estrutura social e também em virtude de idiossincrasias individuais, cujo fundamento se encontra na história de vida de cada um.

Na história de vida de nosso entrevistado Ricardo acontece uma doença chamada retinoplastia da prematuridade, que o fez parar de enxergar com o tempo. Seus pais não tinham o hábito de fazer descrições para ele.

Até que uma professora chegou, na minha adolescência e falou pros meus pais, ó, ele vai ter que experimentar, porque ele vai ter duas possibilidades, ou ele pode experimentar, ter dúvidas e vocês ajudarem ele a superar ou vocês vão falecer e ele não vai ter aprendido nada, porque vocês não estimularam (RICARDO, entrevista à Carol Fontenelle, online, 10 jan. 2023).

Vemos aí o quanto a participação de Ricardo na escola mudou a sua vida, porque a partir deste momento da orientação de sua professora, o mundo foi apresentado para ele de outra maneira, onde pôde ser capaz de se desenvolver e aprender mais. Coube a Ricardo também a tarefa de querer aprender, construindo assim novos componentes para sua história.

Devemos observar que as pessoas com deficiência visual precisam também ter ao seu redor pessoas que se sensibilizem e entendam o que é importante para suas percepções. Particularmente, sou amiga de um dos entrevistados e aprendi a importância de, quando apresentar uma nova pessoa, por exemplo, fazer a descrição para que ele possa entender como é a pessoa e sempre quando estamos juntos, lembro as pessoas que o apresento a fazer isso. Quando vamos a um restaurante, um pedido que ele me faz é que o garfo não seja de plástico, pois caso ocorra quebra dos dentes, fica inviável ele se alimentar. Posso dizer que minha convivência com ele faz com que eu aprenda demais o quanto todos nós temos as nossas peculiaridades e o quanto é importante aprendermos a lidar com isso.

Dialogando com os conceitos de Simmel (1983), sociabilidade é uma forma de estar em sociedade e de se fazer em sociedade. Para o autor, os indivíduos interagem constantemente e de formas diferentes, num processo diverso e contínuo, sendo marcados uns pelos outros. Podemos então contribuir para este entendimento que, no caso da pessoa com deficiência visual, ela é marcada pelos outros, mas também marca as pessoas ao seu redor, devido a fantástica experiência que é aprender com pessoas com tais vivências diferenciadas.

Podemos ainda citar o caso de Otávio. Ele nos conta que já aconteceu muitas vezes das pessoas videntes, em sua volta, não perceberem alguma ação ocorrida em um jogo de futebol e ele sim.

Muitas vezes, muitas vezes. Até porque eu acompanho jogos. Claro, eu gosto do rádio, acompanho os jogos, mas quando estou com meus irmãos, ou com meu irmão, ou com minha irmã, com os meus amigos, com os meus parentes, com o pessoal que sempre costumo assistir jogo. Já aconteceu de estar acompanhando o jogo. Eu falei meu, ‘tal jogador não tá legal’. ‘Por quê?’ ‘Porque ele tinha que cair para o outro lado ali, ou ele cai para o outro lado ou o técnico substitui colocando isso e aquilo e tudo’. ‘Não, tipo nada a ver’. E acontece o que eu falei, o técnico colocar, dar o resultado e as pessoas falarem ‘caramba, pior que você tinha razão mesmo e era isso que tinha que ter acontecido mesmo, por quê não?’ Eu me considero não só um ouvinte de futebol, de esporte, de rádio, mas um estudioso. Eu procuro estar sempre aprendendo, sempre ouvindo e pegando essas referências. Então isso me ajudou bastante. E esse fato que eu contei aconteceu várias vezes, várias vezes mesmo (OTÁVIO, entrevista à Carol Fontenelle, online, 14 fev. 2023).

A experiência de Otávio é mais um exemplo da importância de entendermos que as pessoas cegas não têm a visão como os videntes. Mas isto não quer dizer que elas não estejam visualizando, já que têm imagens em suas mentes e novas cenas vão surgindo a partir do que estão escutando e cabe também as pessoas videntes contribuírem para que as percepções sejam afloradas e, como disse Simmel, interagir em processo contínuo e diverso.

O projeto Pedala Junto, criado por Jonathan, já mencionado neste capítulo, também é um exemplo de como podem ocorrer interações entre pessoas videntes e não videntes.

Hoje tenho alguns projetos de inclusão para pessoas cegas e de baixa visão. Pedala junto, é um deles, que leva uma bicicleta adaptada para que as pessoas com deficiência visual possam

usar. As nossas bicicletas são lineares, dois selins, dois guidões, dois pedais. Só que quem está na frente é quem enxerga, por questão de segurança. Além disso, durante a pandemia iniciei um projeto de iniciação de danças de salão online. As aulas foram abertas para todo mundo (pessoas com deficiência visual e videntes). Pela voz, eu dizendo do que se tratava e as pessoas dançando. Eu faço desenhos geométricos com uma bengala. Digo: você vai caminhar de um lado para o outro, sabe? Usando ela como referência pra dançar em volta, sabe? É uma proposta difícil. Eu me expus bastante, mas teve gente que se encantou, teve gente que tem boas lembranças de ficar esperando a aula para poder levantar e se divertir, fazer alguma coisa, né? A pandemia foi muito dura para todo mundo (JONATHAN, entrevista à Carol Fontenelle, online, 08 fev. 2023).

Neste caso, a experiência de Jonathan como pessoa cega o fez querer marcar a vida de outras pessoas, em sua mesma condição. O projeto Pedala Junto passa por pontos da cidade do Rio de Janeiro, proporcionando às pessoas com deficiência visual vivenciar a experiência de andar de bicicleta, não somente contribuindo para sua condição física, mas também pela sensação de poder andar de bicicleta. A pessoa vidente, que está pedalando junto, também vivencia uma experiência diferenciada. No momento da pandemia e do isolamento social, nosso entrevistado continuou com o objetivo de marcar pessoas, realizando aulas de dança de salão inclusive para pessoas videntes. O que importava ali era interagir com demais pessoas e trazer momentos de relaxamento e sociabilidade. Como diz Maffesoli (2007), os indivíduos são coletivos e, em seguida, se particularizam em metamorfoses individuais e Elias precisou se reinventar para continuar ajudando pessoas e, por que não dizer, se ajudando também, afinal, o ato de ensinar também proporciona aprendizagem.

2- DEFICIÊNCIA VISUAL E AUDIODESCRIÇÃO: CAMINHOS PARA A ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL

Na maioria das vezes, a pessoa que nasce cega, ou perde a visão no decorrer da vida, ou ainda aquela que tem baixa visão, é acompanhada por outras pessoas que enxergam. Podemos dizer, então, que há um descritor seja de pessoas, imagens, sensações ou objetos, conforme nos explica o pesquisador Felipe Leão Mianes:

Desde que existe o primeiro cego no mundo, existe um descritor. Isso porque, mesmo quando ainda não recebia o nome de audiodescrição, muitas pessoas que acompanhavam esses sujeitos, comentavam sobre como eram os lugares, quais as cores, que objetos estavam por perto e outras informações visuais. Tal era feito de maneira rudimentar, ainda assim auxiliava no convívio dos cegos com o mundo e seu contexto (MIANES, 2016, p.2).

Podemos inferir que a percepção de Mianes sobre o papel do descritor na vida de uma pessoa com deficiência visual é uma experiência empírica, já que ele próprio tem deficiência visual. A palavra descrição vem do latim (*descriptio, onis*) e indica representação, escrever conforme o original, copiar. De acordo com Mayer e Pinto (2018), a descrição é um processo que ocorre posterior à observação, onde acontece o detalhamento das características e elementos de seres, coisas, ambientes, ações, costumes, fenômenos etc. Desta forma, a descrição, ainda segundo os autores, é uma particularização, ou seja, é a captação do traço distintivo que diferencia o que está sendo descrito aos demais de sua espécie, sendo três as etapas a serem cumpridas:

Identificação – quando o ponto de vista do observador focaliza o objeto e o distingue (a partir de suas diferenças e semelhanças), dando ao observador a existência desse objeto;

Localização – quando o observador determina o lugar que o objeto focalizado ocupa no tempo e no espaço;

Qualificação – quando o observador organiza os elementos percebidos do objeto em uma ordem coerente, caracterizando-os e apresentando um julgamento sobre ele (MAYER; PINTO, 2018, p. 43).

Podemos considerar que o observador, desta forma, é um ser com sua subjetividade. No caso da descrição de produtos audiovisuais, por exemplo, devemos ainda mensurar que estes produtos são realizados por pessoas videntes para pessoas videntes e o papel do audiodescritor (também vidente) é uma espécie de tradução intersemiótica e que isto pode ter diferentes interpretações, porque a base é o ponto de vista deste. “Uma vez que a informação visual possui um percentual significativo de indeterminação, o audiodescritor se vale de seus conhecimentos, de suas experiências e

do seu julgamento para elencar as informações e organizá-las em um todo coerente” (MAYER; PINTO, 2018, p. 43). Quando falamos de futebol, devemos pontuar que, as descrições que acontecem por algum familiar ou alguém que está acompanhando a pessoa com deficiência visual, podem vir acompanhadas ainda da paixão pelo time, bem como suas opiniões e valores acerca de jogadores, jogadas, sistemas táticos, muitas vezes, imbuídos de paixão ao ponto de não transcrever a imagem real. Sendo assim, a descrição profissional pode contribuir para o entendimento da partida, mas veremos neste trabalho, que ainda assim ela é repleta de subjetividade.

Precisamos ainda entender, conforme explica Neves (2012), em sua dissertação: *Televisão e deficiente visual: o sonoro na produção de imagens mentais*, que a deficiência visual diz respeito às pessoas com deficiência no órgão da visão, englobando aí aquelas que possuem perda total (cegas) quanto as que possuem baixa visão. Ainda segundo a autora, a identificação das pessoas com esse tipo de deficiência ocorre a partir da verificação da acuidade visual, por meio de um exame, caracterizada pela discriminação de formas apresentadas em linhas, símbolos ou letras, em tamanhos diversificados, realizado pelo médico oftalmologista. De acordo com a Portaria nº 3.128 de 24 de dezembro de 2008, do Ministério da Saúde, considera-se pessoa com deficiência visual aquela que apresenta baixa visão ou cegueira:

Quando o valor da acuidade visual corrigida no melhor olho é menor do que 0,3 e maior ou igual a 0,05 ou seu campo visual é menor do que 20° no melhor olho com a melhor correção óptica (categorias 1 e 2 de graus de comprometimento visual do CID 10) e considera-se cegueira quando esses valores encontram-se abaixo de 0,05 ou o campo visual menor do que 10° (categorias 3, 4 e 5 do CID 10) (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2008).

Como podemos perceber, a explicação técnica é mais condizente para pessoas que são da área da saúde, porém optamos por demonstrar a classificação para elencarmos que existem graus diferentes de comprometimento relacionados à possibilidade de ver ou não imagens. Desta forma, este trabalho estará concentrado em pessoas totalmente cegas, seja esta cegueira adquirida ou de nascença e pessoas com baixa visão que, como podemos inferir, apresentam possibilidades de reconhecimento e descrição de imagens bem limitadas.

Segundo os dados do Censo 2010, 24% da população brasileira tem alguma deficiência, seja ela a dificuldade de ver, ouvir ou locomover-se. A deficiência visual estava presente em 3.4% da população. Devemos lembrar que, apesar da realização do

Censo 2022, dados sobre as pessoas com deficiência não haviam sido divulgados ao término deste trabalho⁴. Dados estatísticos mais recentes ficam por conta do PNS (Plano Nacional de Saúde), de 2019 e também mostram o indicativo de 3.4% da população, num total de 2,7% dos homens e 4,0% das mulheres. Em relação à faixa etária, 0.5% da população entre 2 e 9 anos apresentaram deficiência visual e 9.2% dos idosos. Também há informação presente no PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE, 2022, que mostra que há 18,6 milhões de pessoas com deficiência no Brasil, acima de 2 anos. Dentre estas pessoas, 3,1% têm dificuldade de enxergar, mesmo usando óculos ou lentes de contato⁵.

Já estudo publicado na revista científica *The Lancet Global Health*⁶⁷, em 2021, com o apoio de pesquisadores da USP de Ribeirão Preto, indica que até 2061 a população com cegueira ou deficiência visual triplicará no mundo. Dentre os índices, temos: 61 milhões de pessoas cegas, 474 milhões com deficiência visual moderada a severa. A pesquisa revela ainda que este aumento deve-se às condições inadequadas de alimentação e atendimento médico, ao envelhecimento da população e ao uso excessivo de smartphones. Sendo assim, podemos inferir que o número de pessoas com deficiência visual também irá aumentar no Brasil.

Para atender a uma demanda de pessoas com deficiência visual, em nosso país, devemos considerar as tecnologias assistivas (TA's). De acordo com Veet Vivarta, coordenador do livro *Mídia e Deficiência*, para a Fundação Banco do Brasil e Andi (Agência de Notícias dos Direitos da Infância), essas tecnologias podem ser entendidas como: “Todo e qualquer item, equipamento, produto ou sistema que contribua para o desenvolvimento das potencialidades de indivíduos com limitações físicas, sensoriais, cognitivas, motoras, dentre outras restrições ou disfunções” (2003, p.25). Desta forma, uma das TA's que podemos considerar é a audiodescrição. De acordo com a portaria

⁴ Mais informações podem ser obtidas em <https://www.estadao.com.br/brasil/vencer-limites/resultado-do-censo-2022-sobre-pessoas-com-deficiencia-so-deve-sair-no-ultimo-trimestre-de-2024/> Acesso em 14 ago. 2024.

⁵ Mais informações podem ser obtidas em https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/0a9afaed04d79830f73a16136dba23b9.pdf. Acesso em 14 ago. 2024.

⁶ Mais informações podem ser obtidas em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/31445-pns-2019-pais-tem-17-3-milhoes-de-pessoas-com-algum-tipo-de-deficiencia>. Acesso em 23 out. 2022.

⁷ Retirado do site <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2021/01/25/populacao-com-cegueira-e-deficiencia-visual-vai-dobrar-ate-2050-aponta-estudo.ghtml>. Acesso em 16 fev.2022

número 310, no artigo 53, do decreto número 5296, de 2 de dezembro de 2006, podemos ver a seguinte definição de audiodescrição⁸:

Audio-descrição: corresponde a uma locução, em língua portuguesa, sobreposta ao som original do programa, destinada a descrever imagens, sons, textos e demais informações que não poderiam ser percebidos ou compreendidos por pessoas com deficiência visual” (BRASIL, 2006).

Concordamos com Mayer e Pinto (2018) que questionam esta definição da AD. Segundo os autores, a locução está mais relacionada a como a AD opera e não ao que ela é e ainda restringe a audiodescrição apenas ao contexto dos países falantes de português. Ainda segundo os autores, esta definição coloca a AD num local de descrição de sons “que não poderiam ser percebidos ou compreendidos por pessoas com deficiência visual” (BRASIL, 2006), o que nos leva a uma problematização de que a AD é de difícil significação sem a informação visual de sua origem. Ou seja, a audiodescrição não deve somente descrever sons, como também pode descrever imagens, sentimentos, cenários, objetos e também pessoas. O cego já escuta e não há uma grande necessidade de descrever sons para ele.

Vale pontuar ainda que audiodescrição na grafia com hífen foi popularizada no meio acadêmico, graças ao enfoque dado pelo coordenador do Centro de Estudos Inclusivos, tradutor, intérprete e professor da Universidade Federal de Pernambuco Francisco Lima. O próprio pesquisador, juntamente com Lima e Vieira (2009) apontam que a ortografia do vocábulo áudio-descrição representa união que nos remete a uma nova construção, partindo da composição de elementos distintos, que nos remete a uma nova compreensão do direito à comunicação e à informação, não sendo a mera narração de imagens visualmente inacessíveis aos que não enxergam. Ainda segundo os autores, o serviço de “áudio-descrição⁹” oferece aos usuários condições de igualdade e oportunidade de acesso ao mundo das imagens, objetivando garantir o direito de concluírem o que as imagens significam por meio de suas experiências, conhecimento de mundo e cognição, sendo, desta forma, não apenas a descrição de sons.

Em 2010, por meio da Portaria nº 188, houve uma atualização no texto, definindo a AD como:

⁸ Devemos destacar que a definição de audiodescrição foi se atualizando, como mostraremos a seguir.

⁹ Vale informar que hoje a palavra audiodescrição é escrita sem hífen, seguindo a nova norma ortográfica da Língua Portuguesa, obrigatória desde 2016.

Audiodescrição: é a narração, em língua portuguesa, integrada ao som original da obra audiovisual, contendo descrições de sons e elementos visuais e quaisquer informações adicionais que sejam relevantes para possibilitar a melhor compreensão desta por pessoas com deficiência visual e intelectual (BRASIL, 2010).

Como podemos perceber, a mudança trata de forma mais sensível a pessoa com deficiência visual, deixando de lado o aspecto de não “percepção ou compreensão” para melhor condição de compreensão. Além disso, coloca a audiodescrição não somente sobreposta ao som original, mas sim integrada, abrindo caminho para que ela aconteça inclusive quando o som original está perceptível. Um outro ponto presente é que a AD não está restrita, na segunda redação, a somente imagens, sons, textos e demais informações, mas sim a quaisquer informações que sejam relevantes, mas não mapeia o que seria, de fato, importante para a pessoa com deficiência visual. Vale ressaltar que, apesar das alterações, a portaria continua explicando o que é a AD, sem trabalhar, de forma detalhada, como ela opera. Por falta de uma definição oficial abrangente, julgamos a definição de audiodescrição proposta por Mayer (2016), como mais ideal:

Em termos gerais, a audiodescrição constitui-se como uma atividade de interação entre videntes e não videntes com objetivo de contribuir para que pessoas com deficiência visual tenham um maior acesso às informações visuais oculares. Na atividade de audiodescrição, ocorre a descrição de detalhes visuais importantes como cenários, figurinos, indicação de tempo e espaço, movimentos, características físicas de pessoas / personagens e expressões faciais (MAYER, 2016, p. 16).

A autora, ao apontar a audiodescrição como interação entre videntes e não videntes, num processo de descrição de imagens, coloca a audiodescrição no lugar de produção de sentido. Vemos aí um trabalho que não é unilateral, ou seja, ocorre uma espécie de negociação entre a pessoa cega e o audiodescritor, pois ambos têm seus repertórios culturais individuais e, comumente, o que é descrito para dois cegos pode ser entendido imageticamente de maneiras diferentes. Corroborando com Motta e Romeu Filho, que organizaram o livro *Audiodescrição: transformando imagens e palavras*, para a Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência:

Audiodescrição é um recurso de acessibilidade que amplia o entendimento das pessoas com deficiência visual em eventos culturais, gravados ou ao vivo, como: peças de teatro, programas de TV, exposições, mostras, musicais, óperas, desfiles e espetáculos de dança; eventos turísticos, esportivos, pedagógicos e científicos tais como aulas, seminários, congressos, palestras, feiras e outros, por meio de informação sonora. É uma atividade de mediação linguística, uma modalidade de tradução intersemiótica que transforma o visual em

verbal, abrindo possibilidades maiores de acesso à cultura e à informação contribuindo para a inclusão cultural, social e escolar. Além das pessoas com deficiência visual, a audiodescrição amplia também o entendimento de pessoas com deficiência intelectual, idosos e disléxicos (MOTTA; ROMEU FILHO, 2010, p.7).

Desta forma, podemos perceber que, além da ampliar a produção de sentidos, a audiodescrição favorece o entendimento das pessoas com deficiência visual, mas também de idosos, dislexos e pessoas com deficiência intelectual, referente às produções culturais, aumentando o acesso à informação e aos mais variados equipamentos culturais. Como este trabalho está voltado para maior acessibilidade comunicacional das pessoas cegas e de baixa visão, consumidoras de futebol, vale ressaltar a importância de tentarmos entender o quanto a audiodescrição pode contribuir para este feito. De acordo com a professora da UFBA Manoela Cristina Correia Carvalho da Silva (2016), pesquisadora da área de acessibilidade, no Brasil diferentes ações vêm sendo utilizadas para alcançar uma audiodescrição, de fato, útil para os não videntes: pesquisas de recepção, bons cursos de AD e revisão especializada (na qual, colaboradores com deficiência visual dão consultoria e conferem se a AD foi realizada ou não de maneira como um instrumento que propicie entendimento de ações e cenas que já não foram ouvidas pelo deficiente visual). Não encontramos, até o momento, nenhum trabalho que aborde descrição em partidas de futebol que acontecem ao vivo e são transmitidas pela TV ou *streaming*. Acreditamos que, além da audiodescrição, este trabalho também encontrará sugestões de novas possibilidades narrativas por parte do narrador oficial do evento transmitido. Esta suspeita ocorre porque, culturalmente, temos visto pessoas cegas acompanhar jogos de futebol pelo rádio, ou seja, há algo de especial nesta linguagem radiofônica que faz com que o deficiente visual prefira este tipo de mídia.

Como citado anteriormente, o número de pessoas com deficiência visual tende a crescer e isto implicará numa demanda do mercado de audiodescrição que, como pudemos ver, pode continuar a ser oferecido no campo do audiovisual, inclusive com o crescimento dos streamings. Mas, para que isto ocorra, como ainda nos explica Mianes (2016), é necessário que a inclusão e a acessibilidade sejam entendidas como uma questão mercadológica e não como benevolência somente para incluir pessoas com deficiência.

Levar em conta que a inclusão e a acessibilidade estão na ordem das “coisas inventadas”, pode evitar que a pensemos sob o prisma da benevolência ou do altruísmo, que sem dúvida faz parte do processo, mas não é apenas isso. São ações atravessadas - e interesseiras - pelo

que está posto diante das questões mercadológicas e as necessidades de aplicação dos direitos constituídos pelos grupos minoritários, por exemplo. Isso significa que existem atuando sobre os processos de acessibilidade, uma série de forças e de relações de poder que determinam os rumos e as formas de implementação desses recursos (MIANES, 2016, p.289).

Como não há a possibilidade de realização deste trabalho sem a inclusão das pessoas com deficiência visual, estas serão entrevistadas para que possamos entender o local da audiodescrição na transmissão de jogos de futebol pela TV/*streaming*, teremos também respostas para questões como se há, de fato, um mercado promissor para que ocorra este tipo de investimento pelos detentores dos direitos de transmissão de jogos.

2.1- Audiodescrição: possibilidade comunicacional para pessoas com deficiência visual

Para entendermos como surgiu a audiodescrição (AD) e sua relevância social, recorreremos ao percurso histórico pelos países precursores deste recurso no campo audiovisual. Esta escolha deve-se ao fato deste trabalho ter foco justamente na mídia televisiva, que pode ser estendida aos canais de *streaming*, que já fazem transmissões ao vivo, com som e imagens, de jogos de futebol.

Aderaldo e Nunes (2016) nos contam que a audiodescrição, como é conhecida hoje, configurou-se nos Estados Unidos, na década de 1970, idealizada por Gregory Frasier, professor da Universidade de São Francisco, na Califórnia. Segundo as autoras, enquanto o professor assistia a um filme na televisão, em companhia de um amigo cego, ele percebeu que havia a necessidade +de ajudá-lo para que pudesse acompanhar o desenvolvimento da trama, já que certos pormenores só eram possíveis pelo canal visual. Durante o momento em que estava assistindo ao filme, ele passou então a inserir rápidas descrições daqueles elementos visuais que considerava importantes ao acompanhamento da narrativa. Esta experiência proporcionou que tivesse a ideia de adicionar uma voz gravada a um suporte de áudio entre os espaços disponíveis entre os diálogos. Aderaldo e Nunes nos contam ainda que a iniciativa acabou gerando a dissertação de mestrado de Frasier, em 1975, na qual ele realizou a inserção de 34 fragmentos descritivos em *The autobiography of Miss Jane Pittman*, uma peça teatral adaptada para a televisão com duração de 90 minutos. Posteriormente, o professor fundou a *Audio Vision*, uma empresa sem fins lucrativos, ligada à Universidade de São Francisco, que tinha a intenção de explorar a acessibilidade na televisão. No ano de 1988, no filme *Tucker: um homem e seu*

sonho, ocorreu a primeira inserção de audiodescrição graças a Frasier e seus alunos, com apoio do reitor da Universidade de São Francisco, August Copolla. No ano seguinte, três alunos que haviam estudado com Frasier, por incentivo também de Copolla, demonstraram a técnica de audiodescrição no famoso Festival de Cinema de Cannes. Em 1988, devido à disponibilização de aparelhos televisores com a função SAP, foi possível utilizar audiodescrição, pela primeira vez, na TV, na série *American Playhouse*. Somente na década de 1990 a audiodescrição foi apresentada em larga escala na televisão americana.

Importante ressaltar que os primeiros trabalhos envolvendo audiodescrição no Brasil só surgem quase 30 anos depois, mais precisamente em 1999. De acordo com Machado (2011), filmes foram audiodescritos para o projeto videonarrado, desenvolvido pela pedagoga Maria Cristina Martins, junto ao Centro Cultural Louis Braille, em Campinas. A ideia era de realizar narração para ações e emoções não percebidas pela audição. Participaram 13 pessoas, dentre jovens e adultos com deficiência visual. Ainda segundo Machado, em 2000, a filósofa Bell Machado foi convidada para continuar narrações de filmes no Centro Louis Braille. A audiodescrição acontecia ao vivo e, ao final de cada sessão, um debate era realizado com os participantes. Após quatro anos, foi fundado o ponto de cultura “cinema em palavras”.

Em 2003, aconteceu a 17ª reunião da Comissão de Estudo Acessibilidade em Comunicação da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas). Na ocasião, Cecília Maria Oka, pedagoga da Laramara (Associação Brasileira de Assistência ao Deficiente Visual), relatou que desde 2002 já tinham sido realizadas cinco sessões com descrição de vídeo. Estas audiodescrições foram realizadas por duas pessoas com o uso de equipamentos de áudio em locais com boa acústica. Segundo ainda nos conta Machado (2011), Cecília Maria Oka descreveu, na ocasião, as principais dificuldades envolvidas com a descrição:

- terminologia (descrição, ou leitura ou narração);
- narradores deveriam assistir ao filme previamente;
- uso de filmes dublados ou com pouca legenda;
- dificuldade para se achar fitas VHS dubladas;
- dosagem da descrição de cenários e personagens;
- sobreposição do som do filme X som da descrição;
- descrição poética X descrição subjetiva X descrição objetiva;
- sintonia entre narradores;
- contextualização prévia do filme;
- resumo ou leitura integral da legenda;
- descrição para uma pessoa X descrição para grupos;

- incômodos em plateia de pessoas com e sem deficiência visual;
- contraste entre a cor da legenda com o fundo;
- cenas e diálogos rápidos;
- bate-papo após o filme (MACHADO, 2011, p.100-101).

Podemos ver que, no início da aplicação do recurso, havia uma dúvida de como qualificá-lo. Como o início se deu na apresentação de filmes, as dúvidas também eram referentes a sua aplicabilidade especificamente para esta linguagem. Hoje entendemos que os narradores não somente devem assistir aos filmes previamente como devem, se possível, fazer parte da produção audiovisual desde a sua concepção. Com a massificação das mídias digitais e o surgimento dos *streamings*, a produção audiovisual está mais aquecida e hoje também não temos as mesmas preocupações quanto a poucos filmes legendados ou dublados para o Português e as legendagens já apresentam orientações definidas - o que facilita o trabalho do audiodescritor quando ele está produzindo o roteiro. A própria ABNT definiu regras de como fazer a audiodescrição no tocante à importância de descrição de cenários e personagens, sobreposição de som, descrição de pessoas e de cenas, graças ao trabalho de alguns audiodescritores que elaboraram as regras, a exemplo de Livia Motta e Bell Machado. Iremos ver estes pontos neste trabalho, bem como iremos discutir sobre o uso ou não da subjetividade.

Os questionamentos de Cecília Maria Oka devem-se ao fato de serem justamente as iniciativas embrionárias da audiodescrição no Brasil. Faremos agora um pequeno percurso histórico de como surgiu a audiodescrição no Brasil, usando como fonte principal o trabalho *Acessibilidade na televisão digital: estudo para uma política de audiodescrição na televisão brasileira*, de 2011, de Flávia Machado.

Segundo a autora, a audiodescrição formal só passou a ser utilizada no Festival Assim Vivemos, também em 2003. Seguindo como inspiração o Festival Alemão *Wie Wir Leben* (Como Nós Vivemos), a Lavoro Produções também resolveu criar este festival com a temática para as pessoas com deficiência.

As três primeiras edições do Festival Assim Vivemos aconteceram em 2003, 2005 e 2007, com exibição de filmes em Brasília e Rio de Janeiro. Aos poucos, o festival atingiu cidades como São Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte. A exibição não contava somente com filmes sobre a temática deficiência, mas também disponibilizava recursos de acessibilidade como: catálogos em Braille, intérprete de LIBRAS nos debates, salas com acessibilidade para cadeirantes e audiodescrição e legenda nas apresentações dos filmes.

Em 2006, aconteceu a Mostra de Cinema e Direitos Humanos da América do Sul, que já apresentou filmes com audiodescrição. Em 2007 foi a vez do filme Saneamento Básico durante o Festival de Cinema de Gramado. O Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, também desde 2007, apresenta sessões com audiodescrição.

As mostras de curta metragem nacionais e internacionais do Dia Internacional da Animação já possuem AD desde 2009. Este evento envolve mais de 400 cidades. Já o primeiro festival a disponibilizar a AD na programação completa de filmes de circuito comercial foi a 36ª edição do Festival SESC Melhores Filmes 2010. Entre os dias 8 e 29 de abril, 36 filmes estiveram em 88 exhibições, com audiodescrição e legenda para surdos.

Pude conferir algumas das sessões. Logo na entrada, era entregue ao espectador um aparelho para receber a audiodescrição. Pessoas com e sem deficiência visual foram conferir, alguns pela primeira vez, como era a audiodescrição.

Vale ressaltar que, esse aparelho é semelhante àqueles usados para a recepção de tradução simultânea (...). Ainda não há no mercado brasileiro um equipamento específico para audiodescrição, cuja característica difere em relação à não opção de mudança de canal. Ou seja, enquanto nos equipamentos de tradução simultânea o espectador pode alterar o canal do áudio e o volume, nos equipamentos de audiodescrição ao espectador só é permitida a alteração do volume (MACHADO, 2011, p. 103).

A autora ainda nos conta que para este festival do SESC trabalharam seis audiodescritores roteiristas e cinco locutores. A audiodescrição era narrada ao vivo e, em algumas sessões havia a necessidade de duas pessoas fazendo o que ela chama de *voice over* – dublagem do filme sobreposta à fala dos personagens.

A AD estreou em DVD no filme “Irmãos de Fé”, lançado em 2005. Segundo aponta Machado (2011), o que parecia ser o início do crescimento de produtos audiovisuais acessíveis ao circuito comercial, na verdade não passou de uma iniciativa tímida, já que somente os filmes “Ensaio sobre a cegueira” (2008), “O signo da cidade” (2009), “Zona Desconhecida” (2009), “Chico Chavier” (2010), “Turma da Mônica – CineGibi 5” (2010) e “Nosso Lar” (2011) tiveram a inserção da audiodescrição.

Desta forma, podemos ver que o recurso de AD, de maneira profissional, não atinge somente a população com deficiência visual, como também pode contribuir para a inclusão de mais pessoas na sociedade, como, por exemplo, idosos, pessoas com dificuldade de visão ou compreensão.

2.2- Acesso à informação: audiodescrição na TV vira lei

No Brasil, foi criada em 2000 a Lei nº 10.098, conhecida como “Lei da Acessibilidade”, que aborda diversas necessidades das pessoas com deficiência em setores como transporte coletivo, projetos de natureza arquitetônica, acesso à comunicação e à informação. No que se refere aos meios de comunicação, a referida lei foi alterada pelos Decretos nº 5.296 (BRASIL, 2004), nº 5.645 (BRASIL, 2005), e nº 5.762 (BRASIL, 2006), que tornaram a audiodescrição um direito garantido pela legislação, obrigando as emissoras de TV a oferecer pelo menos duas horas diárias da programação com o referido recurso, até junho de 2008. A ideia é que a quantidade de horas aumentasse gradativamente até que, em 2016, toda a grade estivesse acessível. Mas as Portarias 403 (BRASIL, 2008a), 466 (BRASIL, 2008b) e 661 (BRASIL, 2008c) suspenderam a obrigatoriedade do recurso. No ano seguinte, foi aberta consulta pública com o objetivo de colher contribuições e isto gerou indignação de diversas instituições, que cobraram a implementação de medidas que já haviam sido discutidas e aprovadas.

Após diversas discussões, finalmente o recurso da audiodescrição passou a ser obrigatório por meio da Portaria nº 188, de 24 de março de 2010. Inicialmente as emissoras de TV aberta do país, com sinal digital, passaram a ter que disponibilizar o mínimo de duas horas de sua programação semanal com o recurso. De acordo com o item 7.2.1 da Portaria, aos poucos, a programação com audiodescrição aumentaria:

- a) no mínimo, duas horas semanais, na programação veiculada no horário compreendido entre 6 (seis) e 2 (duas) horas, dentro do prazo de 12 (doze) meses, a contar de 1º de julho de 2010;
- b) no mínimo, quatro horas semanais, na programação veiculada no horário compreendido entre 6 (seis) e 2 (duas) horas, dentro do prazo de 36 (trinta e seis) meses, a contar de 1º de julho de 2010;
- c) no mínimo, seis horas semanais, na programação veiculada no horário compreendido entre 6 (seis) e 2 (duas) horas, dentro do prazo de 60 (sessenta) meses, a contar de 1º de julho de 2010;
- d) no mínimo, oito horas semanais, na programação veiculada no horário compreendido entre 6 (seis) e 2 (duas) horas, dentro do prazo de 84 (oitenta e quatro) meses, a contar de 1º de julho de 2010;
- e) no mínimo, doze horas semanais, na programação veiculada no horário compreendido entre 6 (seis) e 2 (duas) horas, dentro do prazo de 96 (noventa e seis) meses, a contar de 1º de julho de 2010;
- f) no mínimo, dezesseis horas semanais, na programação veiculada no horário compreendido entre 6 (seis) e 2 (duas) horas, dentro do prazo de 108 (cento e oito) meses, a contar de 1º de julho de 2010; e
- g) no mínimo, vinte horas semanais, na programação veiculada no horário compreendido entre 6 (seis) e 2 (duas) horas, dentro do prazo de 120 (cento e vinte) meses, a contar de 1º de julho de 2010.

Machado (2011) nos explica que em 2013, o Ministério Público Federal entrou com uma ação para retomar o cronograma inicial, que obrigava as emissoras a disponibilizar 100% da programação com audiodescrição em 132 meses (11 anos). Porém ficou definido pelo Supremo Tribunal Federal (STF) a suspensão dessa portaria e foi firmada a meta de 20 horas semanais em 10 anos. Desta forma, a partir de 2023, as emissoras de TV aberta, com sinal digital, devem transmitir ao menos 20 horas semanais de programação audiodescrita. Até o término deste trabalho, procuramos matérias jornalísticas e trabalhos acadêmicos que abordassem se houve alteração na lei (extensão ao prazo) ou se a lei está sendo cumprida ou, em caso negativo, se há multa. Não encontramos informações que respondessem a estas dúvidas. O que sabemos é que tem sido comum, como já abordado anteriormente, a audiodescrição em filmes, mas, atualmente, nenhuma emissora dispõe de audiodescrição em suas transmissões esportivas. A TV Globo cumpre as 20 horas e apresenta o recurso no programa esportivo *Esporte Espetacular* e, em 2022, fez a primeira novela com audiodescrição da TV brasileira, chamada *Todas as Flores*. Vale ressaltar que a Lei da Acessibilidade também propõe que o recurso de janelas de Libras deva ser utilizado, o que também não acontece na programação de jogos de futebol.

Scoralick (2017) nos conta que o primeiro programa com audiodescrição foi a série *Vida em Movimento II*, exibida de novembro de 2008 a janeiro de 2009 pela TV Cultura. Ainda segundo a autora, o trabalho foi uma solicitação do Serviço Social da Indústria (SESI) ao Amankay Instituto de Estudos e Pesquisas para produção de vídeos sobre esportes adaptados para pessoas com deficiência. A série *Vida em Movimento* teve seu início em 2006, já trazendo pessoas com vários tipos de deficiência em situação de inclusão. A apresentação ficou por conta de Willian Coelho (Billy), um jovem cadeirante que morava sozinho, trabalhava, participava de grupos de teatro, entrevistava crianças, jovens, familiares e colegas em suas casas, escolas, locais de trabalho etc. , por meio da audiodescrição feita por Lívia Motta.

Segundo o site do Instituto Amankay, a série estava organizada em três grandes blocos, agrupados por tema.

1 O primeiro bloco mostra temas gerais: o preconceito, a inclusão, o papel da família, da escola, a acessibilidade e os direitos. São 6 programas, de 8 minutos cada;

2 O segundo aborda as características dos principais tipos de deficiência: física, mental, visual e auditiva. São 4 programas, também de 8 minutos cada;

3 O terceiro, composto por 15 vídeos de 4 minutos cada, mostra a realização de atividades físicas, esportes e brincadeiras, contemplando os diversos níveis de ensino (AMANKAY, acesso em 09 fev. 2022).

Levar a série para a TV foi, acima de tudo, proporcionar informação sobre deficiência para, além do público geral, profissionais da área de Recursos Humanos e, inclusive, professores de todos os níveis de ensino.

Em 2015, a TV Globo começou a utilizar o recurso de audiodescrição em filmes. Um aviso sonoro indica às pessoas cegas que aquele programa tem este recurso e um logotipo aparece no canto inferior direito da tela da TV. Com base nesta informação, por meio da tecla SAP, o telespectador que tem o sinal digital pode trocar o canal de áudio: do português para o português com audiodescrição. A emissora transmite, aproximadamente, 6 horas de conteúdo com audiodescrição em seus programas: Sessão da Tarde, Tela Quente, Supercine, Domingo Maior e Temperatura Máxima.

De acordo com Scoralick (2017), que tem trabalho focado na TV acessível para pessoas com deficiência visual, as pessoas com deficiência têm seus próprios referenciais. “As imagens criadas em sua mente são compostas por vários elementos, tanto visuais quanto táteis, auditivos ou motores. É a chamada imagem de representação” (SCORALICK, 2017, p. 93). A autora ainda explica que a produção da programação para TV, por sua vez, está focada na composição de elementos que alcancem a visão, usando elementos como sons, gráficos e vinhetas e, para verificar se a tradução das imagens em audiodescrição é compreensível na TV, ela realizou este trabalho, na intenção de buscar novas sensações e informações a partir do uso da audiodescrição.

Vale ressaltar que trabalhos como o de Scoralick são de extrema importância para a massificação deste recurso, haja vista que a TV é o veículo de comunicação mais procurado pelos brasileiros. De acordo com pesquisa Kantar Ibope Media, mais de 205 milhões de brasileiros assistiram TV linear (programação de canais abertos ou fechados), com tempo médio de 5h e 37 min diários, em 2021¹⁰. A pesquisa mostra que o conteúdo de vídeo foi assistido pela TV em 79% dos casos e 21% às plataformas de vídeo. Os dados mostram ainda que 11% da programação linear da TV foi composta por esportes (devemos considerar que as Olimpíadas influenciaram este índice).

¹⁰ Mais informações podem ser obtidas em: https://www.kantaribope.com/wp-content/uploads/2022/06/Inside-Video-2022-Kantar-IBOPE-Media_.pdf. Acesso em 08 out. 2022.

Quando pensamos em mercado consumidor, não devemos nos esquecer que ele é heterogêneo, ou seja, públicos diversos precisam ser contemplados. Se pararmos para refletir, não somente pessoas com deficiência visual, mas também idosos e pessoas com deficiência intelectual / cognitiva podem ser beneficiados com a audiodescrição e isto aumenta mais ainda a quantidade de pessoas beneficiadas. Nas próximas seções, vamos entender como pode ser feito o processo de audiodescrição.

2.3- As etapas e os profissionais da audiodescrição

Umberto Eco (1983), em seu livro *Lector in Fabula*, fala da importância de considerar o outro, implicando um sistema dialógico em jogo. Podemos inferir com o autor também que o leitor tem a sua própria capacidade concreta de comunicação. Seguindo essa linha de raciocínio, existem movimentos interpretativos em função da possível resposta que se espera do outro. Vamos juntos tentar entender como as imagens são construídas pelas pessoas com deficiência visual, seja ela congênita ou adquirida. Como explicar pessoas, objetos, ações, comportamentos, cores e emoções se tal como um texto, cada um interpreta de acordo com seu repertório cultural e intelectual? Podemos dizer ainda que o mundo apresentado à pessoa cega congênita é o resultado da vivência do vidente e do próprio cego com outros videntes. Já a realidade da pessoa cega adquirida é a reunião da sua memória visual em conjunto com a vivência dos videntes que descrevem as ações.

Em 2019, vimos um vídeo viralizar da mulher e mãe, Silvia Grecco, que narra jogos do Palmeiras, no Allianz Parque, para seu filho, Nickollas Grecco, que é cego. A iniciativa fez com que ela ganhasse o *Fifa Fan Award* do mesmo ano, que homenageia fãs do esporte em iniciativas inusitadas¹¹.

Por mais que o trabalho de Silvia tenha sido feito talvez de forma quase que intuitiva (não encontramos evidências de que ela tenha feito algum curso de audiodescrição), a ação faz com que seu filho tenha a capacidade de entender o que está acontecendo em um jogo de futebol.

Durante a Copa do Mundo de 2014, quatro estádios: Maracanã (Rio de Janeiro), Arena Corinthians (São Paulo), Mané Garrincha (Brasília) e Mineirão (Minhas Gerais) tiveram o recurso da descrição, em forma de áudio, no momento dos jogos. Quem

¹¹ Mais informações podem ser vistas no site < https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/6109469/mae-palmeirense-que-narra-jogos-para-filho-cego-ganha-premio-no-melhor-do-mundo-da-fifa>. Acesso em 02 mar. 2022.

quisesse ouvir, deveria levar um aparelho portátil de rádio ou telefone celular com receptor FM e sintonizar em frequências, que estavam disponíveis para o serviço. Com dois voluntários em cada local, foram descritos, além da partida, uniformes dos jogadores, linguagem corporal, expressões faciais e brincadeiras das torcidas. A iniciativa foi realizada em parceria entre a FIFA; a organização não governamental Urece Esporte e Cultura para Cegos, do Rio de Janeiro; e o Centro de Acesso ao Futebol na Europa (CAFE) e contou com locutores voluntários treinados.

Como podemos perceber, existem iniciativas que já colocam a pessoa com deficiência visual no lugar de consumidora de futebol, mas, por ser algo pontual, este serviço não continuou sendo oferecido nos estádios. Em relação à televisão brasileira, bem como aos canais de *streaming* que transmitem jogos de futebol ao vivo, não encontramos nenhuma emissora ou canal que realize transmissões com recursos inclusivos, nas transmissões ao vivo.

A não continuidade deste trabalho nos estádios, bem como a não absorção do serviço pelo audiovisual esportivo, parece indicar o não lugar da pessoa com deficiência na sociedade. As cidades não estão preparadas para elas, pois não existe, em sua maioria, acessibilidade. O mesmo acontece com os comércios, afinal, como uma pessoa com deficiência consegue se locomover em lojas como supermercados, farmácias etc.? Devemos também considerar a falta de acessibilidade em produtos culturais e também espaços como universidades, cursos, estádios de futebol, dentre outros. Podemos perceber assim, que o mundo não é projetado para as pessoas com deficiência.

A Lei de Acessibilidade existe há mais de 20 anos e não contemplar os deficientes visuais em produtos culturais ou ainda em transmissões esportivas em geral é continuar reservando-os o lugar de não consumidores. Além da boa vontade de produtores e patrocinadores é necessário também que existam audiodescritores com formação que possibilite a oferta deste recurso e, a medida que mais produções audiovisuais se preocupem com a inserção deste público, a tendência é que surjam mais cursos formadores.

Como vimos anteriormente, audiodescrever cenas é comum principalmente quando falamos de videntes descrevendo ações para pessoas com deficiência visual. Mas, na audiodescrição, os profissionais exercem as seguintes funções: roteirista, audiodescritor narrador e consultor.

O roteirista é o profissional que faz a tradução das imagens e estímulos sonoros, que não se pode compreender, para palavras. É quem toma as decisões tradutórias e descreve as imagens para elaborar o roteiro, pensa a estrutura da AD dentro de determinada produção cultural, redige o texto, calcula o tempo e os espaços em que a AD poderá ser inserida. O audiodescritor narrador é aquele que realiza a locução do roteiro, observando a entonação, a velocidade e a modulação da voz a fim de torná-la a mais adequada possível para a compreensão do público (MIANES, p.12-13, 2016).

Tanto o trabalho do consultor quanto o do roteirista / narrador são feitos por pessoas com formação especializada, sendo que estes últimos podem ser a mesma pessoa acumulando as duas funções. Não basta ter bom conhecimento da Língua Portuguesa e escrever bem ou ainda ser deficiente visual para exercer essas funções. No caso do locutor, é necessário pensar que a locução é, juntamente com o roteiro, responsável por proporcionar visualidades:

A locução tem papel igualmente determinante para o sucesso de uma audiodescrição. Seja gravada ou ao vivo, é apenas na emissão do roteiro pela fala e na recepção do mesmo por parte do espectador que o processo se completa. A habilidade em desenhar imagens, por meio da voz, confere ao audiodescritor-narrador participação ativa no processo tradutório (SCHWARTZ, p.58-59, 2016).

A entonação da voz, a cadência na emissão das palavras e a adaptação do tom ao tipo de produto estão entre as competências requeridas para um narrador. Sua narração só deve ser realizada no momento das pausas, seja qual for o tipo de produto porque a pessoa com deficiência visual tem direito de também ter as informações que estão sendo transmitidas seja durante um filme, exibição de uma peça de teatro, apresentação em um museu etc. Desta forma, durante a transmissão audiovisual do jogo de futebol, o narrador de audiodescrição não poderá interromper a fala do narrador oficial do jogo. Ulbricht, Vanzin e Villarouco (2011) criaram o livro digital *Conceitos e Práticas em Ambiente Virtual de Aprendizagem Inclusivo* e citam ainda que, quanto à narração referente ao futebol, diferentemente da narração esportiva, não deve visar somente a partida, mas sim todos os elementos virtuais presentes no estádio. As orientações dos autores, vão ao encontro do que a própria ABNT NBR 16452, que trata da acessibilidade na comunicação - audiodescrição aborda referente às notas introdutórias, nos eventos esportivos:

Em eventos esportivos, as notas introdutórias devem conter explicações sobre os jargões específicos utilizados naquela modalidade esportiva, sobre a escalação dos árbitros e dos times ou o perfil dos atletas e os

uniformes utilizados, bem como os eventos paralelos ou simultâneos que ocorram nesse ambiente (ABNT, NBR 16452, 2016, p.9).

Vale contemplar também que a norma orienta que, ainda referente à narração, deve haver clareza e a entonação deve respeitar a dinâmica e o gênero da obra, evitando tornar-se monocórdica ou demasiadamente expressiva. O profissional deve também ater-se ao roteiro, aos pontos de inserção das unidades descritivas e ao conteúdo do que está sendo narrado.

A própria norma sugere também que o consultor em AD seja contactado, lembrando que este profissional deve ter deficiência visual, seja ela cega ou com baixa visão. Ele tem a função de avaliar a qualidade do roteiro de audiodescrição, pois, como ele é feito por uma pessoa vidente, deve-se conferir se, de fato, o que foi descrito faz sentido para o deficiente visual. É neste momento que é analisada a necessidade de inserir algum conceito ou palavra mais pertinente, fazendo assim com que ele tenha mentalmente uma imagem que seja consonante à cena.

No caso do consultor, podemos dizer ainda que, tal qual os videntes, cada um interpreta o mundo a sua maneira, de acordo com sua bagagem cultural e vivências. De acordo com Mianes (2016) que, além de pesquisador é consultor, as diferenças de percepção do mundo podem fazer ainda com que este profissional tenha mais apreço por um tipo de produto a ser descrito, bem como terá mais conhecimentos e habilidades para sua atuação. Ainda segundo o autor, caso o consultor não possua amplo conhecimento sobre o tema no qual está realizando seu trabalho é necessário que faça pesquisa apurada para que possa expressar-se de modo claro e seguro, garantindo assim opiniões bem fundamentadas referentes à compreensão da obra ou produto cultural. Em relação à audiodescrição no futebol, é necessário também que este consultor seja consumidor de futebol para que ele possa, de fato, auxiliar.

Mianes ressalta ainda que há a necessidade de o consultor tentar agregar, em sua consultoria, o maior número possível de pessoas com deficiência, mesmo sabendo que é impossível contemplar todas as especificidades deste grupo. Como ele tem baixa visão, sempre tenta perceber-se no lugar da pessoa cega:

(...) procuro estabelecer diálogos constantes com outros “colegas” com deficiência visual, com o objetivo de entender a necessidade e os desejos de uma parcela considerável desse grupo, e não só daquilo que imagino ser o mais adequado.

É fundamental que o consultor de AD tenha uma série de competências que lhe permitam construir um pensamento crítico e interpretativo que proporcione a ele condições de aferir a qualidade e a clareza do texto

feito pelo roteirista. Isso significa que é preciso que o consultor possua um mínimo de escolaridade, ou até trajetória acadêmica e trajetória de vida, que lhe confirmem capacidade para refletir sobre seu trabalho, tendo uma visão de mundo aguçada aliada ao fato de estar sempre bem informado sobre o que acontece em nossa sociedade.

Também se faz necessário que possua um bom conhecimento da língua portuguesa, tanto em sua estrutura e gramática, quanto em seu amplo vocabulário e seu uso adequado em diferentes contextos linguísticos e sociais. A substituição de um adjetivo por outro mais pertinente pode ser crucial para a interpretação adequada da AD de determinado produto (MIANES, p.15, 2016).

Como podemos perceber, o pesquisador frisa a importância do consultor em audiodescrição ter escolaridade, pensamento crítico interpretativo e ainda domínio da língua portuguesa. Estas competências contribuem para que ele seja capaz de dar consultoria de forma profissional e porque não dizer sensível, afinal, perceber o outro e buscar entendê-lo faz parte do processo de audiodescrição. Devemos lembrar ainda que o público pesquisado apresenta repertório imagético, ou seja, ele já tem imagens formadas em sua mente que representam objetos, pessoas e até ações. O fato de Mianes ter baixa visão, ter seu repertório imagético e conviver com pessoas em mesma condição de deficiência visual colabora também para que ele faça o trabalho de audiodescritor de maneira cada vez mais inclusiva e representativa.

Corroborando com Koehler e Foerste (2021), o encontro entre audiodescritor e pessoa com deficiência na construção de roteiros proporciona que o audiodescritor recolha elementos para retornar a si mesmo habitado pelo outro e isto dá plasticidade e moldura ao roteiro. “Em outras palavras, a própria construção de um texto de audiodescrição é uma atividade estética quando executada pela via do encontro com o outro, pelo ecoar e ouvir de outras vozes” (KOEHLER; FOERSTE, p.8, 2021). Vale ressaltar ainda que, segundo as autoras, o ofício de consultoria não subordina o audiodescritor ao consultor, muito pelo contrário, este trabalho deve ser visto como uma prática realizada em conjunto, por meio da negociação e do entendimento das pessoas cegas ou com baixa visão, sendo assim uma construção coletiva.

Devemos ainda nos lembrar a importância da inclusão do consultor como profissional devido ao seu lugar de fala na produção audiovisual. Foucault (1998) nos ensinou que o lugar de fala é a representação no texto das posições sociais e da posse de capital simbólico dos agentes e instituições sociais. Desta forma, falar é um discurso proveniente de algum lugar. Podemos então dizer que os lugares de fala são constituídos e legitimados por meio de posições sociais e simbólicas, não implicando somente uma

relação de comunicação, mas sim relações de poder. Sendo assim, o consultor tem o poder de dar voz as suas especificidades e de sua comunidade, exercendo assim protagonismo, o que valoriza o seu próprio capital simbólico na sociedade.

Podemos destacar ainda trabalho de doutorado de Thiago Cerejeira, intitulado *A coautoria do audiodescritor consultor na performance da audiodescrição poética*, que sugere que o consultor audiodescritor também seja considerado um autor do roteiro de audiodescrição, conforme ele mesmo explica:

Em relação aos parâmetros, é pertinente destacar a ideia do protagonismo autoral do audiodescritor consultor na artesanaria e na processualidade desse ofício, em uma perspectiva que o entende também como autor do processo de trabalho e, portanto, do roteiro, à medida que interfere decisivamente no acabamento e no resultado final da audiodescrição.

(...)

Abre-se, por conseguinte, a discussão acerca da representatividade do audiodescritor consultor, antes de tudo e sobremaneira como um também audiodescritor, e não apenas como um consultor, o que lhe conferiria o caráter de um coautor do processo à medida em que realiza e concebe um trabalho em equipe, no qual são instituídas modificações, adequações e reformulações que resultam da própria troca, debate e negociações entre os profissionais envolvidos (CEREJEIRA, 2023, p.31-32).

Podemos aí perceber a total importância do profissional consultor, em uma audiodescrição. Durante a realização deste trabalho, fui questionada por algumas pessoas do porquê propor uma transmissão audiovisual de uma partida de futebol, se a pessoa, de fato, não enxerga. O lugar de fala, para responder a estes questionamentos, será da própria pessoa cega. Afinal, como fazer um trabalho sobre eles, sem eles? Ou seja, a presença de consultores na produção do recurso de audiodescrição também representa capital simbólico. A pessoa cega ou com baixa visão não está no local de “coitada”, excluída da sociedade, mas sim de profissional e a ciência da existência da consultoria, por parte de demais pessoas com deficiência visual, atrai mais público como também mostra o compromisso social de acesso de produtos culturais pelos mais diferentes públicos.

2.4 - Critérios de neutralidade e não neutralidade textual

A dicotomia descrever /interpretar tem sido alvo de estudos na área de tradução e linguística. O professor de Língua e Literatura Francesas da Universidade Hebraica de Jerusalém, Cyril Aslanov, afirma que a dimensão de manipulação no ato de traduzir não é exclusivo à dimensão escrita: "A interpretação simultânea ou consecutiva envolve

também estratégias e mentiras ditados pela urgência da comunicação e pela necessidade de adaptar-se a uma situação pragmática muito pontual" (2015, p.17). O autor relata ainda que o tradutor oral pode estar fadado a fazer alterações no discurso, justamente porque o código cultural dos interlocutores interfere no processo ou ainda porque a própria mensagem pode exigir atividade interpretativa.

Corroborando com Venuti (2021), professor estadunidense que lecionou por 40 anos na *Temple University* da Filadélfia, em *A invisibilidade do tradutor: uma história da tradução*, seguindo discursos teóricos dos estudos literários e culturais, a ideologia é concebida como um conjunto de crenças, valores e representações na linguagem. Isto acontece sem que a pessoa tenha consciência deles ou até o seu controle, o que mantém e até desafia as hierarquias em que os grupos sociais estão posicionados, podendo até atender interesses de grupos específicos.

A ideologia é, nesse sentido, indistinguível do juízo de valor; é um conceito essencialmente político e que transforma a análise de textos traduzidos em uma crítica da política que eles postulam, feita a partir de um ponto de vista ideológico diferente, geralmente oposto àquele (VENUTI, 2018, p.12).

Desta forma, podemos ainda destacar que um enunciado é sempre carregado de ideologia, ou seja, quando algo é falado há uma intenção, nem que seja a de pura e simplesmente defender seu ponto de vista. Venuti, na mesma obra, aborda o que ele chama de práticas de domesticação, que são reduções, supressões, restrições linguísticas que ocorrem com o intuito de adaptar o texto fonte aos contextos da outra língua, no momento da tradução.

Podemos então pensar nos estudos de Aslanov e Venuti como contribuintes para os estudos de audiodescrição. Sendo ela uma tradução, quais adaptações podem ser realizadas, com a intenção ou não de suprimir ou restringir linguisticamente uma informação? A urgência da comunicação pode fazer com que a gente suprima informações? A audiodescrição também seria carregada de domesticações?

Alinhado justamente ao binômio objetividade /subjetividade estas discussões adentram o universo da audiodescrição. As normatizações referentes à AD iniciaram nos Estados Unidos e lá foram estabelecidas escolhas objetivas, não abrindo espaço para a subjetividade. No manual *Standards for Audio Description and Code of Professional Conduct for Describers* (Manual de Audiodescrição e Código Profissional de Conduta para Descritores) é possível observar esta intenção de não participação de aspectos

subjetivos já pelos títulos de dois capítulos: *Describe What You See* (descreva o que você vê) e *Describe Objectively* (descreva objetivamente). Neles, podemos destacar os seguintes trechos: “Esta é a primeira regra da descrição: o que você vê é o que você descreve. Vemos aparências e ações físicas; não vemos motivações ou intenções. Nunca descreva o que você pensa que vê¹²” (2009, p.1-2). Observe que, para os estadunidenses, a primeira regra é justamente no campo da objetividade, não dando espaço para interpretações sobre o que está sendo visto. Podemos entender aqui que a intenção é que os juízos de valores sobre as cenas sejam criados pelo próprio receptor da mensagem, como acontece quando um vidente se depara com uma cena, ou seja, ele próprio, teoricamente, faz as suas interpretações. Corroborando com esta análise, temos outro trecho do manual: “Permita que os ouvintes formem suas próprias opiniões e tirem suas próprias conclusões. Não editorialize, interprete, explique, analise ou ‘ajude’ os ouvintes de qualquer outra forma¹³” (2009, p.2).

Conforme apontam Franco e Monteiro (2013), as normas têm sido usadas como guias ou pontos de partida e não como sistemas fechados, afinal o receptor da AD deve ser sempre contemplado e deve ser levada em consideração a cultura na qual está inserido. As autoras apontam que as normas utilizadas tanto nos Estados Unidos quanto na Alemanha, Espanha e Inglaterra são unânimes em dizer que o tradutor /audiodescritor deve apenas descrever o que vê.

No Brasil, devemos nos lembrar do texto da ABNT NBR 16452. De maneira geral, a referida norma estabelece regras de como devem ser organizadas e realizadas as audiodescrições, mas não existem itens específicos referentes à neutralidade ou não do roteiro de AD. O que há, referente à redação, é a seguinte orientação:

O roteiro da audiodescrição deve ser redigido com coerência, coesão, fluidez, sintaxe objetiva, orações com sentido completo e tempo verbal no presente do indicativo. Devem ser evitados os gerundismos, regionalismos, cacofonias, gírias, redundâncias, vícios de linguagem e palavras com sentido dúbio (ABNT, NBR 16452, 2016, p.5).

Como podemos perceber, a norma é relativamente recente, o que abre caminho ainda para estudos referentes a maneira de se fazer audiodescrição no Brasil. O próprio

¹² O original do texto é: “This is the first rule of description: what you see is what you describe. One sees physical appearances and actions; one does not see motivations or intentions. Never describe what you think you see (p. 1-2, 2009).

¹³ O original do texto é: “Allow listeners to form their own opinions and draw their own conclusions. Don’t editorialize, interpret, explain, analyze or ‘help’ listeners in any other way” (p.2, 2009).

fato de a NBR sugerir que sejam evitados regionalismos, não é uma regra fechada, pois evitar não é proibir. Afinal, a redação de uma AD, dependendo do público-alvo pode usar este recurso inclusive para facilitar o entendimento.

Como o recurso de AD ainda é recente no Brasil e está constantemente sendo objeto de estudos. Carvalho, Magalhães e Araújo (2013) nos contam, que a questão da neutralidade do roteiro de audiodescrição chamou a atenção do Grupo Legendagem e Audiodescrição (LEAD) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), pois se tratando de um grupo de pesquisadores linguistas, eles julgaram que não havia esta possibilidade. Para comprovar esta hipótese foi realizada pesquisa empírica propondo estudar a existência de não neutralidade em roteiros de AD de filmes de curta metragem. Vale ressaltar que o tema neutralidade já havia sido estudado em parceria do LEAD com o Laboratório Experimental de Tradução (LETRA) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), utilizando roteiros de AD de pinturas, em pesquisa realizada por Praxedes Filho da UECE e Magalhães da UFMG. A não existência de pesquisas em roteiros de filme justificou o novo estudo.

De acordo com Oliveira Júnior e Praxedes Filho (2016), para a realização do trabalho foi utilizado o conceito de Sistema de Avaliatividade (SA). Os autores explicam que esta teorização foi criada por Martin e White e tem como objetivo, no âmbito da Linguística Sistêmico – funcional (LSF) de entender os significados relativos às relações intersubjetivas, estando assim o SA no campo da semântica.

Para entendermos como aconteceu esta primeira pesquisa sobre a neutralidade do roteiro de audiodescrição audiovisual no Brasil, precisamos compreender como se dá o SA. Oliveira Júnior e Praxedes Filho (2016) nos explicam que o SA comporta níveis de delicadeza ou detalhamento/refinamento e um sistema é composto por um conjunto de termos nos quais o falante/escritor faz escolhas. Cada rede de sistemas apresenta uma condição de entrada inicial, que estabelece seu ambiente e este possibilita a entrada no sistema de primeiro nível de delicadeza, chamado tipos de avaliatividade. Para compreendermos, vamos observar os seguintes significados interpessoais, com base no primeiro nível de delicadeza, lembrando que o SA é um sistema focado na semântica, ou seja, no sentido das palavras¹⁴:

¹⁴ O Sistema de Avaliatividade apresenta seis níveis de delicadeza. Para fins desta pesquisa, não iremos detalhar todo o sistema e sugerimos a leitura de MARTIN; WHITE. *The language of evaluation: appraisal in English*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2005.

- ‘atitude’ – área de significados através dos quais o falante-escritor avalia positiva ou negativamente e explícita ou implicitamente seus sentimentos e os dos outros.
- ‘engajamento’ – área de significados através dos quais o falante-escritor avalia seus próprios posicionamentos assumidos no texto e os posicionamentos de outros no amplo universo da intertextualidade, construindo-se identitariamente, projetando uma dada identidade para seu interlocutor e estabelecendo, ou não, um elo de solidariedade com ele.
- ‘gradação’ – área de significados através dos quais o falante-escritor avalia por meio da amplificação ou redução do grau das avaliações atitudinais e das avaliações sobre os posicionamentos intra e intersubjetivos de engajamento (2016, p.26).

Os níveis de delicadeza estão ligados da seguinte forma: tipos de atitude (afeto, julgamento, apreciação); tipos de engajamento (monoglossia – relacionada às afirmações que não permitem questionamentos - e heteroglossia – reconhecimento, por parte do falante escritor, da possibilidade de existência de outros pontos de vista) e tipos de gradação ligados à força (intensidades de expressões do tipo: muito, pouco e etc.) e ao foco (expressões que não permitem gradações).

Para a realização do trabalho, dois roteiros foram realizados por audiodescritores, que foram orientados a escrever roteiros neutros. Após serem feitas perguntas para o público pesquisado, referentes aos níveis de delicadeza; tipos de atitude, engajamento e gradação, foi concluído que, na verdade, seus roteiros eram avaliativos¹⁵. “Roteiros de AD elaborados sob a égide do parâmetro da neutralidade são, de fato, tão avaliativos e interpretativos como qualquer outro tipo de texto” (2016, p.35). Os autores relatam ainda que há uma tendência de predominância de avaliações/interpretações atitudinais de afeto e julgamento.

Trazendo este estudo para a transmissão de partidas de futebol, podemos inferir que o fato do audiodescritor torcer para o time que está jogando pode ser capaz de influenciar sua maneira de descrever - o afeto é um fator marcante, tão rotulado nos esportes como uma paixão. Em relação aos aspectos relacionados à monoglossia e heteroglossia, que fatores da transmissão esportiva permitem que pontos de vista sejam ou não relatados? Já os tipos de gradação ligados à força são utilizados quase que todo o tempo nas transmissões esportivas, afinal “fulano comete uma falta forte”, “sicrano

¹⁵ Tivemos a intenção aqui de mostrar como a neutralidade ou não neutralidade pode ser avaliada. Para não perdermos o foco no nosso trabalho, preferimos não detalhar todo o percurso metodológico utilizado. Quem desejar ler o estudo completo, pode encontra-lo em: <http://editoracatarase.com.br/site/wp-content/uploads/2016/02/Audiodescr%C3%A7%C3%A3o-pr%C3%A1ticas-e-reflex%C3%B5es.pdf#page=10>. Acesso em 09 out. 2022.

parece estar com muita dor”. Até que ponto estas gradações permitem ou não permitem várias interpretações? O que é muito para cada pessoa seja ela deficiente visual ou não?

Devemos pensar ainda que para que alguém faça a audiodescrição, é necessário conhecer aspectos simbólicos, táticos e técnicos do esporte. Por exemplo, caso o audiodescritor esteja descrevendo uma torcida, ele deve conhecer as particularidades da mesma: seus cânticos, uniforme, maneira de se comportar nas arquibancadas e etc. No caso dele abordar uma jogada duvidosa, por exemplo um pênalti, ele tem que entender quais são as regras do jogo. Vamos imaginar também a seguinte situação: um jogador cai após uma falta, enquanto o narrador da partida está discutindo se foi ou não uma falta, nos momentos de pausa, o audiodescritor pode estar descrevendo o jogo de corpo e a face do atleta no momento da jogada. Ou quem sabe o próprio narrador pode ter uma narração mais detalhada, com o objetivo de ser inclusiva para este público? De certa forma, temos aí componentes interpretativos.

Qual o lugar de fala do audiodescritor que torce para o time no qual ele está descrevendo a partida? E o lugar de fala no momento em que o adversário está com a bola nos pés no ataque? Estas investigações precisam ser realizadas com os audiodescriitores para entendermos questões de neutralidade como as que já ocorrem com os narradores e comentaristas (questionados pelo torcedor inclusive em relação a essa neutralidade).

Como estamos propondo inserir este recurso numa transmissão ao vivo, devemos considerar que a rapidez com que acontecem as jogadas, muitas delas fora de qualquer *script*, bem como demais situações que acontecem no campo, envolvendo os outros atores sociais, tais como: torcida, comissão técnica, jornalistas etc., podem fazer com que o audiodescritor tenha que relatar muito rapidamente e, como sabemos, sem sobrepor a voz do narrador principal da partida. Além disso, como este audiodescritor está inserido em seu próprio contexto cultural, a interpretação da ação depende de sua própria percepção. Como exemplo, temos: suponhamos que um jogador sofra uma falta e caia no chão, retardando o recomeço de uma partida. Caso o audiodescritor vá apontar como estão as feições do rosto do atleta, dependendo do seu juízo de valor, ele pode apontar que o mesmo parece estar sentindo dor ou ainda fazendo cera¹⁶? Sabendo que este tipo de juízo de valor é comum quando narradores e comentaristas estão na transmissão, ou seja, faz parte do repertório cultural da própria transmissão de futebol, o audiodescritor pode repetir estes padrões. Não estamos aqui dizendo que ele deva fazer isto, mas que, como a

¹⁶ A expressão é utilizada quando o jogador finge estar machucado para retardar o reinício da partida.

tradução é algo técnico, mas que apresenta também aspectos subjetivos, este é um tipo de ação que pode acontecer.

Desta forma, não é possível impedir que o audiodescritor faça uso de sua subjetividade, da mesma maneira que não é possível termos uma audiodescrição completamente objetiva. De acordo com Mayer (2012), na fenomenologia¹⁷ o mais importante não é defender uma suposta subjetividade, mas sim conseguir provocar nas pessoas com deficiência visual sensações que o produto de partida (sem audiodescrição) é capaz de despertar em qualquer outro indivíduo.

¹⁷ A fenomenologia é o estudo da experiência humana e dos modos como as coisas se apresentam elas mesmas para nós em e por meio dessa experiência (SOKOLOWSKI, 2004, p.10).

3- O RÁDIO E SUA IMPORTÂNCIA PARA O FUTEBOL E PARA O PÚBLICO ENTREVISTADO

Termos poucos trabalhos sobre audiodescrição na comunicação é ainda compreensível, já que, como vimos, o tema passou a ganhar notoriedade especialmente na última década. Porém, ao pesquisarmos sobre a cobertura esportiva pelo rádio, este veículo de comunicação tão importante na nossa sociedade e, no caso deste trabalho, tão especial e valioso de acordo com os entrevistados, não encontramos muitos trabalhos atuais. Podemos destacar livros antigos como: *A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo*, de Edileuza Soares de 1994, e *Rádio oralidade mediatizada: o spot e os elementos da linguagem radiofônica*, de Júlia Lúcia de Oliveira Albano da Silva, de 1999 e trabalhos mais recentes do professor Márcio Guerra, da Universidade Federal de Juiz de Fora, a exemplo de *Rádio x Tv: o jogo da narração. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor*, de 2006. Também destacamos a dissertação *A narração de futebol no Brasil: um estudo fonoestilístico*, de Zaldo Antônio Barbosa Rocha Filho, apresentada em 1989, no Departamento de Linguística do Instituto de Estudos de Linguagem da Universidade Estadual de Campinas e também o livro *Rádio e Mídias Sociais: Mediações e Interações Radiofônicas em Plataformas*, do professor da UFRJ Marcelo Kischinhevsky, de 2016.

Desta forma, este capítulo tem a intenção de abordar aspectos pouco explorados academicamente relacionados ao rádio. Primeiramente, por que escolhemos o rádio para destacar? Como nossos entrevistados apresentam cegueira ou baixa visão, percebemos que o rádio é um dos veículos de comunicação no qual o universo do futebol chegou até eles e até hoje se faz presente. Tal qual Kischinhevsky (2016), vamos considerar rádio tudo o que a sociedade considera rádio, já que o meio pode ser entendido de diversas formas hoje, pois é ouvido por meio de aparelhos elétricos tradicionais, aparelhos de pilha, celulares, computadores, etc.

A importância do rádio para o esporte é abordada logo no item 3.1, já que precisamos entender que o seu papel na vida dos entrevistados (e porque não dizer de todos nós) não é por um acaso.

Podemos destacar que o veículo de comunicação já era sucesso em outros países como os Estados Unidos, antes de chegar ao Brasil. De acordo com a historiadora, e responsável pelo setor de Políticas culturais da Fundação de Casa Rui Barbosa, Lia Calabre (2002), o novo meio de comunicação revolucionou a relação cotidiana das pessoas com as notícias gerando uma nova velocidade e significação dos acontecimentos.

Ainda segundo a autora, ao partilhar das mesmas fontes de notícias, os indivíduos se sentiam mais integrados e tinham um repertório de questões comuns a serem discutidas.

Durante muito tempo, acreditava-se que a primeira transmissão radiofônica do Brasil surgiu em 7 de setembro 1922, durante as comemorações do centenário da independência. Na ocasião, a cidade do Rio de Janeiro era a capital federal e tinha pretensão de romper com seu passado colonial. Como apontou Calabre (2002), foi derrubado o Morro do Castelo, que cedeu lugar a construção de pavilhões, onde foi instalada parte da exposição nacional preparada para os festejos do Centenário.

A extensão (e pretensão) dos festejos podia ser medida através da grandiosidade desses pavilhões: o país desejava mostrar-se próspero, saudável, desenvolvido, e, acima de tudo, moderno. Assim sendo, não poderia haver momento mais propício para apresentar à sociedade brasileira uma das mais recentes novidades tecnológicas que encantava o mundo: o rádio! (CALABRE, 2004, p. 10).

A autora conta ainda que puderam ser ouvidos o discurso de Epitácio Pessoa, na época presidente da República, e trechos da ópera *O Guarany*, de Carlos Gomes, executada no Teatro Municipal. O sucesso proporcionou, no ano seguinte, a criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Podemos destacar que a habilidade do locutor falar diretamente com o público contribuiu, também no Brasil, pela popularidade da mídia. Bem diferente da mídia impressa, a linguagem sonora não precisa, necessariamente, da alfabetização, ou seja, consegue, assim, chegar inclusive às pessoas consideradas iletradas¹⁸.

Pesquisas mais recentes indicam que a primeira transmissão ocorreu um pouco antes, em 6 de abril de 1919, pela Rádio Club, de Pernambuco. A Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Alcar) emitiu, em junho de 2019, carta aberta, assinada por pesquisadores, informando sobre a nova data e marco da radiodifusão.

Em relação à inserção do esporte, em especial o futebol, na programação das rádios, Soares (1994) aponta que já em 1924 existiam irradiações de jogos, mas que a primeira irradiação completa de uma partida ocorreu somente no começo dos anos 1930, graças ao narrador Nicolau Tuma, conhecido como *Speaker Metralhadora*, já que tinha um estilo de narrar próprio, de maneira rápida, descritiva, utilizando detalhes sobre os lances. Ainda segundo Soares (1994), Tuma criou, por meio do seu estilo e sucesso, um estilo de narrar que fez escola, ou seja, outros narradores passaram a narrar a sua maneira.

¹⁸ Consideramos aqui iletrada aquela pessoa que não tem o conhecimento em relação às letras, ou seja, não é alfabetizada. Mas sabemos que o conhecimento pode chegar de diversas maneiras, como por meio da oralidade.

Na transmissão esportiva, de acordo com Rocha Filho (1989), o locutor necessita de elementos adicionais na sua fala para descrever o mais aproximadamente possível o fato em ocorrência. Para o autor, a história do espetáculo só poderá ser transmitida de forma oral e em sincronia e é comum o uso de sons e de narrativa que se assemelhe ao que o receptor espera dele. Diante disso, podemos dizer que uma transmissão de uma partida no Rio de Janeiro, num jogo contra um time de São Paulo é esperado que o narrador mostre mais emoção ao time do Rio e vice-versa. Curioso também destacar que encontramos, mais de uma vez, o uso da palavra espetáculo para a transmissão de jogos de futebol. É como se o papel do narrador fosse o de um narrador de uma peça de teatro, como destaca Soares: “(...) os locutores apresentam o espetáculo e o ouvinte aplaude os artistas. Os aspectos mais comuns do teatro, segundo Bertold Brecht, são recreação e diversão. O que os radialistas esportivos fazem na narração tem um pouco disso tudo é *show* e entretenimento” (SOARES, 1994, p. 34).

Aos poucos o rádio foi fazendo parte da vida do brasileiro e o futebol ganhou destaque na programação. Conforme ainda aponta a autora, ele foi essencial para a transformação do futebol em esporte de massa e contribuiu para que o rádio alcançasse o status de meio de comunicação de massa.

Após abordarmos de maneira breve a história das transmissões esportivas do Brasil via rádio, vamos saber como este veículo de comunicação contribuiu para que os entrevistados acompanhassem futebol e como ele é utilizado para que tenham hoje acesso à informação. Vale destacar que algumas vezes o rádio é o único companheiro das pessoas cegas no momento de acompanhar uma partida de futebol. Como sabemos, existe um *delay*¹⁹ entre a transmissão do rádio e a da TV. Por conta disso, algumas pessoas com deficiência visual preferem não assistir aos jogos acompanhadas com outras pessoas videntes pela TV, o que faz com que elas fiquem em outro ambiente acompanhando pelo rádio.

Sendo assim, foi possível observar que o rádio é um veículo que proporciona o contato com o mundo exterior, mas também é capaz de promover interações antes e após jogos de futebol. Como iremos ver no item 3.2, a relação dos entrevistados com o rádio começa em sua maioria já na infância estimulados pela família e pela narração, que os cativava e os cativa até hoje.

¹⁹ Consideramos *delay* a diferença de tempo entre o envio e o recebimento de um sinal de TV, em comparação ao sinal de rádio, que é mais rápido, ou seja, o sinal da TV apresenta um atraso.

O capítulo 3 termina com uma importante descoberta: pessoas com deficiência visual que trabalham como comentaristas de jogos de futebol ou ainda como jornalistas. Vamos abordar, principalmente, como começaram nesta profissão, como desenvolvem este trabalho e quais são os próximos passos profissionais que querem dar.

3.1 A história do rádio intimamente ligada à popularidade do futebol

Soares (1994) conta que, após ampla pesquisa em arquivos de jornais do início da década de 1930 e de entrevistar vários profissionais do rádio esportivo, comprovou que Nicolau Tuma é o locutor pioneiro das irradiações de futebol. Ou seja, foi o primeiro locutor a irradiar uma partida durante os 90 minutos do jogo e criou ainda um estilo de narração que passou a fazer parte da programação esportiva do rádio e virou referência. O feito data de 19 de julho de 1931, num jogo entre as seleções paulista e paranaense, em São Paulo, no campo da Chácara da Floresta. Como não havia cabines de rádio no clube, Tuma ficou em um espaço na arquibancada junto ao público das gerais improvisando assim o seu posto de trabalho.

Já nessa primeira transmissão, realizada pela Rádio Educadora Paulista, podemos observar a característica descritiva de uma narração de futebol conforme conta a autora:

A primeira imagem usada por ele para incentivar a criação, na imaginação do receptor, do espaço físico onde irá se desenrolar a competição pode ainda hoje ser ouvida no início das irradiações esportivas, com variantes assemelhadas. Naquela tarde, Nicolau Tuma pede ao ouvinte para tentar pensar num retângulo na sua frente ou então para pegar uma caixa de fósforos e visualizar o campo, onde vai começar a partida entre as duas seleções (SOARES, 1994, p.30).

Como aponta a autora, ainda hoje os locutores tentam incentivar a imaginação dos ouvintes para que eles tentem visualizar imagens oralizadas. No caso de Tuma, ele ainda faz analogias com uma caixa de fósforo justamente para incentivar essa ideia de criação de imagens, em um contexto que o narrador sente a necessidade de descrever tudo o que vê: “Determinado a cumprir a decisão de filmar oralmente o jogo, o locutor é obrigado a narrar em alta velocidade, enunciando os detalhes como uma metralhadora de palavras. Turma entende que se a Educadora ficar sem som o ouvinte mudará de estação” (SOARES, 1994, p. 30).

Apesar de a Educadora ser a precursora na transmissão de uma partida completa de futebol, a Rádio Record foi a emissora que mais teve destaque no início das irradiações esportivas em São Paulo. Conforme conta Soares (1994), a emissora iniciou suas

atividades em 1928, com uma programação irregular. Em 1931, começou a se dedicar ao futebol, após ser comprada por João Batista do Amaral, Jorge Alves Lima e Paulo Machado de Carvalho (que mais tarde fora chefe da delegação da Seleção Brasileira ganhadora das Copas do Mundo de 1958 e 1962).

Ortriwano (1985) conta que em 1934 foi criado o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, surgindo então *A voz do Brasil* – programa, de transmissão obrigatória, que colaborou para o ideal nacionalista. Em 1936 surge a Rádio Nacional do Rio de Janeiro. De acordo com a autora, a rádio tinha seis estúdios, um auditório de 500 lugares, dois transmissores para ondas médias, dois para ondas curtas, o que garantia a abrangência de todo o território nacional, bem como conseguia chegar com seu sinal na América do Norte, África e Europa. É neste contexto de popularidade do futebol que começa seu uso político. Getúlio Vargas instaurou o Estado Novo em 1937²⁰ e precisava unificar o país em torno de suas ideias.

Este senso de coletividade e de nacionalismo teve a colaboração do rádio, porque foi ele, por meio dos narradores, que levou estes sentimentos para os ouvintes / torcedores e é neste cenário que acontece a Copa do Mundo de 1938 e Getúlio Vargas não poderia perder a oportunidade de fazer com que o rádio fosse o grande divulgador da competição, unindo, assim, o Brasil em uma única sintonia, e um único sentimento: somos um só e temos que vencer.

Ortriwano (1985) ainda explica que, em 1940, o governo Getúlio Vargas resolveu decretar a encampação da empresa A Noite (responsável pela rádio Nacional). Sendo assim, a rádio Nacional foi incluída nos planos de Getúlio Vargas de unificação do Brasil. Deve-se lembrar que, naquela época, já havia surgido as radionovelas, os teatros falados, os programas musicais, os programas de auditório e os humorísticos. Era o Brasil ouvido pela Rádio Nacional e pelos microfones de seus narradores e apresentadores de programa. Vale lembrar, conforme ressaltam Saroldi e Moreira (2005), que a Rádio Nacional chegou a ser a mais importante rádio da América Latina e uma das cinco maiores do mundo.

²⁰ De acordo com a pesquisadora do CPDOC da FGV Dulce Pandolfi, o Estado Novo foi um regime autoritário que teve início com o golpe de 1937, colocando no poder Getúlio Vargas e, com ele, a suspensão das liberdades individuais civis, a dissolução do Parlamento e a extinção dos partidos políticos. Mais informações podem ser vistas em PANDOLFI, Dulce (Org). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. 345 p. Outros importantes autores sobre o tema são: CARONE, Edgard. *O Estado Novo (1937-1945)*. Rio de Janeiro: Difel, 1976. SODRÉ, Nelson Werneck. *Do Estado Novo à ditadura militar: memórias de um soldado*. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

Ana Raquel Macedo, em reportagem para o site da Câmara Federal, em 23 de março de 2009, entrevistou Ronaldo Conde Aguiar, autor de um almanaque sobre a rádio Nacional, no texto, ele explica a relação de Vargas com os funcionários da rádio:

Olha, eu entrevistei duas pessoas importantes da Rádio Nacional quando eu estava escrevendo o livro e perguntei sobre postura de Getúlio Vargas em relação ao rádio. Eles me disseram duas coisas: em primeiro lugar, (...) a Rádio Nacional tinha muita gente ligada a Getúlio, ou seja, que era getulista. (...) Havia também os artistas de esquerda, né, o pessoal de... como o Mário Lago, e outros mais, que eram Nora Ney, Jorge Goulart, que eram gente, inclusive, que integravam o Partido Comunista e tudo o mais. Bem, (...) essas duas pessoas me falaram uma coisa em comum (...): que nunca houve, da parte do Getúlio, uma decisão de como seria a programação da Rádio Nacional (AGUIAR, em entrevista à MACEDO, mar. 2009).

Ainda de acordo com a autora, usando como base dados da entrevista realizada, se não existia interferência direta, não se pode esquecer que a rádio Nacional estava no projeto de integração nacional proposto pelo governo Vargas. A concessão foi tomada devido às dívidas que a empresa tinha com a União. A Rádio Nacional continuou a ser administrada por uma empresa privada e era sustentada por recursos oriundos da publicidade.

É neste cenário que o rádio é utilizado como veículo para estimular o nacionalismo. Já em 1938 a Seleção brasileira se torna símbolo da publicidade de Vargas. Filipe Mostaro explica que a iniciativa do presidente é inspirada no fascismo de Mussolini na Copa de 1934 e em Hitler que usou os jogos Olímpicos, em 1936, também para difundir suas ideias. Segundo Mostaro é partir do uso político da Seleção que trabalhadores são dispensados do trabalho para assistir jogos.

Vargas decidiu, através da CBD, que Alzira Vargas, sua filha, seria a madrinha da Seleção Brasileira. Incentivadas pelo Governo, as autoridades locais dispensavam os trabalhadores nos dias de jogos do Brasil. Pela primeira vez, uma Copa foi transmitida ao vivo pelo rádio. Todos iam acompanhar o jogo em casa ou pelos alto-falantes espalhados nas praças, ouvindo a mesma narração que o presidente ouvia em sua casa com a esposa e a "madrinha" da Seleção, criando uma coletividade, todos torcendo pelo mesmo ideal: a Seleção (MOSTARO, 2021, p.21).

É criada assim a ideia de que a vida do trabalho deve, momentaneamente, parar, dando espaço para o lazer. Mas não é um lazer qualquer. É aquele no qual todos vão estar juntos. Comércio e escolas fechadas, momentos de comemoração, celebração e união para acompanhar a seleção brasileira – com uso político ou não, o fato acabou se tornando o

que o conceituado historiador Eric Hobsbawm (2008) chama de tradição inventada. Para o autor, tradição inventada é um conjunto de práticas, que são normalmente reguladas por preceitos aceitos pela própria sociedade, com a intenção de remeter ao passado. Ou seja, podemos apontar que sempre que nos remetemos à seleção, estamos no hall das nossas tradições inventadas, onde o rádio exerceu (e por que não dizer exerce?) papel de contribuinte para manutenção desta tradição até hoje. Afinal, acompanhar a seleção também é o momento de pensar no passado, nos ídolos de outrora e das conquistas.

O papel que o futebol foi adquirindo na sociedade, por meio do rádio, foi alvo de análise do historiador Nelson Werneck Sodré, na década de 1970, no livro *Síntese de História da Cultura Brasileira*. Para o autor, o rádio ultrapassa o cinema como fenômeno de cultura de massa após a equação futebol + música popular. Para ele, “desde que colocado em associação e a serviço dessas duas extraordinárias forças, o rádio cresceu e se expandiu depressa, cobrindo todo o território nacional e tornando-se instrumento especial para a universalização do gosto, dos costumes e até das paixões” (SODRÉ, 1970, p.92). Ainda segundo ele, o rádio não é um novo gênero de arte, sendo apenas um instrumento técnico que pode colaborar para o acesso à arte.

Fazer alusão do rádio à arte é algo comum. Com Soares (1999), vimos, por exemplo, que o rádio esportivo foi e continua sendo como um teatro, onde os locutores apresentam o espetáculo e os ouvintes aplaudem os artistas. Com várias emissoras dedicando parte de suas programações para o futebol, as transmissões esportivas foram se transformando num espetáculo à parte, onde o público passa a criar vínculo com os narradores. Neste mesmo período, podemos destacar o trabalho do compositor e também radialista Ary Barroso. Narrador esportivo nas décadas de 30, 40 e 50 do século passado Ary Barroso introduziu estímulos sonoros com o objetivo de despertar a atenção do torcedor e ouvinte de suas transmissões - é neste contexto que surge o famoso som de sua gaita quando o Flamengo, seu time de coração, marcava um gol.

Era o início da fase de inserção de estímulos sonoros (vinhetas, cortinas, prefixos, sufixos, músicas de fundo ou BG – do inglês background) como forma de criar a paisagem sonora que acolhesse o torcedor/ouvinte.

No comando do show radiofônico calcado em eventos esportivos, está sempre o comunicador/locutor, que cria empatia com o público e representa a chave para a conquista de audiência e, conseqüentemente, verbas publicitárias (MADUREIRA; KISCHINHEVSKY, 2015, p. 201).

Corroborando com o professor João Batista de Abreu (2001), a narração radiofônica apresenta vida própria, independente do jogo em questão, por meio da produção de sentidos que compõem um campo da representação, onde o futebol aparece como pano de fundo. O autor ainda explica que Ary Barroso utilizou o recurso da gaita também com a intenção de abafar o som da torcida no momento do gol, já que ele transmitia a partida junto à torcida, sem cabine. “Inaugurava-se assim o que se tornaria marca registrada dos locutores esportivos: o estilo personalizado de narrar o gol” (ABREU, 2001, p.17).

Desta forma, aos poucos o rádio se transformou numa paixão tão grande que muitas pessoas preferiam ficar em suas casas a sair para ir aos estádios. Soares (1999) conta que, apesar da pressão dos clubes devido à perda de arrecadação, as direções das emissoras e os radialistas conseguiram manter a colaboração entre futebol e radiojornalismo, o que Mostaro chama de “casamento perfeito”:

O rádio não só levou o futebol para todo canto do país, mas realizou um "casamento perfeito" com esse esporte. O veículo leva a vibração, emoção de dentro do campo para o torcedor, pela narrativa do locutor. Esse meio eletrônico vai se incorporar à sociedade brasileira e principalmente ao futebol (MOSTARO, 2012, pp.17-18).

Além da Copa de 1938, por ser a primeira a ter transmissão, também devemos destacar a Copa de 1950: a primeira que aconteceu no Brasil e, com isso, os veículos de comunicação, dentre eles, obviamente o rádio, poderiam fazer a cobertura mais de perto, sem necessitar de equipes com grandes deslocamentos. A grande espera e expectativa também foi alicerçada pelo fato da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) ter impedido a realização do campeonato em 1942 e 1946.

Desta forma, a Copa do Mundo de 1950 aconteceu em meio a chamada “época de ouro do rádio”. O nome foi dado devido à fase de glamourização de artistas e investimentos, afinal, os empresários já haviam percebido oportunidades de negócio, seja sendo proprietários de emissoras (dadas por concessão onde o viés político teve vez), tendo programas na grade de programação ou ainda por meio do pagamento de anúncios publicitários.

O mundo do entretenimento – radioatores, atrizes, cantores, compositores e apresentadores de programas – já havia conhecido o estrelato em função da fama proporcionada pelas ondas sonoras; chegara a vez do futebol. Até porque o casting artístico não ficou alheio ao Mundial. Foram inúmeras as marchinhas e sambas – todas ufanistas – que, previamente, comemoravam a conquista do título e que já bem antes do início da Copa e durante toda a disputa do campeonato eram

reiteradamente tocadas nos programas radiofônicos (BRUCK, 2012, p.36).

Ou seja, as marchinhas já estavam fazendo sucesso e contribuía para a paixão do torcedor. Podemos destacar “Há de ganhar”, de autoria de Ary Barroso e gravada por Linda Batista:

O Brasil há de ganhar, ê... ê...

Para se glorificar, ê, ê...

Solta a pérola no gramado

Solta para o selecionado

Deixa a moçada se espelhar, ê, ê, ê, ê... ²¹

Como podemos perceber, a presença da metonímia o “Brasil há de ganhar” é como se todos os brasileiros também ganhassem. É a hora dos momentos de glória, afinal, mais brasileiros precisam se espelhar e serem também campeões, dentro e fora de campo. Esta marchinha é somente um exemplo de como o futebol já era parte da vida dos brasileiros ao ponto de virar música no rádio. E foi por meio dele que a perda da Copa do Mundo de 1950 foi também amplamente comentada. A perda do selecionado era também de todos os brasileiros. O Maracanã, que fora criado para ser um templo de alegria e glória, deu lugar a tristeza e a decepção. A Copa do Mundo entrara, pelo rádio, na vida dos torcedores definitivamente:

(...) a Copa e toda sua intensa história de envolvimento, delírio e decepção do torcedor brasileiro parece ter definitivamente agendado, no universo midiático brasileiro, e destaque-se aqui a mídia eletrônica massiva da época, o rádio, o futebol como poderoso elemento cultural, econômico, social e, por tudo isso, ideológico. Daí nosso entendimento de que a Copa de 1950 constitui-se como marco dessa passagem do futebol como acontecimento essencialmente social para um acontecimento de natureza midiática. Depois de 1950, ficou impossível desconhecê-lo (BRUCK, 2012, p.42).

Bruck conta ainda que a partir do final dos anos 1950, as bases para narração esportiva contemporânea já estavam lançadas: locução envolvente, rápida, menos descritiva e mais empolgante e o momento do gol, antes mais conciso, ganha o grito mais emocionado e alongado. Podemos inferir aqui que o caráter menos descritivo se deve ao fato de as pessoas já estarem acostumadas com os jogos de futebol e, assim, ações típicas

²¹ A música pode ser ouvida no site <https://discografia.discosdobrasil.com.br/discos/ary-barroso-brasil-brasileiro-cd-14-1945-1950>. Acesso em 13 set.2023.

do próprio jogo não precisarem mais ser explicadas, pois já se tinha um público consumidor acostumado com a linguagem futebolística.

A ferida foi parcialmente curada em 1958, quando a seleção brasileira se tornou campeã da Copa do Mundo pela primeira vez. E, novamente, o rádio estava lá. De acordo com Ferraretto (2012), ocorreu, durante a Copa de 1958, a primeira transmissão internacional da radiodifusão sonora brasileira com retorno de áudio dos estúdios para o local dos jogos. Realizado pela rádio Guaíba do Rio Grande do Sul, o feito foi possível, segundo conta o autor, graças a Flávio Alcaraz Gomes, diretor comercial da rádio e Homero Carlos Simon, diretor técnico:

Em 1958, pela primeira vez em coberturas de longa distância, estádio conversou com estúdio e vice-versa graças à Postes, Télégraphes et Téléphones (PTT), companhia estatal da Suíça, e a um transmissor prosaicamente instalado no quintal da casa de Flávio Alcaraz Gomes, nos altos do morro de Santa Teresa, em um dos pontos mais altos da capital gaúcha. O single side-band (SSB) ou banda lateral única, um tipo de onda curta, vai ser usado, assim, de modo pioneiro no Brasil, pela Guaíba (FERRARETTO, 2012, p.64).

Vale ressaltar que a rádio Guaíba entrou em operação um pouco mais de um ano antes da Copa do Mundo realizada na Suécia. Ferraretto conta que, passadas as questões técnicas envolvendo a transmissão, era necessário conseguir um anunciante de peso. O autor afirma que, desde a sua inauguração, a rádio Guaíba tinha, por meio da agência MPM Propaganda, patrocínio da Ipiranga, empresa especializada em refino de petróleo, distribuição de gasolina e outros derivados. Desta forma Antonio Mafuz, um dos donos da agência, convence a Ipiranga a patrocinar a transmissão. Conforme ainda explica Ferraretto (2012), com adesão crescente de emissoras do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina (23 ao total) foi formada a Rede ou Cadeia Ipiranga de Esportes.

A Copa de 1962, no Chile, além de consagrar a seleção brasileira como bicampeã mundial, confirmou o rádio como meio de comunicação principal da transmissão, capaz de transmitir não somente as partidas, mas também os simbolismos em torno da competição. Como apontam os professores Schmitz Filho e Piber da Silva (2012), os papéis assumidos nas transmissões evidenciaram protagonistas, coadjuvantes, em meio a atributos especiais de desempenho e excelência esportiva, que foram fundamentais ao processo de midiaticização.

Ressaltam-se expressões como balançou o barbante, botar os tchecos na roda, amadurecer, baliza, placar ficou mudo (0 a 0), orgia de valores,

mesmo sem ser rei já possuía majestade, o prélio, descobrir o empate a qualquer custo, pelota, a peleja, fulminou a mercadoria no fundo do barbante, córner, e o onze brasileiro (SCHMITZ FILHO; PIBER DA SILVA, 2012, p.96).

Podemos perceber aí a simbologia em torno de expressões criadas ou difundidas por narradores, com o objetivo de prender a atenção dos ouvintes. A conquista de 1962 foi a última que teve somente a transmissão do rádio, já que a partir da Copa de 1970, a transmissão também ficou por conta da televisão. Conforme explica o professor Márcio Guerra (2012), apenas 40 % dos lares brasileiros tinham televisão e, apesar de ser a primeira Copa a ser transmitida a cores, somente um grupo seletivo de pessoas foi convidado pela Embratel para a transmissão a cores.

3.2- O sentir e a importância do rádio para os entrevistados

Como podemos perceber, o rádio foi muito importante para a popularização do futebol. É diante deste contexto social que nossos entrevistados cresceram. O rádio tem papel importante na relação que eles têm com o futebol e isto independe ao fato de terem nascido ou não com deficiência visual, como vamos perceber neste capítulo.

Importante ressaltar que dos dez entrevistados, três nasceram cegos: Leone, Miguel e Rodrigo. Como sabemos, vivemos numa cultura visiocêntrica, onde a imagem é sempre utilizada, seja em produtos midiáticos ou na própria concepção da sociedade, onde somos rotulados por meio do que as pessoas veem na gente e fazem uma interpretação. Por exemplo, uma roupa, julgada como alinhada, abre seus caminhos em ambientes sociais e o inverso também. Ou seja, a frase “Uma imagem vale mais que mil palavras”, atribuída ao pensador chinês Confúcio, que viveu cerca de 500 anos a.C, é cada vez mais atual. E como ficam Leone, Miguel e Rodrigo diante deste contexto? Como eles assistem e entendem jogos de futebol se nunca enxergaram como nós, videntes? Como vimos no capítulo anterior, as pessoas cegas são somente cegas, ou seja, elas têm os demais sentidos.

Além disso, justamente pela nossa sociedade ser visiocêntrica que é atribuída à visão tanta importância. É o que podemos ver no relato do entrevistado Thiago que, ao conhecer um senhor de 75 anos, foi indagado de como tem noção do que está acontecendo em um campo de futebol:

Então eu expliquei a ele: “na Copa, na época do Pelé, quando ele tava começando não tinha uma televisão. Então, o sr assistia como, o futebol lá fora? Quem era o jogador? Quem tava te trazendo a informação? Era o rádio. E quem tinha uma televisão não tinha aquela televisão, com aquela alta definição. Então tava na mesma situação que nós estamos hoje em dia, que eu estou hoje em dia, sendo uma pessoa cega. Então o rádio é muito importante nessas informações porque ele tem uma descrição um pouquinho maior e traz aquela emoção de onde o jogador está, qual é o jogador, ele só não dá as características, nunca deu, assim, as características da pessoa, que é um cara negro, isso não acontecia. Agora, as informações primordiais, aquelas básicas, vinham tranquilamente. Então, quando eu falei isso pro senhorzinho, ele ficou assustado: “É mesmo? Quando era novo só fui ter televisão quando tinha 17 anos.” “Então, olha só, e você começou a escutar com quantos anos?” Ele falou que com 8. “Então, de 8 a 17 anos, você ficou sem ver o jogador. Você não sabia como ele era, ainda mais naquela época que não tava esse negócio de ah negro, branco, era jogador, era jogador e acabou. Era Pelé, era Garrincha e acabou”. Então, eu estava na mesma situação que o senhorzinho ???, a mesma coisa ??? ele não tinha. Então, pela memória claro que eu tô muito a frente das pessoas assim que são cegas porque eu tenho característica, eu já vi a pessoa, a cor, as cores da pele, e....características como a pessoa é, digo, um pouquinho a frente (THIAGO, entrevista à Carol Fontenelle, online, 20 jan. 2023).

Como podemos perceber, o fato de o senhor perceber que Thiago é uma pessoa cega já o colocou na condição de incapaz de entender uma partida de futebol. O senhor sequer levou em consideração que Thiago talvez tenha um dia enxergado (o que é o caso). Ao lembrar que, de fato, quando jovem, nunca havia visto uma partida de futebol e, mesmo assim, entendia o jogo, o senhor percebeu (talvez até sem querer), que compreender é uma condição que não depende, necessariamente, da visão. É possível entender uma partida por meio da informação sonora, oriunda do rádio. Quando pensamos na história do rádio, relatada anteriormente, nos lembramos que até as décadas de 1970/1980, o mais comum era acompanhar as partidas pelo rádio e isto não fez com que as pessoas não entendessem a dinâmica de uma partida. Obviamente, com o recurso da mídia impressa era possível que as pessoas soubessem as características físicas dos jogadores ou ainda obtivessem mais informações sobre os jogos, mas isto também não exclui as pessoas cegas, já que é comum que pessoas videntes passem as informações que têm acesso para elas.

Ainda devemos nos atentar para um ponto abordado por Thiago: ele acredita que tem alguma vantagem em relação às pessoas que não nasceram cegas, justamente por entender que tem memória visual mais apurada. Desta forma, ele assistiu várias partidas pela televisão e chegou até a frequentar estádios. Mas se engana quem acha que Leone, Miguel e Rodrigo (que nunca enxergaram) não têm memória visual. A formação da

imagem para eles se deu de maneira diferente, ou seja, por meio do que ouviram seja dos familiares e amigos, seja por intermédio da mídia:

O rádio, eu sempre digo que o rádio é companheiro quase que número 1 das pessoas com deficiência visual. Importante salientar que naquela época, na década de 90, não se tinha internet, os leitores de tela vieram depois, a informática para o cego veio bem depois. Então, o rádio era o grande companheiro, você ficava ali, com o radinho no ouvido, sentava, ouvindo com alguém, então assim, essa questão do rádio pra mim, veio desde muito cedo, desde criança eu adorava. Meus presentes eram... “o que você quer ganhar de fim de ano? Eu quero ganhar um walkman, um rádio novo, pra colocar do lado da minha cama”. E assim foi crescendo essa paixão pelo futebol no rádio. Sabia todas as músicas, as vinhetas esportivas, foi uma coisa que ficou na minha cabeça (MIGUEL, entrevista à Carol Fontenelle, online, 30 dez. 2022).

A companhia do rádio desde criança também foi relatada por Rodrigo, que ganhou um aparelho quando era criança de sua mãe: “Desde pequenininho que eu ouço o rádio. Minha mãe me deu um rádio pequenininho”. Para Leone, a paixão pelo rádio surgiu muito cedo, mas, apesar disso, ele acredita que a narração apresenta elementos de parcialidade muito claros:

Eu gosto muito do rádio, gosto muito. Se for pra perguntar qual que você mais gosta é o rádio, pela emoção que o rádio te dá na narração. Só que o rádio também ele é muito parcial, porque se você pegar um jogo num time do Rio e de São Paulo pra ouvir na CBN, por exemplo, depende da CBN que você vai ouvir. É a CBN de São Paulo, ele vai puxar pro Corinthians e pro São Paulo. Aquela coisa... é bem nítido isso! (LEONE, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 9 jan. 2023).

A parcialidade apresentada pelo entrevistado não foi, necessariamente, com a intenção de apontar um problema, mas sim uma característica da transmissão radiofônica já que, como foi possível perceber, é o meio de comunicação preferido por ele para acompanhar uma partida de futebol. Ferraretto (2014) aponta que a torcida encara o futebol como um momento festivo e a narrativa do evento também parte dessa ideia. Talvez esteja aí a explicação para o fato de Leone acreditar na parcialidade da narração, afinal, a transmissão local da partida está sendo narrada para a sua audiência, ou seja, os torcedores do clube em questão. Se a CBN é de São Paulo e ela está transmitindo um evento festivo, natural que a narração também seja uma ode ao time daquele estado.

Interessante apontar que a relação que os entrevistados apresentam com o rádio também veio por intermédio da família, onde ouvir rádio era um programa familiar:

Meu pai consertava TV e rádios para os vizinhos (...) aqueles rádios que meu pai consertava na oficina me fascinavam, principalmente os rádios de outros países, ouvir os idiomas, me estimularam a estudar e para conhecer outros lugares. E não é fácil uma pessoa com deficiência visual e estudante da década de 60 e 70 que tudo era muito mais conservador, era difícil, vindo de uma família pobre do Complexo do Alemão (JOSÉ, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 26 jan. 2023).

Apesar da experiência de José e Miguel com o rádio ser separada por décadas, podemos perceber que se deu de maneira bem parecida, o que nos justifica a importância deste veículo de comunicação no passar dos anos. Miguel nos conta que com cinco anos já acompanhava as transmissões com seu pai:

Então, na década de 90, quando eu me vejo ali com 5, 6 anos, eu acompanhava muito as transmissões da Rádio Globo de São Paulo, a extinta Rádio Globo de São Paulo, aquela equipe que tinha Oscar Ulisses, Osmar Santos, Luís Roberto, Paulo Soares (o amigo da galera), Wanderley Ribeiro, enfim, todo aquele timaço da Rádio Globo daquela época, e aí eu passei a ouvir futebol. Eu torço pro Santos, sou santista, então eu acompanhava as transmissões junto com o meu pai, ligava nos programas, eu era “rato de rádio”, falava: “vou liberar o telefone”, eu já estava lá com o dedo, pra tentar falar no ar. Tinha uma época que teve uma promoção. BOLÃO GLOBO. Você ligava, lembro até o telefone. Você tinha que acertar quem ia fazer o primeiro gol pelo menos, ou o placar do jogo, pra tentar concorrer a uma bola da Topper. Eu me lembro como se fosse hoje. E aí, eu sempre ligava, pra tentar falar no ar, ou ganhar um prêmio. Até que um dia eu consegui. Eu tinha os meus 7 anos, foi a glória, você ver falar seu nome no ar e conquistar um prêmio, foi o máximo! (MIGUEL, entrevista à Carol Fontenelle, online, 30 dez. 2022).

A iniciativa, realizada pela rádio Globo, faz parte, obviamente, de uma estratégia para conquistar audiência, mas, segundo explica Soares (1999), este tipo de publicidade contribui para a formação de público consumidor futuro:

(...) As emissoras fazem suas promoções para atrair o público esportivo. Um exemplo é a Copa Dan ´up, um campeonato de natação infantil, organizado pela Jovem Pan. Nesse caso, o fabricante do produto entra com o dinheiro e o Departamento de Relações Públicas da Pan organiza todo o evento. O objetivo da promoção, conforme o diretor comercial da emissora, é cativar desde já o público infantil para que no futuro eles continuem sintonizados na Pan (SOARES, 1999, p.96).

A relação criada com a empresa de rádio vai assim, se formando desde cedo. No caso de José, se transformou em uma paixão que fez, ele mesmo, criar um desafio, como uma espécie de brincadeira:

E nós que somos deficientes visuais, e eu tenho 10% de visão no olho esquerdo e não tenho o globo ocular direito desde os 7 anos é prótese estética. Hoje com 61 anos tenho praticamente a mesma visão. Era algo tão forte na minha vida Carol, um dos meus hobbies na faixa de 12 a 19 anos de idade e que uma das minhas brincadeiras de adolescentes era anotar no caderno escolar as frequências das rádios, dos narradores do Brasil inteiro, principalmente de São Paulo, de Minas, Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro. Eu era um caso muito raro, um garoto do Complexo do Alemão, da Comunidade da Fazendinha, que sabia o nome da equipe inteira da Rádio Bandeirante de São Paulo, ou da rádio Guaíba ou da Rádio Gaúcha de Porto Alegre ou da Rádio Itatiaia de Belo Horizonte ou da Rádio Nacional Globo – Globo Nacional de São Paulo e das Rádio do Rio. Então eu passei a ser um apaixonado por rádio esportivo eu ouvia outras coisas também, programas de variedades, mas rádio esportivo, especialmente, eu anotava o nome de todo mundo (JOSÉ, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 26 jan. 2023).

Percebemos que a relação com a equipe de transmissão de rádio parece ser íntima, é como se fossem pessoas conhecidas pelos ouvintes, corroborando para aquela velha máxima de que o rádio é o companheiro das pessoas. Rodrigo relatou os narradores que prefere, bem como momentos marcantes da Copa do Mundo masculina de 2022, vivenciados pela Rádio Jornal, subsidiada em Pernambuco:

Quando o Richarlison fez aquele gol, que golaço, aquele pombo, aquela bicicleta, eu não aguentei não. O Aroldo Costa é um narrador muito gigante, o cara tira a emoção de onde não tem. Eu procurei palavras pra descrever a narração do cara e não consegui. Foi uma narração pura, uma narração sem aquele negócio falso, sabe, aquela narração que puxa de você uma emoção que não dá pra você explicar. Foi uma narração belíssima, foi uma narração que... digno de um pombo mesmo. E na CBN tem o Mauro Max, Romualdo Marques, tem o Carlos Miguel que também tá narrando agora e tem o Eri Santos, que também narra bastante. Mas, assim, que eu diga, caraca esse narrador aqui é F. Eu destaco dois. O Romualdo e o Aroldo (RODRIGO, entrevista à Carol Fontenelle, online, 5 jan. 2023).

A relação com o locutor de rádio também foi apontada como algo que precisa de confiança, como aponta Fábio, que começou a perder a visão aos cinco anos de idade, após contrair sarampo, ainda na Angola, sua terra Natal:

Eu sempre falo, acho que o narrador de rádio é a nossa visão em campo. Então, tudo que o narrador falar, eu acredito. E numa rodinha de conversa de amigos eu vou falar: “o meu ponto de vista desse lance é assim, assado, né?” Da maneira que eu ouvi do narrador, né? Ele fez um gol, estava na dúvida, foi impedido ou não foi? Eu espero a conclusão do narrador, do comentarista, para eu poder concluir

também. Se dois, três falaram que não estava impedido. Então, num debate com os amigos, eu vou falar não. Eu acho que não estava impedido, porque na rádio que eu estava ouvindo, dois ou três falaram que não estava impedido. Então eles realmente se tornam nossa, nossa visão dentro de campo, né? Por isso que tem alguns narradores que às vezes acabam trocando os nomes de quem fez gol, de quem está com a bola e isso pra nós nos complica bastante. Porque, como eu falei numa conversa, nem sempre quem levou amarelo foi o fulano. Eu, como a gente conversa com pessoas que enxergam e com cegos também. Aí chega falando: “não foi. Foi o fulano que levou amarelo”. Mas tem muito isso. São poucos narradores que trocam os nomes e não se corrigem. Mas alguns aí trocam o nome. Como a gente sabe que é rápido nos lances, mas muitos acabam corrigindo depois, assim fica tudo certo (FÁBIO, entrevista à Carol Fontenelle, online, 29 dez. 2022).

Além da confiança apontada pelo entrevistado, devemos perceber a confusão que um erro pode causar em uma pessoa cega – algo que talvez passe até despercebido para um vidente, já que este, muitas vezes, ouve o rádio e assiste a televisão. A importância da narração no rádio foi apontada também por José, que citou Waldir Amaral, famoso locutor das décadas de 60, 70 e 80, criador do apelido “Galinho de Quintino” e responsável por modernizar as linguagens das transmissões esportivas com vinhetas cantadas e efeitos sonoros²²:

Waldir Amaral dizia assim: imagine aí no seu rádio que o Fluminense está localizado no gol no lado direito das cabines de rádio. O lado do estádio do Maracanãzinho, do Parque Júlio Delamare. Já o Flamengo está no lado esquerdo. O lado da estação da estrada de ferro Central do Brasil. Né? Ele ia, antes da bola rolar, ele ia desenhando como é que está. Fluminense está com a tradicional camisa tricolor e calções brancos, o Flamengo, com a tradicional camisa... ele ia descrevendo as coisas. O nosso papel numa transmissão de futebol, nosso que eu digo, eu não sou audiodescritor, mas eu estou participando de um projeto disso, de audiodescrição, colocar a pessoa certa, como Waldir Amaral, não por acaso o Waldir Amaral tinha um slogan na Rádio Globo que diz assim: Rádio Globo é como se você estivesse à beira do gramado. Com certeza o Helal vai lembrar disso, seu professor. O Waldir usava muito essa coisa, que é colocar alguém à beira do gramado. É fazer com que alguém que está ouvindo e que, portanto, está recebendo linguagem sonora. (...) Então o Waldir Amaral dizia, você se sente à beira do gramado, por isso. Ele queria dar a imagem pra quem não estava vendo pela televisão a imagem do jogo (JOSÉ, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 26 jan. 2023).

²² A revolução que Waldir Amaral proporcionou ao radiojornalismo esportivo pode ser ouvida no programa Futebol à Manivela, da Rádio Globo. Disponível em <https://radioglobo.globo.com/media/audio/218253/waldir-amaral-bordoes-e-linguagem-mais-proxima-do-htm>. Acesso em 15 set. 2023.

Com o relato de José, podemos perceber que o locutor Waldir Amaral descrevia o cenário da partida, localizando imageticamente o ouvinte, seja nas características de posicionamento dos times, seja no uniforme dos jogadores. A ideia é que o ouvinte poderia se sentir à beira do gramado, assistindo ao jogo. José também aborda o quanto é importante que o audiodescritor também seja a pessoa certa, ou seja, podemos inferir que deva ser uma pessoa que entenda as nuances de um jogo de futebol e, mais do que isso, tenha tido contato com pessoas com deficiência visual e tenha entendido o que é importante ser relatado, para que a linguagem sonora se transforme em imagem.

Dessa forma e também como já relatamos em capítulo anterior, ver é muito além do que para nós, videntes, parece ser. Mesmo uma pessoa que nunca tenha enxergado (tradicionalmente falando), é possível visualizar a partida por meio do que está sendo informado. No caso do que foi relatado por José, você, por exemplo, sendo vidente ou não, precisa ter noção de onde fica o parque Júlio Delamare para se localizar espacialmente e isto independe de enxergar, pois o que importa, neste contexto, são as informações que você tem acerca do complexo esportivo do Maracanã. Ou seja, ver é muito além da luz que atravessa a córnea, a pupila e o cristalino até chegar na retina, onde acontece a decodificação que faz com que o nervo ótico e o cérebro façam o trabalho de “gerar” imagens. Depende também das informações que recebemos ao longo da vida, porque até o nosso “olhar” é direcionado e repleto de interpretações individuais, como já abordamos aqui. Se você não sabe onde fica o Parque, vai gerar uma imagem e, quem sabe, pode gerar outra e assim por diante. As imagens vão surgindo para gente por meio do que já “vimos” e do que “entendemos que vimos” e, no caso do futebol, o rádio foi fundamental no processo de entendimento.

Também obtivemos, por meio da entrevista, a importância do rádio no processo de adaptação de acompanhar jogos de futebol após a perda da visão. Otávio, que tem um pouco mais de 40 anos, relata que sempre ouviu rádio, mesmo assistindo televisão:

Eu sempre fui um cara que, mesmo quando enxergava, sempre fui um apaixonado pelo rádio. Eu assistia os jogos pela televisão, mas com radinho na orelha. Sempre foi assim, mesmo quando enxergava (...) Hoje passa-se muito mais jogos pela TV. Você tem muito mais possibilidades com o streaming, com canais fechados, mas antigamente era um jogo por semana na TV aberta. E os clássicos mesmo que a gente gostava de acompanhar, dificilmente passava. Então, eu sempre fui muito pelo rádio, então acredito que quando eu perdi a visão, já por essa paixão de sempre estar acompanhando pelo rádio, facilitou um pouco, porque eu sempre fui de prestar muita atenção no narrador, no

comentarista, sempre acompanhar os programas esportivos para saber como a equipe ia jogar. Então acho que o fato de ter sempre essa paixão pelo rádio me ajudou muito e não criou muitos empecilhos e muitas dificuldades, não, com essa transição (OTÁVIO, entrevista à Carol Fontenelle, online, 14 fev. 2023).

O mesmo não aconteceu com Jonathan, que preferia assistir televisão, antes de perder a visão: “Claro, que eu tive uma fase de garoto pequeno que não tinham tantos jogos na TV. (...) mas aí a gente começou a ver pela televisão e tal, e o rádio esteve sempre próximo. Mas hoje em dia, o meu grande companheiro é o rádio” (JONATHAN, entrevista à Carol Fontenelle, online, 8 fev. 2023).

Já para Fábio, a sua relação com o rádio surgiu somente no momento no qual ele chegou ao Rio de Janeiro e foi morar em Juiz de Fora. Em sua terra Natal, ele não tinha televisão em casa e nem rádio. O que sabia de futebol eram os comentários de outras pessoas.

Eu comecei a assistir (jogos) em 2002, quando a gente veio pra cá, já tinha um angolano que veio em 2000. Então ele morava em Juiz de Fora. Ele era vascaíno. Então, o intuito dele era que todo mundo virasse vascaíno. A gente que estava chegando recentemente. Então ele nos falava de Vasco, Vasco pra lá, Vasco pra cá. Só que chegou um certo momento que ele estava ficando chato, falava demais. Aí eu pensei: vou contrariar esse cara. Comecei a acompanhar o jogo do Flamengo no rádio. Eu tinha um rádio de lá. Agora eu acho que não lembro o nome, mas a gente acompanhava lá em Juiz de Fora. Passa muito jogo do Rio. Então, aí teve em 2001 a final entre Flamengo e Vasco, que o Pet fez aquele golaço de falta. Aí a partir dali, eu já não larguei mais de acompanhar o futebol (FÁBIO, entrevista à Carol Fontenelle, online, 29 dez. 2022).

Como podemos perceber, a paixão pelo futebol surgiu por meio do rádio. Comentar sobre a final do Campeonato Carioca de 2001, entre Flamengo e Vasco, quando Petkovic fez o gol, aos 43 minutos, que garantiu o tricampeonato ao time rubro-negro, mostra o quanto um feito heroico pode trazer novos torcedores. Além disso, devemos destacar que o feito foi “prato cheio” para os narradores darem muitos adjetivos ao gol de falta e ainda impulsionar mais ainda a paixão do torcedor e por que não dizer, contribuir para formação de novos torcedores?

3.3- Comentaristas de futebol com deficiência visual: um mercado em crescimento?

O que pode parecer estranho para quem pouco convive com pessoas com deficiência visual é a possibilidade de eles desenvolverem atividades que pessoas

videntes também realizam. Durante as entrevistas, descobrimos o universo de jornalistas e /ou comentaristas de jogos de futebol. Eles trabalham / trabalhavam seja profissionalmente ou de forma amadora. Alguns cursaram a faculdade e outros aprenderam o ofício durante a vida, tal qual profissionais videntes que atuam no jornalismo esportivo. Relembrando que entrevistamos dez pessoas, em profundidade, para este trabalho e cinco declararam que atuam ou atuaram como profissionais de comunicação.

Miguel

Como sempre estava ouvindo programas de rádio, Miguel conta que sempre teve vontade de conhecer uma cabine esportiva. Devemos lembrar que ele nunca enxergou e, como já explicamos neste trabalho, isto não o impediu de entender, conhecer e admirar o trabalho dos jornalistas esportivos, bem como saber a importância da magia da narração que acontece em uma cabine. “Então, sempre tive muita vontade de saber como era. Agora, se eu falar pra você que nem me imaginaria, um dia, fazendo futebol, comentando futebol”.

Por muito pouco o jornalismo esportivo perdeu um dos seus profissionais para a música. O entrevistado explica que sempre teve o que chama de “duas vertentes”: paixão pela música e pelo jornalismo. Desta forma, estudou música e quase fez parte do Conservatório, localizado no Tatuí, em São Paulo. Lá, tinha a ideia de fazer musicografia braille “para quem não sabe, é a partitura de vocês, do *enxergante*, em braille. Mas aí não deu certo”. Assim, Miguel começou a faculdade de Rádio e TV, na Universidade Metodista. Por ser complicado uma pessoa cega manipular câmeras, ele resolveu migrar para a Faculdade de Jornalismo e lá foi aconselhado, pelos professores, a fazer o curso de locução do Senac. Nessa época, ele já tinha ouvido na rádio Metodista o Programa da Mensagem, com o locutor Hélio Ribeiro e já tinha se apaixonado pelo rádio.

Então, eu tenho as duas MTB's, de Radialista e de Jornalista. Naquela época (de faculdade), tinha na rádio Metodista, um programa de rádio que eles passavam lá (...) e o diretor, na época, Sr. Alcides Pontes Martins, passava esse programa, na rádio Metodista. Ai que pensei que era isso o que eu queria fazer. Eu comecei o curso de locução em 2008 e terminei em 2010. Me formei em locutor. E em 2011 eu me formei em Jornalismo pela Metodista, meu TCC também foi voltado pro esporte. Um livro reportagem em braille, foi o único da faculdade até hoje, o único TCC em braille “ A inclusão do deficiente por meio do esporte, com ênfase na capoeira. A capoeira e outros esportes que a gente pegou. O Goalball, o futebol de cegos, futebol de 5, a natação. E

aí, você vai me perguntar: “Mas porque vocês fizeram em braille?” Porque não tinha razão um cego fazer um TCC que ele mesmo não pudesse ler. Foi por esse motivo. E também a gente queria ter feito em libras, mas aí o pessoal que ia fazer em libras mudou de ideia e eu acabei não conseguindo fazer. Então, eu fiz ele em braille e fiz ele em tinta, na escrita normal, tradicional. O meu avaliador interno da faculdade, Professor Jorge Roberto Tarquine, que foi Diretor da Abril, Revista Quatro Rodas, escritor de vários livros, em 30 anos de faculdade, ele nunca tinha pego um livro em braille, foi o único. Então, assim, foi uma marca na faculdade (MIGUEL, entrevista à Carol Fontenelle, online, 30 dez. 2022).

Em 2013, Miguel teve a oportunidade de começar a trabalhar numa rádio comunitária do ABC, por meio de seu amigo, Flávio Henrique de Souza, do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, que tem contato com integrantes de rádios comunitárias. Miguel foi apresentado para o Sr. Antonio Oscar da Silva, na época diretor da Rádio Paraty FM, de São Bernardo do Campo, e iniciou seu trabalho em 2013. Assim, começou sua carreira como comentarista de futebol, no programa Hora do Esporte. A princípio, Miguel comentava jogos dos times locais, a exemplo do Esporte Clube São Bernardo, Água Santa, São Caetano, Santo André e São Bernardo Futebol Clube e na segunda metade do programa dos times considerados grandes.

Em agosto de 2013, o São Bernardo Futebol Clube, que hoje está na primeira divisão do Campeonato Paulista, ia disputar uma copa que chama Copa Paulista. Essa Copa Paulista é uma competição pras equipes que, no segundo semestre não tem nenhuma competição - nem a série B do Brasileiro, C ou D, nenhuma competição - disputar uma competição pra não ficar o semestre todo parado. E essa Copa Paulista dava pro campeão, na época, uma vaga pra série D do Campeonato Brasileiro do outro ano. E a Rádio Paraty foi cobrir essa Copa Paulista com o São Bernardo. Então, o Álvaro Gomes, que foi nosso âncora durante muito tempo e o Rene Moreira, o nosso locutor, criaram o quadro “O ponto de vista”. Consistia no seguinte. Ficava o locutor e o comentarista no estádio e eu ficava no estúdio, junto com o plantão. Então, eu ia me baseando junto com os comentários que o comentarista estava fazendo no estádio e quando o locutor falava: “E agora, dando o ponto de vista com (nome do entrevistado)”, eu falava, do estúdio, o que eu estava sentindo do jogo. E isso, o quadro “O ponto de vista”, foi no segundo semestre de 2013 até o final de 2014. (...) Só as pessoas, que tinham uma proximidade muito grande com a Rádio, sabiam que o quadro “Ponto de Vista” era um comentarista cego que tava fazendo (MIGUEL, entrevista à Carol Fontenelle, online, 30 dez. 2022).

O fato de as pessoas não perceberem que Miguel é cego o coloca em um lugar de jornalista tal qual uma pessoa vidente e a evidência dessa informação por ele, foi falada de maneira descontraída, como se achasse curioso as pessoas não perceberem.

Desta forma, Miguel, em seu ofício, não é “o deficiente visual que comenta jogos”, mas um profissional, como outro qualquer, que escolheu trabalhar com jornalismo esportivo. Em 2015, Miguel foi convidado a fazer os comentários diretamente da cabine de transmissão. Ele conta com orgulho essa fase de início de sua carreira:

Foi uma honra, uma oportunidade, de você passar a fazer o comentário do campo, da cabine de esportes. E, pra isso, você tem que ter uma carteirinha que você tira. Cada carteirinha tem um nome, ASESP, ASEISP. E sem essa carteirinha você não consegue entrar nos estádios, fazer comentários esportivos e nada. E, na época, o pessoal me deu muito apoio. E eu comecei a comentar do estádio. Então, às vezes, os colegas que vinham cobrir os clubes do interior, olhavam pra cabine e via um cego comentando, o pessoal não entendia, mas depois foi se acostumando (MIGUEL, entrevista à Carol Fontenelle, online, 30 dez. 2022).

Como pudemos perceber, o fato de uma pessoa com deficiência visual, muitas vezes, não ter o acesso à educação, seja pela dificuldade do acesso, por falta de vontade própria, falta de apoio ou qualquer outro fator, faz com que, quando encontrado um profissional exercendo sua profissão, videntes fiquem assustados. Isto acontece, como já discutimos no capítulo anterior, devido à cultura capacitista, onde as pessoas com deficiência são rotuladas como incapazes. Como relatado pelo entrevistado, o estranhamento ao novo, deu lugar ao entendimento da capacidade da pessoa com deficiência visual. Apesar disso, Miguel comenta algumas limitações que impedem que a pessoa com deficiência visual faça todos os comentários de uma partida:

Claro que tem lance que eu não posso falar. Se uma pessoa que tá vendo a câmera pode transmitir, sei lá, pôr na câmera lenta, então eu tinha que ficar copiando a equipe. O lance de impedimento também, tem coisa que eu não posso me ater a falar, mas a parte de esquema tático, eu chegava antes no estádio pra ver a escalação, ter, mais ou menos uma ideia de como cada equipe ia jogar. O entrosamento com o narrador foi muito importante na minha vida, porque eles detalhavam o máximo possível da jogada, pra que quando eu fosse comentar, fazer aquele comentário foguete, que a gente fala, que é aquele comentário rapidinho, que o comentarista te chama nos 15 minutos do jogo, você fala ali aquele comentário rapidinho, tipo quando os dois times estão se estudando ainda, você dá ali aquela rapidinha, de 15 em 15, 15 e 25. Depende. Isso alterna bastante. E prestar atenção o máximo possível, porque a questão do cartão, você pode comentar, no caso quem é cego, a arbitragem, mas assim, de uma maneira sutil. Ah, ele está sendo criterioso na questão dos cartões e tal, mas..., deixa mais o jogo correr, depende muito de como está o arbitro. Mas não tomar partido. E tem aquele comentário que, quando acaba o primeiro tempo, no intervalo, tem aquele comentário mais esticado, mais detalhado. Então, ali eu tinha que saber quem tomou tantos cartões amarelos, cada equipe, quem atacou mais, por qual lado, pela direita ou pela esquerda, pelo meio.

Então, tinha que memorizar o máximo rápido possível pra que, quando chegasse a minha hora (...) conseguir desempenhar (MIGUEL, entrevista à Carol Fontenelle, online, 30 dez. 2022).

Miguel conta ainda que, após a transmissão, sempre havia uma conversa entre ele e a equipe para, eventualmente, realizar ajustes. “A gente foi se adequando, um à realidade do outro. Mas, se eu falar pra você que era uma coisa que eu queria desde criança, até se eu falasse na faculdade, eles iam me mandar internar, porque iam dizer: ah, você tá louco”.

Em 2023 fez 10 anos que Miguel trabalha com jornalismo esportivo e ele acredita que colaborou para que outras pessoas cegas pudessem, também, estar nesta profissão. “Espero que outros cegos – meu amigo Xavier, de Curitiba, o André também, que tinha um programa esportivo na rádio Transamérica (hoje LCB) - e outros jovens que virão, espero que tenham também a oportunidade de ter uma carreira no meio esportivo”.

Rodrigo

Trabalha com locução publicitária e locução de rádio, tem sua própria web rádio e ainda trabalha para três emissoras de rádio, em Natal, Minas Gerais e João Pessoa. É morador de Ponta das Pedras, um distrito de Pernambuco com um pouco mais de 8 mil habitantes. Graças à tecnologia, sua voz e suas experiências vão longe.

Não tem DRT (neste caso, registro profissional de jornalista e/ou radialista). Para conseguir o referido registro é necessário comprovar experiência profissional ou fazer faculdade. Segundo ele, tanto o acesso à faculdade, quanto o preço da mensalidade impossibilitam que ele estude formalmente. “Olha, não tenho DRT (...) Eu trabalho por amor. Eu gosto muito do rádio. Ele me proporciona uma independência muito grande. O meu problema é fora dos microfones, se falarem “fala disso”, eu travo bonitinho, mas tendo microfone não, eu vou que vou” (RODRIGO, entrevista à Carol Fontenelle, online, 5 jan. 2023).

Para as webs rádios que trabalha, não apresenta somente programas especificamente de esportes. Ele conta que, por exemplo, no momento da entrevista, iria iniciar um trabalho numa emissora do Piauí, cobrindo o Campeonato Pernambucano e para a emissora de Natal, apresenta um programa chamado Resumo da Semana, onde traz as principais notícias do mundo. Ou seja, seu repertório é variado. Em relação às suas transmissões, ele opera o programa de maneira independente.

Eu faço o seguinte, eu pego a transmissão da rádio, vou aqui dar um exemplo, uma CBN Recife. Eu pego aquele M3U. M3U é como se fosse um linkzinho que te passa toda a informação daquela emissora. E uso um programa chamado Nação Rádio Boys, não sei se você conhece, que ele me dá autonomia de dirigir o programa, esse programa posso, eu mesmo, sem ajuda de ninguém que enxerga, eu posso mudar de playlist, eu posso agendar, posso tocar ali a música que eu quero, que eu quero que vá tocar e posso rodar M3U, com total acessibilidade. (...) E eu fico na parte dos comentários. Sempre ao vivo (RODRIGO, entrevista à Carol Fontenelle, online, 5 jan. 2023).

O fato de Rodrigo, sendo uma pessoa cega, produzir e colocar no ar o seu programa de web rádio, sem ajuda de ninguém, significa independência. De acordo com a professora do Departamento de Antropologia da UFF Olivia Von der Weid (2018), no movimento das pessoas com deficiência, sai a noção de “fazer tudo sozinho” e entra justamente a de independência, que significa ter o controle sobre a assistência ou ajuda. Desta forma, se Rodrigo precisar de alguma ajuda, ele poderá pedir, da mesma maneira que uma pessoa vidente, também precisando de alguma ajuda, pode solicitar.

Otávio

Por sempre gostar de radialismo, resolveu estudar. Por um período, fez, na Fundação Dorina Nowill para Cegos, uma oficina de rádio e na Associação Laramara – Associação Brasileira de Assistência à Pessoa com Deficiência Visual, curso de locução e também outra oficina especializada em rádio. Como começou a desenvolver bem a locução nos testes, os professores passaram a incentivá-lo a seguir carreira e um dos amigos o indicou a ir à Rádio Transamérica São Paulo. Foi assim que iniciou a sua carreira de mais de 10 anos na locução. “Eu fui para conhecer a equipe. Lá surgiu o convite até pelo Neto, que hoje trabalha na Bandeirantes como comentarista e jogador, e ele me convidou para fazer um estágio no programa dele, que era todos os domingos”.

Na época do convite para estagiar, Otávio já não enxergava mais. Começou trabalhando na produção e no atendimento aos ouvintes. A rádio fazia promoções ao vivo, onde era possível ganhar prêmios.

Então o que eu fiz? Eu comecei a levar a minha máquina braile e comecei a notar também os vencedores. Eu falei: “vai ficar aqui como um backup, né?” E pedi. Pedi mesmo pra ficar meia hora final do programa lá no estúdio para sentir o clima (do programa). E claro que o Neto, que era o apresentador, aceitou. Então eu ficava aquela meia hora. Para minha sorte, um dia a pessoa responsável por divulgar os vencedores não apareceu. Ele estava numa outra atividade, numa conexão com o campo que a rádio fazia, nos jogos ao vivo. E acabando

o programa, Neto falou: “E agora vai ficar sem divulgar os vencedores, porque tal pessoa não está aqui. E eu falei: “não, eu tenho aqui anotado”. E ele me deu oportunidade para falar no ar pela primeira vez os vencedores. Claro que eu decorei tudo e falei de ponta aponta. Então, a partir daí o Neto falou que eu iria divulgar os vencedores todo domingo, eu ia ficar meia hora final todo domingo e divulgar ali os vencedores. Ou seja, foi a minha primeira participação com o microfone no ao vivo. Nessa meia hora, eu comecei a dar os pitacos como comentários de jogo fora do ar. Claro que eu não ia ser tão intrometido. Fora do ar eu falava e o Neto gostava (OTÁVIO, entrevista à Carol Fontenelle, online, 14 fev. 2023).

A partir da relação com o hoje apresentador Neto, viu seu potencial e ele passou a comentar também nos jogos. Sua transição de estagiário para componente da mesa foi de somente um mês e meio. Otávio acredita que o fato de ser deficiente visual e os ouvintes saberem disso e acharem incrível uma pessoa como ele ser comentarista, foi um atrativo para o sucesso de sua participação.

Fiquei dez anos e dez meses participando desse programa. Depois, eu pedi para que, como a rádio tinha um programa que falava de todos os esportes, de segunda a sexta pela manhã, eu me ofereci para falar sobre o esporte paralímpico, que vinha bem alta, e isso em 2009, e a direção aceitou. Então eu comecei a fazer um boletim uma vez por semana falando de esporte paralímpico nesse programa, e o povo também começou a gostar. A galera começou a curtir e aí começou a ser diário esse boletim. E foi muito legal porque a rádio me ofereceu muitas possibilidades de crescimento, sabe? Inclusive para fazer plantão. Então eu trabalhei também como plantão em Copa do Mundo. Trabalhei comentando em outros programas também. Foi uma inclusão de fato mesmo (OTÁVIO, entrevista à Carol Fontenelle, online, 14 fev. 2023).

No momento da entrevista, Otávio apresentava um programa esportivo na web rádio da Organização Nacional de Cegos do Brasil. Está sempre com o celular acompanhando programas esportivos e canais de streaming que falam de futebol, e este consumo de notícias possibilita que ele produza o seu programa. Além disso, trabalha na web rádio Conectados, onde apresenta um programa de música brasileira. Fora do radiojornalismo, ainda é guia cultural, na exposição Diálogo no Escuro que, na ocasião desta entrevista, estava em cartaz em São Paulo. Otávio trabalha também como facilitador líder em workshops em empresas: “a gente apresenta dinâmicas para empresas, para gestores, pessoas de RH, colegas de trabalho, para uma sensibilização, para ver as possibilidades que a pessoa com deficiência visual busca e às vezes não encontra em relação à deficiência em geral” (OTÁVIO, entrevista à Carol Fontenelle, online, 14 de fev. 2023).

José

É formado em Comunicação pela UFRJ. Na ocasião da entrevista, trabalhava há 41 anos com jornalismo. Esteve durante muito tempo na Rádio CBN e ao total se dedicou 18 anos ao jornalismo esportivo, onde foi setorista em clubes cariocas por 6 anos. Atualmente, é jornalista responsável pela área de comunicação internacional na ONCD (Organização Nacional de Cegos do Brasil). “E não é fácil uma pessoa com deficiência visual e estudante da década de 60 e 70, que tudo era muito mais conservador (...) hoje eu trabalho naquilo que sempre sonhei desde adolescente, no rádio em jornalismo, dando aula e sendo gestor de pessoas” (JOSÉ, entrevista à Carol Fontenelle, online, 26 de jan. de 2023).

Devido à condição de baixa visão, sofreu estigmas durante sua carreira. Podemos remeter o ocorrido ao que o sociólogo canadense Goffman (1982) diz sobre o tema. Para o autor, existem as categorias de estigmas visíveis e não visíveis. No caso da cegueira, é o visível. Ao olhar José, percebemos que ele enxerga pouco, devido aos seus óculos e a não possibilidade de ele olhar, com facilidade, diretamente aos olhos de uma pessoa. Goffman (1982) afirma que quando um estigma é imediatamente perceptível existe a questão de se saber até que ponto ele interfere com o fluxo da interação entre as pessoas. No caso de José, muitas pessoas duvidavam de sua capacidade tanto no ambiente de trabalho, quanto quando era criança, pois até membros de sua família queriam que ele fosse retirado da escola. O núcleo familiar onde estavam seus pais permitiu que ele tivesse o apoio necessário para chegar à universidade e, posteriormente, fazer carreira na Rádio Globo CBN. “A única palavra que não havia era a palavra capacitismo, pois na época não existia, mas havia de tudo. (...) também sofri capacitismo pelos colegas, mas três chefes viram em mim capacidade de fazer e me ajudaram”. Diante do relato de José, observamos que o fato de ele apresentar baixa visão, diante da percepção dos seus superiores no trabalho, não influenciou negativamente na sua interação com as pessoas, fato que o fez não somente exercer cargos de liderança nas rádios como também trabalhar efetivamente com gestão de pessoas.

Leone

O envolvimento com o jornalismo começou a partir de uma brincadeira. Ainda na adolescência, frequentava o Centur (Centro Cultural e Turístico Tancredo Neves), que tem uma biblioteca pública, em Belém do Pará. A instalação, que é uma das mais importantes da Região Norte, apresenta um setor em braile. Leone, quando adolescente, na Copa do Mundo de 2002, resolveu brincar de jornalismo com seus amigos. Utilizando gravadores de fita cassete, que existiam na biblioteca, criaram de maneira despretensiosa debates sobre os jogos da Copa do Mundo e gravavam.

Se tivesse YouTube naquela época, eu acho que já tinha milhões de visualizações. Como não tinha, a fita cassete ficou ali pra gente brincar um pouco. Mas eu levando muito a sério fazendo perguntas, pesquisando, e aí como é que vai ser a final? Brasil, Alemanha e tal, aquela coisa toda. Como é que vai se comportar taticamente a seleção? E aí colega disse: cara esse projeto está ficando coisa séria. Está legal isso aqui. Bora levar pra uma rádio comunitária? Aí o colega levou, nós fomos três pessoas juntas pra essa rádio, fizemos um programa na época chamado Clube da Seresta, que era muito musical, muito brega conforme a nossa região aqui né? Norte do Brasil, essas músicas de saudade como chama aqui, marcantes, né? E a gente trabalhou musicalmente falando. Depois, passei apresentar o programa sozinho. Vi que essa trajetória de trabalhar os três juntos não seria muito legal pra mim, queria fazer um programa com a minha cara, com o meu pensamento, que reunisse o esporte e o samba né? O pagode. Então eu fui convidado pra trabalhar na rádio domingo de dez ao meio-dia fazendo de samba, pagode e esporte. Uma rádio FM. Isso foi em 2003, tá? (LEONE, entrevista à Carol Fontenelle, online, 09 jan. 2023).

A partir desta experiência profissional, Leone começou a frequentar estádios com o objetivo de coletar informações para matérias jornalísticas. Não tinha dificuldade para frequentar os espaços, porque o fato de ser cego facilitada a entrada nos ambientes. “Pô, deixa o ceguinho entrar, coitado, ele quer fazer uma gravação, deixa ele entrar, eu me aproveitava é, claro, de uma forma que eu não deveria me aproveitar, mas me aproveitar pra “vender meu peixe” e, infelizmente, com essa discriminação idiota” (LEONE, entrevista à Carol Fontenelle, online, 09 jan. 2023).

Desta forma, além de apresentador, exercia a função de repórter e este trabalho durou quatro anos. Apesar de estar realizado profissionalmente, trabalhando com a editoria de esportes, Leone tinha um sonho de trabalhar na Rádio Clube do Pará. Inaugurada em 1922, a emissora é uma das mais antigas do Brasil e sempre teve a vocação para a transmissão esportiva, sendo a primeira rádio da região a transmitir um jogo de

futebol, em 1935, e a primeira também a transmitir uma partida de Copa do Mundo, a final de 1950²³.

Com a presença marcante da Rádio Clube do Pará na vida de Leone, ele foi atrás de seu sonho. Em 2009, levou um projeto para a equipe:

Nossa, os caras estão falando (na rádio), um dia ainda vou comentar com esses caras. E quando foi em 2009, eu levei um projeto piloto de um trabalho meu na rádio comunitária. O chefe da equipe de esporte gostou e me convidou pra fazer uma cobertura e, por ocasião naquela época, eu tinha um compromisso em São Paulo, justamente na cidade onde o Clube do Remo, que é um dos maiores times daqui da região, ia jogar a Copa São Paulo e aí ele falou: vai pra lá por tua conta, faz o teu teste lá, manda o material e, se der certo, a gente vai te colocar como colaborador, nunca como contratado, né? É aquela coisa, todo tempo é testando, pra ver, vai fazendo. E nessa brincadeira, eu fiquei 10 anos como colaborador da Rádio Clube do Pará. Fiz a reportagem, primeiramente, do Remo na Copa São Paulo e aí depois convidaram pra fazer comentários esportivos pós-jogo, né? Os times jogavam aqui, eu ficava ouvindo e aí depois eu gravava o comentário esportivo pra rodar na resenha final dos jogos, né? Então eu fiquei 10 anos nisso, como colaborador, remunerava apenas a questão quando eu conseguia um patrocínio, alguma coisa, mas foi uma experiência muito marcante, porque acho que eu consegui ali exercitar, na prática, todo trabalho de comunicação na rádio (LEONE, entrevista à Carol Fontenelle, online, 09 jan. 2023).

Como podemos perceber, a oportunidade de ser contratado não aconteceu, por mais que ficasse 10 anos como colaborador da rádio. A oportunidade que Leone teve na rádio, o fez chegar até o trabalho na televisão como comentarista esportivo, realizando as análises das rodadas da semana dos campeonatos de futebol. Foi uma fase de difícil adaptação.

Com a televisão, você tem que associar ali o som à imagem, então às vezes eu falava de alguma coisa, passava uma outra imagem (...) eu percebi que ali eu acabava me queimando um pouco porque, apesar de você ter talento pra comentar o esporte na TV, fundamentalmente o que vale é a imagem, né? Lá no rádio a voz funciona muito bem, mas na TV qualquer vacilo a sociedade já te puxa a orelha. Depois disso, eu saí da rádio Clube, me cansei muito dessa função de colaborador, como eu não fui contratado, e hoje eu trabalho como comentarista nas minhas próprias redes sociais. Eu tenho o Twitter, Instagram, Facebook e YouTube, de forma ainda muito amadora eu faço as análises de rodada, comento o que eu penso, interajo com o torcedor né? Acerca do que será ou do que foi o fim de semana esportivo no Pará, até que surja uma nova oportunidade trabalhar como eu quero no rádio, enfim na TV, comentando esporte (LEONE, entrevista à Carol Fontenelle, online, 09 jan. 2023).

²³ Mais informações podem ser obtidas em <https://radioclube.dol.com.br/historia/>. Acesso em 13 out. 2023.

Diante da fala do nosso entrevistado, foi possível perceber que não houve uma inclusão de fato. Já que existia uma pessoa com deficiência na equipe, era necessário adaptar o trabalho para ela. Importante destacar ainda que foi instituída, em 6 de julho de 2015, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Nela, capítulo específico ao direito ao trabalho, onde podemos ver, em seu artigo 34, que a pessoa com deficiência tem direito ao trabalho de sua livre escolha e aceitação, em ambiente acessível e inclusivo, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas e que as empresas são obrigadas a garantir ambientes de trabalho acessíveis e inclusivos.

Desta forma, existe protagonismo das pessoas cegas e com baixa visão no jornalismo esportivo. Como pudemos ver neste trabalho, Miguel fez faculdade de Jornalismo e completou, em 2013, 10 anos de trabalho na área de jornalismo esportivo onde, principalmente, atua como comentarista de jogos. Rodrigo coloca seu próprio programa de web rádio no ar e ainda trabalha para emissoras de Natal, Minas Gerais e João Pessoa. Sua voz, saída de uma pequena cidade de Pernambuco, é sem fronteiras. Leone trabalhou por mais de 10 anos, como colaborador, em uma empresa de rádio.

Já Otávio, em um mês e meio, teve sua transição de estagiário para componente da mesa em um programa esportivo de rádio. Obviamente os cursos que realizou na área de Radialismo contribuíram para que o apresentador Neto observasse o seu talento. Posteriormente, ele passou a ter um programa esportivo na Organização Nacional de Cegos do Brasil (ONCB). José fez comunicação pela UFRJ e trabalhou na Rádio CBN se dedicando 18 anos ao jornalismo esportivo e hoje também trabalha na ONCB. Leone, ainda adolescente, em 2002, resolveu “brincar de jornalismo” com seus amigos, utilizando gravadores de fita cassete que existiam em uma biblioteca e assim realizar um debate sobre a Copa do Mundo - que ele não podia imaginar é que depois foi trabalhar como apresentador e repórter na editoria de esportes. Ou seja, não poderíamos imaginar que, dentre os 10 entrevistados, iríamos encontrar cinco pessoas que atuam com jornalismo esportivo de maneira profissional, o que prova que a deficiência visual não os impede de produzir, narrar ou comentar programas.

3.4- Elementos discursivos de uma partida de futebol transmitida pelo rádio

Neste subcapítulo, iremos abordar a transmissão esportiva, especificamente os gols da partida Brasil x Coreia, realizada dia 5 de dezembro, pela Copa do Mundo 2022.

É também este jogo que foi utilizado para análise dos entrevistados tanto em relação à audiodescrição, quanto em relação à narração realizada pela TV (se ela precisa sofrer alguma alteração para ser mais inclusiva às pessoas com deficiência visual) - e que veremos nos próximos capítulos. A escolha deste jogo foi devido ao fato de ser uma partida da Seleção Brasileira (o que poderia evitar clubismos) e, além disso, ter acontecido muitos gols, placar de 4x1 para o Brasil.

Nosso objeto de análise foi a narração de Oscar Ulisses, da Rádio Globo CBN, líder de audiência no futebol em São Paulo e *top of mind*²⁴ nas duas principais praças do país: Rio de Janeiro e São Paulo, de acordo com o Instituto Quantas, em pesquisa de 2016²⁵. Em dados mais recentes, de agosto de 2023, o Sistema Globo de Rádio (da qual Rádio Globo CBN faz parte) alcança mais de 9,8 milhões²⁶ de ouvintes em todo o país.

Devemos ainda explicitar que também são poucos os trabalhos que abordem a questão narrativa dos jogos de futebol. Em 1989, o pesquisador Zaldo Antônio Barbosa, em seu trabalho final de mestrado *A narração de futebol no Brasil: um estudo fonostilístico*, na UNICAMP, já comentava isto. Inacreditavelmente, 30 anos depois, ainda não temos muitos trabalhos sobre o assunto. Destaques ficam para Márcio Guerra, professor da UFJF e especialmente seu livro *Rádio x TV: jogo da narração*. Podemos também citar Carlos Schinner autor do *Manual dos locutores esportivos: como narrar futebol e outros esportes no rádio e na televisão*. E ainda Ciro Götz com *Narração de futebol no rádio: uma proposta de análise retórica*.

A narração de jogos de futebol no rádio costuma ser bem rápida, já que é necessário falar o que está acontecendo de maneira que não se perca os lances mais importantes. Durante nossas entrevistas, ouvimos dos entrevistados que eles costumam utilizar este meio justamente pelo caráter descritivo, que já podemos observar no primeiro gol narrado: “Lá no ataque Brasil domina, Casimiro adianta pela meia, tira a Coreia, corta efeito. Insistiu o Brasil, Rafinha dominou, ganhou, levou na linha de fundo, a chance de

²⁴ Top of mind, neste caso, significa que a Rádio Globo CBN é a primeira empresa que vem à mente quando pessoas são perguntadas sobre rádios que transmitem jogos de futebol.

²⁵ DORES, Kelly. Seleção Rádio Globo CBN é líder em audiência do futebol na rádio. Propmark, 26 de ago. 2016. Disponível em <https://propmark.com.br/selecao-radio-globo-cbn-e-lider-em-audiencia-do-futebol-na-radio/>. Acesso em 01 jan. 2024.

²⁶ MÍDIA KIT. Sistema Globo de Rádio. Disponível em <https://anunciosgr.globo.com/cbn/documentos/midia-kit.pdf>. Acesso em 01 jan. 24.

Neste momento, ele usa o recurso de alongar a palavra gol e a palavra Brasil, ambas puxando a letra L de forma alongada. Também podemos perceber o quanto a riqueza de detalhes pode nos levar a imaginar como aconteceu a cena. Enquanto ele grita gol, o torcedor pode estar comemorando e não adianta mais falar nada a não ser continuar com o grito. Após, o narrador continua, talvez porque os segundos já foram suficientes para a comemoração inicial reduzir e as pessoas quererem ver / entender como foi o gol. É como se estas ações discursivas de narração fizessem parte da dinâmica da própria transmissão de uma partida de futebol, seja ela na TV ou no rádio. E o narrador continua:

Começo de jogo, 7 minutos, primeiro tempo. Vinicius Vinicius Junior, Vinicius Junior, camisa número 20, balança a rede da Coreia. O Brasil sai na frente. Passa por todo mundo. Não passa pelo Vinicius. Gol do Brasil. 1x0 pra Seleção Brasileira. Sobrou para você goleirão Seung-Gyu. Agora no placar da CBN. Brasil 1, Coreia do Sul 0 (ULISSES, Oscar. Rádio Globo CBN, 05 dez. 2022).

Podemos inferir que, no momento quando repete a jogada do gol, ele utiliza o nome completo de Vinicius Junior e repete várias vezes. Isto acontece seja para enaltecer mais ainda o nome dele ou ainda porque, na repetição da jogada (como se fosse o *replay* da televisão), ele tenha mais tempo para falar. Podemos perceber a importância de o narrador estar atento para a jogada e mais ainda, o quanto o recurso de olhar uma tela de televisão seja importante para ele fazer o próprio *replay*.

O narrador chama então o comentarista: O detalhe, Pradella (esta frase é sempre utilizada pelo narrador, como também uma marca discursiva dele, para chamar o comentarista).

Os pontas do Brasil, Oscar, foram fundamentais, nessa jogada. Rafinha, pelo lado direito, driblando dois e fazendo o cruzamento, que era para buscar o Neymar que aparecia entrando pra finalizar. A bola passou pelo 10, e caiu no pé do vinte. O Vinicius Júnior, com apenas 22 anos, faz com a calma de um senhor de idade. Sem pressa nenhuma, ajeitou, levantou a cabeça e só mandou pro fundo do gol pra fazer o segundo dele com a amarelinha. O primeiro numa Copa do Mundo. Dessa vez valeu, Vinicius Junior. Mostra teu nome na camisa. O Brasil tá na frente, 1x0 (PRADELLA, Guilherme. Rádio Globo CBN, 05 dez. 2022).

O comentarista aborda o fato de Vinicius ser novo e fazer, na ocasião, seu segundo gol pela Seleção. Sua calma para finalizar a jogada é apontada como condição positiva. Podemos dizer que são estas as narrativas que vão contribuindo, pouco a pouco, para a construção de ícones, ídolos na Seleção Brasileira. Confirme aponta Helal (2003), os êxitos dos ídolos despertam a nossa curiosidade e as trajetórias rumo à fama são

Podemos perceber o uso de algumas figuras de linguagem na narração do terceiro gol, lembrando que é muito comum o uso deste recurso no rádio-jornalismo. Podemos apontar que existem metáforas (comparação não explícita) quando se utiliza os termos “massacrando”, “liquidando tudo”, hipérbole (exagero) em “entrou como um raio” e antonomásia (substituição de um nome por um objeto) “imita o pombo junto com o Pombo” - pombo aqui tendo status de nome próprio.

A informalidade pode ser percebida também em toda a fala, principalmente em expressões como “golaço”, “é festa”, “passa por cima”, “ganhou a parada”, “cara a cara”.

Quando o narrador fala sobre a imitação de Tite junto ao jogador, ele utiliza o jogo de palavras “imita o pombo junto com o Pombo”, justamente como uma escolha para mostrar o quanto a ação foi inusitada e até engraçada. Conforme apontam Amaro e Helal (2012), o rádio seduz os ouvintes pelo que deixa implícito, já que é a ausência de imagens que instiga o receptor a imaginar as cenas para o que está sendo narrado, dando um tom quase teatral a descrição do evento, o que contribui para a conquista do ouvinte.

Após a narração do gol, vem a chamada para o comentário: “O detalhe, Pradella”: “O Brasil tava pressionando com a bola para o alto. Por isso Marquinhos e Thiago Silva, foram com eles que o Brasil chegou ao terceiro. Toca a bola para o Richarlison, cara a cara para fazer o terceiro do Brasil, o terceiro da Copa” (PRADELLA, Guilherme. Rádio Globo CBN, 05 dez. 2022).

Podemos perceber que aqui não houve riquezas de detalhes, talvez tenha sido justamente pela velocidade imposta pela partida, na qual a equipe brasileira realizou vários contra-ataques. Agora, temos a análise do quarto gol:

Brasil, Richarlison, velocidade, Neymar, com liberdade, na esquerda. Vinicius Junior, grande área, cruzamento, chega Paquetá. Velocidade na linha do gol. Paquetá. Gollllllllllllllll do Brasil. Mais um golaaaaaaaaaaaaaço do Brasil, Lucas Paquetá, fácil, fácil, Brasil deixa fácil o jogo, envolve, empacota a Coreia ainda no primeiro tempo, contra-ataque do Brasil gigante, Paquetá, Seleção massacra, balança a rede da Coreia. Ainda tá vibrando, abraçando os companheiros. 4x0, Seleção massacra. Gol do Brasil. Agora, 37 minutos do primeiro tempo. Paquetá é bola na rede. Anota Vinicius Jr, Neymar, Richarlison, Paquetá (ULISSES, Oscar. Rádio Globo CBN, 05 dez. 2022).

Vale destacar a animação do narrador neste gol. Ele utiliza a expressão “golaço” de forma bem alongada, repete a palavra fácil algumas vezes (enaltecendo que o Brasil está jogando muito bem) e ainda utiliza, novamente, a palavra massacra, o que dá uma dimensão bem grande ao feito do time. O fato dele abordar que o jogador está vibrando,

coloca o atleta no mesmo lugar de felicidade que ele (locutor) e torcedores. Posteriormente, chama o comentarista: “O detalhe, Pradella”.

O detalhe é que o Brasil joga como quer. Dar espaço para a Seleção Brasileira é quase uma sentença de que vai perder a partida. Oitavo gol dele na Seleção Brasileira, o primeiro em Copa do Mundo. Dos cinco da frente do Brasil só o Rafinha não fez, Oscar. Quem sabe agora (PRADELLA, Guilherme. Rádio Globo CBN, 05 dez. 2022).

Podemos perceber a importância do comentarista para as informações adicionais. Neste caso, pareceu que já estava se iniciando uma nova jogada, que não permitiu com que ele não falasse mais, de qualquer maneira, ele trouxe à partida dados numéricos e, em alguns momentos, informações extras de posicionamentos de jogadores - é como se fosse um “tradutor” de jogadas. Quando entrevistamos as pessoas com deficiência visual, eles nos informaram justamente que este profissional contribui bastante para a fluidez da partida e iremos abordar um pouco mais sobre sua importância no próximo capítulo.

A Seleção Brasileira diminuiu o ritmo da partida no segundo tempo e não fez gols. A Seleção da Coreia do Sul marcou aos 31 minutos do segundo tempo:

Corte feito, rebote volta pra (incompreensível nome do jogador) pro Gollllllll da Coreia. Vinheta (Coreia do Sulllllll). Seung-ho, uma bomba da intermediária. Pegou o rebote, chutou na canhota poderosa. Parou toda a defesa do Brasil. Balança a rede. Alisson cai, não acha nada. Que chute! Seung-ho, Seung-ho, camisa número 8, marca o primeiro gol da Coreia (ULISSES, Oscar. Rádio Globo CBN, 05 dez. 2022).

Por mais que o narrador tenha sido profissional gritando com ênfase a palavra “gol” e também a palavra “poderosa”, ele não dá o mérito para o adversário, muito pelo contrário, já que ele deixa claro que o gol só aconteceu porque a defesa parou e o goleiro “não achou nada”. É a maneira dele mostrar seu descontentamento, que é como o ouvinte também está. Devemos lembrar aqui que Schinner (2004) diferencia o narrador do comunicador e, neste caso, devemos dizer que Oscar Ulisses, segundo a diferenciação criada pelo autor, é um comunicador, já que ele não está em um discurso genérico, mas sim tem discurso específico, falando diretamente com seu público (torcida brasileira), durante a narração não somente deste, mas dos cinco gols:

O narrador usa um discurso genérico, relatando ou informando o fato concreto, como por exemplo: “O Brasil é campeão do mundo!”. Já o discurso do comunicador é específico e serve para atingir e se aproximar do ouvinte/telespectador: “Comemore, torcedor brasileiro, o título é seu!!!”. Entendeu a diferença? No caso do futebol, o

comunicador torna-se um “animador de estádios” (SCHINNER, 2004, p. 69).

Por meio das análises dos gols, é possível entender o porquê das pessoas com deficiência visual entrevistadas terem relatado a importância do rádio em suas vidas. É a partir das ações narradas que as imagens são formadas e isto contribui para o entendimento das partidas de futebol e para a manutenção da paixão deste público, que cria relações de cumplicidade com os comunicadores. Além disso, a transmissão radiofônica contribui para a sua autonomia, já que elas não precisam ficar pedindo explicações do que está acontecendo. Nossa proposta é que a narração de jogos de futebol, transmitidos pelo audiovisual, tenha elementos mais descritivos e proporcionem maior autonomia para o público entrevistado. Nos próximos capítulos, iremos abordar, mais detalhadamente, essas questões.

4A TV COMO ALIADA DO FUTEBOL NO BRASIL: DIREITOS DE TRANSMISSÃO E DIREITOS À INFORMAÇÃO

A história da TV brasileira está intimamente ligada à história do futebol. O ano de seu surgimento no Brasil é o mesmo ano da Copa que perdemos em casa: 1950. De lá para cá, com a disseminação dos aparelhos de TV pelo Brasil, a televisão foi se tornando a principal difusora de informações sobre futebol do país. É por ela que assistimos, pela primeira vez a cores, a Copa em 1970. É por ela que vimos a geração de 1994 ganhar uma Copa após 24 anos. É por ela que vimos Zidane e cia nos tirar uma Copa tão esperada. É por ela que vimos a geração de 2002 ganhar mais uma Copa.

É pela TV que também assistimos jogos locais, ao ponto de comprarmos canais exclusivos para acompanharmos clubes e jogos. De acordo com informações presentes no estudo Data Stories Kantar Ibope Media – marcas em campo! O futebol e a mídia dentro e fora das 4 linhas, de maio de 2022, 92% das pessoas das 15 regiões metropolitanas estudadas foram impactadas pela Copa do Mundo de 2018.

De acordo com matéria publicada em 19 de dezembro de 2023, no portal O Tempo²⁷, a TV Globo cresceu ainda sua audiência em serviços por assinatura em 2023, em 16%, chegando os jogos da Sportv a atingir 33 milhões de pessoas. Ou seja, hoje o futebol faz parte da indústria do entretenimento e a televisão continua tendo um papel importante para que o esporte continue sendo uma paixão de muitos brasileiros.

Durante este capítulo, vamos observar como a TV “roubou” o espaço do rádio como o principal veículo do país e como o futebol contribuiu para a sua popularização. Vamos acompanhar também como a transmissão dos jogos de futebol se tornou produto, a acirrada briga pelos direitos de transmissão, a era do streaming e observar um comparativo dos elementos discursivos da transmissão de TV e do rádio na transmissão de jogos de futebol.

4.1 - A história da TV nas transmissões esportivas e sua contribuição para a paixão nacional

Além da Copa do Mundo de 1950, este ano foi marcado pelo surgimento da TV no Brasil. Em 18 de setembro, surgiu a PRF3- Tupi de São Paulo, fundada pelo empresário Assis Chateaubriand. Fernando Moraes conta, em seu livro *Chatô - o rei do*

²⁷ Mais informações podem ser obtidas em <https://www.otempo.com.br/sports/futebol/campeonato-brasileiro-2023-cresce-16-em-audiencia-na-tv-paga-1.3296887>. Acesso em 18 julho de 2024.

Brasil, que foram investidos cinco milhões de dólares. O autor destaca a fala de Chateaubriand no dia da inauguração: “no cocuruto do Banco do Estado tinha sido instalada a antena que ia levar pioneiramente aos lares paulistas o mais subversivo de todos os veículos de comunicação do século, a televisão” (MORAIS, 1994, p.502).

Como podemos perceber, o próprio Chatô tinha a ideia de que este novo veículo de comunicação tinha mais poder de subversão que o rádio, que era o mais importante da época. Foi por meio do rádio, inclusive, que a Copa do Mundo de 1950 foi transmitida.

Foi justamente em 1950, ano da instalação das primeiras televisões no Brasil que o rádio atingiu o ápice, já que, naquele ano, a Copa do Mundo foi realizada no Brasil. A derrota da Seleção Brasileira na época, por 2 a 1, na final contra o Uruguai, disputada no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, ecoou por todo o país, via ondas do rádio (SAVENHAGO, 2011, p.25).

Savenhago (2011) conta ainda que o narrador da Rádio Panamericana era Pedro Luís e que, depois da final de 1950, procurou demonstrar qual era o sentimento da população com a perda da Copa. “Como se o futebol, naquele momento, fosse a reunião de todas as esperanças do povo brasileiro. A derrota em campo significava também uma derrota para a auto-estima” (SAVENHAGO, 2011, p.25).

Assim sendo, podemos perceber que a paixão dos torcedores foi reverberada e estimulada pela narração de rádio. A narrativa, repleta de adjetivos, tentava mostrar o sentimento dos torcedores, seja de felicidade, com uma vitória, seja de tristeza como nas derrotas. E assim, aos poucos, os narradores do rádio foram convidados / contratados para trabalhar na televisão.

Segundo Camargo (2005), a tecnologia, que tinha sido desenvolvida para o rádio auxiliando nas transmissões dos esportes, não foi usada nas primeiras transmissões ao vivo na televisão brasileira. A autora explica que o fato de as câmeras de vídeo serem pesadas, com baixa mobilidade e nem sempre possibilitando acompanhar os lances, fez com que este meio de comunicação não precisasse, neste primeiro momento, de uma linguagem própria.

Camargo (2005) conta também que os primeiros programas esportivos adotaram padrões parecidos com os de telejornalismo das grandes redes de televisão. Ou seja, tinham apresentadores, repórteres, utilizavam entrevistas como elemento fundamental para a transmissão da mensagem esportiva. Não havia muita estruturação e organização e aconteciam algumas falhas.

Logo após a inauguração da TV Tupi, já começaram as transmissões de jogos de futebol, mas na equipe esportiva não havia repórter em campo, segundo afirma Wagner William, na biografia *Olho no lance - Silvio Luiz*.

Em 1952 surgiu a TV Paulista. Logo no início, como conta William (2002), a empresa montou um forte trio para enfrentar a Tupi: Moacir Pacheco Torres (oriundo do rádio) na narração, o ex-jogador da Seleção Brasileira Leônidas da Silva nos comentários e José Lazetti, analisando a arbitragem. Podemos perceber, assim, que já nos primórdios da transmissão esportiva, existia a presença de ex-jogador em comentários. Moacir sugeriu que um repórter de campo entrasse nesse time, mas era preciso vencer um obstáculo: fazer com que o repórter se comunicasse com a cabine, pelo microfone.

Assim, o responsável técnico da TV Paulista, Sílvio Vasconcelos, desenvolveu um transmissor que deveria ser carregado pelo repórter. O transmissor emitia o sinal em frequência modulada para a mesa de som da cabine da emissora, no Estádio do Pacaembu.

Sílvio ainda não era um rosto conhecido como ator, mas já tinha a experiência de narrar as corridas no trote. Acabou ganhando o microfone e a ordem de ir trabalhar no Estádio do Pacaembu durante os jogos.

Aos dezessete anos de idade Silvio Luiz se tornava o primeiro repórter de campo da televisão brasileira (WILLIAM, 2002, p.27).

Ao ler o livro *Olho no Lance*, percebemos que a própria história do jornalismo esportivo se confunde com a história de Silvio Luiz. William (2002) conta que o repórter tinha que carregar um transmissor de cinco quilos e, como só havia ele em campo para entrevistar os dois times, teria que correr para alcançar os jogadores. Isto rendia vários tombos, que faziam a alegria dos torcedores nos seus piques atrás dos entrevistados. Logo a figura do repórter de campo passou a ser muito importante, já que conseguia sentir “a temperatura” da partida e ser o primeiro a falar com os jogadores.

Em 27 de setembro de 1953, foi inaugurada a TV Record de São Paulo, de propriedade do empresário Paulo Machado de Carvalho, conhecido como doutor Paulo. Para montar a equipe esportiva, a Record chamou o comentarista Leônidas da Silva, que estava na TV Paulista, e Leônidas entrou em contato com Silvio Luiz, avisando da vaga para repórter.

Seguindo o conselho do comentarista, ele procurou o responsável pelas transmissões esportivas, Antônio Augusto Amaral de Carvalho (o Tuta) – um dos filhos do doutor Paulo -, e acertou sua transferência para a Record, dezoito dias depois da inauguração da emissora. Alfredo de Carvalho e Paulinho eram os outros filhos do doutor Paulo, que também participavam do comando da Record (WILLIAM, 2002, p. 30-31).

Silvio então se despediu da TV Paulista. William explica que o salário continuava praticamente o mesmo, mas que a mudança se deveu as possibilidades de crescer e aprender mais. A equipe esportiva ficou assim formada: o narrador Raul Tabajara, o comentarista Leônidas da Silva (mais tarde substituído por Paulo Planet Buarque) e Flávio Iazetti como analista de arbitragem. O primeiro jogo, no qual Silvio foi o repórter foi na TV Record, aconteceu entre o time da ACEESP (Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo) e uma equipe de estudantes.

Camargo (2005) conta que o repórter de campo também era conhecido como locutor de campo e estava sempre atento a todas as situações, atitudes e comportamentos dentro e fora do gramado referentes também aos juízes, atletas, dirigentes e técnicos. Segundo a autora, o repórter de campo tem a função de preparar perguntas para os jogadores e técnicos ao final da partida, anotando mentalmente cada jogada, pois a qualquer momento poderia ser solicitado pelo comentarista ou pelo locutor para informar sobre algum fato. Ela comenta também que esta é uma característica do futebol sulamericano e mais especificamente brasileiro - que hoje tem, inclusive, dois repórteres de campo, cada um na cobertura de um time.

Guerra (2012) conta que as primeiras partidas transmitidas pela televisão eram consideradas sem emoção, justamente porque alguns locutores tentaram dar uma forma de nova narração que a diferenciasse do rádio, o que não era muito possível, já que os primeiros recursos eram muito rudimentares, como duas câmeras para cobertura de um jogo e a sua limitação de imagens, fazendo com que o espectador ficasse sempre preso ao que ele estava vendo.

Além disso, as limitações técnicas continuavam. William (2002) conta ainda que por mais que Silvio estivesse na TV Record, uma emissora com mais estrutura, ainda era necessário realizar algumas adaptações, pois a tecnologia ainda não era muito avançada. Silvio não conseguia ouvir o que o narrador estava dizendo e alguns códigos foram adotados para facilitar a comunicação entre eles. Por exemplo, para começar a falar, Silvio falava “Alô Tabajara” e olhava para a cabine da Record. Quando Geraldo Campos, o motorista da equipe, abaixava o braço, Silvio começava a reportagem sem saber se estava, de fato, no ar. Nos jogos noturnos, Geraldo acendia uma lanterna. Pelo menos, isso fez com que o Silvio não precisasse mais levar o transmissor junto. Depois, Paulo Fagundes, técnico da Record, desenvolveu um microfone volante que servia como

transmissor, pouco maior do que uma caixa de sapato, mas que também pesava cerca de cinco quilos.

Em 26 de maio de 1956, Silvio Luiz entra novamente para a história da TV. Foi o dia que ocorreu a primeira transmissão interestadual do país, uma parceria entre a TV Record e a TV Rio, que fez com que fossem geradas imagens ao vivo do Rio de Janeiro para São Paulo, mostrando Silvio Luiz e Hélio Ansaldo andando pelo calçadão de Copacabana. Silvio, em seguida, entrevistou as pessoas que estavam tomando banho de sol, os turistas, e até uma mulher que estava na janela de um prédio em frente, observando a agitação.

A ideia da transmissão não era o ineditismo, mas fazer frente à TV Tupi que, como conta William, transmitiu imagens de Santos para São Paulo e comemorava o feito com o slogan “Tupi:70 quilômetros na frente!”. Assim, a Record fez uma transmissão de Campinas para São Paulo e modificou o slogan para “Record: 100 quilômetros na frente!”. E, com a parceria com a TV Rio conseguiu estabelecer o slogan: “Record: 500 quilômetros na frente”.

Porém, a mais brilhante vitória da Record contra a Tupi ocorreria no dia 1º de julho de 1956. Record e TV Rio entraram em cadeia e transmitiram as mesmas imagens direto do Maracanã, onde jogaram Brasil e Itália. Paulistas e cariocas viram juntos a vitória da seleção brasileira por 2x0, com gols de Ferreira e Canário.

A Tupi também anunciou a transmissão para São Paulo, mas não conseguiu realizar a operação. Essa proeza da Record impulsionou definitivamente as vendas de televisores, a população começou a achar alguma vantagem em comprar aqueles aparelhos, que ainda eram novidade (WILLIAM, 2002, p.37).

Apesar da iniciativa ter sido um sucesso, não havia condição de realizar transmissões internacionais. Desta forma, as Copas seguintes não foram transmitidas pela TV. Vale ressaltar que, para a Copa de 1958, a Rádio Bandeirantes era a mais ouvida pelos amantes de futebol em São Paulo. Seu diretor artístico e comercial, Edson Leite, aproveitou o evento para promover a emissora para o país inteiro, contratou o narrador Pedro Luiz e remontou uma grande rede chamada Verde Amarela - que tinha sido criada para a transmissão dos Jogos Pan-Americanos de 55 na Cidade do México – o que gerou grande audiência para a rádio. Durante os jogos da Copa, vários rádios, de Norte a Sul do país, captavam o som em ondas curtas da Rede Bandeirantes e faziam a retransmissão do sinal (SAVENHAGO, 2011, p.26).

Em 1959, surge o videoteipe/vídeo tape, mais conhecido como VT, no Brasil. Tratava-se de uma fita de material plástico, muito fina, com cobertura de partículas magnéticas usada para registrar imagens televisivas. Aqui no Brasil, a primeira transmissão realizada foi no Hotel Copacabana Palace, no Rio de Janeiro pela TV Continental. Bonventti (2018) explica que o novo equipamento facilitou e barateou a produção para a televisão, já que os programas podiam ser gravados e editados previamente e transmitidos posteriormente.

Ele também permitiu que o mesmo programa passasse a ser enviado e colocado no ar por várias emissoras espalhadas pelo Brasil.

Com o vídeo tape, as emissoras passaram a investir mais nos grandes anunciantes, já que o retorno comercial era muito maior e podia ser avaliado nacionalmente. O novo sistema também provocou a “briga” pela audiência entre todas as emissoras que estavam no ar (BONVENTTI, 2018, p.1).

Apesar do avanço do videoteipe, as imagens somente chegavam no Brasil de tarde e eram transmitidas no dia seguinte. E, em meio a este contexto sem imagens, a Rádio Bandeirantes resolveu inovar mais uma vez, criando um super esquema especial para que os ouvintes pudessem visualizar as performances da Seleção Brasileira na Copa do Chile (1962). Edileuza Soares (1994) explica:

A Rádio Bandeirantes construiu um painel luminoso na Praça da Sé, em São Paulo, ladeado por alto-falantes. Esse painel reproduzia um campo de futebol, com lâmpadas que cobriam toda a sua área, controladas segundo um sistema de interruptores.

os locutores que irradiariam os jogos receberam instruções para dar permanentemente a posição da bola no campo, no Chile. Em São Paulo, o operador acendia as lâmpadas de acordo com o movimento da bola. Esse arremedo de irradiação direta da imagem atraiu multidões de torcedores à Praça da Sé (SOARES, p.55).

Com a conquista do bicampeonato mundial em 1962, o futebol no Brasil passou a ganhar maior projeção internacional. Foi aberto, inclusive, mercado para os times nacionais disputarem amistosos e poder divulgar produtos como camisas, calções e demais materiais esportivos das marcas das equipes. Segundo Savenhago (2011), o Santos era uma das equipes mais conhecidas na Europa, principalmente porque tinha no elenco, nada mais nada menos que: Pelé.

Vale ainda lembrar que em 1965 surge a TV Globo, Savenhago (2011) com base no documentário *Brasil, além do cidadão Kane*, de 1993, dirigido pelo cineasta inglês Simon Hartog, conta que a TV Globo era aliada da ditadura militar no Brasil.

Em 1964, foi instalada a ditadura militar no país e como o governo precisava de um canal de difusão de uma propaganda positiva do Brasil – suas belezas naturais e suas conquistas – abriu-se o campo para uma emissora poderosa. A Globo surgiu, então, com o objetivo de apoiar o governo militar, procurando mostrar à população que o país estava em boas mãos. Roberto Marinho, o dono da emissora, gozava de prestígio entre os militares e, numa troca de gentilezas, daria prestígio a eles. Nesse jogo de interesses, a Globo foi a emissora que ficou com a maior fatia dos gastos publicitários do Governo Federal (SAVENHAGO, 2011, p.27).

Corroborando com o Leal (2009), a ditadura também contribuiu para o impulso do desenvolvimento da TV no Brasil. Ao criar vários órgãos estatais que lidavam com a produção cultural, formulavam leis e decretos, congelavam taxas de serviços de telecomunicação e davam isenção de taxas de importação para compra de equipamento.

As políticas de crédito direto ao consumidor e a atração de investimentos privados estrangeiros ajudaram, de uma forma geral, a acelerar o mercado, não apenas o televisivo, no país e a torná-lo mais urbano. Por exemplo, em 1968 era possível adquirir um televisor em até 36 vezes com juros muito baixos. O número de aparelhos de TV aumentou e, conseqüentemente, o número de telespectadores (LEAL, 2009, p. 8).

Vale lembrar que estávamos em época da implementação da Doutrina de Segurança Nacional, que era um planejamento complexo e sistemático de novas formas de controle político e social. Conforme corrobora Jambeiro (2002), esta doutrina compreendia fatores psicológicos, sociais e culturais e funcionava da seguinte forma: o governo militar estimulava a produção cultural como meio de integração nacional, mas também procurava manter essa produção sob o seu controle. O mesmo aconteceu com as organizações estatais que foram criadas a esta época, a exemplo da Embratel (Empresa Brasileira de Telecomunicações, da Embratur (Empresa Brasileira de Turismo) e da Embrafilme, (Empresa Brasileira de Filmes).

Neste mesmo contexto, o governo liberava concessões de rádio e de tv para empresários que tinham a base ideológica aliada, conforme explica Jambeiro,

Visando acelerar o desenvolvimento da radiodifusão, o governo militar forneceu apoio técnico para a elaboração de projetos de pretendentes a concessões de TV; fortaleceu o setor ministerial designado para planejar e implementar as concessões; revisou permanentemente o planejamento técnico para permitir que mais canais fossem concedidos; chegou mesmo a conceder, para uso comercial, canais de TV reservados para a proteção do sistema de telecomunicações; estimulou a produção

nacional de aparelhos de TV; tornou disponíveis empréstimos a juros baixos para o público poder comprar aparelhos de TV; e sistematicamente ampliou seu orçamento de publicidade, tanto diretamente, como através de companhias controladas pelo Estado (JAMBEIRO, 2002, p.78).

Inspirando-se no rádio, particularmente na experiência da Rádio Nacional, a TV Globo investiu em entretenimento, contratando os principais animadores dos programas da Idade de Ouro do rádio. Segundo Jambeiro (2002), ela aprendeu cedo que deveria manter laços fortes com a cultura e buscar expressar isso na sua programação. A empresa fez uma pesquisa de mercado e descobriu que a maior parte da audiência preferia musicais, comédias e telenovelas produzidas nacionalmente, ao invés de produtos importados. Desta forma, passou a produzir, domesticamente, os programas voltados para as camadas mais populares.

Jambeiro (2002) explica ainda que, mais tarde, quando o governo militar mudou a base do processo de industrialização para a produção de bens de consumo sofisticados, a Globo também sofisticou a sua programação, adotando padrões mais elaborados e inovadores e programas de entretenimento com maior qualidade e colocando, inclusive, programas em horário nobre junto aos seus noticiários.

A TV Globo obteve permissão para expandir sua rede, conseguindo outras concessões do governo e também mais afiliadas entre as emissoras existentes, tipicamente de acordo com a política econômica do governo, que favorecia a concentração de capital e corporações. Esta é uma das razões, afirmam muitos autores, de não haver dúvida de que uma profunda relação de apoio mútuo tenha sido estabelecida entre o projeto militar e a TV Globo, que tornou-se, em certo sentido, o braço simbólico do governo militar. Como as transmissões de TV eram fundamentais às políticas da ditadura militar, a TV Globo rapidamente adaptou-se àquelas políticas, empreendeu um modelo de produção capaz de atender às necessidades econômicas, políticas e ideológicas dos militares e, em troca, foi estimulada e favorecida a se estruturar como uma rede nacional (JAMBEIRO, 2002, p.97-98).

A frustração na Copa de 1966 – competição esta que Pelé se machucou e disputou poucos jogos (saiu machucado na segunda partida) - fez com que os brasileiros levassem a expectativa de uma nova conquista para a Copa de 1970. E é neste contexto que entra a televisão, proporcionando a primeira transmissão ao vivo de Copa do Mundo no Brasil. Para isto, estava também ela: a TV Globo.

Lucas Fróes, em matéria para BBC News Brasil, de 05 de maio de 2020, conta que as imagens da seleção que conquistou o Tri no México são até hoje as mais lembradas do nosso futebol no mundo inteiro. Fróis explica que os jogos demoravam pelo menos até

o dia seguinte para serem exibidos na televisão. Ele nos conta que a primeira transmissão internacional, via satélite, no Brasil surgiu em 1969 - graças a uma estação da Embratel instalada em Tanguá, no Rio de Janeiro - uma entrevista, transmitida do Vaticano com o Papa Paulo VI, exibida pela Globo, no dia seguinte. Depois os brasileiros assistiram ao vivo, a decolagem da missão Apollo 9 e a chegada do homem à lua na missão Apollo 11.

Para a Copa do Mundo do ano seguinte, o autor conta que ocorreu uma negociação tensa com o empresário mexicano Emílio Azcárraga Milmo em relação aos direitos de transmissão da competição. E, no final, foram vendidos para quatro emissoras brasileiras, mas só haveria um sinal de áudio à disposição. Dessa vez, a solução foi criar um pool de empresas formada por Globo, Tupi, Record e Bandeirantes, que exibiram a mesma transmissão em cadeia para todos os canais, com narradores e comentaristas se revezando em cada jogo e também na mesma partida.

Entre os narradores estavam Fernando Soleira, Geraldo José de Almeida, Walter Abraão, Oduvaldo Cose, com a companhia dos comentaristas João Saldanha, que fora técnico da seleção nas eliminatórias, Rui Porto, Geraldo Bretas e Leônidas da Silva. Fróis ainda explica que o rodízio entre eles foi decidido por meio de um sorteio realizado na cidade do México pelo diretor da TV Tupi, Enéas Machado de Assis, que coordenava as atividades dos integrantes do pool, e que todos tiveram o seu momento de destaque durante a transmissão.

Podemos perceber que o fato de quatro empresas terem se reunido para a transmissão da Copa do Mundo de 1970 já mostra o potencial comercial que esta competição tinha naquela época.

A notícia de que os jogos seriam exibidos ao vivo pela televisão provocou uma corrida às lojas de eletrodomésticos, que venderam milhares de televisores nos meses que antecederam a Copa. Durante as transmissões dos jogos e boletins, a TV Globo alcançou altos níveis de audiência. O jogo contra a Inglaterra, por exemplo, exibido em 7 de junho, teve índices mais altos do que a transmissão da chegada do homem à Lua, ocorrida no ano anterior (MEMÓRIA GLOBO, 28 out. 2021).

Thiago Braga, em matéria para o UOL, em 31 de dezembro de 2022, explica que Pelé inaugurou a ação de marketing com chuteira como garoto propaganda, da Puma, também na Copa de 1970. Braga conta que Pelé assinou contrato de patrocínio para usar a chuteira Puma King e quebrou o chamado Pacto Pelé, que seria um acordo informal entre as empresas de material esportivo Puma e Adidas que visava não contratar o jogador.

O autor afirma que as duas empresas de material esportivo tinham uma rivalidade que transcendia ao negócio, já que foram criadas por dois irmãos Adolf e Rudolf Dassler. Os dois criaram a empresa Adidas, mas depois eles se separaram e Rudolf criou a Ruda, que depois virou a Puma. E a partir daí iniciou-se uma briga entre as duas companhias pela hegemonia na confecção de materiais esportivos. E eles passaram a contratar esportistas para ampliar as marcas e estabeleceram uma regra que não iriam abordar Pelé. Já na Copa de 70, os irmãos não estavam mais à frente das empresas, mas sim os filhos de ambos, Horst e Armin, respectivamente, filhos de Adolf e Rudolf. Horst se aproximou das federações esportivas e conseguiu fechar um contrato de exclusividade com a FIFA.

Já Pelé recebeu 120 mil dólares, algo perto de um milhão de dólares corrigidos para os dias atuais, segundo afirma Braga, com base em informações de Barbara Smit em seu livro *Sneaker Wars: The Enemy Brothers Who Founded Adidas and Puma and the Family Feud That Forever Changed the Business of Sports* (Guerra do tênis: os irmãos inimigos que fundaram a Adidas e a Puma e a rivalidade familiar que mudou para sempre o negócio dos esportes). E assim criou-se a icônica cena de Pelé ajoelhado antes do início do jogo contra o Peru, quando o Camisa 10 amarrou pacientemente a sua chuteira numa cena que foi registrada pelas câmeras na transmissão ao vivo mundo afora e reabriu a crise entre as empresas de materiais esportivos. Desta forma, Braga diz que Pelé inaugurou uma nova modalidade, a do patrocínio pessoal, que cresceu e hoje contempla jogadores mundo afora.

O professor Edison Gastaldo, no livro *Pátria, Chuteiras e Propaganda, o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo*, nos diz que a Copa do Mundo é um torneio de muita importância na sociedade brasileira e que só existe enquanto realidade mediada pelos meios de comunicação de massa, e especialmente a televisão. “Na verdade, esse acesso mediado à realidade não ocorre somente na Copa. A noção que nossa sociedade constrói da realidade é em grande parte mediada” (GASTALDO, 2002, p.40).

Em termos do senso comum, Gastaldo explica que entende-se por mídia os meios de comunicação de massa, versão da expressão inglesa *mass media*, ou seja, veículos de comunicação tomados como dimensão tecnológica, como rádio e tv. Mas o próprio autor defende que isso seria uma afirmação reducionista da noção de mídia. Para defender a sua ideia, ele fala que a tecnologia empregada para comunicar massivamente é sem dúvida um aspecto importante de noção de mídia, mas não é o único. Que trata-se de uma entidade complexa e multidimensional que carrega uma dimensão social manifestada estruturalmente em sua institucionalização, ou seja, a tecnologia necessária à veiculação

dos produtos de mídia não existe isolada na sociedade, ela se insere na sua estrutura no meio de instituições, como os governos que regulam as relações entre mídia e sociedade, universidades que fornecem profissionais, indústrias que dão equipamentos e além do próprio governo que dá a concessão.

Uma outra dimensão da mídia que deve ser levada em conta é a condição de “bens culturais” dos seus produtos, constituindo uma “cultura de massa”. A exemplo de outras empresas em nossa sociedade, as empresas de mídia também produzem “bens”, que são vendidos como “mercadorias”, de modo a gerar lucro para os proprietários. A diferença é que a mídia produz bens de uma outra ordem, os chamados “bens culturais”, e o “produto” a ser “vendido” é o público atraído pelos bens culturais, a chamada “audiência” (GASTALDO, 2002, p.41).

Com base em Gastaldo, podemos concluir que a partir do momento que uma Copa do Mundo é transmitida pela televisão, ela é o bem cultural produzido. Para que ele chegasse até as casas das pessoas, precisou do envolvimento de indústria, comércio, universidades, governo e até o comércio, que vendeu os aparelhos de televisão. Diante da posse do bem cultural produzido, ou seja, do produto, a televisão pode atrair o público/audiência. Ainda segundo o Gastaldo, para os produtores de mídia, a audiência representa, como consumidora, a possibilidade da existência da produção de mercadorias no próprio sistema capitalista, já que, uma vez produzidas, estas mercadorias vão ser consumidas para que o sistema funcione. No caso da Copa de 1970, o que é grande objeto de estudo é o fato desta audiência ter sido “vendida” ao governo militar. Ou seja, o governo militar foi o grande “ganhador” da conquista da Copa do Mundo de 1970, como explica o professor Bernardo Buarque de Hollanda:

Para uns, o futebol fazia as vezes de “ópio do povo” e servia, afinal, para desviar o foco da população para os assuntos ditos sérios, a política e a economia. No contexto autoritário, tratava-se de ofuscar temas subterrâneos, indesejados, como os abusos e arbítrios que vinham sendo cometidos como política de Estado pela ditadura. Para outros, a relação mecânica entre jogo de futebol e alienação das massas, ou válvula de escape, não deveria ser considerada de modo tão elementar, pois havia muitos outros fatores intervenientes. O desenvolvimento acelerado da economia, mediante altos índices do PIB, o afluxo de capital estrangeiro e a ascensão extraordinária ao consumo das classes médias, entre fins dos anos 1960 e início da década de 1970, contribuíam para legitimar o *status quo* (HOLLANDA, 13 abr. 2020).

Ou seja, o futebol já estava imbricado na sociedade ao ponto de contribuir para legitimação do governo militar. A música tema da Copa “Pra Frente Brasil” foi composta pelos músicos e escritores Raul de Sousa e Miguel Gustavo. Vale lembrar que o país ainda

vivia sobre a instituição do AI-5, que foi decretado dois anos antes do início da Copa pelo presidente-general Artur da Costa e Silva. No ano de 1970, o presidente era Emílio Garrastazu Médici e ele percebeu que a vitória da seleção, bem como versos voltados ao nacionalismo na canção, poderiam ser úteis para ele, conforme explica para a Veja, Felipe Branco Cruz, em matéria do dia 8 de maio de 2020:

Emilio Garrastazu Médici percebeu que a vitória da seleção – e também os versos ufanistas da canção – poderiam ser usados para conquistar os corações e mentes dos brasileiros, que já viviam em um país sob censura e que torturava e matava presos políticos.

Entre os jingles que escreveu, estava o das Casas da Banha e o do Leite Glória. Outra música famosa foi a Dança da Boneca, gravada por Chacrinha para o Carnaval de 1967. Miguel morreu dois anos depois de escrever Pra Frente Brasil, aos 49 anos. A melodia chiclete foi composta pelo trombonista Raul de Souza, que gravou os instrumentos com a Orquestra da Rádio Globo. Raul, também toca saxofone (...) (CRUZ, 8 maio 2020).

No refrão da música: “Todos juntos vamos pra frente Brasil! / Salve a seleção! / Todos juntos vamos pra frente Brasil! / Salve a seleção!”, podemos perceber o tom ufanista e de união de todos os brasileiros em prol da seleção brasileira. No início da música, percebemos o quanto é importante todos estarem unidos: “Noventa milhões em ação / Pra frente Brasil, no meu coração / Todos juntos, vamos pra frente Brasil / Salve a seleção!!! / De repente é aquela corrente pra frente, / Parece que todo o Brasil deu a mão! / Todos ligados na mesma emoção, / Tudo é um só coração!”.

Foi a primeira vez que os brasileiros estavam tão unidos em prol de uma competição esportiva:

Independentemente da manipulação política exercida pelos governos ditatoriais, no âmbito cultural, a vitória no Mundial de 70 consolidou o futebol como elemento de identificação cultural fortalecendo o sentido de pertencimento à nação durante as Copas do Mundo entre os brasileiros (HELAL; CABO; SILVA, 2010. p.14).

Uma vez que as pessoas se sentiam pertencidas à nação durante as Copas do Mundo, elas passaram também a consumir produtos deste evento, sejam os midiáticos, como os programas esportivos, sejam produtos como camisas, chuteiras e demais outros itens esportivos. A cultura do consumo esportivo começa a ser latente.

A transformação do futebol num produto, numa questão de business, portanto, ratifica sua dissociação com domínios mais totalizantes, e o mergulha num meio em que passa a fazer parte de uma miríade de produtos de entretenimento (e de consumo) no meio de tantos outros

(com a difusão das redes de televisão, o aumento da produção de mídia) disponíveis no mercado (HELAL, 2001, p. 17).

Desta forma, o futebol se transforma numa espécie de espetáculo que, na sociedade capitalista, segundo Debord (1997), representa o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social. Ou seja, o mundo sensível do ser humano é substituído por uma série de imagens, que são apenas uma representação desse mundo sensível. A realização pessoal é representada pela posse de uma mercadoria. No caso do futebol, as pessoas tomam posse das mercadorias e se veem por meio do seu consumo.

O espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social. Não apenas a relação com a mercadoria é visível, mas não se consegue ver nada além dela: o mundo que se vê é o seu mundo. A produção econômica moderna espalha, extensa e intensivamente, sua ditadura (DEBORD, 1997, p.30).

Resumidamente, podemos dizer então que a partir da Copa de 1970, os então telespectadores passaram a ter mais imagens do futebol e a cores e ao vivo. Como citado anteriormente, Pelé utilizou uma chuteira da Puma antes de um jogo. Aquela imagem foi utilizada justamente para render a venda deste produto. Ou seja, os espectadores estavam vendo um mundo que passou a ser o seu mundo. Com uma produção econômica extensa que pode, em alguns momentos, ser chamada até de ditadura do consumo, já que o consumidor acaba sendo refém dos produtos que utiliza, pois, se não usar, não está na moda e pode até não pertencer a determinados grupos sociais. E é neste contexto que está a mídia, conforme explica Gastaldo:

A mídia, além de produzir a audiência como mercado para as mensagens de persuasão do consumo de mercadorias, dá a ela também uma dimensão de mercadoria, "vendendo" a audiência que construiu para os anunciantes (vendendo por um preço altíssimo, diga-se de passagem), seja em termos de sua qualidade ou de sua quantidade, mensuráveis através de "pesquisas" levadas a efeito por "institutos de pesquisa de opinião", como o Ibope, por exemplo. Relacionando o potencial de mercado para anúncios publicitários com a qualidade dos programas veiculados, o "índice de audiência" tornou-se a moeda corrente na determinação do valor dos diferentes programas e veículos, principalmente para a televisão (GASTALDO, 2009, p.358).

Em 1971, surge, no Brasil, criado pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD), o Campeonato Nacional de Clubes – primeiro campeonato brasileiro, de fato, mais abrangente, envolvendo mais times de estados diferentes. Schatz e Espíndola explicam que campeonato foi dividido em Série Especial e Divisão de Acesso, de maneira

que as competições estaduais fossem prioritárias por conta de pressões das federações. A ideia era realizar integração nacional via futebol, e este era um projeto que já estava sendo construído desde a década de 30 pelo regime de Getúlio Vargas. Apesar dessa proposta de integração, a primeira edição do Brasileiro excluiu clubes de alguns estados que manifestaram descontentamento. Foi o caso dos de Goiás, que organizaram uma competição paralela, chamada de torneio de integração nacional.

O curioso é que estes clubes de Goiás também diziam que o ideal era de integrar e interiorizar o Brasil via futebol. Desta forma, a própria CBD apoiou o Torneio Integração Nacional, o que levou o Baltasar de Castro, da Federação Goiana de Futebol, a convidar clubes dos estados do Pará, Amazonas, Ceará, Guanabara, São Paulo, Paraná, Espírito Santo, Minas Gerais, Bahia, Rio Grande do Sul e Pernambuco, além das equipes de Goiás.

Os autores contam ainda que, posteriormente, em 73, o campeonato brasileiro passou a ter 37 equipes por conta do desejo de participação manifestado pela maioria dos clubes brasileiros e o propósito de integração nacional, que era o objetivo maior da competição.

Entre 1975 e 1976, o Campeonato Brasileiro teve ainda um acréscimo de mais 12 clubes. Entre 1977 e 1978, outros 12 passaram a disputar o título nacional. As principais críticas a esse modelo integracionista de campeonato brasileiro de clubes culminaram em muitas discussões e reformulações sobre a competição. Os autores explicam que, nesse sentido, o debate entre Almirante Heleno Nunes da CBD e seis dirigentes de clubes brasileiros, reunidos na redação da revista Placar, em 78, evidenciou o desgaste de uma política esportiva de integração nacional.

O debate estava calcado na necessidade de um calendário organizado previamente pela CBD, com participações de clubes e federações, a diminuição das taxas cobradas pelo órgão e pelas federações e a organização do campeonato por critérios financeiros e técnicos.

Já em 1979, foi criada a Confederação Brasileira de Futebol (Confederação Brasileira de Futebol) e, neste ano, o campeonato contou com 94 clubes.

Com a nova gestão do futebol, praticada pela CBF, o Campeonato Brasileiro foi remodelado com algumas dificuldades. Em 1980, a Taça de Prata, disputada entre fevereiro e maio, contou com 64 clubes, enquanto que a Taça de Ouro, pleiteada entre fevereiro e junho, contabilizou 40 equipes. Já a competição nacional de 1981 e 1982 reduziu o número de participantes para 44 clubes, tornando mais

democráticas e possíveis as condições dos jogos (SCHATZ; ESPÍNDOLA, 2016, p. 320).

Como vimos, a partir da década de 1970, a televisão se consolida como o principal meio de comunicação do Brasil e já tem a possibilidade de disponibilizar partidas de futebol ao vivo. Mas para o Campeonato Brasileiro isso não acontecia. Somente eram passados os jogos horas depois que aconteciam. Além de ser muito caro deslocar equipes para jogos em várias partes do país, existia também os limites operacionais. Santos (2013) explica que havia barreiras também técnicas de transmissão. Ele conta que somente em 1976 que as equipes de jornalismo da Globo, que já era líder no mercado, passaram a utilizar pequenas unidades portáteis, que evitavam a revelação de filmes e consequentemente permitiam o envio direto à emissora da imagem e do som do local de transmissão do determinado acontecimento, processo que seria completado para todos os produtos da emissora só em 1985.

Apesar disso, já na década de 1970, começam a surgir vários programas esportivos. Santos (2013) nos conta que os programas esportivos mais antigos da TV Globo, que continuam o ar, foram criados nessa época. Esporte Espetacular, exibido pela primeira vez em 1º de dezembro de 1973, e que saiu do ar em 30 de abril de 1983, retornando em 22 de março de 1987. E o outro é o Globo Esporte, que está no ar de forma ininterrupta desde 14 de agosto de 1978.

Aguiar e Prochnik (2010) ressaltam que o sucesso do futebol não interessa apenas à televisão, mas também as empresas que vinculam seu nome a prática do esporte e também a outras, que lucram a partir da venda de produtos oficiais, não oficiais, bem como venda de televisores, aumento de receita em bares e restaurantes em noite de rodada de jogos e etc.

4.2- A transmissão dos jogos de futebol como produto, a acirrada briga pelos direitos de transmissão, a era do streaming.

Ferreira (2018) explica que o Campeonato Brasileiro de Futebol surgiu em 1971 e marcou uma ruptura na história do desporto no Brasil, já que, devido à dimensão territorial e à resistência das oligarquias e esportivas regionais, inviabilizaram anteriormente a criação de um campeonato em formato nacional. A primeira edição, segundo ele, teve 20 clubes e foi organizada pela Confederação Brasileira de Desporto (CBD) e financiada pelo Estado. No decorrer dos anos, chegou a atingir 94 clubes

participantes em 79 e foi diminuindo gradualmente a quantidade de clubes. Em 1987²⁸, houve uma nova ruptura em que começa a existir um campeonato organizado pelos clubes mais destacados, financiado por patrocinadores em um formato de liga que se denominou Clube dos Treze, apesar de ter 16 clubes.

Apesar da conquista da Copa do Mundo de 1970, o Brasil continuou a perder jogadores para clubes do exterior, já que, por aqui, não havia estabilidade econômica e os clubes de fora continuavam a investir em novos atletas. Rodrigues e Silva (2006) explicam que esta migração de atletas contribuiu para que o produto futebol perdesse espaço.

Esse êxodo não somente diminui a qualidade dos jogos, mas gera uma escassez de ídolos, elementos importantes para promover a identificação coletiva. Isso acaba levando à queda de público, que afeta as finanças dos clubes, aumentando o êxodo e assim por diante.

A queda da popularidade foi um dos motivos para que fosse criado o Clube dos Treze, em 1987. Na ocasião, foi assinado contrato com três grandes patrocinadores – Coca Cola, Varig e Rede Globo, surgindo, assim, a Copa União.

Helal (1997) conta que a publicidade foi introduzida ao redor dos campos de futebol dez anos antes, em 1977. Segundo o autor, o dinheiro gerado era dividido entre os estádios e as federações. Nesta mesma época, o futebol também entrou na era da televisão com os videoteipes dos jogos sendo transmitidos, mas os clubes não recebiam dinheiro por essas transmissões.

A partir de 1987 iniciaram-se as transmissões ao vivo, gerando uma polêmica sobre o esvaziamento dos estádios e as compensações financeiras dos contratos assinados pelos clubes com a televisão. Em 1983, a publicidade nos uniformes foi vista pela primeira vez no nosso futebol. Esta foi a primeira tentativa de solucionar a crise que a cada ano tornava-se mais expressiva. Entretanto, como a queda de público aumentava e os clubes arrecadavam muito pouco das bilheterias, a venda de craques para o exterior tornou-se a saída mais imediata para os problemas financeiros dos clubes. Após 1982, iniciou-se um êxodo maciço de jogadores para a Europa (HELAL, 1997, p. 54-55).

Em 1991, surge importante marco para os clubes brasileiros: a Lei Zico, que possibilitou que eles se transformassem em empresas. Rodrigues e Silva (2006), ao citar Proni (2000) explicam que associados à esta lei, alguns fatores contribuíram para que o

²⁸ Para estudo mais detalhado, ler HELAL, Ronaldo. Passes e impasses – futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

discurso pró-mercantilização se consolidasse. Eles citam como exemplo o São Paulo (bicampeão de interclubes em 1992 e 1993), o Palmeiras (bicampeão brasileiro e paulista em 1993 e 1994) e o Grêmio (que, em 1996, conquistou a Taça Libertadores da América), e que, ainda de acordo com os autores, serviram para confirmar a tese de que a obtenção de contratos milionários de patrocínio, a construção de centros de treinamento, a modernização do departamento de futebol, a renovação das gerências de marketing e licenciamento, a reformulação do departamento médico e de fisioterapia, o investimento em profissionais qualificados para cuidar dos atletas, tudo isso combinado havia se tornado determinante no sucesso de uma equipe na obtenção de títulos. Vemos, desta forma, uma profissionalização do esporte, graças aos investimentos vindos dos patrocinadores.

Um outro ponto importante para a estrutura do futebol no Brasil foi a criação da Lei Pelé, em 1998. Monteiro (2021) explica que a principal medida foi revogar a Lei do Passe, instituindo o contrato de trabalho regido pela CLT (Consolidação das Leis de Trabalho).

Quando o desporto nacional era regido sob a ótica da Lei do Passe, imediatamente anterior a Lei Pelé Nº 9615/98, o jogador mantinha um vínculo com o clube, independentemente de seu contrato. Assim, mesmo após o término do contrato com o clube, aquele atleta só poderia se transferir se o “passe” fosse comprado pelo novo clube, o que poderia deixar um atleta desempregado e impedido de trabalhar. A liberdade do trabalhador se via restringida, em total desacordo com a Constituição. A Lei Pelé aboliu o “Passe” e ficou popularmente conhecida a “Lei Áurea do Futebol”, terminologia usada na época em alusão a abolição da escravidão. Agora, sob a ótica da lei vigente, o vínculo está ligado, exclusivamente, ao contrato de trabalho, enquanto este durar (MONTEIRO, p.102-103, 2021).

O autor afirma ainda que o art. 42 da Lei Pelé aborda os direitos de transmissões como sendo dos clubes dois clubes que protagonizam a partida. Até 2011, a negociação das cotas de televisão para o Campeonato Brasileiro era feita de forma coletiva. O Clube dos 13, que representava 20 clubes do país, fazia a negociação. Alguns dirigentes insatisfeitos, resolveram deixar o Clube dos 13 e passaram a fazer diretamente com as TVs a negociação. Em texto para o Núcleo de Estudos e Pesquisas do Senado, José Carlos Barbosa Júnior e Rafael Augusto Simões contam sobre valores de contratos:

Nos anos de 2009 a 2011, os clubes que mais receberam com a negociação do direito de arena foram Flamengo, Corinthians, São Paulo, Palmeiras e Vasco, com R\$ 25 milhões por ano cada um. Nesse mesmo período, os menores clubes do campeonato brasileiro receberam

R\$ 13 milhões anuais cada, havendo uma proporção, da ponta da tabela para o outro extremo, de 1,92 para 1.

No período de 2012 a 2015, já com a negociação individual dos direitos de transmissão de jogos, Flamengo e Corinthians receberam, cada um, R\$ 110 milhões por ano. O próximo da lista foi o São Paulo, com R\$ 80 milhões anuais. Clubes menores, como Chapecoense, Criciúma e Figueirense, receberam anualmente entre R\$ 15 e 20 milhões. Assim, na melhor das hipóteses, a proporção entre os clubes mais bem pagos e aqueles que menos receberam foi de 5,5 para 1 (BARBOSA JÚNIOR; SIMÕES, 2017, p.1-2).

Desta forma, os clubes que têm mais torcida, têm conseguido negociações mais lucrativas, justamente porque o mercado consumidor (neste caso audiência) é maior. Os autores apontam que se considerarmos os contratos no período de 2016 a 2019, a disparidade é maior ainda, já que Flamengo e Corinthians tiveram um acréscimo na venda de seus direitos de arena que não foi acompanhado na mesma proporção pelos outros clubes.

Em 2016, os clubes com as duas maiores torcidas do Brasil receberam R\$ 170 milhões cada um. São Paulo, próximo clube da lista, recebeu R\$ 110 milhões. Os menores valores foram pagos à Ponte Preta, à Chapecoense, ao Figueirense, ao América e ao Santa Cruz, que receberam R\$ 20 milhões cada. Considerando-se esses valores, a proporção entre os clubes mais e menos abonados foi de 8,5 para 1 (BARBOSA JÚNIOR; SIMÕES, 2017, p.2).

Com cotas maiores de TV, os clubes conseguem não somente investir em jogadores e estrutura do futebol, mas, inclusive em suas próprias Tvs próprias. Vale ressaltar que a transmissão via *streaming* já era uma realidade no Brasil. Este modo de transmissão, muitas vezes de forma gratuita, incomoda os interesses das empresas de TV responsáveis pelos direitos de transmissão. Neto nos conta fato, até então inédito, ocorrido entre Atlético-PR e Coritiba:

O mais importante deles, pelo fato de ter sido um fato inédito no Brasileirão Série A, aconteceu em 19 de fevereiro de 2017, quando Atlético-PR e Coritiba decidiram, em comum acordo, transmitir o clássico entre os dois times em suas páginas no Facebook (@coritibaoficial e @atleticopr)⁴¹ e YouTube. (coritibaoficial e tvatleticopr)⁴². A medida foi uma forma de protesto contra o valor oferecido pela Rede Globo pelos direitos de transmissão das equipes no Campeonato Paranaense, considerado inaceitável pelos dirigentes. (...) Inicialmente, a partida foi impedida de ocorrer pelos árbitros da partida, a mando da Federação Paranaense de Futebol (FPF). Alegava-se que a medida ia contra o contrato da federação com a Globo. No entanto, pelas leis brasileiras, os direitos de transmissão pertencem aos clubes, não podendo sofrer interferência de nenhum regulamento de federação.

Posteriormente, falou-se em falta de credenciamento dos responsáveis por fazerem a transmissão do jogo (NETO, 2017, p.32-33).

O autor nos explica que a vontade das equipes prevaleceu e, dez dias depois, a partida foi realizada com transmissão pela internet e que isto rendeu ao Atlético-PR 20 mil novos inscritos no canal do Youtube, enquanto ao Coritiba 15 mil.

Neto nos conta ainda que, no mesmo ano, em junho, a CBF recusou proposta da Rede Globo para a transmissão de amistosos da seleção de homens, em jogos contra Argentina e Austrália. “(...) foram transmitidos pelo canal oficial da CBF no Facebook e YouTube⁵⁴, além da TV Brasil e TV Cultura. Foi a primeira transmissão por streaming aberto da Seleção Brasileira Masculina. Mais uma vez, a falta de acordo com a Globo foi por razões financeiras” (NETO, 2017, p.35).

Monteiro (2021) afirma ainda que a MP 984/2020 alterou o dispositivo que dá direito de transmissão aos dois clubes, dando como prerrogativa o direito do clube mandante. Segundo ele, esta MP representa liberdade econômica, valorização da concorrência e menos interferências de terceiros nos processos de negociações, podendo agregar valor aos clubes, através do conceito de livre iniciativa, mas tem recebido muitas críticas, pois foi editada durante a pandemia de Covid 19, sem ampla discussão por clubes e Congresso. Desta forma, recorreremos à lei para observar suas alterações:

De acordo como art. 1º da Medida Provisória nº 984/2020, fica alterado o art. 42 da Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998 (Lei Pelé), da seguinte forma no caput e no seu § 1º, com acréscimo de § 4º:

Art. 42. Pertence à entidade de prática desportiva mandante o direito de arena sobre o espetáculo desportivo, consistente na prerrogativa exclusiva de negociar, autorizar ou proibir a captação, a fixação, a emissão, a transmissão, a retransmissão ou a reprodução de imagens, por qualquer meio ou processo, do espetáculo desportivo.

§ 1º Serão distribuídos, em partes iguais, aos atletas profissionais participantes do espetáculo de que trata o caput, cinco por cento da receita proveniente da exploração de direitos desportivos audiovisuais, como pagamento de natureza civil, exceto se houver disposição em contrário constante de convenção coletiva de trabalho.

.....
 § 4º Na hipótese de eventos desportivos sem definição do mando de jogo, a captação, a fixação, a emissão, a transmissão, a retransmissão ou a reprodução de imagens, por qualquer meio ou processo, dependerá da anuência de ambas as entidades de prática desportiva participantes (MEDIDA PROVISÓRIA Nº 984, DE 2020, p.4).

A partir do momento que pertence à entidade de prática esportiva mandante o direito de os clubes negociarem a transmissão de jogos e, caso julgassem ideal eles próprios transmitirem, o *streaming* ganha mais espaço e foi o que aconteceu, por exemplo,

no Campeonato Carioca do mesmo ano. Flamengo e TV Globo não chegaram a um acordo sobre as transmissões dos jogos do clube e este optou por transmiti-los. Fontenelle (2021) conta que, para a semifinal da Taça Rio, contra o Volta Redonda, o time carioca realizou uma parceria com a plataforma MyCujoo, na qual os não sócios torcedores teriam que comprar o ingresso de R\$10 para assistir ao jogo. A plataforma não sustentou a quantidade de acessos e a partida foi transmitida, gratuitamente, pela FlaTV, em cima da hora. Em outra ocasião, também em 2020, a FluTV bateu o recorde de uma transmissão simultânea esportiva no Brasil, até então, na partida contra o Flamengo, pela final da Taça Rio: 2.4 milhões de acessos, aos 15 minutos de partida. “Aos 42 minutos, a transmissão atingiu o pico de 2.8 milhões. Se pensarmos que a probabilidade é de que o acesso à internet aumente, como tem aumentado nos últimos anos e que há a possibilidade de quem ganha mais, acessar mais, este mercado é um grande potencial para os clubes” (FONTENELLE, 2021, p.6).

Fontenelle (2021) conta ainda que o Flamengo lançou, em 2021, um pacote de *pay-per-view* do Campeonato Carioca. Segundo o site do clube, os torcedores teriam cobertura muito ampla do pré e do pós-jogo e a narração totalmente rubro-negra. Além da cobertura pela FlaTV, alguns jogos também foram transmitidos pela TV Record. “Ou seja, os clubes perdem em receita para a TV, porque não dão exclusividade a ela, mas podem transmitir as partidas buscando patrocinadores específicos, gerenciando os seus próprios dados. É a primeira vez que o Campeonato Carioca é rentabilizado de forma digital, em multiplataformas” (FONTENELLE, 2021, p.5).

O *streaming* se apresenta como uma opção também de divulgação das marcas no exterior. Vamos pensar na transmissão de jogos do Campeonato Brasileiro. Um clube de massa como o Flamengo, por exemplo, transmitindo os jogos pela FlaTV tem um alcance de torcedores no exterior que não poderiam assistir aos jogos se não fosse pela internet, já que raros são os jogos transmitidos fora do país. Desta forma, o *streaming* também é uma possibilidade de internacionalização da marca e de conquista de novos torcedores / consumidores. Realidade já vista inclusive no próprio Flamengo que tem investido em um perfil em Inglês nas redes sociais para internacionalizar a sua marca.

Vale destacar que esta realidade de investimento em *streaming* e na própria marca não é uma realidade de todos os clubes, como apontam os pesquisadores do National Research University Higher School of Economics, Saint Petersburg, Russia, Gasparetto e Barajas:

A complexidade de se fazer uma transmissão também deve ser destacada. Se os clubes decidam criar seus próprios canais de televisão para a transmissão streaming, isso implicaria na montagem de uma estrutura com apresentadores, repórteres, comentaristas e todo o investimento em aparelhagem para gravação e transmissão.

Seria essa uma alternativa viável uma vez que os clubes buscam aumentar as receitas? Caso decidam por terceirizar tais operações, alguns destes custos fixos deverão ser eliminados, porém poucas empresas teriam capacidade e infraestrutura suficiente para proporcionar transmissões via streaming de qualidade, retornando, possivelmente, à uma disputa entre as grandes emissoras nacionais por este mercado (GASPARETTO; BARAJAS, 2018, p.371).

Desta forma, podemos concluir que os grandes clubes, obviamente, saem na frente, pois apresentam receita maior e podem investir em canais de streaming. Corroborando com Neto (2017), quando se trata de jogos e equipes de menor apelo do público, as emissoras não têm interesse na partida. Assim sendo, os clubes optam por transmitir por conta própria, objetivando criar um mercado consumidor, atraindo, assim, cada vez mais público. Mas, deve-se destacar ainda que a cobertura, nem sempre apresenta qualidade de transmissão e de profissionais envolvidos e ainda será totalmente parcial, pois sempre será com foco no clube. Se, por um lado, isto é bom porque faz com que a audiência tenha informações somente do clube no qual torce, é maléfico, já que a falta de imparcialidade pode fazer com que o torcedor consumidor não tenha acesso a informações que possam ser relevantes.

Por outro lado, as TVs também se adaptaram a este cenário de internet e possibilitam que usuários assistam aos jogos pelos aplicativos ou ainda em sites, contanto que tenham as respectivas assinaturas.

4.3- Comparativo dos elementos discursivos da transmissão de TV e rádio.

A narração de um jogo de futebol também faz parte do cotidiano da sociedade. Afinal, é muito comum ver crianças imitando narradores não somente em cenas com seus colegas, em partidas de futebol presenciais, mas também no mundo virtual. Para Aguiar e Prochnik (2010), o esporte ganha mais atenção do público e mais adeptos quando ele se torna televisivo, mas que isto só aconteceu porque existiam algum tipo de interesse nas pessoas na modalidade.

Torna-se necessário, para tal investimento por parte das empresas de telecomunicação, que o esporte a ser transmitido e divulgado seja capaz de trazer audiência, em números televisivos, o que na prática são os fãs e torcedores do mundo esportivo. Dentre o caráter econômico existente

nessa relação, há uma certa 'pitada de paixão' que movimenta os negócios (AGUIAR; PROCHNIK, 2010, p.57).

O modo de narrar da televisão foi considerado monótono no início, pois, como já vimos anteriormente, as transmissões tinham no máximo duas câmeras. O professor da UFJF Marcio Guerra (2007) comenta sobre o como a evolução técnica proporcionou alterações na cobertura televisiva.

A evolução tecnológica trouxe mais câmeras, novos ângulos, novas possibilidades de narrativas. Uma das estratégias adotadas foi aproximar o espectador do jogo. Técnica buscada no cinema. Ver de mais perto os lances, transformando as câmeras em olhos virtuais do torcedor, seguindo a bola e mostrando a reação do jogador, do treinador e do próprio torcedor, aproximou a narrativa do público. A narração passou a ser mais ilustrativa e o conteúdo mais ancorado (GUERRA, 2007, p.8).

Guerra diz ainda que, sem o recurso fantasioso de mexer com o imaginário do telespectador, já que a TV tem a imagem, a transmissão passou a disponibilizar para os narradores e repórteres um banco de dados bem grande, com a transmissão com mais informações jornalísticas.

(...) a televisão adotou como recurso a disponibilização para seus narradores e repórteres de um banco de dados muito grande, tornando a transmissão cheia de números (quantas faltas, tempo de bola rolando, quem tem mais domínio de bola, total de finalizações e etc). Tão logo imaginou a possibilidade de ser ameaçado pela concorrência das transmissões dos jogos pela televisão, o rádio reagiu com o que possui de mais forte: agilidade e imaginação. Enquanto a tv apresentou como novidade uma infinidade de números, tira-teimas, introduzindo estatística como suporte para a equipe que transmitia, o rádio fortaleceu a prestação de serviço. Nas concentrações, nas ruas, nos vestiários, falando de trânsito, do posto médico do estádio, o rádio optou por trazer mais jornalismo às suas transmissões esportivas. Tudo isso, sem abandonar a linguagem específica (GUERRA, 2007, p.8).

Objetivando comparar a natureza diferente destes dois veículos de comunicação, vamos utilizar os gols de Brasil e Coreia nas narrações de Galvão Bueno (na TV) e Oscar Ulisses (no rádio). Obviamente, temos que levar em consideração que a narração de Galvão Bueno apresenta o recurso da imagem enquanto a narração de Oscar Ulisses não. Apesar disso, vamos fazer a análise dos elementos discursivos, iniciando pelo primeiro gol:

“Lá vem o Brasil de novo. Vinicius Junior puxou, meteu, a chance, golll, é do Brasil. E tome gol, o quarto gol brasileiro, Paquetá chegando” (BUENO, Galvão, TV Globo, 5 dez. 2022).

Na narração da TV, somente percebemos quem fez o gol no final, enquanto na narração do rádio acompanhamos a jogada desde a criação. Sabemos que Neymar está com liberdade no campo e que a jogada é rápida. Novamente, elementos que posicionam os ouvintes em campo como: grande área. Desta forma, percebemos o quanto a narração do rádio é mais inclusiva para as pessoas que não enxergam ou que têm outras condições, como a deficiência intelectual, por exemplo, justamente por sua característica mais descritiva.

4.4- Análise dos entrevistados.

Primeiramente, vamos lembrar quem são nossos entrevistados:

Tabela 1: informações sobre os entrevistados

Nome	Idade	Profissão	Trabalha com jornalismo esportivo	Cegueira total / parcial	Cegueira adquirida / nascença	Domicílio (Estado)
Thiago	49	Consultor em tecnologia assistiva	Não	Total	Adquirida	RJ
Fabio	31	Bacharel em Direito / Jogador de futebol	Não	Total	Adquirida	PR
Jonathan	59	Professor de Educação Física	Não	Total	Adquirida	RJ
Miguel	37	Jornalista	Sim	Total	Nascença	SP
Otávio	47	Radialista	Sim	Total	Adquirida	SP
Rodrigo	26	Locutor	Sim	Total	Nascença	PE
Ricardo	46	Técnico de Informática	Não	Total	Adquirida	RS
Leone	37	Professor / Comentarista	Sim	Total	Nascença	PA
José	61	Jornalista / Radialista /	Sim	Parcial	Adquirida	RJ

Ao mostrarmos a narração ao entrevistado Leone, ele nos afirmou que não conseguiu entender a cena, já que, segundo ele, as informações não estavam claras, ao ponto dele saber o que aconteceu:

Tem que rir. Para eu, que sou entendedor de futebol, eu nunca joguei, mas entendo um pouquinho. Mas parou, olhou, chutou, deu um tapa, mas mesmo assim. É tudo muito simplório. Parou olhou e pah. Não disse nada. Não tem como fazer a visualização da cena (LEONE, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 9 jan. 2023).

Ricardo também afirmou que não conseguiu compreender toda a cena e fez críticas às pausas, onde o narrador não fala nada:

Então, essas pausas do Galvão é que complicam. Ele começa a falar, né? Do lance, aí ele começa. Isso aqui é pra quem, sabe? Pá! Pá! Cara, esse pá pá, não agrega. Fica difícil pra pessoa entender. Então espera o lance terminar. Narra todo lance ou não faz nada, né? Não começa a tentar narrar o lance. E depois infelizmente a gente vai perder mesmo ou começa e termina. Ele começa a falar sobre a jogada e ele para no meio. A primeira parte do gol ficou compreensivo que ele pegou e fez o gol. Na segunda parte, ele para e começa a falar, fazer esses pa pá pá, que aí fica sem entender (RICARDO, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 10 jan. 2023).

Rodrigo, ao ouvir a narração do gol, aproveitou para dar sugestões de como a narração poderia facilitar o seu entendimento:

Para não ficar naquele negócio mais econômico, por exemplo, poderia ser: Vini Junior põe o pé direito na bola. Ele dá dois passos pra trás e corre em direção à mesma. Chuta com a perna esquerda. Óbvio, seria bom porque aí sim, você poderia ter um jogo de futebol mais rico, mais cheio de informações. E a gente poderia comentar entre nossos amigos as jogadas, de maneira melhor (RODRIGO, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 5 jan. 2023).

Ricardo também deu sugestões sobre o tipo de informação que gostaria de ter. Para ele, informações relacionadas ao posicionamento no campo como, por exemplo, dizer que um jogador está na direita, na esquerda, na meia-lua, na intermediária etc. contribuem para o entendimento do jogo.

Ajuda. Tanto é que podia dizer assim: dominou no meio do campo, avançou trinta metros, o jogador sei lá, o jogador perdeu a bola por causa dessa intervenção do jogador da Coreia ou sofreu um carrinho, pra tu entender que teve um começo e houve uma intervenção pela direita. Então, a pessoa precisa entender onde que está, em que momento está a jogada, né? Por que que ela se encerrou ou por que que

não foi dado o andamento? Então essa emoção especial de sofreu um carrinho, foi interceptado por jogador adversário, isso é importante (RICARDO, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 10 jan. 2023).

Agora a narração do primeiro gol, na voz de Milton Leite:

O drible, tocou por dentro. Casemiro buscou a frente o Paquetá. A bola ficou curta. Rafinha brigou. Foi pra linha de fundo. Bem, a bola cruzada passou por todo mundo. Vinicius dominou, bateu. Goooool. Vinicius Junior. Com 7 minutos de jogo o Brasil abre o placar. Méritos pro Rafinha, diga-se de passagem, né? Brigou pela bola aqui, uma bola que pareceu perdida, ele brigou, foi lá no fundo, cruzamento saiu, Vinicius teve calma, dominou lá no outro lado, primeiro tempo lindo e tem dancinha, tem dancinha. O Brasil dança, deita e rola em Doha. Vinicius Jr. a cara da alegria brasileira” (LEITE, Milton, Sportv, 5 dez. 2023).

Jonathan aponta que entendeu a jogada, bem como a comemoração, devido à riqueza de detalhes:

Na verdade, a narração dele tá bem, eu entendi. O cara foi na linha de fundo, ele brigou pela bola, ele cruzou e o gol do Vinicius. Mas quando o cara comenta o gol, ele dá detalhes que pra mim é importante, até da dancinha no final. Eu achei uma boa, uma boa narração, ne? Até fiquei imaginando como uma informação que poderia para mim acrescentar mais alguma coisa (JONATHAN, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 8 fev, 2023).

Em relação à riqueza de informações, importante ressaltar que os entrevistados, de maneira geral, disseram que os comentaristas e os repórteres de campo contribuem para que eles visualizem as cenas dos jogos. Após o gol de Vinicius Júnior, temos na transmissão da Globo, o comentário do ex-atleta da Seleção Brasileira e do Flamengo Junior.

É o Rafinha sem dúvida. Não só iniciou pelo drible, né? Mas depois ele ganhando do coreano, né? Do bico da grande área levando a linha de fundo. E o Vinicius esperou porque tinham três dos nossos já dentro da área. Se ele vai, ele não ia conseguir chegar nessa bola (JUNIOR, Leovegildo, TV Globo, 5 dez. 2022).

Leone também nos falou sobre a importância dos comentários, mas enfatizou a importância deste momento vir acompanhado de informações espaciais:

Interessante. Aí o comentário de quem sabe. Apesar do que ele falou. O Vinicius esperou. Tá, mas ele esperou onde? Ele estava na linha da grande área? Ele estava no meio? Faltou essa, ele esperou na grande área, ele esperou na intermediária, ele estava próximo a linha de fundo, mas o restante do comentário dele ajudou bastante, né? Ele veio do início da jogada, tocou na intermediária e tinham três lá na grande área esperando, ele tocou pra linha de fundo. Interessante, deu pra compreender essa fala dele (LEONE, 9 jan. 2023).

Otávio também nos fala do quanto Junior contribuiu para o entendimento da jogada, mas que ele acredita que o comentarista ser mais descritivo não é algo feito de propósito para proporcionar inclusão, mas sim algo inerente ao seu trabalho:

Essa parte que o Junior falou foi perfeito. Ele foi muito mais, fez muito mais audiodescrição do que o próprio Galvão. Por quê? Porque ele desenhou tudo ali para a gente. Então, quando ele foi falando, eu fui imaginando tudo e consegui ter uma percepção muito maior. Mas aí é que fica. Será que ele falou isso intencionalmente? Não, né? Não sei se foi pra isso então. Mas foi de fundamental importância (OTÁVIO, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 14 fev. 2023).

Miguel fez pontuações em relação ao trabalho dos comentaristas de arbitragem. Para ele, é importante que a análise da jogada seja feita de forma detalhada, mas sempre lembrando que nem todos estão enxergando:

O comentarista ajuda muito né? Às vezes o problema do comentarista de arbitragem é que ele ajuda, porém ele trabalha muito com a imagem, aí ele fala assim: “oh, repara nessa câmera que o pé do jogador sobe um pouquinho mais e acerta o adversário”, isto pode falar. “Ah, reparem nessa câmera mais lenta”, só fala: “olha, realmente foi falta, acerta o pé do jogador, toca no adversário”. Ponto. Porque se você falar repare nessa câmera, pra quem é cego vai ficar boiando do mesmo jeito, entendeu? Assim, é claro que ele faz com embasamento pensando em quem está vendo ali, mas quem está vendo já vai observando, então não precisa de falar: “repare nessa câmera”. Fala: “o pé do jogador, ele levanta um pouco mais e acerta o adversário”. Ponto. Mas realmente os comentaristas de campo, até alguns comentaristas inclusive, é legal falar isso. Estão tendo um cuidado um pouco mais, de falar, às vezes de descrever alguma coisa, por exemplo, o Ricardinho tem um projeto bem interessante em Curitiba chamado Maestros da Bola, que é sobre um time de futebol de cegos. Então, é uma pessoa também que já está tem um costume, já está mais acostumada. Né? A lidar com a situação. Então... mas realmente o comentarista... o Júnior também uma forma de comentar muito interessante na questão de esquema tático e tal, então isso ajuda realmente, ajuda muito (MIGUEL, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 30 dez. 2022).

O segundo gol da Seleção Brasileira veio de um pênalti cometido em Vinícius Junior. Vamos a narração de Galvão Bueno: “Já saiu do primeiro. Já saiu do segundo. É o que a torcida quer ver. Ele reclama da arbitragem. Foi seguro. Vini sustenta. É pênalti” (BUENO, Galvão, TV Globo, 05 dez. 2022).

Leone novamente afirma que não entendeu a jogada: “Não sei nem quem cometeu o pênalti. Passou o primeiro. Passou o segundo, mas como foi que ele passou? Ele driblou, ele tocou a bola na frente, pegou a bola de novo, passou por baixo da perna?” (LEONE, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 9 jan. 2023).

Otávio também aborda que não entendeu quem sofreu o pênalti: Mas quem sofreu o pênalti? Onde foi o pênalti? Foi de quê? Lado? Do lado esquerdo, lado direito? Então, como foi? Foi por um carrinho? Foi por segurar a camisa, por que o cara colocou a mão na bola? Aí nessa parte faltou. Talvez depois ele tenha explicado ali nos comentários (OTÁVIO, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 14 fev. 2023).

A narração do gol de Milton Leite teve ainda comentários de Sandro Meira Ricci:

Está melhor que a encomenda. Esse começo de jogo, vamos combinar, em dez minutos, 1 a 0 e tem pênalti. Como diria o pessoal lá na Coreia (frase em coreano). Que fase da Coreia. Você tá revendo aí? E aí Sandro Meira Ricci, a entrada do camisa cinco Jung pra cima do Richarlison.

Sandro

O Richarlison foi esperto, percebeu que o Jung iria chutar a bola. Chegou antes e acabou chutando o pé do Richarlison ali e, por isso, foi pênalti, foi marcado.

Milton Leite

Saltitante, Neymar define. Lá vem ele, direita, paradinha, pé direito e a batida. Alô, alô, Brasil. Goooll (LEITE, Milton, SporTV, 5 dez. 2022).

Jonathan comentou que compreendeu como foi o pênalti em Richarlison e o gol, sendo que o trabalho do comentarista foi importante neste processo.

Olha, ele falou do pênalti. Usou um termo chinês. E aí o cara vai e narra como aconteceu. O cara teve a percepção de chegar antes na bola pro cara chutar ele antes da bola. Então ficou bem claro o pênalti em si, a paradinha, pé direito escolheu um lado. Fez o gol. Pra mim ficou muito boa a narração. O comentarista ajuda bastante também. Ele dá detalhes que na correria da narração o cara não fez (JONATHAN, entrevista à Carol Fontenelle, online, 8 fev. 2023).

Thiago também falou sobre a importância do comentarista para a visualização da jogada:

Pelo que eu vi, o Neymar deu uma paradinha pra enganar o goleiro e bateu. Mas ele não me falou qual lugar, se foi no canto superior, direito, esquerdo ou a meia altura ou no cantinho da trave. O comentarista ajudou. Já vi que o cara foi chutar a bola, chutou o pé do Richarlyson. Ele traz o porque que não foi pênalti, porque foi pênalti, qual o motivo. Então aquilo ali já ajuda muito, é, a gente chama de complemento da informação (THIAGO, entrevista à Carol Fontenelle, online, 20 jan. 2023).

Apesar dos elogios, Thiago acredita que o lance do pênalti poderia ter tido informações que proporcionassem mais detalhes da jogada:

Ele, ah, deu entrada no jogador Richarlison, o que que ele fez, como foi essa entrada, o que que aconteceu? Eu não sei. Quem tem a visão sabe, eu não sei como que o cara entrou, que que ele fez, se foi com o cotovelo, com o braço, se empurrou, não tenho noção. Carol: É, e assim, quando dá o replay, ele fala assim: Você tá revendo aí. Não fala mais nada. (risos) Márcio: Isso. Você tá revendo aí, tá passando pra televisão. Agora quando você coloca a áudio descrição o cara me dá todo ponto, que que aconteceu (THIAGO, 20 jan. 2023).

Para Fábio, colocamos primeiramente a jogada na qual Richarlison sofreu pênalti e ele afirmou que não tinha entendido como foi a jogada. Posteriormente, apresentamos a ele o comentário do Sandro Meira Ricci. “Foi bom porque ele deu mais detalhes de como que aconteceu o pênalti, porque ele falou que o *cara* chuta o pé do Richarlison. Essa informação que o narrador não tinha passado. Querendo ou não, é mais um ponto de vista”.

Fábio também apontou a importância de saber em que canto entrou a bola, se foi chute foi pela direita ou esquerda, de que lado o goleiro pulou. Estas informações facilitam a visualização das pessoas com deficiência visual e podem também ser passadas pelos profissionais de audiodescrição, caso não seja possível o narrador falar, devido à dinâmica do jogo.

A narração do gol de Richarlison, famoso por ele ter comemorado junto com o então técnico da Seleção Tite, imitando um pombo, também foi analisada: “Tá de cabeça, olha, tenta o ataque pelo meio, Richarlison, Neymar e Viny ficaram na frente. Alisson. Casimiro. Lançamento, pra área, corte feito de cabeça. Olha só a graça, olha só a graça, olha que beleza. O chance, é gol, é gol, é gol, é gol. Gooooool!” (BUENO, Galvão, TV Globo, 5 dez. 2022).

Ricardo afirma que não entendeu como foi a jogada. “Fica difícil. Ele não te dá a coordenada de que altura que está, ele não te dá coordenada de que movimento o jogador está fazendo. Ele só fala assim, olha, é a chance, olha o gol, olha o gol, quer dizer, fica muito vazio, fica muito vago. Ele fala olha a jogada. Mas que jogada?” (RICARDO, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 10 jan. 2023).

Em seguida, ainda na transmissão da TV Globo, o gol do Richarlison é repetido por duas vezes, sendo que quem está falando é Junior, comentando algo que não tem a ver com a cena que está passando na TV.

Pelo rendimento, né? Por tudo que a gente está vendo que a gente esperava dessa seleção, né? Seleção voltada pra parte ofensiva, com participação em praticamente todos os jogadores, em todos os setores. Eu volto a repetir, quando essa seleção consegue buscar a bola logo que

perde, dá o tal do perde/pressiona e rouba essa bola (JUNIOR, Leovegildo, TV Globo, 5 de dez. 2022).

Ricardo afirma que o gol foi bonito, mas que ele não teve esta informação por conta da transmissão e que considera, ainda, importante que seja pontuado tudo que está aparecendo na tela da TV.

Um gol bonito e tal, só que eles não deveriam então deixar de ter o comentário, falar, está repassando o gol, né? Pra gente saber, porque pra gente dá a impressão que o jogo já está rolando e, só que a Globo TV está repassando um lance anterior e numa contrapartida, o comentarista está falando de outra coisa nada a ver. Tipo assim, está falando sobre o desempenho do time e daí pra quem está escutando, ah não, ele está falando do time, não está tendo nada... está tendo uma troca de passes, uma coisa nada a ver no meio do campo que não tem influência nenhuma. Tu nunca vai imaginar que até o que está mostrando na tela principal é um replay do gol (RICARDO, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 10 jan. 2023).

Já a narração de Milton Leite para o gol de Richarlison, apresenta elementos mais descritivos: “Aí o lançamento pro meio da grande área, subiu a zaga, o Marquinhos, né? Que foi ele pra lá naquela bola erguida na área, continuou por ali. Olha o Richardson, dominou, ó o Marquinhos aí, tentou devolver, grande bola, Richarlison foi golaço. Aaaaalooooô Brasil!” (LEITE, Milton, SporTV, 5 dez. 2022).

Miguel apontou que conseguiu entender o lance, por meio da narração, mas faz observações:

Aí eu acho que está relativamente bem, viu? Nesse lance, o lance... se bem que quando você fala, o lançamento pro meio da grande área, porque é difícil você colocar isso, por exemplo, vou pegar meu caso, um cego que nunca enxergou. Porque você falar “o meio da grande área”, pra quem já enxergou, depende também de com quantos anos o cara perdeu a visão, o cara perdeu a visão com dez anos por exemplo, ou doze anos vai, por aí, se você falar pra ele: Fulano onde que é o meio da grande área? Mais ou menos. Ele vai ter essa noção. Agora, um cego que nunca enxergou você falar: a bola foi lançada no meio da grande área. Não vai fazer muito sentido porque você não tem a noção de como é que é o meio da grande área. Então ele poderia aí ter falado, lançamento na grande área. Depois, quando terminasse o gol e tal o repórter, aí sim, ele poderia dar um embasamento maior, né? Falar alguma coisa, mas um lançamento no meio da grande área, fica meio, pra quem nunca enxergou, fica meio vazio (MIGUEL, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 30 dez. 2022).

Ainda na narração do gol de Richarlison, Milton Leite enaltece o jogador e comenta sobre a comemoração:

Gooooool! Richarlison. Uma jogada espetacular no ataque do Brasil. Richarlison saiu na frente do gol, deu um tapinha pra ampliar, tá

cheirando a goleada. O Brasil faz três a zero. Dessa vez com o Pombo. O Pombo veio pra cá e falou só vou fazer golaço. Meu negócio é fazer golaço. Ele marca mais um na Copa do Mundo e vai pro abraço, né? Vai curtir lá. Até o Tite imitando Pombo, hein? Que beleza! Até o professor Antenor foi de pombo. Três a zero. Lédio Carmona.

Lédio

Quando até o Tite vira pombo é que o Brasil está voando mesmo. Tipo oh Milton não tem jeito não. Eles querem que o Brasil tenha um repertório longo de dança aí, né? Porque pelo jeito vai sair mais gol, porque ó vai dar um, vai dar muita música e muita dança, o repertório vai ter que ser longo, por quê? A Coréia dá espaço pro Brasil, o Brasil tá numa noite muito inspirada, golaço com Neymar, com Richarlison o gol é sempre bonito (LEITE, Milton, SporTV, 5 dez. 2022).

Miguel também disse que a questão da dança poderia ser mais detalhada, ou seja, ele gostaria de saber como foi o movimento feito por Tite e os jogadores. Mas que ele acredita que, no calor da emoção, não se pense muito em detalhar. “Ele poderia detalhar, claro que ali está no calor do jogo, mas poderia ter detalhado um pouquinho essa questão da dança. Né? O que que ele fez? Como que ele fez? É que ali, eu entendo também que o camarada tem um momento ali, a rapidez da TV. Mas, acho que poderia” (MIGUEL, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 30 dez. 2022).

Em relação ao gol, o entrevistado também apontou que gostaria que tivessem mais informações quanto à jogada:

O negócio é fazer golaço. Golaço como? Foi o quê? De calcanhar? Por cobertura? Faltou uma descrição aí. Aí, quando entra o Léo, ele detalha essa questão. Mas o negócio é fazer golaço. Hoje agora é espetacular. O quê? Ele driblou um, dois, três, quatro. Se bem que ele fala ali no começo, a bola jogada na grande área, no meio da grande área e tal. Mas quando ele narra o gol, ele poderia ter dado um embasamento maior. Ah. jogar, repetia. A jogada foi assim, assim, assim. O gol, ele sei lá, pegou de voleio, poderia ter dado um embasamento maior (MIGUEL, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 30 dez. 2022).

Fábio também apontou o fato de não entender como foi o gol: “Eu só sei que foi um golaço. O resto eu não sei o que é que ele fez, como é que foi o gol? Golaço, a gente sabe que é um gol bonito. Então eu fico pensando será que foi de voleio? Será que foi de bicicleta? Será que foi de cavadinha? Vai ser eu tentando encontrar o golaço (FÁBIO, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 29 dez. 2022).

Também temos o gol de Lucas Paquetá sendo analisado. Vamos à narração de Milton Leite: “Brasil roubando de novo. Olha o Brasil indo embora. Está aí o Richarlison joga com Neymar. Vinícius está lá na ponta. Lançou pra ele, dominou, encarou a

marcação, deu uma cavadinha pra dentro da grande área, chegou batida! Alô, alô, Brasil! Gooooool! Lucas Paquetá!” (LEITE, Milton, SporTV, 5 dez. 2022).

Miguel afirmou que a jogada narrada foi um pouco mais detalhada e que ele ficou em dúvida de que ponta é essa. “A única coisa que aí ele poderia ter falado, ah ele jogou lá na ponta. Mas qual ponta? Ponta direita ou ponta esquerda? Mas não é o que ele tem errado, é um pequeno detalhe que dá pra ser corrigido. Mas nessa daí eu acho que ele foi mais feliz do que na anterior” (MIGUEL, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 20 dez. 2022).

Também aproveitamos para solicitar que fosse feita a análise da narração de um contra-ataque da Coreia.

Júnior, fez abertura, na esquerda. Bem aberto. Sempre por aqui. Bem aberto pela esquerda. Carregou pro meio, bateu, bateu errado. Insistiu, que beleza, e aí vem bola pra área brasileira, quem estava por lá tirando de cabeça, o Richarlyson, agora tenta o ataque pelo meio Richarlyson, Neymar e Viny ficam na frente. Alisson, Casimiro (GALVÃO, Bueno, TV Globo, 5 dez. 2022).

Para Leone, neste trecho da transmissão dá para perceber o quanto o narrador é imagético, ou seja, se apoia na imagem para transmitir as informações, como se todos tivessem a possibilidade de ver o que está na tela.

Um ponto abordado também foi a questão do *replay*. Para Fábio, é importante que alguém situe que o que está se passando na tela é o *replay*, pois isto faz a pessoa cega, em alguns momentos, ficar perdida.

Ricardo apontou que o trabalho dos narradores tem melhorado bastante e que cada um tem tido o seu momento de inclusão, mas que eles precisam e têm condições de aprender e devem ser estimulados. Para o entrevistado, algumas fatalidades como que aconteceu no acidente da Chapecoense fez com que passassem a olhar, apoiar e incentivar as pessoas com deficiência já que alguns atletas sobreviventes hoje têm deficiência.

Durante as entrevistas, o narrador Luís Roberto foi apontado como um dos melhores para o entendimento das jogadas. Vale ressaltar que Luís tem ampla experiência como narrador em rádios e ele traz como característica uma narração mais descritiva.

Otávio apontou que não dá para o narrador de fato narrar todas as cenas que estão aparecendo na tela da TV, pois se ele for muito descritivo pode acabar perdendo pontos importantes do jogo e, com o apoio do trabalho do audiodescritor e dos comentaristas, as informações podem ser mais bem dispostas, ao ponto de que as pessoas com deficiência visual sejam incluídas. “Da mesma forma que a gente não pode ser excluído de uma

narração, a gente também não pode ser prioridade. Ele não tem que narrar pensando somente nas pessoas com deficiência visual, até porque outras pessoas podem fazer esse trabalho” (OTÁVIO, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 14 fev. 2023).

Jonathan falou ainda sobre a importância do narrador e do comentarista serem comprometidos com uma narração mais detalhada. Para ele, o trabalho dos dois, em conjunto com o audiodescrição contribui na transmissão: “O determinante é o narrador comprometido com uma narrativa mais detalhada(...). E também a parceria com audiodescrição, tirar toda a responsabilidade da imagem (...) Isso vem numa parceria, com a experiência” (JONATHAN, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 8 fev. 2023).

José também acha que o trabalho do narrador, aos poucos, será em conjunto com o trabalho do audiodescritor:

Eu aposto que, gradativamente, vai haver uma sinergia entre, o narrador já vai saber que coisas ele precisa falar e quais que ele não precisa, porque já serão cobertas pelo audiodescritor. Isso é um aprendizado coletivo, não apenas aqui no Brasil, no mundo inteiro. Isso é um processo. Mas repito, eu prefiro saudar a novidade do que reforçar ou fortalecer o que tem ainda pra corrigir. Lembrei agora de Sebastião Lazaroni com seu lazaronês. Lazaroni, na entrevista coletiva, quando você se dirigia ao Lazaroni perguntava assim: Lazarone por que você barrou Roberto Dinamite, escalou o Careca? Ele vinha com a seguinte frase: olha, não cabe a nós destacar a ausência e sim valorizar a presença. Lzaronês era isso, né? Que que ele queria dizer? Não vamos ficar aqui falando de quem eu tirei, eu quero falar de quem eu coloquei no time, né? Não vamos destacar a ausência, mas sim valorizar a presença (JOSÉ, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 26 jan. 2023).

5 - A AUDIODESCRIÇÃO DE JOGOS DE FUTEBOL: ESTUDO DE CASO E PROPOSTA NARRATIVA

Como vimos neste trabalho, alguns filmes e séries apresentam o recurso de audiodescrição. No caso da TV Globo, um som indica, ao início de um filme, quando há o recurso. Diante disso, as pessoas com deficiência visual podem acessar a AD por meio da tecla SAP. Em se tratando do canal de *streaming* Globoplay, algumas produções apresentam o recurso, em canal de áudio exclusivo, como é o caso da novela *Todas as Flores*, onde os usuários podem optar pela audiodescrição.

Apesar da disponibilização do recurso, a grande aliada na utilização da AD e conseguinte acessibilidade comunicacional, no Brasil, tem sido outra plataforma de *streaming*: a Netflix. A empresa disponibiliza canal exclusivo de áudio para AD, quando o usuário acessa as configurações de áudio. A empresa usa também um selo indicando que aquele conteúdo é audiodescrito:

Figura 1



Legenda: símbolo da audiodescrição usado pela Netflix
 Fonte: <https://help.netflix.com/pt/node/25079>. Acesso 05 ago. 2024.

Além disso, o próprio site auxilia os usuários a fazerem a configuração²⁹. Vale também destacar que o site da Netflix também, para ajudar os audiodescritores, apresenta dicas de como fazer audiodescrição, em um intitulado Guia de estilo de audiodescrição³⁰. Iremos, neste capítulo, abordar como deve ser feita a audiodescrição de jogos de futebol e usaremos como base de informação a ABNT – 2016, bem como o *Guidance On Standards for Audio Description* (Guia padrão para audiodescrição). Porém, para fins introdutórios de como uma AD deve ser feita, informação presente no site da Netflix nos chamou a atenção:

Cada vez mais, o nosso conteúdo é representativo do quão diversa é a experiência humana. Ao considerar quem descrever e em que nível de detalhe, leve em consideração tanto as necessidades do enredo quanto a importância da representatividade. A descrição deve ser factual e priorizar as características físicas dos indivíduos, mencionando o que for mais importante para sua identidade, como tipo de cabelo, cor da pele, cor dos olhos, porte, altura, idade (por exemplo, em torno dos trinta, de meia idade, adolescente, etc.), características ligadas à deficiências visíveis, etc. Isso deve ser consistente para todos os

²⁹ Mais informações podem ser vistas em <https://help.netflix.com/pt/node/25079>. Acesso 05 ago. 2024.

³⁰ O guia completo pode ser visto em <https://partnerhelp.netflixstudios.com/hc/en-us/articles/20166320647827-Guia-de-estilo-de-audiodescri%C3%A7%C3%A3o-v2-5>. Acesso 05 ago. 2024.

personagens principais e/ou mais relevantes que estão sendo descritos. Por exemplo, não dê maior atenção a um determinado personagem por conta de uma característica específica, descreva todos de forma equânime. Foque sempre na pessoa primeiro, por exemplo, diga "um nadador com uma perna amputada", e não "um amputado que é nadador" (NETFLIX, acesso em 05 ago. 2024).

Apesar do conteúdo se referir à narração de produtos gravados e com roteiro prévio estabelecido, devemos destacar que o universo do futebol apresenta multiplicidade de pessoas com características físicas distintas, bem como de etnias – sem contar o fato de alguns jogadores apresentarem mudanças em seu visual (cortes de cabelo, tatuagens, novas cores de cabelo) constantemente. Desta forma, é importante que o audiodescritor, antes mesmo da transmissão, pesquise informações sobre os jogadores, árbitros e demais pessoas que estarão durante a transmissão. Quando é mencionado, no manual da Netflix, como devem ser descritas pessoas com deficiência, devemos levar isto para o caso dos esportes paralímpicos também, onde o foco devem ser as pessoas e jamais as deficiências. Devemos também dizer que estes atletas não são exemplos de superação. Eles são atletas de alto desempenho, assim como os atletas sem deficiência.

Vale ainda mencionar que boa parte do conteúdo da Netflix apresenta a AD: “Esse recurso está disponível na maioria dos originais Netflix e em muitos outros filmes e séries. Trabalhamos em parceria contínua com os estúdios para disponibilizar as audiodescrições em mais títulos” (NETFLIX, acesso em 05 ago. 2024). Podemos então observar que o fato de o canal trabalhar diretamente com os estúdios pode facilitar a disseminação da AD, já que o ideal é que realmente ela já esteja prevista na concepção do projeto audiovisual, ou seja, já se saiba, desde o começo que será disponibilizado o recurso. Esta iniciativa possibilita que a AD seja feita com calma, sem pressa e a coloca como parte da entrega do produto audiovisual. Yohana Mansour, em seu trabalho de TCC *Audiodescrição em filmes: a partir do que toca*, nos explica como deve ser inserida a audiodescrição em um produto visual:

A produção da AD para filmes envolve algumas etapas. São elas: roteirização; consultoria; narração e gravação; e tratamento, mixagem e finalização.

O profissional responsável por escrever o roteiro de audiodescrição do filme é o audiodescritor-roteirista, que, primeiramente, assiste à obra por completo, ao menos uma vez, a fim de estudar todas as informações visuais pertinentes que precisarão ser inseridas entre os diálogos e os sons da cena. Para esse estudo, é preciso realizar a decupagem para AD do material, separando todas as informações importantes para o entendimento do filme, como: personagens e características principais; tempo e espaço, indicando quando e onde acontece a história; e pontos

relevantes que não podem deixar de ser audiodescritos (MANSOUR, 2022, p.22-23).

Como podemos perceber, fazer a audiodescrição para produtos audiovisuais requer o cumprimento de várias etapas. A realização de um roteiro precisa estar de acordo com as informações visuais que serão passadas, priorizando as inserções em momentos que ocorre silêncio entre as cenas, podendo, em alguns casos, sobrepor falas de personagens. O tempo, o espaço e as características dos personagens também devem ser valorizados. Fazendo comparação com a audiodescrição para jogos de futebol, devemos nos atentar que o evento é ao vivo e, devido a esta característica, não é possível a realização de um roteiro completo do jogo, sendo que informações prévias (em notas proemias, como iremos ver neste capítulo) são necessárias. Além disso, a figura do consultor é muito importante para entendermos o que, de fato, deve ser audiodescrito. No caso deste trabalho, optamos por ouvir as pessoas com deficiência visual, em relação à audiodescrição ideal e usamos como exemplo trechos da audiodescrição realizada pelo canal SporTV, durante o jogo Brasil e Coreia, pela Copa do Mundo 2022.

Após ouvirmos nossos entrevistados, foi realizado roteiro de audiodescrição e submetido a experiente audiodescritora Márcia Caspary³¹ que, além de ter feito pontuações importantes de como deve ser uma audiodescrição mais objetiva, leu o que os entrevistados disseram, bem como realizou a gravação da AD. Após, o áudio da AD, bem como o áudio da narração de futebol, no meio audiovisual - também considerada ideal pelos entrevistados – foram disponibilizados para que fizessem novos apontamentos, que serão destacados neste capítulo.

5.1- Como fazer audiodescrição de futebol.

O documento mais importante para a produção de AD no Brasil é a ABNT 16452. Nele, encontramos diretrizes para “normalizar a produção da audiodescrição para garantir a qualidade da acessibilidade aos serviços e produtos audiovisuais e atender às necessidades das pessoas com alguma deficiência, principalmente cognitiva ou visual, com equidade de direitos” (ABNT, 2016, p. vi).

A ABNT 16452 leva em conta os preceitos do Desenho Universal, que objetiva: “favorecer a percepção, a compreensão e a fruição das informações contidas em imagens

³¹ Mais informações sobre o trabalho de Marcia podem ser obtidas em <https://www.marciacaspary.com.br/>. Acesso 05 ago. 2024.

dinâmicas ou estáticas, para pessoas impossibilitadas de ver ou com dificuldade para compreender tais imagens” (ABNT, 2016, p. 1).

Vamos abordar aqui os pontos mais importantes da NR (Norma Regulamentadora) e analisar a sua aplicabilidade na disponibilização do recurso em partidas de futebol transmitidas pela televisão. Para iniciar, vamos falar sobre as atribuições do audiodescritor: a) pesquisar e analisar previamente o assunto a ser audiodescrito; b) adequar a terminologia e a linguagem, bem como todas as informações relativas à obra e pertinentes à audiodescrição; c) elaborar a nota introdutória; d) elaborar o roteiro (ABNT, 2016, p. 4).

Desta forma, em relação a uma partida de futebol, é importante que o audiodescritor faça uma pesquisa prévia sobre os times que estarão atuando, bem como dos jogadores, árbitros técnicos, não somente para fazer a audiodescrição das características físicas das pessoas envolvidas no espetáculo, mas também para que conheçam um pouco sobre suas carreiras, posicionamento tático e técnico e isto gerar informações importantes no decorrer do jogo.

Quando falamos em adequar a terminologia e a linguagem, devemos nos lembrar que os jogos de futebol têm terminologias específicas. Sendo que, como o recurso não é comum de ser disponibilizado, a partir do momento que ele se torne mais difundido, pode atrair outras pessoas que não sejam necessariamente cegas e baixa visão (como já abordado neste trabalho, a AD facilita a compreensão de pessoas idosas, com deficiência intelectual, dentre outros). Desta forma, deve haver um equilíbrio entre o uso de terminologias, na medida que deve ser explicado de certa forma para essas pessoas o que está sendo falado. Por exemplo, “o goleiro fez a defesa de mão trocada”. Que tipo de troca foi essa? Então, seria necessário explicar: o goleiro iria defender com a mão direita e, no momento que a bola estava chegando, ele usou a mão esquerda”. Então, seria necessário dar uma riqueza maior de detalhes, já que a AD pode atrair outros públicos que não estão tão acostumados com o futebol e com o recurso.

A NR aborda item específico para as notas introdutórias:

A nota introdutória deve ser lida antes de qualquer evento, incluindo descrições que, por falta de tempo hábil, não possam ser fornecidas no decorrer do evento. As notas introdutórias devem conter: a) descrição do ambiente e da localização de recursos e serviços disponíveis; b) detalhamento e complementação dos procedimentos de segurança para situações de emergência; c) breve explicação sobre o processo e a relevância da audiodescrição; d) créditos e patrocinadores; e) características físicas dos personagens, papéis que desempenham,

vestimentas, quaisquer gestos ou maneirismos que usem repetidamente durante o evento; f) cenários; g) definição de estilos e terminologias usados na performance; h) descrição da audiência, bem como registro de presença de autoridades, pessoas famosas e conhecidas da comunidade (ABNT, 2016, p. 4).

Assim sendo, a nota introdutória deve ter informações sobre o estádio, os uniformes dos jogadores, bem como das próprias características físicas dos jogadores que estão atuando. De acordo com as entrevistas que realizamos, a sugestão é que essas informações sobre as características físicas fossem disponibilizadas antes da partida, para que não atrapalhem a fluidez do espetáculo.

Como hoje é comum as pessoas assistirem jogos de futebol pelo celular, devemos nos atentar para a possibilidade de pessoas cegas e com baixa visão estarem nos estádios, de posse de seus aparelhos e que desejarem ter acesso ao recurso de audiodescrição, entretanto, informações como procedimentos de segurança em situações de emergência só podem ser passados pela AD se houver um trabalho em conjunto com o clube responsável pelo mando de campo da partida, para que ele forneça esses dados.

Na descrição do estádio e de sua ambiência, a AD poderá contemplar também a descrição das placas publicitárias presentes nos estádios, bem como da publicidade que aparece no decorrer do jogo na própria TV. Características físicas de pessoas que são focalizadas nas arquibancadas, bem como de autoridades, também devem ser descritas.

Em relação à elaboração do roteiro, sabemos que esta seria uma transmissão ao vivo, então não existiria uma elaboração de roteiro prévia em relação ao jogo, mas sim em relação às notas introdutórias, bem como deve ser realizada a pesquisa sobre os agentes envolvidos na partida, como já falado anteriormente. A ABNT dá orientações de como deve ser realizada esta construção textual da AD:

No roteiro de audiodescrição deve ser aplicada a regra espaço-temporal, de modo a privilegiar os seguintes elementos: o que, quem, como, onde, quando – não necessariamente nessa ordem – que incluam a descrição da ação, personagens, cenários, gestos, expressões, enquadramento de cena e outros dados plásticos contidos nas imagens (ABNT, 2016, p. 4).

Sendo assim, suponhamos que ocorra uma partida entre Flamengo X Vasco e que seja disponibilizado o recurso de AD. O início do roteiro de AD poderia ter informações como: Flamengo X Vasco se enfrentam no estádio Maracanã, às 16h, hoje, 07 de julho. O Flamengo inicia o jogo atacando pelo lado direito. O time entra em campo com seu uniforme tradicional: camisa de listras horizontais nas cores vermelha e preta. Jogadores

estão de shorts brancos com listras laterais vermelhas e com meiões vermelho e preto. O Vasco inicia a partida atacando pelo lado esquerdo. Os jogadores estão com o uniforme tradicional, com camisa na cor branca e listra transversal na cor preta, shorts brancos com listras laterais pretas e meiões brancos com listras pretas. O estádio aparece em tomada de imagem por cima. Percebe-se que a luz do estádio tem destaque para a cor vermelha, já que o mando de campo é do Flamengo. No primeiro tempo, a torcida do time rubro-negro está do lado do gol onde o Flamengo ataca – a partir da descrição da ambiência, a transmissão pode continuar com informações sobre jogadores e pessoas presentes nas arquibancadas, bem como placas publicitárias.

Em relação à redação, a ABNT também faz outros direcionamentos:

O roteiro da audiodescrição deve ser redigido com coerência, coesão, fluidez, sintaxe objetiva, orações com sentido completo e tempo verbal no presente do indicativo. Devem ser evitados os gerundismos, regionalismos, cacofonias, gírias, redundâncias, vícios de linguagem e palavras com sentido dúbio (ABNT, 2016, p. 5).

Acreditamos que, o futebol ter vocabulário específico e peculiar, pode permitir, durante a transmissão gírias e alguns vícios de linguagem, mas que, na transmissão audiovisual, realmente deve-se evitar os demais pontos abordados na ABNT como: palavras com sentido dúbio, orações sem sentido completo e etc., justamente para a maior compreensão da partida.

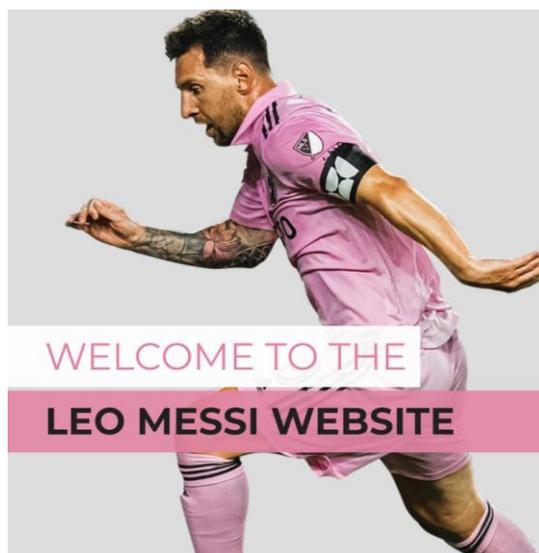
Em relação a gestos, descrição de características físicas e vestuário, vamos ver o que a ABNT orienta:

Aparência física - Na descrição da aparência física de um personagem, é recomendável seguir a sequência: gênero, faixa etária, etnia, cor da pele, estatura, compleição física, olhos, cabelos e demais características marcantes. Vestimenta - Na descrição da vestimenta de um personagem, é recomendável iniciar pelas peças maiores e pela parte superior. A fim de facilitar a localização de um personagem por pessoas com baixa visão, deve ser destacada uma parte da vestimenta, um acessório ou uma cor predominante que sobressaia visualmente. Gestos e maneirismos - Ao narrar uma ação, gesto ou maneirismo de um personagem, é recomendável que sejam utilizados verbos descritivos (ABNT, 2016, p. 6).

Desta forma, podemos audiodescrever o jogador Messi, em foto retirada do site³² do jogador, como exemplo:

Figura 2: Messi

³² Mais informações foram ser retiradas do site [Official website Leo Messi Inter Miami player – messi.com – Web oficial de Lionel Messi, jugador del Futbol Profesional y campeón mundial con la selección Argentina](https://www.messi.com.br/). Acesso em 09 jul. 2024.



Legenda: Messi em atuação pelo time Inter Miami.
Fonte: <https://messi.com/>. Acesso em 09 jul. 2024.

Messi é um homem branco de 37 anos, cabelos pretos e está com um pouco de barba. Ele usa o uniforme de seu clube atual, o Inter Miami. Na imagem, o jogador corre com a bola e está focalizado com o seu corpo de lado, de boca aberta, parece em alta velocidade em um ataque. A blusa do time, o calção e a meia são rosas. A blusa tem listras pretas no ombro, logomarca no peito e escudo na lateral do braço. O meião apresenta listras pretas no topo. Na imagem, podemos observar que o braço direito de Messi está praticamente todo tatuado.

Diante desta descrição, que falada se torna uma audiodescrição, será possível que pessoas cegas e com baixa visão saibam quem é Messi e como seu corpo se apresenta diante da jogada.

A ABNT também dá orientações em relação ao som: “Volume da audiodescrição e do som original - Os volumes da audiodescrição e do áudio original devem estar equalizados de modo que ambos sejam apreendidos e compreendidos” (ABNT, 2016, p. 6).

No caso da descrição de jogos de futebol, dois modelos foram ofertados durante a Copa do Mundo de 2022. Como já relatamos neste trabalho, a TV Globo disponibilizou o recurso por meio da tecla SAP. Quando este recurso é disponível, em alguns momentos não fica tão compreendido o som do narrador e o som do narrador da audiodescrição, pois um sobrepõe ao outro. No caso da Sport TV, que disponibilizou o recurso através do canal 533, a equalização deste som ficou melhor, pois saía o som do narrador da audiodescrição pelo celular e o som da narração do jogo pela televisão. Com essa utilização de dois canais

diferentes ficou bem mais fácil para os ouvintes acompanharem os jogos apesar de ter um *delay* pequeno entre a imagem da televisão e a audiodescrição.

A ABNT tem orientações específicas também em relação a eventos esportivos:

Eventos esportivos

Modos de realização

A audiodescrição de eventos esportivos pode ser realizada: a) ao vivo, no local do evento;

b) ao vivo, de forma remota (não presencial);

c) gravada.

Formas de veiculação

A audiodescrição de eventos esportivos pode ser veiculada:

a) no local do evento, para um público específico;

b) à distância, por rádio, internet e canal de áudio na TV.

Audiodescrição ao vivo

No caso da audiodescrição do evento esportivo ser realizada ao vivo, no próprio local, o audiodescritor deve incluir comentários e narração relacionados ao evento e ao público presente.

Notas introdutórias

Em eventos esportivos, as notas introdutórias devem conter explicações sobre os jargões específicos utilizados naquela modalidade esportiva, sobre a escalação dos árbitros e dos times ou o perfil dos atletas e os uniformes utilizados, bem como os eventos paralelos ou simultâneos que ocorram nesse ambiente.

Informações no decorrer do evento

Durante o evento esportivo, o audiodescritor deve fazer a leitura do placar, das legendas, letreiros, tabelas e demais informações visuais disponibilizadas para o público em geral, manifestações da torcida e intercorrências que ocorram (ABNT, 2016, p. 9).

As orientações relacionadas à audiodescrição de eventos esportivos abrem espaço para que ocorra também este recurso no próprio estádio de futebol. Esse recurso poderia ser disponibilizado através de fones de ouvido durante o evento. Em relação ao recurso à distância, como foi feito durante a Copa do Mundo de 2022, foi utilizado um canal de áudio, no caso da TV Globo e a internet, no caso da Sport TV. Também devemos dizer que a orientação relacionada à inclusão de comentários e de informações relacionadas ao evento e ao público presente são de extrema importância para que as pessoas cegas possam entender a ambiência do espetáculo. Além disso, o fato de a ABNT ter colocado item específico em relação aos jargões da modalidade esportiva, escalações de hábitos de times, perfil de atletas e uniformes etc. corroboram com a ideia já mencionada neste trabalho em relação à importância de o audiodescritor ter o maior número possível de informações relacionadas ao próprio evento e aos jogadores e demais agentes sociais envolvidos neste espetáculo. A audiodescrição do placar, legenda, letreiro, tabelas e diversas informações visuais podem contribuir, inclusive, para que patrocinadores que

sejam ligados à inclusão de pessoas com deficiência queiram participar com suas inserções publicitárias sabendo que este escritor fará também a audiodescrição de suas marcas.

Apesar de detalhar sobre a audiodescrição de eventos esportivos, não há item específico quanto a narração da audiodescrição, somente é relatada de forma genérica: Tom da voz na narração - As narrações devem ter dicção clara e a entonação deve respeitar a dinâmica e o gênero da obra evitando tornar-se monocórdica ou demasiadamente expressiva (ABNT, 2016, p. 11).

No caso da narração da audiodescrição de jogos de futebol, respeitar a entonação, a dinâmica e o gênero não significam que devam ser iguais à narração de futebol da TV, com a mesma cadência e com a mesma animação, já que isso pode prejudicar o entendimento de quem está falando, se é o audiodescritor ou o narrador do jogo. Uma alternativa também interessante seria, no caso de o jogo estar sendo narrado por uma mulher, a audiodescrição ser de um homem e vice-versa.

No livro *Introdução à audiodescrição* (2023), os autores Douglas Pino e Clarissa Bengtson afirmam que as diretrizes da ABNT são oriundas do *Guidance On Standards for Audio Description*. Os autores explicam que essas diretrizes são baseadas em um estudo desenvolvido entre 1992 e 1995 pelo consórcio “European Audetel” (Audio Described Television), mais especificamente por Veronika Hyks, editora executiva da ITV (Independent Television) e citam alguns pontos principais:

- Uso do tempo presente, já que a AD é voltada ao espectador sobre o que está acontecendo num determinado momento. No caso da partida de uma AD, acreditamos que o uso do presente é de extrema importância até para ser mais rápida e assertiva a informação. Ex.: “Neymar toca na bola com a perna esquerda. Ele olha o marcador”.
- Prioridade de informações: é preciso definir as cenas porque elas mudam rapidamente e, sem orientação, a pessoa com deficiência visual perderá o fio narrativo. No caso de um jogo de futebol, o audiodescritor deve ficar atento para as mudanças de câmera e a própria velocidade da partida, para que o espectador não perca informações visuais que sejam importantes.

Os autores abordam ainda, com base no manual, que “É preciso conhecer previamente o conteúdo que será descrito para oferecer pistas visuais que uma pessoa com deficiência visual pode perder (PINO; BENGTSON, 2023, p.37). Como já relatado

neste trabalho, é de extrema importância que seja feita pesquisa que contemple todas as informações possíveis sobre o jogo a ser audiodescrito.

Em relação ao uso de adjetivos e advérbios, os autores ainda destacam, com base no manual:

Descrições adjetivas: O uso de adjetivos descritivos é muito importante na audiodescrição. Escolher bem as palavras para caracterizar algo ou alguma coisa pode melhorar consideravelmente uma cena.

Uso de advérbios: O uso mais eficaz de advérbios é no apoio à descrição de uma ação, todavia devem ser usados com parcimônia (PINO; BENGTON), 2023, p.37.

Este ponto é imperativo para a cobertura esportiva, haja vista que a própria linguagem da narração de futebol é repleta de adjetivos. Desta forma, é importante o audiodescritor fazer o uso dos adjetivos, bem como dos advérbios, mas sempre se atentando para não ser repetitivo em relação aos adjetivos e advérbios já utilizados pelo narrador em relação às cenas e características físicas de pessoas.

Como pudemos perceber, a audiodescrição de jogos de futebol parece ainda engatinhar, pois não existem muitos direcionamentos de como ela deve ser feita. Mas, podemos dizer que o que temos de informação é suficiente para oferecer um recurso de qualidade, faltando realizar adaptações necessárias nas quais a prática irá nos mostrar a melhor maneira de fazer uma audiodescrição de jogos de futebol.

5.2- A audiodescrição como ferramenta para jogos de futebol: casos utilizados no Brasil e no mundo.

Como referência internacional de inclusão de pessoas com deficiência no futebol, temos o RNIB Soccer Sight, um guia escrito para ajudar os clubes de futebol a garantir que seus serviços e instalações sejam acessíveis a pessoas cegas e baixa visão, elaborado pela RNIB (Real Instituto Nacional para os Cegos). O projeto começou após um piloto inicial na Escócia com 12 clubes da Premier League escocesa. De acordo com as informações presentes no próprio site da instituição, a Soccer Sight agora funciona na Inglaterra e País de Gales com 17 clubes: Brighton e Hove Albion, Bristol City, Cardiff City, Swansea City, Doncaster Rovers, Halifax Cidade e Huddersfield Town, Hereford United, Swindon Town, Cidade de Exeter, Plymouth Argyle, Peterborough United, Norwich City, Ipswich Town, Nottingham Forest, Condado de Notts e Watford.

De acordo com o guia do RNIB, os clubes de futebol têm um grande papel a desempenhar para garantir acessibilidade às pessoas com deficiência, quer sejam membros do conselho de administração, funcionários ou ex-jogadores. Dentre as

orientações estão: instigar ou manter consultas com torcedores com deficiência para garantir está atendendo a todas as suas necessidades; comentários dedicados e equipamentos disponíveis para cegos e torcedores com visão parcial; consultar as organizações de deficientes a nível local e nacional para aconselhamento. Ou seja, uma política de inclusão no futebol deve ser contínua e passa pelo trabalho conjunto com as pessoas com deficiência e com a disponibilidade de infraestrutura. Entre os itens que garantam a melhor experiência, o guia aborda o que ele chama de prestação de um serviço de comentários, como sendo a parte mais importante da experiência futebolística para alguém com pouca ou nenhuma visão.

A solução ideal para torcedores cegos e amblíopes, é o fornecimento de "audiodescrição" – um contínuo e ao vivo comentário da ação em campo, fornecido por um comentarista especificamente treinado na descrição de eventos para aqueles incapazes de ver claramente. Isto é transmitido para um receptor de rádio através de um fone de ouvido que pode ser usado em qualquer lugar dentro do estádio. Este significa que os adeptos cegos e amblíopes podem escolher para sentar com seus amigos e familiares, e entre seus próprios clubes apoiadores em vez de em uma área designada apenas para cegos e pessoas com deficiência visual, que é um sistema ainda usado por alguns (RNIB, 14-15)³³.

Como podemos perceber, o guia também aborda a importância das pessoas cegas e com baixa visão interagirem dentro dos estádios. A transmissão da audiodescrição acontece por meio de uma parceria com a Access Audio, que desenvolveu um sistema de transmissão de rádio que permite que as pessoas tenham acesso ao recurso em qualquer lugar do estádio.

No Brasil, tivemos o recurso de audiodescrição acontecendo nos estádios na Copa do Mundo de 2014, segundo explicam Araújo e Costa, no artigo *Audiodescrição de jogos de futebol: um estudo de recepção*:

A Copa do Mundo de Futebol ocorrida no Brasil em 2014, também contou com o serviço de audiodescrição em português. Isto aconteceu devido a uma parceria entre a URECE (Esporte e Cultura para Cegos), organização brasileira sem fins lucrativos, o CAFE e a Federação Internacional de Futebol (FIFA), por meio do Comitê Organizador Local (COL). Ao contrário da UEFA 2012, apenas quatro estádios receberam jogos com audiodescrição: Mineirão (Belo Horizonte),

³³ O texto original é The ideal solution for blind and partially sighted supporters, is the provision of "audio-description" – a continuous and live commentary of the on-pitch action, provided by a commentator specifically trained in describing events for those unable to see them clearly. This is transmitted to a radio receiver through a headset which can be used anywhere within the stadium. This means that the blind and partially sighted supporters can choose to sit with their friends and family, and among their own club's supporters rather than in a designated area only for blind and partially sighted people, which is a system still used by some clubs. It also allows blind and partially sighted supporters from visiting teams to use the equipment.

Estádio Nacional Mané Garrincha (Brasília), Maracanã (Rio de Janeiro) e Arena Corinthians (São Paulo). Também foram selecionados 16 voluntários, quatro voluntários para cada estádio, com somente dois voluntários para cada partida, os quais receberam o mesmo treinamento dos poloneses e ucranianos e com o mesmo instrutor (ARAÚJO; COSTA, 2019, p. 30).

O treinamento ser realizado por poloneses e ucranianos ocorre devido à experiência destes profissionais. Ainda segundo os autores, durante a Euro 2012, que aconteceu na Polônia e na Ucrânia, 31 jogos tinham o recurso de AD e, em cada partida foram distribuídos entre 50 e 60 fones de ouvido para que pessoas com deficiência visual pudessem acompanhar.

Vale informar que o artigo de Araújo e Costa foi o único encontrado sobre audiodescrição em jogos de futebol. Trata-se de uma pesquisa de recepção com pessoas com deficiência visual, realizado no estádio Arena Castelão (Fortaleza), em 22 de novembro de 2014, em jogo entre Ceará e Portuguesa. A pesquisa contou com sete participantes, seis homens e uma mulher, com idade entre vinte e seis e sessenta anos, escolaridade variando de Ensino Médio incompleto a Ensino Superior Completo, deficiência visual total de nascença, fãs de futebol, e usuários de audiodescrição. Os autores explicam como foi desenvolvida parte da metodologia no artigo:

No primeiro tempo do jogo, três participantes ouviram a locução/narração da audiodescrição e do rádio. Os outros quatro, apenas a audiodescrição. No intervalo da partida, essa situação foi invertida. Tal procedimento teve como objetivo possibilitar que todos os participantes pudessem avaliar os dois tipos de locuções/narrações para descobrirmos qual delas seria a mais eficaz para uma PcDV acompanhar uma partida de futebol (ARAÚJO; COSTA, 2019, p. 33).

Dentre os resultados do trabalho está o fato de alguns entrevistados fazerem críticas em relação à falta de detalhes presentes na audiodescrição, como em referências de vestimentas dos jogadores e da torcida. Também foi comentado pelos entrevistados em relação à expressividade do audiodescritor, que eles julgam ser importante em uma partida de futebol. Diante disso, os autores afirmam que, embora não tenham sido produzidos ainda padrões sistemáticos para a formação de locutores e narradores em audiodescrição de futebol, como já aconteceu com a audiodescrição de filmes, a pesquisa traz subsídios que caracterizam a modalidade da AD, no que diz respeito ao tipo de informação e locução. Os dados, ainda segundo os autores, confirmam que o tipo de treinamento dado pelo CAFE e pela FIFA para audiodescrição em torneios como a UEFA e a Copa do Mundo estão no caminho certo quanto ao estilo de narração e locução a ser

usado. O treinamento visa principalmente que audiodescritores adotem o mesmo estilo de narração e locução de locutores esportivos, acrescido de detalhes que normalmente não aparecem nesse tipo de locução e que são familiares à audiodescrição. Dessa forma, a AD, além de audiodescrever as jogadas, também favorece a descrição de uniformes, de comportamento de torcida, a maneira como os jogadores comemoram gols, dentre outros detalhes, conforme explicam os autores.

Ainda em relação à transmissão de jogos com audiodescrição, devemos nos lembrar que houve um marco com a disponibilização do recurso durante a Copa do Mundo Masculina, em 2022: cerimônias de abertura e encerramento e jogos puderam ser ouvidos em audiodescrição, na TV Globo. Já a operadora de TV paga Claro disponibilizou o canal 533, onde foi possível ouvir a audiodescrição, bem como ter acesso ao recurso de Libras. Na TV Globo, a transmissão foi possível por meio da tecla SAP e, em muitas vezes, o áudio da narração de Galvão Bueno e o áudio do audiodescritor ficaram sobrepostos – afinal, com o uso da tecla SAP dois canais de áudio ficam ativos, um com a audiodescrição e outro com a narração tradicional do jogo. Já durante a transmissão da Sportv, disponível no canal 533, as pessoas puderam, por meio de um QR code, posicionar o celular e ter acesso à audiodescrição por meio do celular, enquanto o áudio da televisão tinha a narração tradicional, feita por Milton Leite. De maneira geral, os entrevistados deste trabalho disseram que é mais interessante a transmissão como ocorreu na Sportv, pois eles podem continuar no mesmo ambiente dos familiares e amigos, acompanhando a AD pelo celular, com um fone de ouvido – como ocorre com a TV Globo, todos têm acesso à audiodescrição, o que incomoda a alguns videntes.

Diga-se de passagem, a Copa do Mundo costuma ser uma oportunidade para que países sedes tenham maior contato com a acessibilidade. Em entrevista para a Agência de Notícias Brasil – Árabe (ANBA), Josélia Neves, professora moçambicana, que trabalhou na Hamad Bin Khalifa University do Catar (país sede da Copa de 2022), disse que a Copa impulsionou o investimento para tornar locais e eventos mais acessíveis.

Isto não quer dizer que o Catar seja um país acessível. Diria sim, que nunca como agora se falou tanto no assunto e se fizeram progressos tão visíveis e significativos. Acreditamos, nós que trabalhamos na área há muito tempo, que estamos vivendo uma virada muito importante no domínio da inclusão e acessibilidade no Catar e, por consequência, no mundo árabe. E quem sabe, com repercussões a nível global, pois a

dimensão do megaevento permite este efeito borboleta (NEVES, em entrevista à Thais Sousa, 16 out. 2022³⁴).

A fala de Josélia Neves corrobora com os efeitos da Copa do Catar no próprio Brasil. Infelizmente, a cobertura dos principais campeonatos do país, como Copa do Brasil e Campeonato Brasileiro não têm o recurso de audiodescrição, mas os efeitos deste serviço ter sido disponibilizado durante a Copa reverberou no Campeonato Paulista. Dentre as partidas com o recurso disponível e disponibilizado pelo Youtube, estiveram São Paulo X Corinthians, Palmeiras X Santos e os jogos das quartas de final, semifinais e final³⁵.

Infelizmente, a iniciativa não teve continuidade no ano de 2024 e, quando colocamos no Google “audiodescrição jogos de futebol” não encontramos mais nenhuma iniciativa que tenha ocorrido no Brasil.

5.3- Realização de audiodescrição no jogo Brasil X Coreia, de acordo com os entrevistados.

É consenso entre os entrevistados que é de extrema importância que o audiodescritor entenda sobre futebol, o que é uma premissa já comentada neste trabalho. Sabemos que a narração de futebol apresenta linguajar próprio e que, muitas das vezes, o narrador utiliza de vocabulário que nem todos vão conseguir entender. Se pensarmos que tendo a audiodescrição num jogo possibilitará novos telespectadores, precisamos nos atentar para que o audiodescritor faça a explicação de gestos e de jogadas que acontecem em campo de maneira que utilize um vocabulário que seja claro a todos, ou seja, não utilizando somente um vocabulário específico do esporte. Vale ainda lembrar que a audiodescrição não irá atrair somente pessoas com deficiência visual, mas também idosos e pessoas com deficiência intelectual.

Quando iniciamos este trabalho, propor audiodescrição em jogos de futebol na TV era algo até então inédito. Como em 2022, durante a Copa do Mundo, houve a disponibilização deste recurso, optamos por gravar parte da audiodescrição durante o jogo Brasil e Coreia e solicitamos que alguns dos nossos entrevistados fizessem a análise.

A audiodescrição começou no início da transmissão e separamos o momento de execução do hino nacional:

³⁴ A entrevista completa pode ser lida no site [Como a Copa está fazendo o Catar investir em acessibilidade - Agência de Notícias Brasil-Árabe \(anba.com.br\)](https://anba.com.br). Acesso 8 jul. 2024.

³⁵ Mais informações podem ser vistas em [YouTube vai inaugurar audiodescrição em jogos do Paulistão 2023 - TecMundo](https://www.youtube.com/watch?v=...)

Rafinha, Vini Júnior e Richarlison (toca o hino nacional por aproximadamente 30 segundos sem sobreposição de som). Na arquibancada a torcida canta o hino, um homem de rosto pingado com as coisas do Brasil canta de olhos fechados. A frente dos jogadores há dois cadeirantes atrás do letreiro branco da FIFA. Tiago Silva canta o hino com a mão sobre o peito. Na arquibancada uma mulher loira canta o hino do Brasil. A criança também canta o hino com a mão no peito (toca o hino por cerca de 10 segundos em sobreposição). O banco de reservas canta também o hino nacional. Neymar se agacha mexendo as pernas. A frente dele há um menino que sorri (SPORTV, 5 dez, 2022).

Miguel acredita que, durante a execução do hino não é o momento de fazer audiodescrição:

Tem que tomar cuidado pra não sobrepor o hino, talvez se ela falasse no começo, “jogadores se preparam para cantar o hino” e falar ali o posicionamento de cada um. Interessante fazer a audiodescrição do ambiente, mas é importante tomar cuidado na hora do hino, para não sobrepor muito o hino nacional. Quando abre a jornada e eles estão entrando em campo, é o melhor momento de dar informações da ambiência.

Então assim, eu acho que ela poderia ter falado, mesmo que ela pegasse o comecinho do hino: “Jogadores se posicionam para o hino nacional”. Sei lá, falar Tiago Silva com a mão no peito e Neymar se abaixa. Você já vai entender que os outros jogadores estão ali na posição de cantar o hino, por exemplo. Ninguém vai estar fazendo dancinha (MIGUEL, entrevista à Carol Fontenelle, online, 30 dez. 2022).

A proposta de não sobrepor ao hino é uma crítica pessoal, mas que faz sentido devido à importância do hino nacional. Em relação à ambiência, o entrevistado também fez uma crítica quando a audiodescritora diz que uma bandeira de Neymar foi exposta na arquibancada e, logo em seguida, corrige para “uma bandeira de Pelé”.

Aí, eu acho que talvez, assim, precisa ver se estava... teve um jogo que foi programado antes que com tantos minutos lá ia estar... eles iam colocar uma bandeira do Pelé, né? Com dez minutos, ia colocar uma bandeira do Pelé. Então, assim é que é muita coisa pra pessoa se ater, mas você confundir o Pelé que o Neymar, companheiro. É duro hein? Mas aí eu acho também que isso aí, apesar da audiodescritora ter falado errado, mas era uma coisa a mais que o consultor tinha que ter visto isso antes. Larissa, com dez minutos de jogo vai ter a bandeira do Pelé. Eles vão hastear uma bandeira em homenagem ao Pelé. Tipo, isso aí não é um trabalho só do audiodescritor. O cego que está validando essa aula de audiodescrição, no caso aí o Alexandre que trabalhou nessa Copa do Mundo, ele deveria também ter se atido a esse fato. O consultor pode estar no jogo e não somente no pré-jogo (MIGUEL, entrevista à Carol Fontenelle, online, 30 dez. 2022).

Jonathan também comenta da importância de se saber que era a bandeira de Pelé: “isso é importantíssimo, porque é a homenagem a um cara que tem uma história. Ele é um ícone no futebol. Foi eleito atleta do século e essa homenagem vai passar despercebida? É crueldade. Então é bacana essa importância, a importância dessa audiodescrição” (JONATHAN, entrevista à Carol Fontenelle, online, 8 fev. 2023).

Pedimos para que fosse feita também a análise da audiodescrição na ocasião do gol de Neymar:

Neymar faz gol rasteiro do lado direito. Os jogadores do Brasil comemoram pulando em volta de Neymar. Eles pulam mexendo os braços e Neymar também. Casemiro se aproxima pra fazer festa junto com os outros jogadores. Marquinhos puxa o cabelo de Neymar. Neymar fez sete gols em... (SPORTV, 5 dez. 2022).

Nesse momento, a audiodescritora começa a ler na tela quantos gols Neymar fez em jogos. Sendo que ela começa a ficar confusa e gagueja. E isso atrapalha um pouco o entendimento e a análise realizada pelo entrevistado Miguel e ele mesmo aponta o ocorrido:

Teve uma hora aí, que eu não sei se é por causa do celular ou se a audiodescrição mesmo, deu um pouco de eco, ficou difícil de entender. Teve uma hora que ela fala assim: ‘Neymar fez sete gols em...’ tipo, parecia que ela estava lendo assim, deu uma pausa, deu uns dois segundos de pausa. Ficou aquele buraco assim, uns dois segundos assim, ficou estranho. Ela poderia ter trazido essa informação depois. Se ela não tinha tanta segurança no que ela ia falar, ela poderia ter voltado isso depois e ter falado, “oh Neymar, nessa Copa do Mundo fez sete gols em seis jogos, por exemplo, três jogos, quatro jogos”, aí ela colocava a informação correta, mas não assim, “ah Neymar foi sete gols em... em...” Tipo vamos ver onde é que está aqui, né? Ficou assim... e teve uma hora que deu eco, ficou estranho ficou difícil entender o que ela estava falando (MIGUEL, entrevista à Carol Fontenelle, online, 30 dez. 2022).

Quando perguntado sobre o que acha da disponibilização da informação “número de gols em jogos”, o entrevistado Leone considera que ela é irrelevante para estar na audiodescrição e que o próprio narrador poderia passar esse dado. “O problema do narrador, é que às vezes fala de coisas aleatórias e aí a tela fica de lado, né? Ele, então acaba não repassando pro cidadão, como um todo, as informações que estão na tela. (LEONE, entrevista à Carol Fontenelle, online, 9 jan. 2023).

Apesar de considerar importante a descrição da comemoração do gol, Leone acredita que poucas pessoas vão prestar atenção neste momento por estarem comemorando:

Beleza, o Neymar marcou o gol lá de rasteira, comemorou com o público, só que enquanto torcedor, na hora que sair o gol, eu tenho certeza que você pode até ter prestado atenção no que eu vou falar, mas acho que na hora você não prestou atenção nisso, a não ser que você realmente como pesquisadora está muito concentrada, mas como torcedor você ia gritar, “meu Deus gol do Brasil”, pular na janela lá, soltar os foguetes e tudo, os fogos e depois que você ia voltar, rebobinar como a gente dizia antigamente né, vamos retroceder aqui e verificar como é que foi essa audiodescrição, mas na hora é muito complicado, eu quero é comemorar, não quero saber como foi (LEONE, entrevista à Carol Fontenelle, online, 9 jan. 2023).

A opinião de Leone em relação à audiodescrição não quer dizer que ela não deve ser realizada durante à comemoração de um gol, mas sim que ele prefere que não ocorra. Da mesma maneira que ele talvez não preste atenção por estar comemorando, uma outra pessoa queira primeiro entender como foi o lance do gol para depois comemorar.

Como já citamos neste trabalho, o ideal é que a audiodescrição aconteça em momentos de pausa, no caso do futebol, nos poucos momentos em que não há narradores e comentaristas falando. Foi consenso entre os entrevistados que não há problema, no caso da transmissão de jogos, da voz do audiodescritor sobrepor a voz do narrador. Como a transmissão aconteceu com dois canais de voz: Milton Leite pela televisão e a audiodescritora pelo celular, o próprio usuário pode escolher o volume do som que quer deixar mais proeminente, sendo que a própria transmissão, em alguns momentos fazia com que a voz da narradora aparecesse mais, como podemos ver a seguir:

Milton Leite está narrando e a voz da audiodescritora fica mais proeminente com a informação: “Casemiro dá um chute de longe. Ele chuta da meia-lua”. Em seguida, a voz de Milton Leite fica mais proeminente: “Amanhã, você vai ter a sequência da Copa do Mundo, último dia das oitavas de final, hein? Meio-dia tem Marrocos e Espanha. Na sequência, coladinho, Portugal e Suíça”.

Em seguida, a audiodescritora:

O goleiro da Coreia, gesticula. Dois zagueiros da Coreia esperam o passe do goleiro. De perto, Son, Ele ajeita o cabelo. O goleiro coreano vai chutar a bola pra frente... (SPORTV, 5 dez. 2022).

A importância da gesticulação dos jogadores, bem como a sobreposição dos sons foram apontados por Leone:

É importante essa questão da gesticulação, né? Eu até brinco muito aqui que em palestras, que eu assisto, alguns audiodescritores, “ah porque ele colocou a mão no bolso”, “ele coçou a cabeça”, pô, na palestra, isso não é relevante, eu quero prestar atenção na palestra que está sendo desenvolvida. Agora, na questão do campo, a gesticulação do goleiro,

ela é importante, porque pode ser um sinal que ele esteja dando pro zagueiro: “olha, vou, vou te passar a bola aqui”. Então fica atento, vou passar pro outro lado, é um código, que é importante que eu saiba disso. Agora, na narração, olha o que aconteceu, o Milton Leite estava narrando o ataque e aí a audiodescritor: “Casemiro chutou de longe”. Eu não sei se isso é papel dela porque eu acho que o narrador poderia dizer isso. Casemiro pegou de longe né? E é um problema porque ela fala quase que por cima do narrador, essa é minha questão que as vezes o audiodescritor fala por cima da narração ou por cima de uma fala de uma personagem no filme e ele acaba, ao invés de contribuir, atrapalhando, você não prestou atenção até mesmo o que está sendo dito pela narração (LEONE, entrevista à Carol Fontenelle, online, 9 jan. 2023).

Já o entrevistado Fábio enalteceu a importância da audiodescrição, durante o mesmo trecho: “Ficou muito boa a audiodescrição, porque é exatamente isso. Enquanto o narrador falava do jogo do Marrocos, a audiodescritora descrevia o goleiro que estava com a bola e estava gesticulando e estava para lançar a bola (FÁBIO, entrevista à Carol Fontenelle, online, 29 dez. 2022).

Em outro momento da transmissão, podemos também perceber a alternância das falas e a audiodescritora falando sobre gestos que acontecem em campo:

Milton Leite
Prorrogação dos pênaltis sobre empate... Hoje tivemos os ... (som de Milton fica mais baixo).
Audiodescritora: trinta e quatro minutos e dezesseis segundos de jogo... Casemiro reclama da falta. No replay, o lance da falta de Casemiro. O goleiro já tinha a bola dominada quando o jogador brasileiro dá um chute na canela dele” (SPORTV, 5 dez. 2022).

O entrevistado Rodrigo enalteceu também a cadência da narração da audiodescritora, pois, segundo ele, a narração é animada e isto é importante em um jogo de futebol. “Eu gostei porque ela puxou essa energia pra cima. Não fica com aquele negócio neutro. Aquela energia, aquela alegria pra cima, narra aquele momento com alegria, não com tristeza” (RODRIGO, entrevista à Carol Fontenelle, 5 jan. 2023).

A questão da cadência também foi apontada pelo entrevistado Ricardo, sendo importante a “animação”, mas não ao ponto de a narração da audiodescrição ser muito parecida com a narração do narrador do jogo. Para ele, o audiodescritor deve seguir a mesma tendência de narração do audiodescritor de um filme, justamente para não ser confundida a narração do narrador do jogo com a do audiodescritor. Além disso, segundo Ricardo, é importante entender que o que o audiodescritor está passando é a parte mais

crítica do jogo e, com muita emoção, irá atrapalhar na concentração para o entendimento das informações.

A questão do *delay* também foi apontada pelos entrevistados, em relação ao entendimento da partida. No caso da transmissão da Sportv, o som da tv tinha *delay* quando comparado a audiodescrição que estava no celular. Este momento do *delay* foi percebido por um dos entrevistados no trecho a seguir, onde a voz da audiodescritora estava mais proeminente:

Audiodescritora

A Coreia limpa o lance e encara, um dos jogadores, número onze, parte pro meio, ele tenta o passe em profundidade.

O jogador brasileiro intercepta e ele chuta para o gol. Alisson faz uma ponte de mão trocada. Ele dá um toque na bola e sai para escanteio. A bola ia no ângulo e o goleiro brasileiro toca com a ponta dos dedos. No replay, o lance (SPORTV, 5 dez. 2022).

Em alguns momentos, a audiodescritora parece procurar palavras para pronunciar e isto foi percebido pelo nosso entrevistado também.

Eu percebi ali na hora que a pessoa gaguejou um pouquinho, porque eles não tinham a palavra, sabe? Tipo assim, ele diz, ah ele queria pensar numa palavra pra falar e aí dava um silêncio um pouquinho também, não só pelo *delay*, mas por causa das pessoas tentarem achar a palavra certa pra fazer a audiodescrição, porque isso vai ter, como é ao vivo, né? Não tem jeito. Vai ter essa perda, que é normal. Na minha percepção é normal acontecer. O que tu não pode corrigir, por exemplo, tu está fazendo um roteiro de um teatro, por exemplo, tu vê a cena, diz, ah vamos mudar aqui a palavra, reescrever. Aí na hora que vai aparecer o espetáculo, a pessoa que está narrando só lê e está tudo certo. Não vai ter *delay*. Mas ali vai ter o segundo momento. Ou você narra ou você descreve ou não descreve. Por mais que eles treinam tem alguns gestos que não vão estar no script que ela fez ali, né? Pra poder narrar, fazer a audiodescrição. Ela vai ter que improvisar na hora. E aí por isso que vai dar uma pausa um pouco maior (RICARDO, entrevista à Carol Fontenelle, online, 9 jan. 2023).

O entrevistado Otávio pontuou também, neste lance, que o vocabulário “de mão trocada” poderia ter sido mais detalhado:

Por exemplo, o jogador da Coreia chuta e ela descreve que o goleiro brasileiro Alisson faz uma bela defesa de mão trocada. Legal, foi no ângulo a bola e de mão trocada, Alisson defendeu. Eu sou um cara que eu gosto de futebol, vivi futebol, joguei muito futebol quando enxergava, mas a audiodescrição ela é feita para pessoas com deficiência visual, claro que gostam de futebol, para pessoas com deficiência visual no geral, e para pessoas também que têm o interesse em conhecer o produto e que, de repente, não têm o conhecimento a

fundo do futebol. O que é uma defesa de mão trocada? Então, acho que aí poderia ter uma audiodescrição de como essa defesa de mão trocada é (OTÁVIO, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 14 fev. 2023).

Questionamos Ricardo em relação às informações extras que a audiodescritora deu no lance do goleiro Alisson, ele elogiou, pois foi capaz, com as informações, entender a jogada com mais detalhes. Ricardo disse que é muito importante que o audiodescritor entenda de futebol para que ele possa utilizar o mesmo linguajar tão comum ao esporte. “Você precisa conhecer sobre o que está fazendo, quanto mais imergir, melhor” (RICARDO, entrevista à Carol Fontenelle, online, 9 jan. 2023).

José, que trabalha com consultoria de audiodescrição, disse que é de extrema importância que, quem não conhece profundamente as regras do futebol, estude - a dica vale tanto para o audiodescritor quanto para o consultor da audiodescrição. Ele aproveitou para fazer uma analogia:

Eu vou fazer uma comparação meio boba, mas é que me veio na cabeça agora. Imagina se alguém me coloca e, eu como tenho baixa visão, ficando perto da tela, eu vou enxergar. Se alguém me coloca pra audiodescrever um desses muitos programas de culinária que têm na TV. Eu corro sério risco de, na hora que a pessoa pegar a couve, eu pensar que é beralha. Ou na hora que pega sei lá, o talharim, eu pensar que é espaguete, porque eu não sou, estou longe de ser um entendedor de arte culinária. (...)

A pessoa que vai audiodescrever futebol, ela tem que entender de audiodescrição. Ela tem que ter um domínio amplo do vocabulário da língua portuguesa, e ela tem que também entender daquele tipo de produto cultural ou de entretenimento que ela está relatando. No Teatro Municipal de São Paulo, por exemplo, existe audiodescrição. A Pelé da coisa no Brasil se chama Lívia Mota, imagina se a Lívia colocasse no time alguém que não entende nada de ópera, porque ópera tem suas lógicas, né? O jogo de futebol é uma obra aberta. Como diria o grande Humberto Eco, né? Humberto Eco falava de obra aberta, então o futebol é uma obra aberta. Você tem tendências que você imagina do jogo, você tem suposições do que pode acontecer. Futebol é muito... o basquetebol também é uma obra aberta, mas o futebol é muito mais obra aberta do que basquetebol, porque no basquete dificilmente o favorito perde. No futebol, favoritos perdem várias vezes (JOSÉ, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 26 jan. 2023).

O entrevistado Thiago, que acompanhou jogos da Copa do Mundo de 2022, pela TV Globo, com o recurso de audiodescrição, aponta também que é importante que a audiodescritora relate não o que ela está escutando e sim o que está vendo, pois ela está ali para ver o movimento do corpo.

Porque, olha só, o Messi quando vai bater o pênalti, ele se concentra, foca, olha pro goleiro, depois tira, desvia o olhar do goleiro. As outras

pessoas estão vendo isso acontecer, e eu não tô. Isso para mim é importante. Quando que eu vou poder falar assim: “ih, rapaz, ele tá nervoso”. Só dela me trazer essa informação, eu sei se ele tá nervoso ou não. “Paralisado e não olha pro goleiro” já me trouxe um ponto para eu poder opinar. Agora a pessoa que não tem essa informação não pode opinar. Quer ver outra coisa? Gol do jogador da Holanda, e ele não comemora, como ele é camaronês. Se eu não tenho a audiodescrição, ia pensar que o gol era contra. Ele fez o gol no time de Camarões, porque ele joga como centroavante na Holanda. Mas a mulher da audiodescrição acabou fazendo a audiodescrição pra mim e dizendo de onde era, era negro, papapá papapá. Tudo que aconteceu ali me ajudou, foi um complemento (THIAGO, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 20 jan. 2023).

Ricardo também teve a experiência de acompanhar jogos com audiodescrição pela TV aberta e nos falou sobre sua experiência após ouvir parte da audiodescrição:

Atrás do gol de Alisson está a torcida brasileira. A Coreia já cobra o escanteio rapidamente. Alisson abre os braços e dá um grito nos jogadores brasileiros. No replay, o lance do número onze. Jogador coreano dá um chute que passa. No replay, o lance onde Alisson faz a defesa. A defesa foi feita com uma das mãos. O Brasil segue tocando a bola no campo de defesa. A Coreia aperta a marcação (SPORTV, 5 dez. 2022).

Ricardo apontou que o trabalho foi feito diferente da TV aberta. O entrevistado acredita que o fato da audiodescrição da SportTV ter um canal exclusivo para o som possa ter oportunizado riqueza maior de informações.

Eu acho bastante interessante que ela procura apontar detalhes, tanto do jogador que está na ação e tenta passar informações também dos demais, eu achei bastante interessante. Essa percepção, eu não tive do narrador que me fez pra mim na aberta. Pode ser porque está num canal exclusivo pra ela. Como é um canal exclusivo pra ela fazer a narração, então ela se preocupa com o que ele está falando, porque ela sabe que quem está escutando ela quer saber detalhes do jogo e não do que o cara está contando. Na tv aberta é como se fosse falasse ao mesmo tempo comigo. Então, por exemplo, na hora que ia acontecer alguma coisa mais séria e mesmo assim o narrador estava ainda falando coisas não tão importantes, o audiodescritor até sobrepunha, começava a falar, né? Pra tentar aproveitar essa questão do lance, pro lance não ficar perdido, mas na maioria das vezes ele não falava não. Então, com o canal exclusivo é melhor realmente. É uma outra experiência (RICARDO, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 10 jan. 2023).

O entrevistado Jonathan também disse que assistiu aos jogos da Copa do Mundo, com o recurso de audiodescrição, mas pela Sportv. Segundo ele, é muito importante o comprometimento da empresa com as pessoas como ele, para que elas sejam, de fato, incluídas, nem que seja com informações simples como detalhes da cor do uniforme. “A

parceria com audiodescrição tira toda a responsabilidade da imagem, já que muita coisa foi dita e trazer peculiaridades para o discurso. Isso vem numa parceria, com a experiência e é um trabalho conjunto de narrador, comentarista e audiodescritor” (JONATHAN, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 8 fev. 2023).

Quando foi perguntado se considera importante descrever as características físicas dos jogadores, Jonathan comentou que são informações interessantes:

Agora estão descolorindo o cabelo. Isso é muito legal. Mais uma informação que eu não tinha, então sabia que tem gente que usa uma chuteira rosa? Então, o uniforme? Flamengo está de preto e vermelho, tem agora o uniforme rosa, que usa pra não sei para o quê. Eu acho importante, pra atender todo mundo, o cara fica lá um tempão descrevendo a beleza física. Eu me lembro da minha época que fazia o maior sucesso era o goleiro Leão, tinha mó pernã, todo mundo ficava encantado, os uniformes era short, tudo apertadinho. A moda era diferente, né? Então tudo isso é importante, a sobrançelha, corte de cabelo, pra mim não muda em nada. Eu sou um senhor de 60 anos de idade, mas eu sei que pra muita gente sabe, vai se sentir dentro do jogo sabendo o que está acontecendo (JONATHAN, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 8 fev. 2023).

Thiago também falou sobre a importância de saber características físicas, bem como sobre a ambiência do jogo.

Características do cara, a forma que ele entrou na pessoa, falta, a posição onde ele está. É, pela ponta direita, na lateral, vindo pela ponta direita, no canto superior esquerdo da área, o goleiro tal, tal, isso é importante. Não pode faltar. O que mais? Cor da roupa. Tudo que tá acontecendo é importante (THIAGO, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 20 jan. 2023).

Em relação às críticas, o entrevistado Otávio apontou que, em alguns momentos, algumas informações que a audiodescritora passava eram informações que o próprio narrador também passava e que ele gostaria que a audiodescrição tivesse mais detalhes, inclusive relacionados ao corpo das pessoas.

Falam do Neymar, que é cai cai, tudo que ele reclama então poderia ter aquela audiodescrição do Neymar gesticulando quando caiu, algo assim. Então, acho que faltou mais riqueza de detalhes nesse sentido. Eu achei legal a pegada, mas faltou descrever alguns lances e muitas inserções e muita narração estava muito parecida, mas com narração do que com audiodescrição. Talvez menos inserções, focar mais nos detalhes que passam despercebidos pela narração. Aí eu acho que seria o foco legal mesmo (OTÁVIO, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 14 fev. 2023).

Relação à riqueza de detalhes, Fábio deu uma sugestão referente às características físicas dos jogadores. Para ele, seria interessante disponibilizar, antes do jogo, a audiodescrição dos jogadores e até de demais pessoas que fazem parte da transmissão.

5.4- Proposta de narração e audiodescrição para os entrevistados.

Como vimos, o audiodescritor necessita saber informações prévias sobre o jogo, Diante disso, a ficha técnica da partida³⁶ é um dos pontos principais que, neste caso, faz parte das notas introdutórias ou notas proêmias:

Copa do Mundo

Oitavas de final – 05/12/2022

Brasil X Coreia do Sul

Brasil: Alisson (Weverton); Éder Militão (Daniel Alves), Marquinhos, Thiago Silva e Danilo (Bremer); Casemiro e Lucas Paquetá; Raphinha, Richarlison, Neymar (Rodrygo) e Vini Júnior (Gabriel Martinelli). Técnico: Tite.

Coreia do Sul: Kim Seung-Gyu, Kim Moon-Hwan, Kim Min-Jae, Kim Young-Gwon e Kim Jin-Su (Hong Chul); Hwang In-Beom (Paik Seung-Ho) e Jung Woo-Young (Son Jun-Ho); Lee Jae-Sung (Lee Kang-In), Hwang Hee-Chan, Cho Gue-Sung (Hwang Ui-Jo) e Son Heung-Min; Técnico: Paulo Bento.

Local: Estádio 974 (Doha, Catar).

Árbitro: Clement Turpin (FRA).

Assistentes: Nicolas Dano (FRA) e Cyril Gringore (FRA).

VAR: Jerome Brisard (FRA).

Além disso, como já vimos, é importante que ele esteja familiarizado com o esporte, saiba seus jargões e vocabulário, já que o narrador da partida fará uso dele. Também podemos acrescentar a importância de se estudar estatisticamente o desempenho de jogadores e dos times. O audiodescritor, assim, realiza um papel bem parecido com os dos repórteres e narradores da partida. Ou seja, ele é parte integrante da equipe de cobertura e, como tal, precisa ter o nível de informação o mais próximo possível destes profissionais.

³⁶ Retirada do site [Brasil x Coreia do Sul: Resultado, ficha técnica e fotos | Copa do Mundo \(umdoisesportes.com.br\)](https://umdoisesportes.com.br). Acesso em 9 de julho de 2024.

Assim sendo, percebemos que ver vai muito além do que nós, videntes, imaginamos que seja. Como vimos neste trabalho, a percepção ocular é importante, mas temos demais sentidos. No caso, por exemplo, de assistir a um jogo de futebol pela TV, pode ser que o telespectador ouça a bola ou barulhos vindos da torcida e estas informações tenham significado para ele, ou ainda que ele fique buscando significados que só surgirão por meio da audiodescrição ou da narração do narrador dando alguma nova informação. Informação esta que pode ser sobre cores, por exemplo e que não devemos achar que pessoas com cegueira congênita não se importariam com esta informação afinal:

“(…) enquanto organismos, buscamos formas de nos adaptarmos ao meio, atribuindo valores aos objetos, às ações e aos processos comunicativos. Conforme construímos novos significados, nos auto-organizamos na nossa relação com o ambiente a partir do repertório que já possuímos sobre ele (MAYER, 2018, p, 120).

Vamos usar como exemplo o “estádio de futebol”. Ele tem características, valores e até sentimentos de pertencimento para as pessoas. Diante disso, nas informações pré-jogo, também será importante abordar sobre o estádio, suas características, cores, formato etc. No caso do jogo contra a Coreia, a partida aconteceu no estádio 974. Ele é o único à beira-mar com vista do horizonte de Doha. Foi construído com containers e elementos modulares de aço para que refletisse a proximidade com o porto e com o histórico industrial do terreno. O estádio é diferente e sua concepção modular requer menos materiais do que a construção de um estádio tradicional, o que ajudou a reduzir custos da obra. Diante disso, telespectadores podem auto-organizar seus pensamentos do que é um estádio, ou seja, quais são as novas possibilidades. Sugerimos então que os audiodescriptores busquem imagens e vídeos sobre os estádios a fim de estudarem e se prepararem, no caso de as imagens focalizarem alguma característica do mesmo durante a transmissão. No caso dos estádios da Copa do Mundo, estas informações podem ser vistas, inclusive, no site da Fifa. Para o estádio 974, por exemplo, buscamos informações no link: [Estádio 974 \(fifa.com\)](https://www.fifa.com/pt/articles/estadio-974)³⁷.

Durante nossa pesquisa, entrevistados falaram da importância de saber a audiodescrição de jogadores e sugeriram, inclusive, que esta informação estivesse disposta, de forma separada, por algum link ou *QR code* que eles pudessem acessar antes da partida, fazendo assim a audiodescrição também parte do pré-jogo.

³⁷ Mais informações podem ser vistas em <https://www.fifa.com/pt/articles/estadio-974>. Acesso em 10 jul. 2024.

Desta forma, iremos agora dar sugestões de audiodescrição de alguns jogadores da Seleção Brasileira:

Figura 5: Alisson



Legenda: Goleiro Alisson grita com companheiros na partida Brasil X Coreia, pela Copa do Mundo 2022. Fonte: R7. Disponível em [Brasil X Coreia do Sul: veja as melhores fotos do jogo da Copa – R7 Esportes](https://esportes.r7.com/futebol/copa-do-mundo/fotos/brasil-x-coreia-do-sul-veja-as-melhores-fotos-do-jogo-da-copa-05122022). Acesso em 10 jul. 2024.

Audiodescrição: O goleiro Alisson é um homem branco, forte, de cabelos castanhos ondulados e barba rala. Tem olhos verdes, 31 anos e 1,74 de altura.

Figura 6: Richarlison



Legenda: Richarlison, no jogo Brasil X Coreia, pela Copa do Mundo 2022. Fonte: R7. Disponível em <https://esportes.r7.com/futebol/copa-do-mundo/fotos/brasil-x-coreia-do-sul-veja-as-melhores-fotos-do-jogo-da-copa-05122022>. Acesso em 10 jul. 2024.

Audiodescrição: Richarlison é um homem negro de pele clara, magro, cabelos crespos descoloridos e olhos pretos. Tem 27 anos e 1,85 de altura.

Em relação às ações ocorridas durante o jogo, solicitamos que Filipe Mostaro, professor da Uerj e coordenador do Audiolab UERJ, narrasse os principais momentos do jogo.

Você ligado nas emoções do Audiolab, Brasil e Coreia, oitavas de final da Copa do Mundo, e vem o Brasil. Vem o Brasil tentando o primeiro gol. Rafinha fez a tabela ali na ponta esquerda, passou, a bola sobrou pro Rafinha. Que jogada individual, passou de um, passou de dois. Foi no fundo, cruzou, passou por todo mundo, sobrou pro Vini Jr, o gol do Brasil. Gooooo! Vini, Vini, Vini Jr. abre o placar aos seis minutos do primeiro tempo. Numa jogada fantástica do Rafinha. Driblou três coreanos, foi no fundo na ponta direita, fez o cruzamento, a bola passou por toda a grande área e sobrou pro Vini. Lá na ponta esquerda, dominou sozinho, na saída do goleiro coreano, goleiro para um lado, bola para o outro, ele deu tapa no canto esquerdo do goleiro, os coreanos tentaram ainda tirar de cabeça, ela foi morrer do fundo do gol da Coreia do Sul. O Brasil abre o placar, com seis minutos de jogo, grande jogada, de ponta pra ponta, do Rafinha para o Vini Júnior, o Brasil abre o placar.

Vem aí o Neymar fazendo a tabela lá na ponta esquerda, tentou jogada individual, o Thiago Silva deu tapa pro Vini Júnior, tentou a bola no meio para a Coreia vai arrastar e ...foi pênalti, pênalti para o Brasil, o coreano ia tirar a bola naquele lance típico que ele armou o chute para dar o balão para tirar a bola da área, o Richarlison foi mais rápido que ele, tomou afrente e o coreano acabou chutando o tornozelo do Richarlison, o juizão marcou o pênalti para o Brasil. Vai Neymar para a bola, vai Neymar para a bola, ele é craque nessa cobrança de pênalti, pode ampliar o placar para o Brasil aos 12 minutos, 12 minutos de jogo, você acompanhando aqui no Audiolab, as emoções da Copa do Mundo 2022. Neymar já está autorizado pelo árbitro, ele dá aquela corridinha característica dele, olha aí, Neymar correu, bateu, goooolll do Brasil, Neymar Junior é o nome dele. O goleirão ficou parado no meio do gol Neymar deslocou o goleiro nem se mexeu, a bola foi no canto esquerdo do goleiro. Brasil faz 2x0 aos 12 minutos de jogo. Um melhor início de partida não era possível para a Seleção Brasileira. 12 minutos, 2x0, oitavas de final da Copa do Mundo Brasil vai massacrando a Coreia do Sul. Que partida da Seleção Brasileira.

Aí vem a Coreia, vem a Coreia tentando despontar. Bola na ponta esquerda, tá sozinho, não tem ninguém pra passar, ele tenta fazer a jogada individual, atentou o passe,

a bola voltou pra ele, ele chutou de fora. Que chute, mais ou menos a intermediária da ponta direita, o Alisson foi lá e cortou pra escanteio.

Vem a Coreia mais uma vez, tenta trabalhar o chute de fora, a bola fraquinha, mais ou menos lá quase no meio do campo da intermediária, não teve problema nenhum pro Brasil.

Vem Brasil tentando terceiro gol, bola com Richardson, na entrada da área, ali, mais ou menos, na ponta direita, deu o tapa pro Marquinhos, ó a tabela, seu Richardson na cara do gol, gol, gol do Brasil. Richarlison, camisa 9, que jogada da seleção brasileira, o Richarlison disputou a bola, ganhou no alto fez uma embaixadinha com a cabeça isso mesmo, tabelou com o Marquinhos na entrada da área perto da ponta direita, a tabela saiu perfeito o Richarlison saiu cara a cara com o goleiro, dominou com a direita, bateu com a esquerda deslocando no canto direito do goleiro sul coreano. O Brasil faz 3 a 0 em menos de meia hora, Brasil com um pé nas quartas de final.

Vem a Coreia do Sul, jogada pela ponta esquerda vai bem passou fácil do Militão, chute, Alisson. Grande jogada do ponta coreano, ele passou fácil pelo Militão na ponta esquerda, tava meio sem ângulo, o Alisson saiu fechando na entradinha da pequena área, a bola bateu na barriga do Alisson e o Brasil se salva de tomar o primeiro gol da Coreia, segue 3 Brasil, 0 Coreia do Sul.

Olha aí contra-ataque do Brasil, bola com o Richarlison, o Richarlison tá bem no jogo o Richarlison, pro Neymar, Neymar já deu no Vini Júnior, olha o Vini Júnior, parou na ponta direita, cruzou, passou pro Paquetá. Tá lá dentro, o Brasil tá demais e é golllllll, e Richarlison, que a bola para Neymar, que deu pro Vinícius Júnior, Vinícius Júnior na ponta esquerda, do jeito que ele gosta, fingiu que ia driblar, deu capa pro meio, a bola cruzou a área, quando chegava no bico da pequena área da ponta esquerda coreana, apareceu o Paquetá com o pé direito, que não é o bom, para bater no canto direito do goleiro sul-coreano a bola rasteirinha, sem chance, ainda quicando, aquela bola de bate pronto, o goleiro coreano nem foi nela direito, o Brasil faz 4 a 0. 4 a 0 no primeiro tempo. Primeiro tempo dos sonhos do ataque brasileiro.

Vem Brasil, quer mais, olha aí, vem na tabela, a bola para o Rafinha, Rafinha deu a bola para Paquetá. Cara a cara com o goleiro, bateu, pegaaaaa o goleiro da Coreia do Sul, que jogada da seleção brasileira, a bola veio lá da ponta esquerda, Vini e Júnior para o Neymar, Neymar deu tapa no meio Rafinha segurou esperou a passagem do Paquetá, que vem como homem surpresa, passou nas costas da zaga coreana. Rafinha deu um belo passe, na entrada da área, na ali na ponta direita, o Paquetá tentou desviar

de canhota o goleirão da Coreia. Coreia do Sul, jogou para escanteio, quase o Brasil faz o quinto gol.

Ainda no finalzinho do primeiro tempo, o Brasil quer mais. Olha o Richarlison, na ponta esquerda, tá sozinho o Richarlison, tá sozinho, vai pro gol o Richarlison, invadiu, vai fazer o Richarlison, bateu, defendeu o goleiro da Coreia. O Richarlison veio sozinho desde a intermediária, pegou a bola na ponta, foi fechando para o meio, invadiu, chegou perto da pequena área, ele tentou bater no canto direito do goleirão coreano, que de pé direito conseguiu levar a bola para escanteio. Richarlison poderia ter tocado, Neymar tava sozinho no meio e o Vini Junior sozinho na ponta esquerda. Se salva a Coreia do Sul de levar o quinto gol, nesse finalzinho do primeiro tempo, já nos acréscimos, o Brasil vem avassalador contra a Coreia.

Já no segundo tempo de jogo, o Brasil vai pra cima, olha o Rafinha, tá querendo o dele, na ponta de esquerda, Rafinha na bola na ponta direita, ele roubou do coreano, foi muito esperto, quando invadiu a área e tentou chutar, o coreano travou o chute, a bola chegou meio mascada nas mãos do goleiro sul-coreano. O Rafinha sempre trabalhando e trabalhando muito bem com a perna esquerda, armou o chute, o coreano fez o bloqueio e a bola chegou na mão do goleirão, segue Brasil 4, Coreia 0.

Vem a Coreia do Sul tentando aí o chamado gol de honra, olha aí bobeira da zaga brasileira, a bola vai pra fora. Chegou sozinho, Marquinhos deu bobeira, o coreano tomou a frente dele e saiu cara a cara, ali na ponta esquerda de ataque da Coreia, o Alisson fechou o canto, tentou tirar demais o coreano, ela passou a esquerda da trave brasileira, segue Brasil 4, Coreia 0, que bobeira hein, coreano saiu cara a cara com Alisson.

Vem o Rafinha, Rafinha tá precisando do gol dele, na tabela, linda tabela com Paquetá, Rafinha jogou pro lado, pro outro bateu, que defesa do goleiro coreano. Que jogada do Rafinha, ele fez a tabela do jeito que ele gosta, um pouquinho antes de entrar na área, deu tapa pra quem tá ali na entrada da área. Na meia-lua, ele recebeu de volta do Paquetá, dominou, fingiu que ia bater pra canhota, fez o corte pra direita, tudo isso já dentro da área, perto ali da ponta direita que o Rafinha gosta de trabalhar, deu um chute, o coreano mergulhou. Um tapinha com as mãos e levou a bola pra escanteio, que lance do Brasil, que partida da seleção brasileira até agora.

Você segue aqui, Brasil 4. Coreia 0, falta ali para o Brasil, é Neymar ou Rafinha, o Rafinha tá querendo o dele, uma falta mais ou menos da intermediária, bem perto ali da meia-lua, mais ou menos na ponta esquerda da seleção brasileira. Neymar de pé

direito e o Rafinha de pé esquerdo. A barreira tem quatro homens montados e o goleirão da Coreia do Sul tá preservando ali o seu lado esquerdo. Bola boa, se passar da barreira legal vai lá dentro, vamos ver quem bate. Partiu, Rafinha bateu, bateu na cabeça do jogador coreano, o segundo homem ali da barreira desviou e foi para a escanteio.

Vem mais Brasil, Neymar fez a tabela, boa bola para o Rafinha, de novo cara a cara bateu, Neymar. Que defesa, mais uma vez o goleiro coreano vai salvando a Coreia de uma goleada histórica, Neymar puxou a bola lá na ponta esquerda, veio conduzindo, ninguém apareceu para marcar o craque brasileiro, ele deu uma boa enfiada lá na ponta direita. O Rafinha já dentro da área, armou o chute de perna esquerda, fez o corte pra direita, exatamente como tinha feito na jogada anterior, soltou outra bomba de direita, essa não foi muito no canto, foi em cima do goleirão coreano que fez a defesa no reflexo, jogou pra escanteio e segue Brasil 4. Coreia do Sul, 0.

Vem a Coreia, a Coreia tenta equilibrar o jogo, bola lá na ponta esquerda de ataque da Coreia, cruzamento pra área, passou por todo o mundo, olha o perigo, chute, Alisson travou quase quase o gol da Coreia, a seleção brasileira deu bobeira agora, o cruzamento da ponta esquerda tirou mal a zaga brasileira, tirou ali pra ponta direita, tinha um coreano, acertou um chute de primeiro, Alisson espalmou. Na sobra, quase da marca do pênalti, o coreano tentou o chute, o Marquinhos se jogou num carrinho espetacular, conseguiu travar e a bola foi para escanteio. Quase, quase a Coreia diminui.

Agora falta para a seleção da Coreia na intermediária, perto da ponta direita de ataque do time coreano, vai jogar lá dentro. Quem vai bater é o ponta esquerda da Coreia, vai de perna canhota para dentro da área, bateu lá no meio, perto da marca do pênalti, tira a zaga brasileira no rebote. Que golaço! Gol da Coreia! Na batida de falta, a zaga brasileira tirou, mas tirou para o meio da área. Na entradinha ali da meia-lua, o coreano dominou, bateu de canhota, uma pancada, um chute muito bonito, a bola foi no canto esquerdo do goleiro Alisson. Alisson, sem chances aos 75 minutos. Diminui a Coreia, faz o seu primeiro gol nessas oitavas de final, um belíssimo gol do jogador da Coreia que acabou de entrar na partida, o camisa número 8, chute daqueles de almanaque, pegou no famoso na veia, a bola foi fazendo uma curva, saindo do goleirão Alisson, entrou no canto esquerdo do goleiro brasileiro, a Coreia diminui, quatro Coreia, um Brasil, oitavas de final, Copa do Mundo do Catar, a Audiolab é a UERJ na Copa.

Vem o Brasil aqui agora para tentar o quinto gol e a gente está vendo a checagem do VAR, enquanto a torcida da Coreia, a felicidade dos coreanos de fazer esse primeiro gol, tem a possibilidade de anulação do gol, porque no momento da cobrança de falta,

tinha o jogador da Coreia em condição irregular, estava na frente. Olha, mas o juizão deu gol, hein? Deu gol. Pelo que a gente vê aqui na análise, ele não participou da jogada, então, gol legal da Coreia, 4 para o Brasil, 1 para a Coreia nas oitavas de final, Copa do Mundo do Catar.

Finalzinho de jogo, Brasil quer o quinto gol, a bola para Bruno, Martinelli foi no fundo, na ponta esquerda, cruzamento para o Daniel Alves de voleio, quase, quase, quase. Seria um golaço da Seleção Brasileira para fechar com chave de ouro. Na tabela, o Martinelli foi no fundo, ali na ponta esquerda, o jogador da Coreia tentou o carrinho, ele deu um tapa lindo de canhota, a bola sobrou. Lá na segunda trave, na entradinha da pequena área de ataque direito da Seleção Brasileira, o Daniel Alves pegou um voleio daqueles, a la Bebeto, bola bateu na cabeça do jogador da Coreia, impedindo o quinto gol da Seleção Brasileira, o Brasil continua no ataque. Continua querendo o quinto gol.

Audiodescrição proposta com narração de Marcia Caspary– minutagem de acordo com os melhores momentos narrados por Filipe Mostaro.

32 s - Rafinha chuta para Bruno Guimarães, que passa pra Paquetá, mas o adversário desvia a bola, que sobra para Rafinha, ele faz o cruzamento na grande área, bola passa por Richarlison e sobra para Vini Júnior (gol)! Ele vibra com o punho fechado pro alto. Outros jogadores comemoram, pulam sobre ele. A torcida brasileira, eufórica. No replay, o lance visto de vários ângulos. Das laterais, de frente e detrás do goleiro.

1'17 - Neymar recebe pela esquerda. Vini para Richarlison, que cai na grande área. No replay, o jogador coreano chuta o pé dele quando os dois vão na bola. O goleiro da Coreia saltita enquanto espera. Neymar dá a paradinha, insinua que vai para esquerda, mas chuta para o lado direito, deslocando o goleiro. Os jogadores se abraçam e pulam em roda. No replay, o gol visto de cima.

2'48 - Alisson defende de mão trocada: vai com a direita mas defende com a esquerda e a bola sai por cima da trave.

3'10 - Richarlison domina a bola, 4 toques de cabeça e 2 de pé. Dribla 2. E ágil, chega na pequena área e chuta! Imagem da torcida vibrando feliz.

A jogada congela, comprovando que não estava impedido.

4'18 - Paquetá corre de braços abertos, olhando pro alto. Depois, dança balançando os ombros e quadris e os braços flexionados. Alguns torcedores brasileiros usam perucas e cocares da cor da nossa bandeira. Imagem de um torcedor coreano triste, está com o

rosto inteiro pintado de vermelho e azul. Os jogadores verde-amarelos, abraçados em roda.

5'34 – (deixa: ...o goleiro saiu)

O goleiro defende, Neymar bate por cima da trave e Richarlison sai da área, põe as mãos na cabeça e curva o tronco sobre uma placa de publicidade, contrariado.

6'02” – (deixa: olha a Coreeeia!)

Alisson vai ao encontro de Son Jimô na grande área, que chuta pra fora!

7'20 – (deixa: bateram pro gol!)

Jogador coreano enfia fora da grande área! Sua torcida vibra.

(deixa: ... da Coréia!)

Um rapaz de boné e óculos tem a bandeira da Coreia pintada na face.

Dois torcedores brasileiros aplaudem sérios.

8'10 - Replay dos detalhes da jogada, e como a bola escapa por um triz de Alisson.

Submetemos o áudio da narração e o áudio da audiodescrição para os entrevistados. Eles tiveram acesso também à gravação com a audiodescrição de alguns jogadores. A disponibilização foi de acordo com a preferência dos entrevistados. Alguns optaram por marcar uma reunião e foram novamente entrevistados. Outros solicitaram que os áudios fossem enviados para que, segundo eles, escutassem com calma e pudessem fazer a análise. Posteriormente, eles enviaram áudios com as observações.

De maneira geral, o público entrevistado, aprovou tanto a nova narração, feita pelo professor Filipe Mostaro, quanto a audiodescrição proposta e gravada por Márcia Caspary.

Gostei muito da narração, uma narração descritiva, muito interessante mesmo. Com bastante detalhamento, o que contribuiu para o meu entendimento, como é feito no rádio. Pegou pela ponta esquerda, pegou pela ponta direita. Porém percebi algumas falhas, por exemplo, não consegui entender o posicionamento do Neymar no segundo gol. A questão também da Coreia, quando fez o gol, eu achei bem interessante, uma imagem bem descrita mesmo. Agora as informações da audiodescrição, eu achei poucas informações, principalmente nas notas proemias, onde ela narrou somente alguns jogadores (LEONE, entrevista à Carol Fontenelle, online, 2 ago. de 2024).

Em relação ao que foi abordado por Leone, informamos ao entrevistado que, de fato, o trabalho utilizou audiodescrição de poucos jogadores, porque a intenção era apenas de dar exemplos de como audiodescrever atletas.

Ricardo também teceu elogios à narração realizada. Segundo ele, foi possível compreender as jogadas com o apoio da audiodescrição:

Durante a narração do jogo, a gente percebe a evolução dos jogadores do Brasil, onde tem o drible de dois, três jogadores coreanos, e aí o cruzamento do Vinícius para ele fazer o primeiro gol. É legal que depois é feita a explicação, com um pouco mais de detalhes, usando a imagem de replay para poder facilitar a compreensão. E na jogada do Neymar, onde ele sofre o pênalti, cobra o pênalti: da postura dele de fazer a corridinha tradicional dele, de ele poder estar convertendo esse gol. Eu creio que, desta forma, a gente consegue ter o máximo de perfeição possível para uma audiodescrição a contento, esse detalhe que foi narrado no audiodescritor foi muito contundente (RICARDO, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 10 ago. de 2024).

Rodrigo fez críticas em relação ao tom emocional. Para ele, faltou emoção na narração de algumas jogadas:

A audiodescrição está excelente. Falta a pessoa trazer um pouquinho para o emocional, um pouquinho mais de riqueza de detalhes. A narração está boa, precisa melhorar um pouco na narração dos lances penais, pênalti, falta, cartões, precisa aplicar um pouco mais de emoção nesse sentido (RODRIGO, entrevista à Carol Fontenelle, online, 1 ago. de 2024).

José elogiou muito a audiodescrição, destacando a experiência da audiodescritora:

Quanto à audiodescrição, não tem muito que falar, entendeu? Ela é uma profissional do ramo e do ofício. Já foi minha entrevistada sobre audiodescrição, ela tá aí no rol dos principais nomes da audiodescrição no Brasil, né? Eu diria Lívia Mota é aqui em São Paulo, Francisco lá de Recife; a Ana Júlia Perrotti, a equipe dela da tradução de acessibilidade e a equipe da Márcia Caspary. Aliás, não por acaso, Lívia, Márcia e Ana Júlia Perrotti foram entrevistadas quando o assunto no nosso programa do YouTube da NCB foi justamente a audiodescrição. Por isso que eu sugeri o nome dela, é do ramo e do ofício. Todas as descrições perfeitas, dizendo o que é essencial e tal (JOSÉ, entrevista à Carol Fontenelle, online, 13 ago. de 2024).

Otávio deu sugestões em relação à audiodescrição:

Eu talvez colocaria de maneira diferente quando fala do Richarlison. Fala que ele é um homem negro de pele clara. E aí pode, ó, peraí, né, como assim? Eu acho que falando já negro, acho que já não precisa, tipo, do tom da pele, né, porque aí acho que já dá pra gente imaginar. Assim, outra coisa, quando fala do Alisson, fala que ele tem 1,74, mas, na verdade, ele tem 1,93. Quem não conhece futebol vai ficar sem saber, quem conhece vai falar, nossa, que goleiro baixinho, 1,74, né? (OTÁVIO, entrevista à Carol Fontenelle, online, 13 ago. de 2024).

Podemos perceber que esta também é uma questão pessoal: a descrição ou não do tom de pele das pessoas na audiodescrição. Além disso, quanto à altura do jogador Alisson, a audiodescriitora recebeu, de fato, a informação errada e, por isso, ocorreu essa gravação também errada. Vimos, na prática, a importância de verificar tais dados, consultando mais de um site de informação e, se possível, o site do próprio jogador.

José, que tem décadas de experiência trabalhando em rádio, como vimos neste trabalho, aproveitou para dar conselhos e elogios ao narrador:

Quanto à narração, ele mandou bem no que se refere aos tons, o tom adequado para lance de perigo, para fazer o que a gente chama de escalada de voz, conforme a bola vai se aproximando de um lance de perigo, para adequar o que seria entonação num gol do Brasil e o que seria entonação no gol da Coreia, no gol do adversário. Tudo isso está muito bem. Claro que ele precisa trabalhar a voz, porque se ele narrasse 45 minutos, jogando o peso que ele joga sobre a corda vocal, que o nome técnico é prega vocal, ele ia terminar cada tempo de jogo afônico (JOSÉ, entrevista à Carol Fontenelle, online, 13 de ago. de 2024).

Jonathan acredita que, na audiodescrição dos jogadores, faltou um tom mais de emoção:

Gostei muito do áudio descrição. Mas em relação aos jogadores, de repente uma coisa mais pessoal, uma tatuagem, um brinco, ou alguma coisa assim, para tentar identificar como seria a pessoa. Mas eu gostei bastante (JONATHAN, entrevista à Carol Fontenelle, online, 10 de ago. de 2024).

Miguel e Thiago, por conhecerem um ao outro, conversaram entre si e decidiram participar desta etapa da pesquisa juntos. Desta forma foi realizada uma reunião, por vídeo conferência, na qual, juntos, teceram suas opiniões. Os dois afirmaram que tanto a análise da narração, quanto do áudio descrição deveriam ocorrer de forma simultânea, em um único arquivo de áudio, onde seriam editadas as vozes de narração e áudio descrição. Vale lembrar que Miguel, além de jornalista, é consultor de audiodescrição e também trabalha com audiodescrição com jogos de futebol, tendo participado da consultoria na transmissão do Campeonato Paulista de 2023. Desta forma, foi extremamente relevante essa observação, já que se trata de um profissional com conhecimento técnico e experiência. Mesmo assim, optamos por não fazer a edição e realizar novas entrevistas, já que na fase anterior, deste trabalho, os entrevistados realizaram, justamente, as análises de narração e áudio descrição de forma separada. Apesar disto, acreditamos que, em

novos trabalhos, poderemos e devemos fazer narrações e editar com audiodescrições para submetermos a público entrevistado.

Miguel também fez considerações mais detalhadas em relação às narrações:

A voz da audiodescritora deveria ser revisado. Já que o narrador está em um pique e ela em outro, ou seja, ela fala de maneira muito lenta. A áudio descrição, nesse caso, deve ter o ritmo parecido com o da narração. Em relação a narração, em determinado momento o narrador fala, “ele vai indo para a linha de fundo”, ele quem? ou seja, em alguns momentos ele não situou em campo de maneira em que eu entendesse exatamente qual jogador estava com a bola. Não ouvi na audiodescrição informações sobre o campo, se o campo é grande, se é uma arena, se é um estádio antigo (JONATHAN, entrevista à Carol Fontenelle, online, 6 de ago. de 2024).

O entrevistado foi informado que, nas notas proemias, foram inseridas as informações sobre o estádio. As notas proemias também foram ponto de destaque de

As notas proemias são de relevância importantíssima para a compreensão da audiodescrição, porque no momento da partida, o narrador faz nomenclatura da pessoa. E se você tem a referência do goleiro, do atacante e com a fisionomia, a idade, isso faz com que, ao ouvir o nome, você é arremetido à pessoa, tenha uma noção de como a pessoa é parcialmente, faz com que a interpretação da pessoa seja mais compreendida. Claro que só a menção da fisionomia não é suficiente. O importante seria a narração dos movimentos em si. E como o jogo é muito dinâmico, para você fazer uma narração do movimento não é tão simples, mas por isso que a nota proemia te dá uma noção da pessoa, do que ele pode executar aquele movimento com mais agilidade ou menos pela estatura, pelo jeito de ele estar atuando naquela posição. Acho muito relevante essa descrição das notas proemias. Faz com que a compreensão se amplifique por causa dessa notação que é feita da pessoa (RICARDO, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 10 ago. de 2024).

Deve se destacar, novamente, que o audiodescritor precisa se preparar para uma transmissão esportiva da mesma maneira que o narrador, os repórteres e os comentaristas, ou seja, realizando pesquisas sobre o local da partida, jogadores, comissão técnica e demais informações que possam ser relevantes para o andamento da partida.

Thiago também fez pontuações interessantes em relação à edição e em relação às informações das notas proemias:

Concordo que deveria ter sido feita a edição. Como consultor de tecnologia assistiva, devo também te dizer que há uma problemática referente aos sons separados. No caso da narração ser feita pela televisão e a audiodescrição ser disponibilizada, em áudio separado, pela internet existe a questão da latência, que corresponde ao delay da

televisão, ou seja, acontece um atraso. Se eu faço um canal separado da audiodescrição, vai perder todo o sentido. Já em relação à narração, em alguns momentos, o narrador, ao invés de falar o nome do jogador, ele utiliza o pronome ele. Para um cego como eu, esse tipo de informação não ajuda, pois “quem é ele?”. Se eu não estou enxergando, eu fico completamente perdido. Em relação à audiodescrição, também percebi a necessidade dela estar em sintonia com o narrador, precisa aumentar a velocidade da narração e a entonação deve ser aos moldes do que os narradores esportivos fazem, com mais animação, de forma mais vibrante. Quero sugerir também que seja falado o peso dos jogadores. Por exemplo, se eu tenho 1,69 de altura e 200 quilos, a pessoa ao ouvir essa descrição, sabe que eu sou gordo. Ou seja, o peso dos jogadores e sua altura vão me ajudar a entender se ele é forte magro ou etc. (THIAGO, entrevista à Carol Fontenelle, online, 6 ago. de 2024).

Em possíveis trabalhos posteriores, vamos inserir esta informação referente ao peso e altura dos atletas, já que este tipo de informação é fácil de encontrar, por meio de pesquisas na internet. Thiago e Miguel sugeriram também que fosse feita audiodescrição de jogadores da Coreia. Explicamos que não houve essa audiodescrição, pois somente trabalhamos exemplos de como fazer audiodescrição de pessoas e optamos por utilizar, neste caso, somente jogadores brasileiros, por serem mais conhecidos.

De maneira geral, acreditamos que tanto a audiodescrição quanto a narração precisam passar por algumas alterações. No caso da narração, novos trabalhos precisam ser realizados, pensando em inclusão de modo que o nome dos jogadores, bem como os seus posicionamentos táticos em campo sejam narrados no momento de suas ações. Essas novas gravações precisam ser submetidas às pessoas cegas. Tantos trabalhos precisam ser feitos, ao ponto de termos material suficiente para a acessibilidade ser tema nas faculdades de Jornalismo, Radialismo e cursos de narração. Quem sabe, aos poucos, a disciplina Acessibilidade Comunicacional se torna uma realidade nos cursos? É imperativo que se pense a comunicação para todos e todas e como um direito de todos e todas.

Em relação à audiodescrição, também acreditamos que ela possa ser um tema recorrente nas faculdades e cursos na área de Comunicação. Em relação à audiodescrição de jogos de futebol, apesar de nem todos os entrevistados terem sugerido uma narração mais emocional, acreditamos que, devido à natureza de um jogo de futebol, podemos, em próximos trabalhos, realizar uma audiodescrição neste tom de narração. O mesmo acontece em relação à edição da narração com a audiodescrição. Como sugestão de alguns entrevistados, acreditamos que possa ser feita esta edição em trabalhos futuros e novas análises sejam feitas, visando trabalhos que não objetivem mais o texto (como é o caso

deste), mas também o ritmo, timbre, rapidez para inserção de informações). Quem sabe, conseguimos, inclusive, oferecer o serviço de audiodescrição em transmissões ao vivo e submetemos em análises em trabalhos futuros? Que o campo da comunicação seja despertado para o universo da AD e da inclusão.

CONCLUSÃO

A audiodescrição ainda é um assunto pouco trabalhado na área acadêmica nos programas de pós-graduação em Comunicação. Como vimos, dos 57 programas cadastrados no site da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, são poucos os trabalhos que abordam o tema deficiência visual ou baixa visão, sendo que 36 programas sequer têm pesquisas nesta temática. Se levarmos em consideração a pesquisa acadêmica da área em décadas, de 2000 a 2010 somente dois trabalhos foram realizados. De 2011 a 2020, foram idealizados 22 trabalhos entre teses e dissertações. Nos anos de 2021 e 2022, três trabalhos foram apresentados. Desta forma, podemos concluir que o interesse pela temática ainda é muito pequeno, mas tem sido crescente. Acredito que o fato de as pessoas com deficiência estarem sendo vistas por algumas pessoas de maneira mais ampla, ou seja, não capacitista, tem também despertado interesse nas próprias pesquisas acadêmicas.

A mídia pode e deve contribuir para que as pessoas com deficiência sejam vistas como sujeitos com vontades próprias, capacidades, profissões, inteligência etc. As matérias jornalísticas devem ter cada vez mais pessoas com deficiência como personagens, mas não com a ideia de serem pessoas que estão superando dificuldades, mas sim que por uma situação congênita ou por um acontecimento na própria vida, seja hoje uma pessoa com deficiência.

Vimos que apesar da audiodescrição ser utilizada no Brasil desde 2003 na exibição de filmes, são poucos os programas de TV que fazem o uso do recurso. No caso de programas ao vivo, que é um exemplo do jogo de futebol, não existem programas na TV brasileira que tenham o recurso de audiodescrição. Durante a Copa do Mundo de 2022, tivemos os jogos audiodescritos tanto na TV Globo quanto na Sport TV, mas a iniciativa não deu continuidade.

Para a realização dessa pesquisa, contamos com a ajuda de instituições destinadas a pessoas cegas e com baixa visão, como também a própria rede de contatos que foi divulgando a pesquisa para que demais pessoas, nas características de serem cegas ou com baixa visão, pudessem participar.

Por meio dos dados obtidos neste trabalho, cai por terra a ideia de que pessoas cegas e com baixa visão preferem assistir jogos de futebol pelo rádio, já que 57,1% alegaram assistir pela televisão. 14,3% preferem assistir jogos de futebol pelo *streaming*.

Podemos perceber assim que acompanhar jogos via internet, pode ser, um mercado ainda a ser explorado.

41,1% informaram que assistem jogos sozinho. Por meio das entrevistas identificamos que estar só é uma escolha porque algumas pessoas acreditam que estariam atrapalhando os videntes na sua experiência de assistir aos jogos. Por outro lado, esta escolha impossibilita que pessoas cegas e com baixa visão interajam com amigos e familiares no momento da partida. A disponibilização do recurso de audiodescrição pode facilitar a sociabilidade.

Ainda em relação à sociabilidade, devemos dizer que a pessoa cega congênita é acostumada a ter o mundo contado pelos videntes desde cedo seja na família ou ainda na escola. Quando inserido socialmente em um ambiente no qual as pessoas acompanham futebol, ela vai se familiarizando com o tema apreendendo vocabulário específico, bem como a própria dinâmica do esporte em relação ao posicionamento de jogadores, história de clubes etc. Sendo assim, como vimos neste trabalho, as pessoas cegas aprendem da mesma forma que as demais crianças, já que o que diferencia esses indivíduos dos videntes não é o processamento das informações, mas sim a forma de acesso às informações que o rodeiam. Receber informações sobre o esporte por meio da audiodescrição poderá aumentar seu repertório cultural acerca do futebol, bem como ampliar a possibilidade de discussão e da própria sociabilidade com as pessoas que fazem parte do seu ciclo familiar e de amizade.

Scoralick (2017), em seu trabalho focado em relação à TV acessível, nos mostrou que as pessoas com deficiência visual criam as suas imagens a partir de vários elementos, tanto visuais como táteis, auditivos ou motores, surgindo assim uma imagem de representação. A autora explica que a produção da programação da TV está focada na composição de elementos usam a visão como gráficos e vinhetas. Desta forma, a locução e/ ou audiodescrição de informações que aparecem na tela também são importantes. Sugerimos que, no caso de o narrador não conseguir passar essas informações, o audiodescritor realize este trabalho.

Assim o uso da audiodescrição na TV irá possibilitar novas sensações e acessos a informações que antes não eram disponíveis para estas pessoas. Vale lembrar também que a audiodescrição não favorece somente pessoas cegas e com baixa visão, mas sim pessoas com deficiência intelectual como também idosos.

Dentre os entrevistados, podemos perceber que Thiago é consultor em tecnologia assistiva, tendo feito faculdade de tecnologia em rede de computadores. Fábio é bacharel

em Direito e atua como atleta de futebol de 5. Jonathan é professor de Educação Física aposentado. Miguel é jornalista. Otávio é radialista e trabalha em três programas de web rádio. Rodrigo trabalha com locução publicitária e locução para rádio. Ricardo é técnico de Informática e presta suporte de TI em hospital. Leone é graduado em Letras pela Universidade Federal do Pará e é concursado na Secretaria Municipal de Educação e Cultura como professor de Língua Portuguesa. José, jornalista, radialista, gestor de recursos humanos e professor. Rafael é o mais novo e é estudante. Diante disso vemos que é comum pessoas com deficiência terem trabalhos como todas as outras demais pessoas.

Devemos ainda considerar que a nossa sociedade é visiocêntrica, ou seja, somos pautados muito pelo que enxergamos. Em nossa pesquisa, chegamos a dez pessoas para entrevistas em profundidade e cinco delas trabalham ou já trabalharam com comunicação. Vale lembrar, inclusive, que uma descoberta dessa pesquisa é que pessoas cegas ou com baixa visão trabalham como comentaristas de jogos de futebol. Isto prova o quanto nós, videntes, não temos total noção das capacidades e habilidades que este grupo consegue desenvolver durante a sua vida e carreira profissionais. Afinal, como uma pessoa que não “vê” pode entender jogadas ao ponto de fazer comentários sobre uma partida? Simplesmente porque ela “enxerga” de outras maneiras: ela está atenta aos sons, as informações que são dadas durante a partida, fazem todo o trabalho de pesquisa pré-jogo como qualquer jornalista / comentarista deve fazer – provando assim, que o “ver” é somente uma das características para quem faz análise de jogos.

Como pudemos ver neste trabalho, Miguel fez faculdade de Jornalismo e completou, em 2013, 10 anos de trabalho na área de jornalismo esportivo onde, atua como comentarista de jogos. Rodrigo coloca seu próprio programa de webrádio no ar e ainda trabalha para emissoras de Natal, Minas Gerais e João Pessoa. Otávio, foi de estagiário a componente da mesa em um programa esportivo de rádio, em um mês e meio. José fez Comunicação na UFRJ, trabalhou na Rádio CBN se dedicando 18 anos ao jornalismo esportivo e hoje também trabalha na ONCB. Leone, ainda adolescente, em 2002, resolveu “brincar de jornalismo” com seus amigos e anos depois estava trabalhando como apresentador e repórter na editoria de esportes. Desta forma, vemos um protagonismo de pessoas cegas e com baixa visão em suas profissões, independente da condição física que eles têm.

Dos dez entrevistados, três: Leone, Miguel e Rodrigo, nunca enxergaram, mas isso não quer dizer que eles não têm memória visual, simplesmente a memória visual

destes é diferente da memória dos que perderam a visão no decorrer da vida ou ainda são baixa visão, já que a história dos jogos de futebol e a relação que eles têm com o esporte aconteceu por intermédio da mídia ou do que amigos e familiares falaram. Vale lembrar que isto não quer dizer que eles não tenham tido acesso às imagens, já que estas também foram narradas para eles.

O rádio acaba tendo um papel importante na relação com essas pessoas que nasceram cegas, como é o caso de Leone, que nos contou que desde criança a mãe o colocou para ouvir o rádio e que a paixão pelo veículo de comunicação surgiu desde muito cedo.

Este trabalho também apresentou informações referentes à linguagem utilizada para narrações de jogos de futebol no rádio e na televisão. Como era de se esperar, a narração de jogos pelo rádio é mais detalhada, pois não temos o suporte da imagem e é comum a presença de informações que deem uma noção espacial de campo, como, por exemplo: grande área, no alto, contorno pela meia direita. Desta forma, o ouvinte vai imaginando as ações que estão acontecendo em campo. No caso da TV, existe o suporte da imagem e isto faz com que alguns narradores não se concentrem em narrar jogadas. Podemos perceber que não ocorre uma perda informacional somente por parte de pessoas com deficiência visual, mas sim de todos nós, afinal, atualmente, é comum que assistamos jogos de futebol e utilizemos os celulares em busca de informações ou ainda para comentários em grupos de Whatsapp sobre o jogo que estamos vendo, ou seja, uma narração mais descritiva na TV pode beneficiar a todos os telespectadores, pois não estamos atentos com os olhos “grudados” na televisão todo o instante. Uma olhada no celular, sem o apoio de uma narração detalhada pode fazer com que percamos jogadas e informações importantes.

Nossos entrevistados também falaram da importância dos comentaristas para o entendimento das jogadas, ou seja, são eles que dão informações adicionais que garantem o fluxo informacional – eles falam o que os narradores não conseguem, ou por uma decisão editorial, não podem falar. É importante que exista também uma integração do comentarista de jogos de futebol com o audiodescritor para que seu trabalho não fique redundante, sendo a sua função a de audiodescrever o que está na tela e não de fazer comentários táticos e técnicos sobre o jogo.

Especificamente em relação à análise dos entrevistados relacionada à narração do jogo de futebol realizada por Galvão Bueno, nossos personagens disseram que as informações referentes às ações que estão acontecendo em campo deixaram a desejar, ou

seja, eles não foram capazes de entender como gols e jogadas estavam acontecendo. Por outro lado, em relação à narração de Milton Leite, foi verificado que existiu uma maior possibilidade de entendimento das ações. Ao analisarmos os dois tipos de narração, vemos que Milton Leite utiliza mais informações e mais elementos descritivos - o que favorece a esta análise. Desta forma, propomos que a narração de jogos de futebol passe por uma reformulação, contemplando as pessoas cegas e com baixa visão, bem como as pessoas idosas e as com deficiência intelectual. Lembrando que este recurso também beneficia a todos, já como dito anteriormente, já que muitos de nós, videntes, temos o hábito de assistir jogos de futebol utilizando duas telas.

Em relação à audiodescrição realizada durante os jogos da Copa do Mundo de 2022, alguns dos entrevistados acompanharam pela Sport TV, outros pela Globo e ainda alguns não tinham tido acesso à audiodescrição. De maneira geral, devemos pontuar que nossos entrevistados acreditam que o recurso de audiodescrição por meio do *QR Code*, em que ele fique posicionado sempre no mesmo lugar na tela da TV, facilita a operacionalização do próprio recurso, pois um canal de áudio na TV fica com a narração tradicional dos jogos, enquanto o celular fica com a audiodescrição. Nossos entrevistados pontuaram que a audiodescrição realizada durante a Copa é um avanço no que tange os direitos à informação das pessoas cegas e com baixa visão, porém, de maneira geral, foi identificado que a audiodescrição, em alguns momentos, repetia informações que já haviam sido faladas pelo narrador. Além disso, em alguns momentos também, não apresentava informações sobre o jogo ou características físicas de alguns jogadores, o que nossos entrevistados julgaram ser o ideal. Há ainda a suspeita de que a audiodescritora não entenda muito do universo relacionado ao futebol, o que não é o ideal - mesmo que não haja audiodescritores no mercado que sejam fãs de futebol deve ocorrer treinamento para que, primeiro, eles entendam sobre os jargões, as táticas, as técnicas, ou seja, as informações típicas dos jogos, para que assim possam fazer a audiodescrição de jogos de futebol.

Devemos ainda ressaltar que realizarmos a audiodescrição de jogos de futebol pode abrir espaço para a modalidade de audiodescrição de programas ao vivo na televisão, já que o ideal seria este recurso ser disponibilizado em programas de auditório, telejornais, por exemplo, tornando acessível a comunicação a um número maior de indivíduos.

BIBLIOGRAFIA

ABNT NBR 15559, Acessibilidade - Comunicação na prestação de serviços, 2008.

ABNT NBR 15290, Acessibilidade em comunicação na televisão, 2005.

ABNT NBR 16452, Acessibilidade na comunicação – audiodescrição, 2016.

ABREU, João Batista de. Metáforas, hipérboles e metonímias, uma jogada de efeito – o discurso do radiojornalismo esportivo. Intercom, Campo Grande, MS, set. 2001.

AGÊNCIA IBGE. PNS 2019: país tem 17,3 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência. 26 ago. 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/31445-pns-2019-pais-tem-17-3-milhoes-de-pessoas-com-algum-tipo-de-deficiencia>. Acesso em 23 out. 2022.

AGUIAR, Leonel Azevedo de; PROCHNIK, Luisa. Quanto vale uma partida de futebol? A relação entre televisão e futebol no cenário midiático contemporâneo. LOGOS 33, Comunicação e Esporte. Vol. 17, nº2, 2º semestre, 2010, p.51-64.

ALBUQUERQUE, Marcio Alves. *A pessoa com deficiência e suas representações no cinema brasileiro*. 2008. Mestrado (Programa de Pós-graduação em Comunicação), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 2008.

ALVES, Jefferson Fernandes. *A audiodescrição no contexto escolar: a imagem sendo revelada pela palavra*. In: VARELA, Maria da Conceição Bezerra. et al. Educação inclusiva e formação continuada de professores: diálogos entre teoria e prática. Natal: EDUFRN, 2012. cap. 4, p. 87-103.

AMANKAY. Vida em Movimento. Disponível em http://www.amankay.org.br/atividades_projetos/deficiencia_vida_movimento.php. Acesso em 09 fev.2022.

AUDIO DESCRIPTION COALITION. Standards for Audio Description and Code of Professional Conduct for Describers, 2009. Disponível em https://secureservercdn.net/192.169.220.85/sm4.599.myftpupload.com/wp-content/uploads/2020/04/adcs_standards_090615.pdf. Acesso em 09 out. 2022.

ARAÚJO, Valter Barbosa de. *Leitores Especiais de Jornais: Um Estudo Sobre Estratégias de Acessibilidade de Pessoas Cegas ao Webjornalismo Paraibano*. 2015. Mestrado (Programa de Pós-graduação em Jornalismo), Universidade Federal da Paraíba, (UFPB), João Pessoa, 2015.

ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago; ADERALDO, Marisa Ferreira; NUNES, Maria da Salette. *A audiodescrição e a acessibilidade visual: breve percurso histórico*. In: ADERALDO, Marisa Ferreira; MASCARENHAS, Renata de Oliveira; ALVES, Jefferson Fernandes; ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago; DANTAS, João Francisco de Lima. Pesquisas teóricas e aplicadas em audiodescrição. Natal: EDUFRN, 2016.

- AGUIAR, Leonel Azevedo de; PROCHNIK, Luisa. Quanto vale uma partida de futebol? A relação entre televisão e futebol no cenário midiático contemporâneo. *LOGOS* 33, Comunicação e Esporte. Vol. 17, nº2, 2º semestre, 2010, p.51-64.
- ASLANOV, Cyril. *A tradução como manipulação*. São Paulo: Perspectiva / Casa Guilherme de Almeida, 2015.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 4ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BALDIN, Arthur Acosta. *A deficiência, o corpo e a mídia: por uma comunicação com a pessoa e não com a sua deficiência*. 2020. Dissertação (Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.
- BARBOSA JÚNIOR, José Carlos; SIMÕES, Rafael Augusto. Negociação de direitos televisivos no futebol: análise acerca das regulamentações no Brasil e na Europa. Brasília: Núcleo de Estudos e Pesquisas/CONLEG/Senado, Fevereiro/2017 (Texto para Discussão nº 229). Disponível em: www.senado.leg.br/estudos. Acesso em 23 de fevereiro de 2017.
- BARROSO, Ary. *O Brasil há de ganhar*. Ary Barroso – Brasil Brasileiro. Produção Independente, 2013. Disponível em <https://discografia.discosdobrasil.com.br/discos/ary-barroso-brasil-brasileiro-cd-14-1945-1950>. Acesso em 13 set. 2023.
- BARROSO, Livia Moreira. *Rádio e cotidiano: a construção de socialidades dos deficientes visuais da Associação do Cego do Piauí (ACEP)*. 2014. Mestrado (Programa de Pós-graduação em Comunicação Social e Culturas Midiáticas). Universidade Federal da Paraíba (UFPB), 2014.
- BASTOS, Maurício. *Waldir Amaral: bordões e linguagem mais próxima do ouvinte*. *Rádio Globo*. Disponível em <https://radioglobo.globo.com/media/audio/218253/waldir-amaral-bordoes-e-linguagem-mais-proxima-do-htm>. Acesso em 15 set. 2023.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade - a busca por segurança no mundo atual*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.
- BONITO, Marco. *Processos da comunicação digital deficiente e invisível: mediações, usos e apropriações dos conteúdos digitais pelas pessoas com deficiência visual no Brasil*. 2015. Doutorado (Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, São Leopoldo, 2015.
- BONVENTTI, Rodolfo. *Surge uma bomba em 1959 na TV: o vídeo tape*. MBRTV - Museu Brasileiro de Rádio e Televisão, 16 maio 2018. Disponível em

<https://www.museudatv.com.br/surge-uma-bomba-em-1959-na-tv-o-video-tape/>.

Acesso em 15 abr. 2024.

BRAGA, Thiago. Pelé inaugurou ação de marketing com chuteira e abriu guerra entre gigantes. Uol, 31 dez. 2022. Disponível em <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2022/12/31/pele-inaugurou-acao-de-marketing-com-chuteira-e-abriu-guerra-entre-gigantes.htm>. Acesso em 19 abr. 2024.

BRAGHIROLI, Melina Cardoso de Paula. *Impactos da audiodescrição de charges políticas para o leitor com deficiência visual*. In: CARPES, Daiana Stockey. *Audiodescrição: práticas e reflexões*. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2016.

BRASIL. Medida provisória Nº 984, de junho de 2020. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/estudos-e-notas-tecnicas/notas-descritivas-sobre-medidas-provisorias/notas-descritivas-sobre-medidas-provisorias/2020/nota-descritiva-da-medida-provisoria-no-984-de-2020-do-consultor-legislativo-renato-gilioli/@@display-file/arquivo>. Acesso em 15 jun. 2023.

_____. Ministério da Cultura – Secretaria do Audiovisual. *Guia para produções audiovisuais acessíveis*. Org. NAVES, Sylvia Bahiense; MAUCH, Carla; ALVES, Soraya Ferreira; ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago.

_____. Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999. Regulamenta a Lei no 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm.

_____. Lei 10.098/00, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10098.htm.

_____. Resolução 2, de 11 de setembro de 2001. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>.

_____. Decreto n. 3956/01, de 8 de outubro de 2001. Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2001/d3956.htm.

_____. Lei federal 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm.

_____. Decreto nº5.296, de 02 de dezembro de 2004. Regulamenta as leis nº 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000 que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.

_____. Decreto nº 5.645, de 28 de dezembro de 2005. Dá nova redação ao art. 53 do Decreto no 5.296, de 2 de dezembro de 2004. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/D5645.htm.

_____. Portaria nº 310, de 27 de junho de 2006. Aprova a Norma Complementar nº 01/2006 - Recursos de acessibilidade, para pessoas com deficiência, na programação veiculada nos serviços de radiodifusão de sons e imagens e de retransmissão de televisão. Disponível em http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/destaques/inclusao-para-pessoas-comdeficiencia/portaria3106.2006_MinComunicacoes_acessibilidade.

_____. Decreto nº5.820, de 29 de junho de 2006. Dispõe sobre a implantação do SBTVD-T, estabelece diretrizes para a transição do sistema de transmissão analógica para o sistema de transmissão digital do serviço de radiodifusão de sons e imagens e do serviço de retransmissão de televisão, e dá outras providências.

_____. Portaria nº 466, de 30 de julho de 2008. Concede prazo de 90 dias para que as exploradoras de serviço de radiodifusão de sons e imagens e de serviço de retransmissão de televisão passem a veicular, na programação, o recurso de acessibilidade de que trata o subitem 3.3 da Norma Complementar no 01/2006, aprovada pela Portaria no 310, de 27/06/2006.

_____. Portaria nº 188, de 24 de março de 2010. Sobre os recursos de acessibilidade para pessoas com deficiência, na programação veiculada nos serviços de radiodifusão de sons e imagens e de retransmissão de televisão. Disponível em <http://www.anatel.gov.br/legislacao/normas-do-mc/443-portaria-188>. Acesso em 12 março 2015.

_____. Portaria Interministerial nº 362, de 24 de outubro de 2012. Dispõe sobre o limite de renda mensal dos tomadores de recursos nas operações de crédito para aquisição de bens e serviços de Tecnologia Assistiva destinados às pessoas com deficiência e sobre o rol dos bens e serviços.

_____. Lei complementar nº 142, de 8 de maio de 2013. Regulamenta o § 1º do art. 201 da Constituição Federal, no tocante à aposentadoria da pessoa com deficiência segurada do Regime Geral de Previdência Social - RGPS. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LCP/Lcp142.htm

_____. Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

_____. Resolução nº 23.457/instrução nº 538-50.2015.6.00.000, de 24 de dezembro de 2015. Dispõe sobre propaganda eleitoral, utilização e geração do horário gratuito e condutas ilícitas em campanha eleitoral nas eleições de 2016. Disponível em <http://www.tse.jus.br/legislacaotse/res/2015/PO-RES234572015.pdf>.

_____. Lei nº 13.409, de 28 de dezembro de 2016. Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 1975, para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnico de nível médio e superior das instituições federais de ensino.

BRUCK, Mozahir Salomão. *A Copa de 1950 e o futebol como acontecimento midiático eletrônico*. In: GUERRA, Marcio; RANGEL, Patrícia. *O rádio e as Copas do Mundo*. Juiz de Fora: Juizforana Gráfica e editora, 2012.

BRUNO, Marilda Moraes Garcia. *Educação infantil: saberes e práticas da inclusão - dificuldades de comunicação sinalização: deficiência visual*. [4. ed.] / elaboração prof^a Marilda Moraes Garcia Bruno – consultora autônoma. – Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 81 p.: il., 2006.

BURGOS, Leonardo. *Dispositivos móveis e acessibilidade: um estudo sobre o uso do Flipboard por pessoas com deficiências visuais*. 2018. Mestrado (Programa de Pós-graduação em Jornalismo), Universidade Federal da Paraíba, (UFPB), João Pessoa, 2018.

CALDEIRA DE SOUZA, Flávia Maria Batista. *As audiodescrições de Ensaio sobre a cegueira em inglês e português: um estudo baseado em corpus*. 2012. Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

CALABRE, Lia. *A era do rádio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CAMARGO, Vera Regina Toledo. *A trajetória da mensagem esportiva: dos sons à imagem paulistana*. São Paulo: Unicamp, 2005. Disponível em: <
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/4bda965829a410175c1ec3cb770190a0.PDF> >
Acesso em 12 abr. 2024.

CAMPANHÃ, Marcela Ribas. *Audiodescrição e cidadania: processos comunicacionais de sujeitos cegos vinculados aos usos e apropriações da rede social Whatsapp*. 2020. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação), Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, São Leopoldo, 2020.

CASPARY, Marcia. *Website*. Disponível em <https://www.marciacaspary.com.br/>. Acesso 05 ago. 2024.

CARONE, Edgard. *O Estado Novo (1937-1945)*. Rio de Janeiro: Difel, 1976.

CEREJEIRA, Thiago de Lima Torreão. *A coautoria do audiodescritor consultor na performance da audiodescrição poética*. 2023. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação. Natal, RN, 2023.

COELHO, Giselle Freire Borges. *Jornalismo, interpretação e compreensão: Caminhos para inclusão de crianças com deficiências nas narrativas midiáticas*. 2019. Mestrado. (Programa de Pós-graduação em Comunicação), Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2019.

COMITÊ CIENTÍFICO DO NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA. *Estudo nº 1: O Impacto do Desenvolvimento na Primeira Infância sobre a Aprendizagem*, 2014. Disponível em <http://www.ncpi.org.br>. Acesso em 18 abr.2023.

CONJUR. Pesquisadores da Alcar referendam 1919 como início da radiodifusão no Brasil. Disponível em: <https://www.conjor.com.br/post/pesquisadores-da-alcar->

[referendam-1919-como-o-in%C3%ADcio-da-radiodifus%C3%A3o-no-brasil](#). Acesso em 13 set. 2024.

COSTA, Celso André Nóbrega da. A audiodescrição e/ou irradiação de jogo de futebol: qual o recurso mais acessível para cegos? 2015. 265f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada.). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.

COSTA, Celso André Nobrega da; ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago. Audiodescrição de jogos de futebol: um estudo de recepção. *Transversal: Revista em Tradução*, Fortaleza, v. 5, n. 9, p. 25-39, 21 ago. 2019. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/transversal/article/view/41945/99215>. Acesso em 14 mar. 2020.

COSTA, Graciela Pozzobon. Audiodescrição e Voice Over no Festival Assim Vivemos. In: MOTTA, Lívia Maria Villela de Mello; FILHO, Paulo Romeu. Audiodescrição: Transformando Imagens em Palavras. Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

COSTA, Larissa Magalhães; FROTA, Maria Paula. *Interpretar e descrever na audiodescrição, ou: o que poderia significar “limitar a um mínimo a interpretação”?* In: ADERALDO, Marisa Ferreira; MASCARENHAS, Renata de Oliveira; ALVES, Jefferson Fernandes; ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago; DANTAS, João Francisco de Lima. Pesquisas teóricas e aplicadas em audiodescrição. Natal: EDUFRN, 2016.

CRUZ, Felipe Branco Cruz. Relembre a história de Pra Frente Brasil, desenterrada por Regina Duarte. *Veja, Cultura*, 8 maio 2020. Disponível em <https://veja.abril.com.br/cultura/relembre-a-historia-de-pra-frente-brasil-desenterrada-por-regina-duarte>. Acesso em 20 abr. 2024.

ECO, Umberto. *Lecton in Fabula: a cooperação interativa nos textos narrativos*. São Paulo: Perspectiva, 1983.

ESPN. *Mãe palmeirense que narra jogos para filho cego ganha prêmio no Melhor do Mundo da Fifa*, *Gazeta Press*, 23 set. 2019. Disponível em https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_id/6109469/mae-palmeirense-que-narra-jogos-para-filho-cego-ganha-premio-no-melhor-do-mundo-da-fifa. Acesso em 02 mar. 2022.

FELIPPE, João Álvaro de Moraes. *Caminhando juntos : manual das habilidades básicas de orientação e mobilidade : volume IV*. São Paulo : Conselho Brasileiro de Oftalmologia : Laramara, 2018. -- (Série deficiência visual).

FERRARETTO, Luiz Artur. *1958: Na Suécia, a Guaíba faz o estúdio falar com o estádio*. In: GUERRA, Marcio; RANGEL, Patrícia. *O rádio e as Copas do Mundo*. Juiz de Fora: Juizforana Gráfica e editora, 2012.

_____. *Rádio: teoria e prática*. São Paulo: Summus, 2014.

FIFA. Estádio 974. Disponível em: [Estádio 974 \(fifa.com\)](https://www.fifa.com/estadio-974). Acesso em 10 jul. 2024.

FONTENELLE, Carol. *Financeirização da vida cotidiana: agora é a vez do futebol entrar na era digital*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – virtual, out. 2021.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 4ª edição, São Paulo: Loyola, 1998.
IBGE EDUCA. Conheça o Brasil – pessoas com deficiência. Disponível em < <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/20551-pessoas-com-deficiencia.html>>. Acesso em 16 fev.2022.

FRANCO, Eliana Paes Cardoso; MONTEIRO, Alana Murinelly. *A audiodescrição de cenas de sexo em o signo da cidade*. In: ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago; ADERALDO, Marisa Ferreira. Os novos rumos da pesquisa em audiodescrição no Brasil. Curitiba: Editora CRV, 2013.

FRÓES, Lucas. Os bastidores da pioneira transmissão do Tri do Brasil na Copa de 70. BBC News Brasil, 2 maio 2020. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52235045>. Acesso em 19 abril 2024.

GASPARETTO, Thadeu; BARAJAS, Angel.” Muito barulho por nada”? O streaming no futebol brasileiro. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, São Paulo, v.10, nº38.p.365 374.Set./Out./Nov./Dez.2018.

GASTALDO, Edison. *Pátria, chuteiras e propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo*. São Paulo: Annablume, Editora Unisinos, 2002.

“O país do futebol” mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, nº 22, jul./dez. 2009, p. 352-369.

G1. População com cegueira e deficiência visual vai dobrar até 2050, aponta estudo. EPTV1, Ribeirão e Franca, 25 jan. 2022. Disponível em < <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2021/01/25/populacao-com-cegueira-e-deficiencia-visual-vai-dobrar-ate-2050-aponta-estudo.ghtml>>. Acesso em 16 fev.2022.

GE. Alisson é exigido pela primeira vez na Copa do Mundo e aparece com boas defesas; assista. GE, 05 dez. 2022. Disponível em: [Alisson é exigido pela primeira vez na Copa do Mundo e aparece com boas defesas; assista | seleção brasileira | ge \(globo.com\)](https://globo.com). Acesso em 10 jul. 2024.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GOSS, Bruna Marcon. *Informação móvel para todos: acessibilidade em aplicativos jornalísticos para dispositivos móveis*. 2015. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Comunicação Social), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC- RS, Porto Alegre.

GUERRA, Márcio de Oliveira. *Copa de 70: craques em campo na transmissão radiofônica – inovações nas regras da competição, novidades na cobertura esportiva*.

In: GUERRA, Marcio; RANGEL, Patrícia. O rádio e as Copas do Mundo. Juiz de Fora: Juizforana Gráfica e editora, 2012.

. Rádio e tv: o jogo da narração. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor. *Lumina*, vol.1, nº1, junho 2007.

HAASE, Catherine da Silva. *A inclusão social e as mediações na recepção da comunicação mercadológica televisiva por pessoas com deficiência visual*. 2014. Dissertação (Pós-graduação em Comunicação), Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2014.

HELAL, Ronaldo. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. *Alceu* - v.4 - n.7 - p. 19 a 36 - jul./dez. 2003.

_____. Crise do futebol brasileiro e a pós-modernidade: perspectivas para o século 21. *Anais da X Reunião Anual da Compós*. Brasília, 2001.

_____. *Passes e impasses – futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro; SILVA, Carmelo. Pra frente Brasil! Comunicação e identidade brasileira em Copas do Mundo. *Esporte e Sociedade*, ano 5, n 13, nov.2009 /fev.2010.

HOBBSAWM, Eric. *Introdução: a invenção das tradições*. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. RJ: Paz e Terra, 2008.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *Uma efeméride esportiva em questão: os 50 anos da Copa de 1970 (parte I)*. Ludopédio, São Paulo, v.130, n.15, 13 abr. 2020. Disponível em <https://ludopedio.org.br/arquibancada/50-anos-da-copa-de-1970/>. Acesso em 19 abril 2024.

IBGE. *Pesquisa Nacional por amostra de domicílios contínua – Pessoas com deficiência 2022*. Disponível em https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/0a9afaed04d79830f73a16136dba23b9.pdf. Acesso em 14 ago. 2024.

JAMBEIRO, Othon. *A TV no Brasil do século XX*. Salvador: 2002, EDUFBA.

JUNIOR, Almir Bonfim. *A deficiência desfocada: inovação na representação da deficiência física no documentário brasileiro*. 2021. Mestrado (Profissional em Inovação na Comunicação de Interesse Público), Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), São Caetano do Sul, 2021.

KANTAR IBOPE MEDIA. *Inside vídeo novos horizontes e descobertas*, 2002. Disponível em: https://www.kantaribopemedia.com/wp-content/uploads/2022/06/Inside-Video-2022-Kantar-IBOPE-Media_.pdf. Acesso em 08 out. 2022.

_____. *Marcas em campo! O futebol e a mídia dentro e fora das 4 linhas*. Disponível em: https://www.kantaribopemedia.com/wp-content/uploads/2022/05/Data-Stories-Ed.22-Marcas-em-campo-O-futebol-e-a-midia-dentro-e-fora-das-4-linhas_.pdf. Acesso em 18 julho de 2024.

KASTRUP, Virgínia. *Cegueira e invenção: cognição, arte, pesquisa e acessibilidade*. Curitiba: Editora CRV, 2018.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. *Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

KOEHLER, Andressa Dias; FOERSTE, Gerda Margit Schütz. Audiodescrição, dialogismo e exotopia no teatro. *Alfa*, São Paulo, v.65, e13537, 2021.

KRAMECK, Karine; NASCIMENTO, Gabriela Cordeiro Corrêa do. A orientação à família de pessoas com deficiência visual como recurso de intervenção do terapeuta ocupacional. *Rev Ter Ocup Univ São Paulo*. 2015 jan./abr.;26(1):128-35.

LE BRETON, David. *As paixões ordinárias – Antropologia das emoções*, Editora Vozes, Petrópolis, 2009.

_____. *A sociologia do corpo*. Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2007.

LIMA, Francisco. J.; LIMA, Rosângela. A. F.; VIEIRA, Paulo. A. M. O Traço de União da Áudio-descrição: versos e Controvérsias. *Revista Brasileira de Tradução Visual*, v. I, 2009.

LIMA, Vivian Maria Corneti de. *A cidadania digital de pessoas com deficiência física: estratégias, práticas e associações heterogêneas*. 2019. Tese (Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

MACHADO, Flávia Oliveira. *Acessibilidade na televisão digital: estudo para uma política de audiodescrição na televisão brasileira*, 2011. Dissertação (Programa de Pós-graduação em televisão digital: informação e conhecimento, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2011.

MACHADO, Marcello Pereira Machado. *Telejornalismo, Identidades e Deficiência Visual: representação e recepção midiáticas junto a pessoas com deficiência visual*. 2013. Mestrado (Programa de Pós-graduação em Comunicação Social). Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2013.

MADUREIRA, Paulo; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Cartografando a narração esportiva radiofônica – Um panorama preliminar da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. *Revista Rádio-Leituras*, Mariana- MG, v. 06, n.02, pp. 195-218, jul./dez. 2015.

MAFFESOLI, Michel. A terra fértil do cotidiano. *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia*, Porto Alegre, núm. 36, agosto, 2008, pp. 5-9, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, agosto de 2008.

_____. *A transfiguração do político: a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina, 1997.

_____. *O ritmo da vida – variações sobre o imaginário pós-moderno*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

_____. *O tempo das tribos – o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MANSOUR, Yohana Rangel. *Audiodescrição em filmes: a partir do que toca*. Trabalho de Conclusão de Curso (curso de Licenciatura em Cinema e Audiovisual), Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2022.

MARQUES, Jairo. *Mídia e inclusão: um olhar para o século 21*. In: PRATA, Nair; PESSOA, Sônia Caldas. *Desigualdades, gêneros e comunicação*. São Paulo: Intercom, 2019.

MARQUES, Sarah Barreto. *Sinestesia das pessoas cegas: novas possibilidades de informação*. 2016. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação). Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2016.

MARTIN, James; WHITE, Peter. *The language of evaluation: appraisal in English*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2005.

MATTOSO, Verônica. *Ora, direis, ouvir imagens?: um olhar sobre o potencial informativo da áudio-descrição aplicada a obras de artes visuais bidimensionais como representação sonora da informação em arte para pessoas com deficiência visual*. 2012. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação). Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2012.

MAUSS, Marcel. *A expressão obrigatória dos sentimentos*. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso (org.). *Mauss. Antropologia*. São Paulo: Ática, 1979.

MAYER, Flavia. *A importância das coisas que não existem: construção e referenciação de conceitos de cor por pessoas com cegueira congênita*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2018.

_____. *Imagem como símbolo acústico: a semiótica aplicada à prática da audiodescrição*. Belo Horizonte, 2012. Dissertação (Pós-graduação em Comunicação Social Interações Midiáticas), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

MAYER, Flavia; PINTO, Julio (Organizadores). *Perspectivas contemporâneas em audiodescrição*, Curitiba: CRV, 2018.

MCRUER, Robert. *Introduction: Compulsory Able-Bodiedness and Queer/Disabled Existence*. In.: MCRUER, Robert. *Crip Theory: cultural signs of queerness and disability*. New York: New York University Press, 2006.

MELLO, Anahi. Deficiência, Incapacidade e Vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.21, n.10, p. 3265-3276, 2016.

MEMÓRIA GLOBO. Copa do Mundo do México – 1970, 28 de out. 2021. Disponível em <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/copa-do-mundo-do-mexico-1970/noticia/copa-do-mundo-do-mexico-1970.ghtml>. Acesso em 19 abr. 2024.

MESSI. *Website*. Disponível em <https://messi.com/> Acesso em 09 jul. 2024.

MIANES, Felipe Leão. *Audiodescrição como ferramenta pedagógica de ensino e aprendizagem*. Reunião Científica Regional da ANPED. Educação, movimentos sociais e políticas governamentais. UFPR, Curitiba, julho de 2016.

_____. *Consultoria em audiodescrição: alguns caminhos e possibilidades*. In: CARPES, Daiana Stockey. *Audiodescrição: práticas e reflexões*. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2016.

_____. *Audiodescrição e processos de identificação através da cultura*. *Textura Canoas* v. 18 n.38 p. 287-302 set./dez. 2016.

MONTEIRO, Vitor Borges. Um ensaio sobre os reflexos da Lei Pelé na gestão financeira dos clubes de futebol. *Revista de Gestão e Negócios do Esporte (RGNE)*, São Paulo, Vol. 6, nº1, 102-120, jan.-jun., 2021.

MORAES, Bianca Reis de. *Como narrar nosso olhar? a (re)existência política e poética de personagens com deficiência visual em contos da literatura brasileira*. 2022. Mestrado (Programa de Pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais). Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Novo Hamburgo, 2022.

MOSCOSO, Melania. La 'normalidad' y sus territorios liberados. *Dilemata*, año 1, n.1, p. 57-70, 2009.

MOSQUERA, Carlos; FERNANDES, Lorena Barolo; ARRUDA, Mariana; LUZ, Gastão O.F. Neurociência cognitiva: deficientes visuais na escola inclusiva. *Revista InCantare*, Curitiba, v.06 n.01, p. 52-61. jan./jun. 2015.

MOSTARO. Filipe Fernandes Ribeiro. *1938: a estreia do rádio brasileiro em Copas do Mundo*. In: GUERRA, Marcio; RANGEL, Patrícia. *O rádio e as Copas do Mundo*. Juiz de Fora: Juizforana Gráfica e editora, 2012.

MOTTA, Livia Maria Villela de Mello; FILHO, Paulo Romeu. *Audiodescrição Transformando Imagens em Palavras*. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

MOTTA, Livia Maria Villela de Mello *Audiodescrição na Escola: Abrindo Caminhos para Leitura de Mundo*. Pontes Editora. Campinas, 2016.

NEVES, Camila Portella. *Televisão e deficiente visual: o sonoro na produção de imagens mentais*. Dissertação (Pós-graduação em Comunicação e Semiótica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC SP), São Paulo, 2012.

NETFLIX. *Central de ajuda*. Disponível em <https://help.netflix.com/pt/node/25079>. Acesso 05 ago. 2024.

_____. *Guia de estilo de audiodescrição*. Disponível em <https://partnerhelp.netflixstudios.com/hc/en-us/articles/20166320647827-Guia-de-estilo-de-audiodescri%C3%A7%C3%A3o-v2-5>. Acesso 05 ago. 2024.

NETO, Mateus Teófilo Tourinho. *A Internet É a Bola da Vez: o Uso do Streaming de Vídeo na Transmissão e no Acesso a Partidas do Futebol Brasileiro*. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Comunicação, da Universidade de Brasília, 2017.

OLIVEIRA JÚNIOR, Juarez Nunes; PRAXEDES FILHO, Pedro Henrique Lima. *A (não)neutralidade em roteiros de audiodescrição-AD de filmes de curta-metragem via sistema de avaliatividade*. In: CARPES, Daiana Stockey. *Audiodescrição: práticas e reflexões*. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2016.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1985.

PALMEIRA, Carlos. *YouTube vai inaugurar audiodescrição em jogos do Paulistão 2023*. TecMundo. Disponível em [YouTube vai inaugurar audiodescrição em jogos do Paulistão 2023 - TecMundo](#). Acesso em 8 jul. 2024.

PANDOLFI, Dulce (Org). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. 345 p.

PEREIRA, Ana Maria Baila Albergaria. *A viagem ao interior da sombra: deficiência, doença crônica e invisibilidade numa sociedade capacitista*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal, 2008.

PESSOA, Sônia Caldas. *Corpos com deficiência: movimentos de experiências e afetações por uma acessibilidade afetiva*. In: PRATA, Nair; PESSOA, Sônia Caldas. *Desigualdades, gêneros e comunicação*. São Paulo: Intercom, 2019.

PINOTTI, José Luiz. *Comunicação e audiodescrição: estudos contemporâneos*. 2014. Mestrado (Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura). Universidade de Sorocaba (Uniso), Sorocaba, 2014.

PROULX, Michael; BROWN, David J.; ACHILLE, Pasqualotto; MEIJER, Peter. *Multisensory perceptual learning and sensory substitution*. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, Vol.41, p. 16-25, apr. 2014.

RÁDIO CLUBE. *História*. Disponível em <https://radioclube.dol.com.br/historia/>. Acesso em 13 out. 2023.

RANGEL, Maria Luíza; DAMASCENO, Luísa Azevedo; SANTOS FILHO, Carlos Alberto Ismério; OLIVEIRA, Felipe Santos. JAZENKO, Fernanda; GAWRYSZEWSKI, Luiz, PEREIRA, Antonio. *Deficiência visual e plasticidade no cérebro humano*. *Psicologia: Teoria e Prática*, 2010, p. 197-207.

RÉGIS, Hebe Cristina Bastos. *Mulheres com deficiência intelectual e a esterilização involuntária: de quem é esse corpo?* Florianópolis, 2013. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

REZENDE, Anita Menezes de. *Os sentidos do cinema para as pessoas com deficiência visual: as relações do espectador com deficiência visual com o cinema, a partir da audiodescrição.* 2017. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SAKER, Fernando Augusto Simões. *Jornalismo e pessoas com deficiência - Construção de conceitos e superação de estigmas por meio da comunicação.* 2010. Mestrado (Programa de Pós-graduação em Comunicação), Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2010.

SAMPAIO, Amanda Brito. *Recursos de Acessibilidade nas emissoras/retransmissoras de televisão e no rádio: a prática e as possibilidades nos veículos de Campo Grande.* 2017. Mestrado (Programa de Pós-graduação em Comunicação), Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, 2017.

SAROLDI, Luiz Carlos; MOREIRA, Sonia Virgínia. *Rádio Nacional: o Brasil em sintonia.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

SANTOS, Anderson David Gomes do. *A consolidação de um monopólio de decisões: a Rede Globo e a transmissão do campeonato Brasileiro de Futebol.* Dissertação (Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2013.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira.* São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SAVENHAGO, Igor José Siquieri. *Futebol na TV: evolução tecnológica e linguagem de espetáculo.* *Verso e Reverso*, vol. XXV, n. 58, janeiro-abril, 2011, p. 22-31.

SCORALICK, Kelly. *Mídia e cidadania: a representação das pessoas com deficiências no telejornalismo.* 2011. Mestrado (Programa de Pós-graduação em Comunicação Social). Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2011.

SILVA, Mariana Clarissa da Conceição. *Aplicativo de notícias ao pé do ouvido: inclusão digital e garantia de autonomia nas apropriações de notícias online por pessoas com deficiência visual.* 2021. Mestrado (Profissional em Indústrias Criativas), Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Recife. 2021.

SILVA, Mariana. *Eu, elas, nós mulheres com deficiência: observações afetivas em vídeos de Youtube.* 2020. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação), Universidade Federal da Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte, 2020.

SENA, Marcos Alexandre; LEÃO, Bruna. *Audiodescrição no futebol: uma análise comparativa entre as locuções radiofônica e televisiva no jogo Vitória x Ceará.* *Caleidoscópio: literatura e tradução*. V4, nº1, jan-jun, 220, p.82-106.

SCHATZ, Patrícia Volk; Carlos José, ESPÍNDOLA. Jogos e estratégias: o Campeonato Brasileiro na década de 70 e a política de integração nacional. *Geo UERJ*, Rio de Janeiro, n. 29, p. 302-324, 2016.

SCHMITZ FILHO, Antonio Guilherme; PIBER DA SILVA, Gilson. *A Copa do Mundo de 1962: elementos radiofônicos à midiatização do jogo*. In: GUERRA, Marcio; RANGEL, Patrícia. O rádio e as Copas do Mundo. Juiz de Fora: Juizforana Gráfica e editora, 2012.

RODRIGUES, Marcio Silva; SILVA, Rosimeri de Fátima Carvalho. Clientes ou torcedores: a empresarização do futebol no Brasil. *Alcance*, UNIVALI, Vol. 13, nº.2, p. 167 – 184, maio-ago., 2006.

SILVA, Manoela Cristina Correia Carvalho da. *Audiodescritor consultor: competências necessárias ao profissional não vidente*. In: ADERALDO, Marisa Ferreira; MASCARENHAS, Renata de Oliveira; ALVES, Jefferson Fernandes; ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago; DANTAS, João Francisco de Lima. Pesquisas teóricas e aplicadas em audiodescrição. Natal: EDUFRN, 2016.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____. *A natureza sociológica do conflito*. In: MORAES FILHO, Evaristo (org.). Simmel. São Paulo: Ática, 1983.

SCORALICK, Kelly. *Por uma TV acessível: a audiodescrição e as pessoas com deficiência visual*. Rio de Janeiro. 2017. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura), Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Do Estado Novo à ditadura militar: memórias de um soldado*. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

SOKOLOWSKI, Robert. *Introdução à fenomenologia*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

SCHWARTZ, Letícia. *Da arte de fazer rir: Uma reflexão acerca do humor na audiodescrição de filmes de comédia*. In: CARPES, Daiana Stockey. Audiodescrição: práticas e reflexões. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2016.

ULBRICHT, Vania Ribas; VANZIN, Tarcísio; VILLAROUÇO, Vilma. *Ambiente virtual de aprendizagem inclusivo*. Florianópolis: Pandion, 2011.

VAQUER, Gabriel. *Campeonato Brasileiro 2023 cresce 16% em audiência na TV paga*. O tempo, Campeonato Brasileiro, 19 dez. 2023. Disponível em <https://www.otempo.com.br/sports/futebol/campeonato-brasileiro-2023-cresce-16-em-audiencia-na-tv-paga-1.3296887>. Acesso em 18 jul. 2024.

VENTURA, Luiz Alexandre Souza. Resultado do Censo 2022 sobre pessoas com deficiência só deve sair no último trimestre de 2024. *Diversidade e Inclusão*, Estadão, 12 jan. 2024. Disponível em <https://www.estadao.com.br/brasil/vencer->

[limites/resultado-do-censo-2022-sobre-pessoas-com-deficiencia-so-deve-sair-no-ultimo-trimestre-de-2024/](#). Acesso em 14 ago. 2024.

VERGARA-NUNES, Elton. *Audiodescrição didática*. Santa Catarina, 2016. Tese (Doutorado– Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão de Conhecimento), Universidade Federal de Santa Catarina.

VIVARTA, Veet. *Mídia e deficiência*. Brasília: Andi; Fundação Banco do Brasil, 2003.

VON DER WEID, Olivia. Entre o Cuidado e a Autonomia: Deficiência visual e relações de ajuda. *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, ano 22, 29(2):49-82, 2018.

APÊNDICE A- Questionário da pesquisa**Nome** _____**Email** _____**Como teve conhecimento da pesquisa** _____

Por favor, marque somente uma alternativa para cada uma das perguntas:

1- Você costuma acompanhar jogos de futebol por qual veículo de comunicação?

Streaming

Televisão

Rádio

2- Com que frequência você assiste partidas de futebol?

De 1 a 2 vezes na semana

A cada 15 dias

1 vez por mês

Só acompanho campeonatos como Copa do Mundo e Olimpíadas

3- Você costuma estar acompanhado quando está assistindo/escutando algum jogo?

Não

Sim, com familiares

Sim, com amigos

Sim, com amigos e familiares

4- Você costuma pedir informações sobre o que está acontecendo no momento em que está assistindo à partida?

Sim

Não

5- Que tipo de informações você acha que faltam nas transmissões pela TV?

Sobre o posicionamento dos jogadores em campo

Sobre a expressão facial dos jogadores e técnicos

Sobre a torcida

Todas as opções anteriores

Não acho que falte alguma informação

Não assisto jogos pela TV

6 – Em relação às cores, você acha que seria importante relatá-las durante alguns momentos da partida?

Sim

Não

Depende da situação

7 – Você acredita que a audiodescrição pode contribuir para um maior entendimento da partida narrada pela televisão/streaming?

Sim

Não

8 – Você gostaria que existisse um QR-code durante as transmissões pela televisão/*streaming* com informações mais detalhadas sobre elementos visuais presentes na partida?

Sim, é uma boa ideia

Não, não acho que isto ajudaria

Dependendo de como as informações estão dispostas, pode ser relevante

9- Você se sente excluído (excluída) quando procura assistir jogos pela televisão?

Sim

Não

Às vezes

Não procuro assistir jogos pela TV

10- Com qual frequência você se interessa sobre assuntos relacionados ao futebol?

Todos os dias e várias vezes no dia

Todos os dias

5 ou 6 dias por semana

3 ou 4 dias por semana

2 dias por semana

1 vez por semana

11- Você torce para algum time de futebol?

Sim

Não

Se sim, qual?

12- Você frequenta estádios de futebol?

Sim

Não

13- Caso não frequente estádios ou frequente raramente, você acredita que uma transmissão com audiodescrição, em frequência do rádio ou algum *streaming*, direcionado para este público, pode aumentar a incidência de pessoas no estádio?

Sim

Não

Não sei opinar

14- Estando no estádio, como você entende as ações que acontecem na partida?

Vou acompanhado

Ouçõ pelo rádio

Não entendo muito bem, mas vou ao estádio

Não tenho dificuldades

Não frequento estádios

15- Qual a sua condição quanto o assunto é a deficiência visual?

Cegueira congênita

Cegueira congênita

Baixa visão

16- Qual seu nível de escolaridade?

Ensino Fundamental incompleto

Ensino Fundamental completo

Ensino Médio incompleto

Ensino Médio completo

Ensino Superior incompleto

Ensino Superior completo

Pós-graduação incompleta

Pós-graduação completa

17- Em qual região do país você mora?

Norte

Nordeste

Centro-oeste

Sudeste

Sul

18- Você tem bom acesso à internet?

Sim

Não

É irregular

19- Você estaria apto a ser novamente entrevistado, via internet?

Sim

Não

20- O quanto a tecnologia facilita o seu dia a dia?

Muito, pois me ajuda na comunicação.

Razoavelmente, porque não uso tanto os recursos tecnológicos.

Razoavelmente, porque acredito que não há ainda recursos adequados para pessoas com deficiência.

Não facilita.

Obrigada pela participação!

APÊNDICE B- Roteiro para entrevista em profundidade

Qual a sua primeira lembrança sobre futebol ainda criança?

Quando você era criança, você já era uma pessoa com deficiência visual? Se não, como essa condição surgiu?

Sua família torce para algum time? Isto te influenciou a torcer? Se não, o que te influenciou a torcer pelo seu time? Se sim, eles são importantes para o entendimento dos jogos durante a exibição das partidas? Se não, alguém faz este papel descrever imagens de uma partida?

Você tem momentos em família no qual o futebol faz parte?

O seu interesse pelo futebol foi aumentando com o passar dos anos?

Você gostaria de assistir jogos pela televisão com mais frequência? Se sim, por quê?

Existe algum narrador de TV que você goste mais? Se sim, por quê? E algum narrador do rádio?

Você costuma frequentar estádios de futebol? Se sim, quantas vezes no ano? Se não, por quê?

Quanto de tempo você costuma gastar por dia com notícias relacionadas ao futebol?

Quais veículos de comunicação você costuma utilizar para ter acesso a estas notícias?

- Quais são os tipos de notícias que mais despertam o seu interesse?

Na sua opinião, qual o papel do rádio durante uma partida de futebol para pessoas com deficiência visual?

Pesquisa de recepção

Nesta cena, como você construiu a imagem?

Que elementos você gostaria que fossem apresentados pelo narrador para que contribuíssem para o seu entendimento sobre a jogada?

Que demais informações sobre a ambiência da partida você julga que deveriam ser abordadas?

No caso de um QR code com informações sobre a partida, que informações você julga que seriam interessantes?

O que você achou dos seguintes trechos sobre a narração?

O que você achou dos seguintes trechos sobre a audiodescrição?